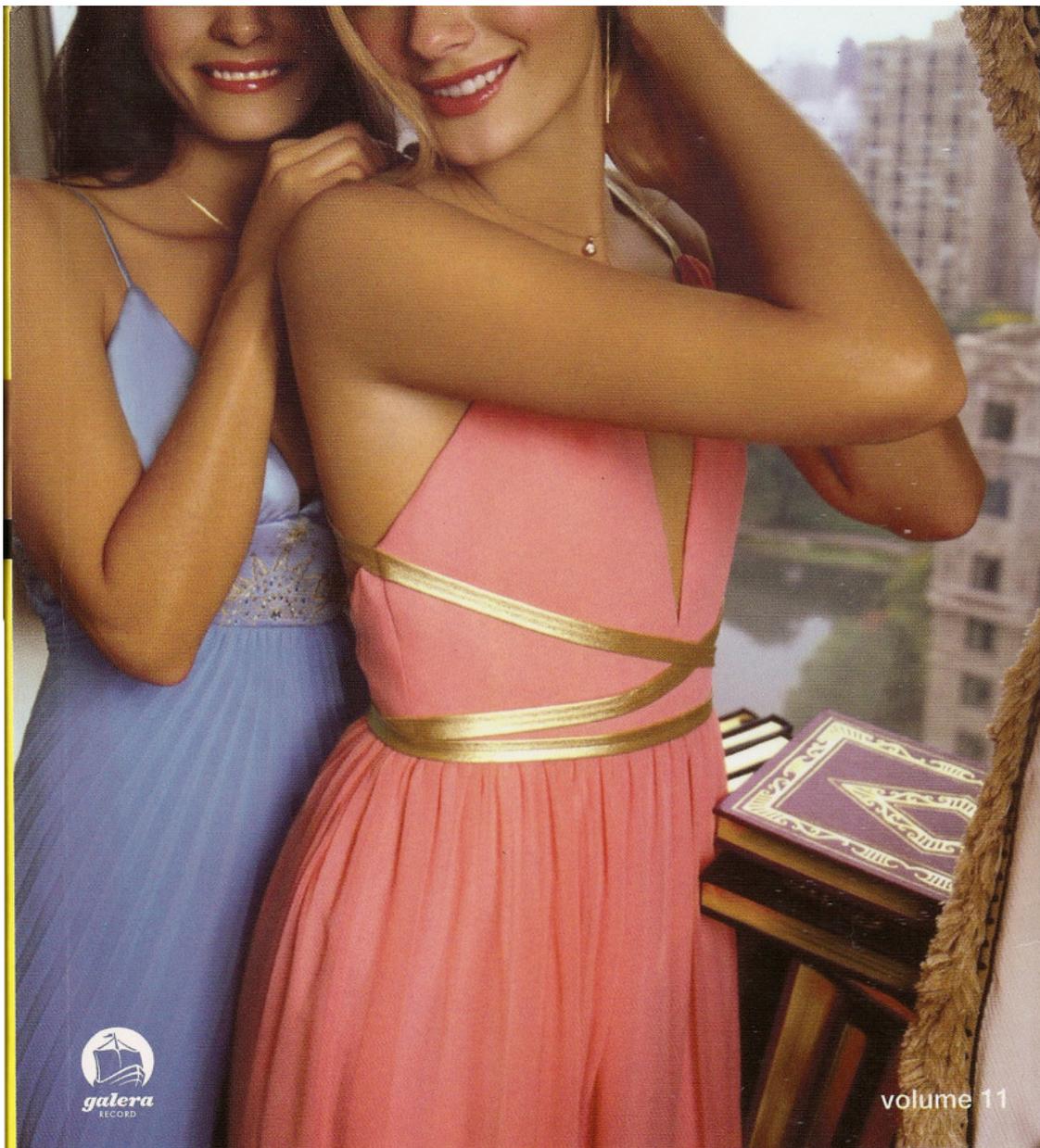


Gossip Girl 11 - Não me esqueça - Cecily von Ziegesar



não me esqueça  
gossip girl

Cecily von Ziegesar

Gossip Girl & It Girl fans ® -

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>

## Abas:

Adolescentes adoram fofocar em qualquer lugar do mundo, mas no mundinho fabuloso dos jovens da alta sociedade nova-iorquina as fofocas são sempre mais divertidas, nem que seja pelas suas roupas caras de estilistas famosos, pelas casas de férias em lugares hiperchiques, pelos litros de bebidas que consomem ou pelas brigas sem qualquer motivo. Em *Gossip Girl*, iremos conhecer o universo quase secreto dos alunos de tradicionais escolas particulares para meninas e meninos, onde nem mesmo os horríveis uniformes conseguem esconder a beleza desses afortunados. Todos moram nos endereços mais caros da cidade, em apartamentos suntuosos com vista para o Central Park. Herdaram os traços clássicos de suas famílias aristocráticas e não têm muito com o que se preocupar: podem beber à vontade, contanto que não deixem seus pais constrangidos; são inteligentes; têm toneladas de privacidade e, no máximo, ficam um pouco nervosos quando o assunto é sexo ou decidir em qual universidade irão se inscrever. Mas tudo sempre com muita classe, *of course*.

Contagem regressiva para o início da faculdade! Em apenas dez dias, Blair, Serena, Nate e Dan deixarão Manhattan. E isso tem alguns significados: festas escandalosas de fim de verão, beijos agora-ou-nunca e até um adeus de partir o coração. Em *Não me esqueça*, aguardado último volume de *Gossip Girl*, todos estão fazendo planos para a vida independente, mas alguns segredos podem mudar vários

destinos.

Considerada a *Sex and the City* para adolescentes, Gossip Girl é uma das séries mais lidas pelos jovens, com mais de quatro milhões de exemplares vendidos nos Estados Unidos, que agora também podem se deliciar com a alta dose de drama, romance, intriga e, claro, muita fofoca, também na televisão: Gossip Girl ganhou as telinhas em uma produção de Josh Schwartz, criador da série *The O.C.*

Um dos motivos que torna a série Gossip Girl tão real é que sua autora, Cecily von Ziegesar, foi criada na alta-rodada nova-iorquina e foi aluna de um dos mais chiques colégios da cidade, convivendo com pessoas tão requintadas, elegantes, fúteis e divertidas como os personagens que criou. Atualmente, ela escreve outros livros enquanto cuida dos filhos.

**Gossip Girl 11 - Não me esqueça - Cecily von Ziegesar**



*"Sex and the City para jovens."* — TEEN PEOPLE

*"Gossip Girl seria mais uma história de amor e intrigas entre adolescentes não fosse a dose cavalgar de sarcasmo que contém."*  
— O ESTADO DE S. PAULO

*"Os livros são gostosos de ler, divertidos e ao mesmo tempo cruéis."*  
— JORNAL DO BRASIL

*"Vai resistir?"* — CAPRICHÔ

*"As altas doses de humor dessa autora ferina permitem a seus leitores a oportunidade de ver o próprio mundinho com uma saudável distância crítica."* — O GLOBO

**Bem-vindos a Nova York, onde eu e meus amigos moramos em apartamentos enormes e fabulosos, vestimos roupas fashion dos melhores estilistas e estudamos em exclusivas escolas particulares. Nós nem sempre somos as pessoas mais legais do mundo, mas compensamos no gosto e na aparência.**

**Entre no mundo de Gossip Girl — um mundo de jovens fabulosos; um mundo de ciúmes, traições e comportamentos ousados.**



[www.galerarecord.com.br](http://www.galerarecord.com.br)

*Só há uma coisa no mundo pior do que ser falado: não ser falado.*

*— Oscar Wilde*

**gossipgirl.net**

---

**temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas**

---

*advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

**oi, gente!**

Agosto finalmente chegou, e você sabe o que isso significa: a cidade de Nova York está oficialmente *quente, quente, quente*. Não que eu saiba como é a sensação. Meus amigos e eu passamos o último mês escondidos em nossas fantásticas casas de praia nas dunas de Montauk e nos pequenos chalés de Gin Lane, em Southampton — e é claro que por *pequenos* quero dizer oito quartos e cinco banheiros — banhando-nos no sol de verão e trabalhando em nossos bronzeados de Bain de Soleil.

Então, quer saber quem somos nós? Se precisa mesmo perguntar, então a questão é: Meu bem, por onde você *andou*? Somos as garotas com vestidos de verão de batique da Marni, curando nossas ressacas com mimosas de champanhe Veuve Clicquot sob chapéus de palha de aba larga Philip Treacy enquanto assistimos às exibições de

**Gossip Girl & It Girl fans ® -**

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>

pólo no Hampton Classic Hotel. Somos a galera que nada nua na Main Beach ao amanhecer, acordando às duas da tarde e indo para a cama às seis da manhã — quem tem tempo para dormir quando existem tantas festas à beira da piscina acontecendo durante a noite? Somos aquelas que você adora olhar — para não dizer falar — e estamos no auge do verão.

Mas o verão está quase acabando e há um clima de mudança no ar. Os Hamptons estão ficando cada vez mais vazios, os viajantes de plantão voltando em seus jatinhos da Europa (jatinhos particulares, é claro), e os decoradores de nossas famílias já estão por aí recolhendo amostras para escolhermos o estilo de decoração de nossos quartos no alojamento. É, a contagem regressiva oficialmente começou: em apenas dez dias os mais particulares nas escolas mais luxuosas de Manhattan irão para a faculdade. Muito em breve você nos verá em nossos alojamentos dos *campi* da Ivy league de toda a Nova Inglaterra. Verá as primeiras folhas caírem e serem esmagadas por nossas novas botas de hipismo Coach cor-de-caramelo enquanto estaremos andando decididamente para aulas com nomes como Explorações do Romantismo e Teoria do Caos. Não haverá mais café de volta às aulas na escadaria do Met, não haverá mais escapulidas da aula de francês avançado para fumar um cigarro, nem uniformes de poliéster cosquentos... A não ser que você pretenda levar todos os rapazes da fraternidade universitária à loucura vestindo-se como uma estudante de maria-chiquinha no Halloween.

A faculdade é uma época para se reinventar (leia-se: sua

oportunidade de fingir que não foi uma *fracassada* colossal no ensino médio), então, com apenas mais uma semaninha antes de partimos para as instituições de ensino superior, é hora de pensar em quem você será. De que cor é o pára-quedas de vocês, meus amores? As opções são infundáveis, mas vou ajudá-los a eliminar uma: o pape! de fofoqueira de Internet, e fabulosamente chique já tem dona.

E enquanto estamos todos ocupados reinventando nosso próprio estilo, haverá todo um novo grupo de meninas lindas com nossos uniformes escolares e cardigãs de cashemere da TSE experimentando gigantescos óculos de sol de aro de tartaruga na Barneys depois da aula. É difícil de acreditar, mas logo seremos — *suspiro* — substituídos pelos meninos e meninas que ficavam nos observando de longe com toda a atenção. Então considere este o nosso último grito de alegria: é nossa chance de pegar o Range Rover LR3 prata que ganhamos de formatura e dar um passeio ao amanhecer pelas ruas silenciosas de Manhattan. Nossa última chance de acordar o vizinho banqueiro de investimentos com as festas no terraço de nossos apartamentos da Quinta Avenida. Gastar uma fortuna em bolsas Chloé e vestidos Marchesa na Bergdorf's com o cartão AmEx preto do papai. Ah, o paraíso. E por falar nisso...

### **problemas no paraíso...**

Todo mundo que é alguém importante viu ou soube do espetáculo de **B** e **N** na festa de aniversário de **S** que aconteceu na casa de campo em Ridgefield, Connecticut,

no mês passado. Mas eu fui a única que vi **S** junto à piscina naquela noite, mergulhando os pés na água e enxugando o rosto com as costas das mãos depois de **B** e **N** desaparecerem no segundo andar, sabiam? Será que aquelas lágrimas eram verdadeiras? Me lembrou muito um comercial de perfume, se querem minha opinião... E o que será que ela pensa da partida deles no início de sua manhã de aniversário? **B** e **N** podem ter velejado ao pôr-do-sol — literalmente: o veleiro deles foi visto pela última vez ao sul de Hyannis —, mas quanto tempo eles realmente podem ficar no mar? Alguma coisa me diz que há algo um pouco mais dramático no horizonte banhado de sol.

### **... e problemas no fronte doméstico**

Ninguém acusaria **D** de ser feliz, mas serei a primeira a gritar que ele anda sendo tremendamente... gay. E não só do tipo metrossexual vamos-fazer-compras na Thomas Pink — embora o guarda-roupa dele precise mesmo de uma melhoradinha — mas do tipo que beija outros meninos. Ele está pronto para se assumir? Ou sucumbirá aos encantos do cabelo espetado de **V** e ficará hetero novamente? Se não, eu posso contratá-lo para redecorar meu quarto... ou não.

### **seu e-mail**

**P: Cara GG,**

Eu estive na lendária festa de aniversário de **S** em Ridgely no mês passado e poderia jurar que vi a própria escapulir até o Aston Martin de **N**, tipo assim, às seis da manhã, e colocar alguma coisa no porta-luvas. Tudo bem,

Gossip Girl & It Girl fans © -

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>

eu tinha passado um pouco da medida com minhas doses de Tanqueray, mas a movimentação me pareceu tremendamente suspeita. O que S tinha na mão parecia uma envelope — mas cheio do quê, pergunto? O que quer que fosse devia ser ilegal, mas eu acabei desmaiando antes de poder descobrir. Alguma idéia?

— **Confuso e Ainda Bêbado**

**R: Caro CAB:**

A confusão faz sentido. Nossa querida S pode ter namorado um astro do rock, mas ela não costuma dar festas como um deles — pelo menos não ultimamente. Aposto qualquer coisa que o que você viu na mão de S era uma simples carta. Então a pergunta que não quer calar é: o que ela dizia? Sou uma gata curiosa e podem acreditar, meus gatinhos, quando eu descobrir, vamos todos ronronar de satisfação.

— **GG**

**P: Cara GG,**

Meu pai é produtor aqui em Beverly Hills e ontem à noite ele exibiu *Breakfast at Fred's* em nossa sala de projeção, e só o que posso dizer é... caraca! Eu sempre pensei que S era só outra socialite pateta e geneticamente abençoada, mas essa garota sabe mesmo atuar!

— **Pirralho de Beverly Hills**

**R: Caro PBH,**

Me conte uma coisa que eu não saiba. O bochicho de *Breakfast at Fred's* também chegou à Costa Leste — eu ouvi dois executivos de estúdio num coquetel em

Amagansett (e não, não vou divulgar quem são) concordando que *BAF* vai ser o maior sucesso da temporada — daria para dizer que vai dar capa da *Vanity Fair*? BZZZZZZZ...

— GG

## flagras

S vagando por toda Nova York com óculos de sol Chanel enormes e quadriculados de preto, dando comida aos patos no Central Park e indo sozinha assistir a filmes antigos no Angelika, parecendo bem solitária. Tenho certeza de que há vários meninos por aí que ficariam felizes com a companhia dela... Um barco de 30 pés que parece muito o *Charlotte* aproximando-se do embarcadouro do **Battery Park** com uma menina morena e um garoto louro a bordo. S pode ter companhia mais cedo do que ela pensa... V na **Barnes & Noble** da 83 com a Broadway, esperando aflitadamente na fila do caixa, com um livro intitulado *Ame-me, eu sou gay* enfiado debaixo do braço. Uma leitura leve de verão? Nossa velha amiga J no aeroporto de Praga dando adeus enquanto uma mulher com um penteado exótico vestindo uma túnica azul turquesa embarcava num avião para Nova York. Não era J quem devia voltar? Talvez seja um programa de intercâmbio... K e I na **Conran Shop** da 60 com a 1º, escolhendo mobília para alojamento a ser enviada para Rollins na semana seguinte. Humm, um conselho, meninas: vocês podem não ter espaço para o sofá Eames vermelho-cereja em seu quarto duplo de dez por dez, a não ser que as duas pretendam dormir juntas nele... Com essas duas, nunca se sabe.

Tá legal, meus amores, estou na piscina do terraço da SoHo House com minhas revistas de fofoca preferidas na mão para curtir os últimos dias quentes e abafados de verão. Querem se juntar a mim? Epa, que chato, é só para sócios. Talvez você possa entrar escondido pela escada dos fundos. Afinal, está quase na hora de uma farra de compras de volta às aulas pré-faculdade na Barneys, e quero que meu bronzeado e minhas sardas estejam com tudo para combinar com minha roupa de estréia. Fiquei meses de olho num macacão de lã marfim Stella McCartney. E, como sempre, você sabe que estou de olho em *você*.

**Pra você que me ama,  
gossip girl**

*um estado de espírito nova-iorquino*

— E aí, Manhattan! — gritou Blair Waldorf, pulando do *Charlotte* para o embarcadouro de Battery Park. Um grupo de meninas bronzeadas artificialmente de biquíni, paradas ao lado de seu iate particular, o *Miami Mama*, olharam fixamente para Blair enquanto a linda tripulação de camisa pólo descarregava as bolsas de viagem estufadas da Coach em direção à madeira cinza e surrada das docas. Os prédios altos e irregulares de Battery Park City assomavam ao longe; o sol forte de agosto refletia nas milhares de janelas. Atravessando o bairro, o passadiço do porto de South Street explodia de turistas de camisas pólo de listras horizontais com pochetes fluorescentes estufadas que não os valorizavam em nada, tudo isso em meio a patinadores agressivos que abriam caminho pela multidão.

Blair lambeu os lábios vermelhos que estavam sem batom ou brilho — quem precisa de brilho labial depois de ter beijado tanto? — e olhou o *Charlotte* por sobre os ombros. A figura desengonçada de Nate Archibald apareceu no convés, bronzeado, de peito nu e sorridente, o cabelo castanho ondulado com fios de ouro, os olhos combinando perfeitamente com a bermuda verde Billabong caída nos quadris.

Delícia.

Blair resistiu ao impulso de voltar ao barco e arrastá-lo para o quarto ridiculamente pequeno do *Charlotte*. Embora eles tenham ficado juntos 24 horas por dia no último mês, bebendo margaritas de manga geladas o dia todo e ficando quentes e suados durante a noite, ela ainda não se cansara dele.

Além de curtir a companhia um do outro, eles também fizeram as imprescindíveis visitas às encantadoras cidades costeiras da Nova Inglaterra, como Rockport e Camden, para tomar tigelas de sopa de marisco — ela na verdade aprendeu a gostar disso, apesar do fato de a sopa ser apenas um creme salgado e quente com pedacinhos de marisco que pareciam borracha — e jornadas de aventura através de rios e enseadas para que Nate pudesse aflorar o marinheiro que havia dentro dele.

Além de curtir a companhia um do outro, eles também fizeram as imprescindíveis visitas às encantadoras cidades

costeiras da Nova Inglaterra, como Rockport e Camden, para tomar tigelas de sopa de marisco — ela na verdade aprendeu a gostar disso, apesar do fato de a sopa ser apenas um creme salgado e quente com pedacinhos de marisco que pareciam borracha — e jornadas de aventura através de rios e enseadas para que Nate pudesse aflorar o marinheiro que havia dentro dele.

Blair fechou os olhos e inalou o cheiro de protetor solar Guerlain que ainda cobria sua pele. sentindo os finos grãos de areia ainda presos entre os dedos dos pés e a brisa fria do mar que fazia seu rosto formigar. Ela suspirou fundo ao se lembrar da noite anterior, deitada ao lado de Nate, que vestia uma calça de pijama de linho azul-claro, na minúscula cama do *Charlotte*, dormindo ao som das batidas do coração dele nos ouvidos. Ela passou as mãos no cabelo emaranhado de água salgada e observou Nate prender a última amarra e pular nas docas.

— Bom, você parece feliz! — Ele passou os braços em volta de sua cintura mínima, enterrando o rosto em seu cabelo, escuro e soprado pelo vento. — Desta vez seu cheiro até que está bom.

Blair guinchou quando ele começou a lhe fazer cócegas, encolhendo-se.

— Pô, muito obrigada!

Nate se limitou a sorrir enquanto calçava os chinelos Teva pretos e surrados que usou todos os dias enquanto estava no

mar.

— Eu bem queria poder dizer o mesmo de você! — Ela o socou de leve no braço, pensando no sabonete líquido de mel e amêndoa L'Occitane e no xampu Frédéric Fekkai que esperavam por ela em casa. O boxe do banheiro do *Charlotte* era tão pequeno que ela quase dava de cara no vidro da porta toda vez que se virava. Mas Blair ficava feliz em abrir espaço para mais um quando Nate queria se juntar a ela.

Ah, uma esfregadinha!

Apesar da lembrança do banheiro de casa de boneca, Blair sentiu uma pontada de tristeza enquanto Nate atirava a bolsa verde-maçã Hervé Chapelier no ombro e pegava as sujas bolsas de lona L.L. Bean com seu monograma. Este foi o mês mais feliz da vida de Blair. Depois de alguns dias no mar, ela quase se esqueceu o motivo de ter tanta pressa ao subir — e ficar — a bordo do *Charlotte*: a carta de amor que sua *suposta* melhor amiga Serena escrevera para Nate e tinha colocado no porta-luvas do Aston Martin do pai dele antes de eles partirem. Blair a encontrara enquanto Nate estava no banheiro durante uma parada, leu e prontamente a rasgou em pedaços. Mas agora isso não importava. No fundo, ela podia perdoar a pobre e solitária Serena por completo — afinal, quem *não* se apaixonaria por Nate? Além disso, e mais importante, Serena não tinha mais a chance de atrapalhar os dois.

Ela e Nate se amavam mais do que nunca e iriam juntos

para Yale dali a apenas dez dias. Claro, Serena também iria para lá, mas ela e Nate mal se veriam, uma vez que o casal dispensou os quartos de alojamento separados e totalmente-inadequados-para-viverem-felizes-para-sempre. Eles morariam numa casa baratinha e elegante em New Haven. Depois que eles se acomodassem, podiam reviver o período aconchegante que passaram no *Charlotte*. Ela iria rir por Nate não saber cozinhar nada — não que ela soubesse fazer muito mais do que torradas com caviar — e ele tomaria doses de gim enquanto esperasse ela voltar tarde de uma de suas aulas de direito. Ia ser *perfeito*.

— Na sua casa ou na minha? — perguntou ela com um sorriso reprimido. Os olhos verde-esmeralda de Nate cintilaram ao sol e Blair fingiu fazer beicinho, porque sabia que ele não resistiria a isso. Ela se virou para olhar a água e fechou os olhos, aquecendo-se no sol como um gato feliz.

*Miau.*

Nate largou as bolsas e pôs as mãos nos ombros macios e bronzeados de Blair. Ela se encostou nele e ele se aninhou em sua nuca, olhando a água azul cintilante. Ele pensou nas últimas semanas. Ficou tão feliz enquanto estavam sobre as ondas, sem nada à frente deles a não ser o céu azul e claro e o barulho do mar.

Um toque de chamada telefônica irrompeu da calça de Nate e ele pulou para trás. *Merda*. O celular. Não havia sinal no mar e ele não ouvia a porcaria do telefone há semanas. Nate sacou o Motorola Pebl das bermudas cáqui rasgadas e

olhou o visor: *CASA Merda dupla*. Ele apertou **IGNORAR** e resistiu ao impulso de atirar a coisa na água. Depois pegou nos ombros macios de Blair, desta vez com um pouco mais de intensidade, já preocupado com o confronto inevitável que teria com o pai a respeito de seu futuro, que agora era meio que uma bagunça devido a alguns infortúnios recentes.

A mensagem deixada pelo treinador Michaels antes que ele subisse a bordo do *Charlotte* repetia-se várias vezes em sua cabeça. Ele não conseguiria seu diploma do St. Jude's; Yale estava fora de cogitação. É claro que a essa altura o treinador já devia ter contado a novidade ao rigoroso ex-capitão da Marinha, pai de Nate, o que significava que ele ia levar uma tremenda bronca assim que passasse pela porta. Conhecendo o pai que tinha, Nate estava certo de que ele havia ligado todo santo dia no último mês, e esta era a primeira vez que o sinal voltava. Obviamente tinha que ter encarado a situação, tipo assim, semanas antes, mas cercado daquele jeito pelo mar e pelo corpo de Blair de biquíni, quem conseguiria pensar direito?

Nate afugentou as preocupações com o pai e voltou a se concentrar em Blair. Ele ainda não havia contado a ela sobre o diploma — ou a falta dele —, e estava evitando fazer isso. Nate se perguntava se não podia simplesmente ir para New Haven com ela e Serena e entrar escondido em uma ou outra aula de cinema ocidental ou retratos de nus e contar a todos que ele já tinha muitos créditos em cursos avançados, e que a barra estava leve neste semestre.

Uma barra, realmente.

Nate suspirou. A verdade tinha esperado esse tempo todo — por que não esperar mais um dia? Ele mordeu o lábio inferior rachado e tentou se concentrar nos ombros bronzeados e macios de Blair que estavam sob seus dedos. Tudo o que queria era se arrastar de volta ao quarto minúsculo do *Charlotte*, ficar sob as cobertas com ela e nunca mais sair, a não ser, talvez, para fumar um baseado.

É bom ver que ele mantém suas prioridades em ordem.

— Vamos para a sua casa — sugeriu ele, soltando-a. — A Myrtle faz umas quesadillas ótimas e estou morrendo de fome.

Ela se virou e sorriu para ele.

— Tudo bem, então. Vamos dar o fora daqui, marinheiro.

Nate voltou ao barco para pegar o restante das bolsas, assoviando enquanto pulava a bordo. Ele evitou a hora da verdade com o capitão por tanto tempo — e com Blair — que talvez pudesse continuar evitando por mais um tempinho.

Blair colocou os enormes óculos Prada estilo aviador e começou a descer o deque de madeira cinza. As coisas não podiam ser melhores — Blair e Nate, o casal que sempre teve tudo para ficar junto, indo para Yale daqui a dez dias. Era quase bom demais para ser verdade.

É, quase.

*o diabo veste dolce*

Serena van der Woodsen sentou-se na sala de estar dos Waldorf Rose, entre a mãe de Blair, Eleanor Waldorf Rose, e Davita Fjorde — a organizadora das festas da elite de Manhattan. Serena não fazia idéia do motivo de ter sido convidada à casa de Blair mas, quando Eleanor ligou, ela não conseguiu dizer não à mãe da suposta melhor amiga, de cujo casamento fora dama de honra menos de um ano antes.

— Agora, é claro que quero que seja surpreendente, maravilhoso e luxuoso, mas não quero nada extravagante demais. Nada *vulgar*. — Eleanor franziu o nariz de rampa de esqui e endireitou a bainha de sua saia Valentino de seda bronze colada no corpo. Depois de dar a luz a filha Yale naquela primavera, ela estava numa dieta restrita de Pilates-e-nada-de-carboidratos e a coisa estava claramente funcionando. — Embora Cyrus tenha *adorado* as dançarinas do ventre em Corfu.

— Eleanor, minha querida, pare de se preocupar. Esta festa será *fabuliciosa* — disse Davita numa voz arrastada, tomando notas no caderno de capa de couro cor-de-rosa com uma caneta Montblanc dourada, com seu característico cabelo louro platinado e liso na altura da bunda quase caindo nos joelhos nodosos de meia arrastão. Davita se atrapalhou, largando a caneta, e depois pegando uma

réplica exata em sua bolsa Marc Jacobs cor de damasco sem perder o ritmo.

Serena passou os dedos na minissaia que ela mesma tinha feito, com o tecido de uma saia Seven desbotada que ela havia cortado. Desde que Blair e Nate foram velejar ao nascer do sol no dia de seu aniversário, ela esteve se esforçando para voltar a ser a garota alto-astral de sempre, e ficar sentada na sala de Blair não estava ajudando em nada. Enquanto olhava o piso de carvalho brilhante, as pesadas cortinas de seda carmim, o sofá confortável de Jacquard de seda cor de café, Serena só conseguia pensar que tinha passado a maior parte da infância correndo por este apartamento. Ela e Blair costumavam montar fortes marítimos com as almofadas de seda, tirando-as do sofá e empilhando-as no meio da sala, fingindo que o resto do tapete era o mar e que elas eram náufragas em uma ilha. Elas se escondiam atrás daquele volume macio e escuro por horas, cochichando segredos e rindo o tempo todo. As coisas eram muito mais fáceis naquela época — antes de Nate se postar entre as duas. Mas a culpa não era dele.

Por que a culpa nunca é do cara?

Serena suspirou e tentou se concentrar na voz alta e enervante de Eleanor tagarelando em seu ouvido, os cubos de gelo do Bloody Mary tilintando no copo enquanto ela agitava os braços.

— Porque quando os Reynolds deram a festa no ano passado, eles escolheram um esquema horroroso de cores

para as porcelanas que desvalorizou completamente a cútis de Mitzi — dizia Eleanor, com a testa franzida de preocupação. — Eu estava imaginando algo em torno do rosa-concha ou marfim, porque são as preferidas de Blair, mas não consigo parar de pensar em Mitzi dando a impressão de que ia vomitar na própria festa.

Davita se inclinou como quem conspira.

— Minha querida, esse evento foi planejado por *Samantha Powers* e seu bando de serviçais. *Amadores*. Você precisa relaxar e entender que agora está lidando com uma *profissional!* — Ela atirou as mechas platinadas e superdecoradas por sobre o ombro e se virou para Serena. O rosto bronzeado era tão coriáceo quanto a bolsa gasta de pele de bezerro no sofá ao lado dela. — Eleanor me disse que você é a melhor amiga de Blair — disse ela com um sorriso de aeromoça, fazendo mais anotações no caderno cor-de-rosa.

Ou pior inimiga.

Serena assentiu.

— Nós temos sido amigas...

— A vida toda! — completou Eleanor com entusiasmo.

— Humm — murmurou Davita enquanto pegava um sanduíche fininho de pepino — sem a casca, é claro — em uma bandeja de prata. Ela cheirou o aperitivo

delicadamente e depois o devolveu à bandeja.

— Agora, Serena — começou Eleanor, alisando o cabelo reto, louro Fekkai, na altura do ombro — espero que você não se importe por eu ter ligado te chamando, mas a Blair tem estado positivamente *incomunicável* e pensei que como vocês se conhecem desde que engatinhavam, você seria a pessoa perfeita para ajudar a planejar este evento que programei no Met. Temos vários marcos a comemorar... Blair e Aaron indo para a universidade, por exemplo. E tem também...

Exatamente neste momento o Motorola Slvr de ouro de Davita começou a tocar freneticamente, bipando e vibrando da forma mais irritante possível. Davita se levantou com um salto, esticando o indicador ossudo com a unha feita, e saiu rapidamente da sala, com as sandálias Jimmy Choo peltre faiscando como fogos de artifício na luz que entrava pelas janelas que davam para o sul. Serena voltou a mexer nos fiapos da saia cortada. Ela não conseguia se concentrar por nada. Blair e Nate estavam há exatamente um mês juntos, sozinhos em um barco, sem ninguém por perto, num raio de quilômetros. Naquele exato minuto, eles deviam estar comendo lagostas no vapor com manteiga clarificada, lançando olhares sonhadores nos olhos um do outro. Serena segurou as lágrimas quentes que tomaram seus olhos ao imaginar esta cena.

— Então — disse Eleanor toda animada dirigindo-se a Serena, aproximando-se dela no sofá e pousando a mão bronzeada em seu antebraço. — Como foi o seu verão?

Com Blair fora, eu mal pude ver vocês, e só faltam alguns dias para partirem para New Haven!

— Foi bom. — Serena forçou um sorriso enquanto se encolhia no sofá. Ela passara as últimas quatro semanas vagando pela cidade sob o pretexto de aproveitar Nova York ao máximo antes de deixar a cidade para trás. Na verdade ela só estava tentando se distrair. Infelizmente, todo lugar aonde ia — o lago do Central Park, para alimentar os patos; as boutiques da moda da rua 12 no Little West, para fazer compras; a escadaria do Met, para tomar café; até uma aventura no Brooklyn para ver uma exposição de arte — lembrava-a dos amigos. Eles foram criados juntos e viveram juntos as experiências daquela cidade e, supostamente, também iriam deixá-la juntos. Mas aqui estava ela, completamente só. — O de sempre. Nada de especial — concluiu Serena, percebendo como as pernas de Eleanor eram magras e bronzeadas. Talvez ela também devesse fazer umas aulas de Pilates.

— Nada de especial! — exclamou Eleanor de um jeito que só as mães fazem. — Deixe-me te lembrar de que sua primeira participação no cinema será lançada em breve *e* que você está começando em Yale daqui a uma semana e meia! — Ela apertou tanto o joelho de Serena que chegou a doer.

Serena sabia que tinha muitos motivos para ficar animada, mas não conseguia compartilhar do entusiasmo de Eleanor. Talvez fosse porque a idéia de ir para Yale com Nate e Blair, dali a dez dias, e vê-los felizes e apaixonados por

quatro torturantes anos, estivesse sobrepujando tudo.

— A Blair... falou em mim quando você conversou com ela?

Eleanor pegou um lenço de seda branca na mesa de centro envelhecida e começou a dar tapinhas frenéticos na testa com o tecido macio, depois borrifou hidratante facial Evian em todo o rosto e deu tapinhas na face de novo.

— Desculpe, querida, mas não está quente aqui? Vou lhe dizer, jamais passe dos 47 anos. Estas ondas de calor são insuportáveis! — Ela suspirou dramaticamente, atirando para trás o lenço agora molhado. — Agora, meu amor, o que você estava dizendo mesmo?

Serena deu de ombros, nem um pouco aborrecida com o comportamento ofensivo de Eleanor, pois pelo menos isso não mudaria por aqui. Ela só queria que Blair e Nate estivessem presentes para rir com ela.

Davita voltou para a sala, fechando o celular com um clique decidido.

— Muito bem, senhoras — disse ela, abrindo um sorriso enorme, com seus dentes obviamente polidos, tão grandes e brancos que mais pareciam as teclas de um piano. — Onde estávamos?

— Bem... — Eleanor gesticulou para Serena, com as pulseiras Cartier Love de ouro tilintando alto. — Eu estava

dizendo a Serena que temos muito o que comemorar agora. Além de todos irem para a universidade, há...

— Chegaaaaaaaamooooooooos! — A voz brincalhona e cantarolada de uma mulher vinha do saguão, uma voz que Serena reconheceria em qualquer lugar. Seu coração se agitou. O som de malas sendo largadas no piso de mármore foi seguido pelos passos leves, rápidos e inconfundíveis de Blair. Serena engoliu em seco, observando à medida que Nate e Blair apareciam na porta da imensa sala de estar com mobília de antiquário dos Waldorf Rose, de mãos dadas, bronzeados, reluzentes e mais lindos do que nunca.

Como se isso fosse possível.

Os olhos verdes de Nate se iluminaram quando ele viu Serena sentada no sofá, e ela abriu um sorriso amarelo, com o estômago se dobrando feito uma panqueca. Ficou tonta só de vê-lo com a bermuda cáqui manchada e enrugada e a camiseta cinza puída. Da última vez em que vira Nate, quando ele estava no alto da escada na casa da família dela em Ridgefield e ela parada ao pé da mesma escada, o mundo emudeceu quando ela o viu dizendo a Blair que a amava. *Amava*. Com aquelas palavras soando nos ouvidos, alguma coisa em Serena finalmente estalou. Ela o vira levar Blair para cima e logo depois teve toda certeza do mundo que *ela* amava Nate. E agora que ele estava ali parado diante dela, junto da melhor amiga com quem atava e reatava a amizade, ela sabia que era verdade. Serena amava Nate de todo coração. No fundo, ela sempre soube. Por que não fez alguma coisa a respeito disso antes que fosse tarde

demais?

Ela sacudiu as longas mechas louras, tentando se lembrar de agir como uma amiga normal e não como uma louca apaixonada. Levantou-se num salto e atravessou a sala correndo, com os chinelos Calypso fúcsia floridos batendo pelo caminho, e atirou os braços em torno de Blair, apertando-a. De repente Serena se sentiu sufocada pelo cheiro de desodorante Right Guard de Nate na pele da melhor amiga. Ela recuou, olhando esperançosa para Blair, que ainda segurava a mão de Nate.

— Senti sua falta.

Mas Blair não retribuiu o sorriso. Na verdade, ela não parecia nada satisfeita em ver Serena — parecia completamente irritada. Serena começou a roer a unha do polegar, pintada com esmalte Supernova, da Sephora. Às vezes Blair era de dar medo. Será que *ela achou* a carta? Ah, meu Deus! Por que ela não pensou nisso antes?

Enquanto passava os braços pelo corpo rígido e bronzeado de Blair, Serena não conseguiu deixar de olhar para Nate por sobre o ombro da amiga. O cabelo castanho-dourado dele estava mais ondulado do que o de costume, devido à água do mar. As mexas caíam na testa bronzeada e ele as afastava, sorrindo ao olhar nos olhos de Serena. Seus lábios estavam rachados e inchados, como se ele tivesse ficado se pegando com Blair a noite toda — o que provavelmente tinha acontecido. A idéia quase fez Serena sufocar.

— Você está bem, Natie — Serena suspirou tristonha, incapaz de reprimir as palavras. Ela se afastou delicadamente de Blair, com uns fios do cabelo dourado escapando do rabo-de-cavalo. Nate largou a mão de Blair de repente e avançou para Serena, abrindo os braços. Serena apressou-se em abraçá-lo, envolvendo a cintura retesada de Nate e o segurando com firmeza; ele a apertou com uma ferocidade que esteve ausente no abraço de Blair. Será que ele afinal viu a carta?

— O que vocês estão fazendo aqui? — Serena perguntou, sem fôlego, enquanto enterrava o rosto no pescoço quente e macio de Nate. Blair os fitava, os olhos azuis se estreitando.

Não eram eles que deviam fazer a pergunta a *Serena*?

***iaba-daba-duuuu, vamos ter uma festa alegre!***

Vanessa Abrams saiu cambaleando da sala de estar dos Humphrey, seus braços pálidos estavam pesados com as pilhas de jornais antigos manchados de café que ela estava carregando. A calça cargo Triple 5 Soul verde-militar estava enrolada até os joelhos e a camiseta preta Old Navy estava apertada no corpo e ensopada de suor.

— *Meu Deus*. — Ela soltou a respiração pesadamente ao largar uma pilha de exemplares da *New Yorker* de décadas atrás dentro de uma grande lata de reciclagem azul, expondo o piso de taco empoeirado que estava por baixo. — É incrível que essas pilhas não tenham desabado no

meio da noite, matando todo mundo enquanto dormíamos.

Dan Humphrey assentiu com um resmungo enquanto passava pelo corredor a caminho da cozinha, já era a terceira vez que lavava a caneca de plástico azul de Evergreen com crostas de café naquele dia. Ele não se importava de morrer naquele exato momento. Eles estavam limpando o apartamento em ruínas e coberto de lixo dos Humphrey no Upper West Side há duas torturantes horas que mais pareciam dois dias. Dan simplesmente não estava acostumado com trabalho árduo e já podia sentir a chegada de palpitações cardíacas. Pelo menos, se ele morresse agora, morreria jovem, como seu ídolo, o poeta John Keats, algo que ele sempre achou meio romântico. Eles podiam enterrá-lo debaixo da livraria Strand, com um exemplar de *Flores do mal* de Baudelaire cobrindo sua cara cinzenta. Talvez Vanessa chorasse teatralmente ao fazer a última despedida. Ou perai, talvez Greg fizesse isso. Este era um dos muitos problemas de sua recente descoberta de que podia ser gay — não estava nada claro se sua futura viúva seria a ex-namorada de longa data ou o talvez-novo-namorado.

Depois que ele e Dan trocaram um beijo quando estavam bêbados e semiconscientes no salão literário no início do verão, Greg parecia ter concluído duas coisas: que Dan era gay e que eles estavam juntos. Dan não tinha certeza de como se sentia com relação a essas duas conclusões, mas não teve muito tempo para pensar no assunto, porque a avó de Greg tinha falecido alguns dias depois e ele teve de ir ao enterro em Phoenix, onde passaria algum tempo com a

família. Greg estava fora há quase um mês e, nesse período, mandou dezenas de e-mails lindamente elaborados a Dan, todos com o mesmo tema: "a ausência faz o coração ficar mais apaixonado". Mas, sempre que respondia aos e-mails, Dan não sabia se estava ficando mais apaixonado por Greg... ou só mais confuso.

Dan tentou afugentar a incerteza.

— Vou continuar limpando — anunciou ele num impulso repentino de determinação, ao marchar para a sala decidido como um general militar.

Dan, no exército? Só se fosse com a política do não pergunte que eu não conto!

— Fique à vontade — retorquiu Vanessa enquanto atirava outra pilha imensa de jornais na lixeira de reciclagem. — Para mim, é uma causa perdida.

No início do verão, a irmã mais velha de Vanessa, Ruby, voltou da Europa com um novo namorado tcheco na bagagem, Piotr, e logo tratou de expulsar Vanessa do aconchegante apartamento em Williamsburgem que as duas moraram nos últimos três anos. Valeu, mana! Desde então, Vanessa estava morando no quarto da irmã de Dan, Jenny, enquanto Jenny estava passando o verão em Praga estudando em uma escola de belas-artes. Uma vez que Dan ia para a Universidade de Evergreen, no estado de Washington, em menos de duas semanas e Jenny iria para um internato no interior do estado de Nova York, parecia

que Vanessa ficaria com o quarto dela no apartamento dos Humphrey quando começasse na Universidade de Nova York — afinal, alguém tinha que fazer companhia a Rufus, o pai de Dan e Jenny, que era editor de poetas nada-conhecidos da geração Beat. Então ela decidiu passar o fim de semana redecorando o apartamento que estava com um ar totalmente melancólico. Não havia melhor maneira de testar as novas habilidades de decoração de *Queer Eye* de Dan? Se é que ele tinha alguma. Ele havia saído do armário há tão pouco tempo que era difícil para Vanessa acreditar que fosse realmente verdade. Mas talvez ela não *quisesse* que fosse verdade.

Não é mesmo?

Dan fechou os olhos, lembrando-se da sensação dos lábios de Greg encostados nos dele, o queixo de Greg com a barba por fazer arranhando o queixo dele. Quanto mais pensava nisso, menos certeza ele tinha de como se sentia a respeito do beijo — ou de Greg —, só sabia que não pretendia repetir aquilo em breve. Ele tinha prometido a si mesmo que tomaria uma decisão sobre essa história antes de pular no Buick Skylark 1977 que o pai lhe dera de presente de formatura, para ir a Evergreen, dali a dez dias. Se teria um novo comportamento na faculdade, o que é basicamente o sentido de ir para uma faculdade afinal, era bom começar se decidindo sobre sua sexualidade. Ele chegou a pegar um livro na Strand, onde estava trabalhando durante o verão, intitulado *Abrindo o armário*. O livro explicava que sentimentos de confusão e desespero eram naturais quando se estava em transição de uma identidade sexual para outra

e dizia que a pessoa deve estar totalmente disposta a fazer a si mesma as perguntas realmente "duras". O que ele de fato estava tentando fazer. Tipo assim, se ele não era mesmo gay, por que beijou Greg? Mas por que Vanessa de repente estava tão gata mesmo com as manchas de impressão dos jornais no rosto branco?

Boa pergunta.

Dan foi até as tristes cortinas cinza que cobriam as janelas que iam do chão ao teto da sala bolorenta e tentou prender um dos lados molenga do tecido com um fio retorcido que encontrou nos sacos de lixo embaixo da pia da cozinha. O arame amarelo caiu no chão e ele se curvou para pegá-lo.

Vanessa suspirou ao vê-lo. Ele ia mesmo ter que entrar em contato com sua diva interior se quisesse se dar bem como um gay criado em Nova York.

— Olha, como é que ficou? — Dan prendeu o arame de lixo e recuou para admirar sua obra, parecia mais otimista do que se sentira durante o resto do dia. Ele colocou as duas mãos nos quadris. — *Muito* melhor, não é?

O tecido pendia para o lado, expondo a janela pintada à mão, suja e cheia de poeira. Vanessa olhou da janela para o ex-namorado — que agora aparentemente também tinha namorados.

— Er... É — entou ela, afofando uma almofada de couro marrom do sofá cheia de calombos, que parecia mais uma

batata gigante. — Está ótimo. Tenho certeza de que vamos aparecer na *Casa e Jardim* do mês que vem.

A verdade era que Vanessa meio que sentia falta dele. Depois de voltar de uma temporada infernal como babá seguida de uma fase em que foi uma espécie de musa fashion na região dos Hamptons, e desde que Greg partira para Phoenix, ela e Dan passaram o mês andando pela cidade, mas foi... diferente. Eles caíram numa espécie confortável e amistosa de conversa de amiguinhos — em que não havia a tensão sexual nem as discussões acaloradas que se esperaria de dois ex vivendo tão próximos.

Faltando tão pouco tempo para Dan ir para a universidade, Vanessa nem acreditava que era assim que as coisas iam ficar. Nem mesmo um último beijo demorado ou uma última rolada na cama? Toda vez que Dan passava por ela indo preparar sua enésima xícara de café instantâneo Folgers, ou quando ia ao banheiro, ou quando ela sentia o cheiro de Camels velhos e café, ela precisava se segurar para não atirá-lo no chão cheio de bolas de poeira e arrancar sua calça marrom de um zilhão de anos puída na bainha. Na verdade, agora que Dan era gay — e completamente inacessível — a idéia era mais atraente do que nunca.

Uma chave tilintou na porta da frente, que se abriu com estrondo à medida que a figura volumosa de Rufus Humphrey preenchia a soleira. Vestia um macacão de brim manchado de tinta branca com uma camiseta marrom onde estava escrito OS TAMANDUÁS TAMBÉM TÊM

SENTIMENTOS em um tom desbotado, e tênis de boliche vermelhos arranhados. Um chapéu Panamá de palha branca estava vistosamente apoiado em seu cabelo grisalho na altura do ombro, e a barba grisalha estava parcialmente penteada, com um elástico cor-de-rosa na ponta.

— Oi, pai — disse Dan de onde estava, perto da janela. — Olha só...

— Feche os olhos, Dan! — explodiu Rufus, erguendo a mão, com a palma para cima numa pose de pare-em-nome-do-amor, como se ele estivesse num teste para ser o próximo membro dos Supreme. Dan ficou surpreso demais para fazer alguma coisa além de ficar parado e obedecer à ordem do pai. Fechou os olhos então, com a mente disparando ao pensar nas possibilidades. Comida chinesa para o almoço? Ele estava morrendo de fome. Um iPod para levar para a faculdade? Uma primeira edição de seu romance preferido, *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe?

— Danny, queriiiiiiiido! — Uma voz de soprano vaidosa entoou de trás de Rufus. Os olhos de Dan se abriram de repente. O que quer que estivesse esperando, sem dúvida não era isso.

— Mãe?!

Jeanette Humphrey voou pela sala com uma ave exótica que acabou de ser libertada do cativeiro, usando um vestido de verão turquesa longo e carregando duas grandes sacolas

de compras. Atirou o cabelo castanho com fios brancos por sobre o ombro, cutucou Rufus de lado com um suspiro de exasperação e lançou os braços magrelos em volta de Dan numa nuvem venenosa de um forte perfume floral. Dan ficou parado ali, em estado de choque, com os braços feito Mijo enquanto tentava aceitar que isto realmente estava acontecendo. Que porra era aquela? Era mesmo a mãe dele, depois de, o que, *dez* anos? Ou era um flashback de ácido, como um poema Howl na vida real? Ah, peraí, ele nunca tomou ácido. O que ela estava *fazendo* ali?

Vanessa observava a cena com um espanto que beirava o pavor enquanto a mítica Sra. Humphrey passava a beijar todo o rosto de Dan, deixando marcas fortes de batom rosa nas bochechas encovadas do filho.

— Como *é* que você está, meu bichinho? — gemeu Jeanette ao apertar o filho forte o bastante para que ele sofresse uma lesão nos órgãos internos. — Faz *séculos!* — Ela pegou o rosto mortificado e sofrido de Dan com as mãos em concha e o levou, feito um zumbi, ao sofá. Vanessa nunca o vira ser manipulado daquele jeito com as mãos reclamando tão pouco. Rufus piscou alegremente para Vanessa de sob o chapéu branco e foi até a cozinha passando pela soleira de carvalho que estava com a tinta lascada. Vanessa o seguiu, sem ter certeza de aonde ir. Rufus pegou um Tupperware, cheio de uma gororoba marrom e esquisita, que tinha sido atirado no fundo da geladeira, abriu a tampa e farejou feliz.

— Redecorando? — A voz dele ribombou enquanto ele

abria a gaveta de talheres e a vasculhava. — As cortinas estão fenomenais! É seu toque de ouro, Dan? — gritou Rufus para a sala. — Este lugar precisa mesmo de *alguma coisa*, disse eu tenho certeza. — Ele pegou uma espátula verde-lima e começou a usá-la como colher.

— Precisa mesmo de uma coisa... uma equipe de demolição! — A voz de Jeanette cantou do outro cômodo. — Ou uma lata de gasolina e um fósforo aceso! — Ela entrou na cozinha, as dobras azuis do vestido voavam de um lado para outro, enquanto Dan vinha atrás, trazendo as sacolas. Deslizando para Vanessa, ela abriu um sorriso largo e estendeu uma das mãos cheias de anéis turquesa para Vanessa apertar... ou beijar... ou dar uma pequena batida em cumprimento? Era difícil saber, pelo modo como a estendia, e por fim Vanessa só bateu os punhos nos dela como se elas fossem velhas camaradas.

Falaê, brou!

Era tão estranho conhecer a mãe de Dan depois de todo esse tempo — era como olhar uma versão ligeiramente mais feminina de Dan — com o cabelo castanho comprido e bijuterias exageradamente hippies.

— Você deve ser a Vanessa — exclamou Jeanette, com os olhos azulados cintilando como os de uma louca maníaca. — Ouvi falar *muito* de você.

— Eu também ouvi falar de você — mentiu Vanessa, porque, na verdade, ela não ouviu nada. Pelo que sabia, a

mãe de Dan tinha desaparecido com o conde Drácula ou conde Chócula ou coisa assim e nunca mais se ouviu falar dela.

As palmas das mãos de Dan estavam escorregadias de suor e os pulsos tremiam sob o peso das sacolas. A mãe dele. Na verdade, ela era a última coisa de que ele precisava. Além de tentar decidir de uma vez por todas se era ou não gay, ele ia ter que sair do atraso com essa pessoa que simplesmente o abandonara quando ele só tinha oito anos. Ou tinha dez? Ela foi embora há tanto tempo que ele nem conseguia se lembrar. Dan certamente tinha deixado de sentir falta dela havia anos, mas agora aqui estava ela, em toda sua glória perfumada de bijuteria turquesa, agindo como se seu aparecimento fosse algo completamente normal. Meu Deus! Jenny tinha visto a mãe em Praga. Por que ela não o *avisou*?

Dan trouxe os pacotes da mãe e os colocou delicadamente sobre o chão da cozinha. Vanessa tentou fazer contato visual com Dan, mas os olhos dele estavam grudados no chão e, ao que parecia, ele estava imerso em pensamentos. Ou estava em transe. Quem sabe a mãe dele o hipnotizou? Talvez ela fosse uma cigana New Age.

— Então, Dan — começou Jeanette, enquanto fuçava as sacolas cavernosas, pegando pacotes sortidos e colocando-os em cima das pilhas de jornais que cobriam a mesa da cozinha—, Jenny me contou tudo sobre seu comunicado especial e estou aqui para ajudar você a comemorar!

Vanessa prendeu um riso de nervoso enquanto o rosto de Dan ficava pálido feito papel.

Rufus ergueu a espátula, cheia do que Vanessa agora estava convencida de que era ração de cachorro, embora eles não tivessem cachorro nenhum.

— Que comunicado?

— Café! — piou Jeanette toda animada, abrindo uma grande caixa rosa e enfiando o conteúdo debaixo do nariz de Dan. — Combinará perfeitamente com *isto*.

Dan entortou o pescoço e espiou dentro da caixa. Aninhado em papel de seda branco, havia um *éclair* de chocolate. Dois gordos profiteroles aninhavam-se de cada lado da longa massa folhada com glacê. O rosto dele ficou vermelho de constrangimento. De repente ele só estivesse paranóico ou talvez fosse um perverso, mas isso parecia muito um...

— É um pênis! — exclamou a mãe, como se lesse os pensamentos do filho. — É para comemorar a decisão de Dan de se assumir gay! — Jeanette estava praticamente gritando. — O creminho doce que tem no meio é a melhor parte — ela piscou.

Hummm, eca?

— *Gay*? — Rufus levou a espátula aos lábios e mastigou pensativamente. — Quando foi que isso aconteceu?

Todos os olhos se viraram para Dan.

— Tipo... não sei exatamente — gaguejou ele, querendo que o chão de taco se abrisse e o engolisse inteiro. A mãe tinha viajado cinco mil quilômetros só para dar uma massa folhada em formato de pênis a ele? Ela voltou porque ele se assumiu? Ele ia *matar* a Jenny por abrir a boca. Além disso, o que um pênis tinha a ver com isso? Não havia nada de sexual em seu dilema.

Não havia, havia?

Rufus deu de ombros e deu outra bocada na gororoba marrom-mostarda.

— E eu aqui pensando que Jeanie estava com saudade de mim... rá! — A mão de Dan voou para o peito num gesto inconsciente e totalmente afeminado. Rufus continuou, agora com um sorriso insano estampado na cara barbada. — Bem, vai se lembrar de que está com saudade agora, não é, Jean-Jean? E *depois* vai ficar enjoada de viver com a realeza na Europa. — Ele sacudiu o utensílio verde-lima na direção dela e se virou para Dan. — Isso significa que vou precisar aprender a fazer quiche? — perguntou ele.

— Mas então — cantarolou Jeanette, ignorando o marido alienado enquanto começava a pegar o que pareciam metros de seda magenta em uma caixa branca e grande. — Comprei alguns presentes para marcar esta transição importante para seu novo estilo de vida. Olhe! — Ela

ergueu o que parecia ser um macacão fúcsia com laços dourados cintilantes na frente. Enquanto o estendia toda empolgada no corpo de Dan, ficou evidente de imediato que era dez vezes menor — o que era bem adequado, uma vez que o último presente que ela havia mandado tinha sido um traje típico alemão tamanho seis, que ela havia comprado em Düsseldorf quando ele tinha dez anos. Dan fechou os olhos de novo e desejou em silêncio que ele e Vanessa não tivessem retirado as pilhas antigas de jornal hoje — talvez elas pudessem ter caído e o matado, se não dormindo, pelo menos neste que podia ser o pior momento de sua vida que passava acordado.

— Eu sabia que ia ficar perfeito em você! Dá para imaginar o *arraso* que você vai causar nos clubes noturnos de Chelsea?

A gente pode imaginar — e já estamos tendo pesadelos.

— Tenho outro presente — continuou ela em tom de quem está armando alguma coisa, pegando o cotovelo de Dan e inclinando-se para perto, baixando a voz cantarolada a um sussurro. — Mas este, só você pode ver. — Jeanette colocou a mão na bolsa de macramé que pendia do ombro na altura do quadril e pegou um livro grande de capa preta, que entregou a Dan.

Ele passou os dedos na etiqueta dourada: *Homosensual: os maiores poemas de amor gay de todos os tempos*. O livro devia pesar mais de 7 quilos. Dan encarou a capa sem saber o que dizer. Na verdade era um presente amável. Afinal, ele

era poeta e tinha certeza absoluta de que podia ser gay. Seria bom para ele ler um pouco de poesia gay.

Ainda assim, ela não podia ter dado apenas um cartão?

— Imaginei que você pudesse querer alguma coisa mais *artística* para comemorar seu despertar para essa nova vida e eu sabia que ia gostar dessa compilação européia. Comprei em uma livrariuzinha "alternativa" deliciosa de Paris... Eles também têm filmes gays! Vou me lembrar de comprar um para você da próxima vez que eu for lá.

Dan franziu o cenho para o livro. Será que a mãe estava se oferecendo para lhe mandar pornografia gay? Ela parecia muito animada com a idéia de ter um filho gay, e ele não a via há pelo menos dez anos — por que não alegrá-la? Ele deu de ombros, pegou o *éclair* em formato de pênis e deu uma mordida gigantesca. Tinha gosto de donut Bavarian.

— Uma delícia — declarou ele, estalando os lábios e exagerando um pouco. A mãe assentiu, radiante de prazer. Vanessa riu e meteu o dedo na caixa para provar um pouco do creme. — *Verdadeiramente divino* — acrescentou ele, em proveito de todos.

Família que é gay unida permanece unida!

*s desinfla as velas de b*

Os lindos olhos azuis de Blair se estreitaram, como os de um gato, enquanto ela olhava Serena com a saia Sevens

cortada e o top *Imitation of Christ*. A luz se derramava pelas janelas enormes da sala de estar e batia nos fios de cabelo louro angelicais de Serena. Ela estava estonteante, o que era algo previsível e digno de causar raiva. Embora fosse óbvio que Serena não fizera esforço nenhum ao vestir aquela roupa, ela estava linda, como sempre. Não importava se estivesse usando short frouxo na bunda e uma camiseta suja — ela provavelmente ainda seria parada na rua por Patrick Demarchelier quando estivesse indo para casa e sairia na capa da *Vogue* de setembro. Era uma puta de uma injustiça.

É, mas olha só quem ficou com o cara, meu bem.

Blair decidiu sorrir e manter a compostura enquanto Serena passava os braços leves em volta do pescoço de Nate. Já não era terrível o suficiente que Serena tenha enfiado aquela carta de amor idiota de três páginas no carro de Nate, mesmo vendo que *obviamente* Blair e Nate haviam reatado o namoro? Será que ela precisava dar as caras na sala de Blair no exato segundo em que eles estavam voltando à cidade, como uma perseguidora lunática?

Ou seria como a melhor amiga?

Blair fervilhava ao ver Serena se inclinar cada vez mais sobre o corpo de Nate, que a abraçava com força, fechando os olhos como se realmente estivesse *gostando* daquilo. Serena aninhou-se nos braços de Nate como se fosse um direito adquirido, como se *sempre* tivesse pertencido àqueles braços. Mais um pouco e Blair ia começar a gritar.

Ela passava o apoio do corpo de um pé para o outro, virando seu anel de rubi com raiva e gritando, em silêncio, para que se soltassem e percebessem que ela estava ali.

— Blair, querida! — Blair girou à medida que sua mãe praticamente se atirava nela enquanto uma loura oxigenada com cara de tédio ficava um pouco atrás, escrevendo num caderno de couro fúcsia. Eleanor passou os braços em torno de Blair, envolvendo-a numa nuvem de Chanel N° 5. Blair fechou os olhos com força e cravou as unhas curtas na palma das mãos, tentando suportar o abraço. — Bem-vinda à sua casa! — Eleanor finalmente recuou um passo fazendo um sinal para a loura, que agora se sentava no sofá. — Oooh, e fico muito feliz por *você* conhecer minha nova amiga, Davita Fjorde!

Blair ofereceu sua mão mole à loura de batom laranja enquanto observava Nate por sobre o ombro, que naquele momento estava rindo de uma das piadinhas irritantes de Serena.

— Encantada, Blair — disse Davita em um tom arrastado, batendo uma das sandálias Jimmy Choo cor de peltre no tapete Bokhara caramelo e vinho. Ela não parecia ter nenhuma paciência com reencontros familiares. Ainda bem. Porque Blair também não tinha.

— Então, Blair — começou Eleanor, falando rapidamente, como sempre fazia quando estava preocupada com alguma coisa, com o suor se acumulando em gotinhas na testa, feito pequenas jóias. Ela praticamente empurrou Blair para

o sofá. — Davita está aqui porque... porque... ainda bem que está sentada, porque tenho uma novidade muito, muito, muito grande!

Blair *não estava* gostando *nada* daquela história — o que poderia ser maior do que Serena passando a mão em Nate bem na cara dela? Eles finalmente tinham parado de se abraçar, mas agora estavam isolados no canto da sala, cochichando. O riso delicado de Serena, que lembra o som de sinos, arranhou os ouvidos de Blair como o ruído de uma serra elétrica.

— Convidei Davita e Serena para ajudar a planejar uma festa de despedida para você e Aaron no Met na noite da véspera de sua ida para a universidade! — Eleanor pegou o braço de Blair, apertando-o com força e excitação, os olhos vidrados e brilhantes. — Só faltam nove dias!

Davita pegou uma prancheta na mesa de centro.

— Vamos ver... Até agora, temos fabulosas bolsas de brindes cheias de produtos Kiehl e Frédéric Fekkai e, é claro, arranjos de flores de Robert Isabell... Eu estava pensando em lírios Stargazer e Casablanca, mas acho que isso tem um visual muito de noiva para o seu gosto... Trufas de La Maison du Chocolat, uma torre de bolinhos da Magnolia Bakery. E achei que podia ficar uma graça colocar um tapete vermelho na calçada, descendo pela fabulosa escadaria do Met... Blair? O que *você* acha? — Davita franziu a testa, a pele com textura de couro se enrugando. Seu rosto parecia estar a ponto de descascar em

camadas, como uma cebola murcha.

Blair não conseguia se concentrar. Continuava a encarar Serena e Nate, querendo que Nate se virasse e notasse sua presença. *Ei! Lembra de mim? Sua namorada? A garota com quem você passou um mês sozinho num barco no meio do Atlântico? A garota que você disse que amava umas oitenta mil vezes?* Que merda estava acontecendo ali?

— ... e é tudo para você, meu amor! Bem, para você e Aaron e... o resto da família também! Porque... vamos nos mudar para Los Angeles!

A cabeça de Blair girou em direção à mãe.

— *Como é?* — De repente ela se sentiu sufocar. — Do que você está *falando?* — Eleanor parou de sorrir por um momento e ergueu a mão, ajeitando o cabelo liso e dourado para se recompor; a aliança cora o diamante Harry Winston criava reflexos cintilantes pela sala.

— A construtora de Cyrus acaba de fechar um contrato imenso em Los Angeles... Eles vão construir um resort de luxo em Malibu! Não é incrível? — Eleanor gesticulava empolgada na frente da cara pasma de Blair. — E, com você e Aaron na universidade, será um novo começo para Yale... Que realmente precisa ser criada *corretamente*... Com um quintal de verdade onde possa brincar. — Eleanor pegou uma pilha de papéis na mesa de centro e as atirou no colo de Blair. — Olhe estas plantas da casa nova! Seu quarto será aqui, com varanda própria, e o de Yale terá um

anexo para a babá e...

— Meu Deus do céu, mãe! — gritou Blair, afastando as plantas. — Los Angeles? Onde pessoas morrem com terremotos tipo, todo dia? Você me criou em Manhattan... *Sem* quintal! Qual é o problema do Central Park? Aqui é a nossa *casa*!

Davita enrijeceu com o pequeno ataque de Blair e saiu da sala, agarrada ao celular incrustado de jóias. Ela era paga para planejar festas, não para presenciar dramas familiares. Serena e Nate ainda conversavam distraídos no canto, olhando-se fundo nos olhos. A maior catástrofe da vida de Blair, e eles nem *perceberam*?

— Sim, querida, estamos cientes de que a criamos em Manhattan, mas éramos novos e inocentes — respondeu Eleanor, examinando distraidamente as plantas da casa nova. — Se ao menos nós *soubéssemos*! — Ela tentou dar um tom mais tranqüilizante à sua voz. — Por favor, fique feliz por sua família. Eu garanto que você vai adorar. Se olhar essas plantas, verá que vamos ter uma piscina e tudo mais. E, ah! — Ela pulou e pegou uma foto na mesa de centro. — Esqueci da outra surpresa... até seu pai virá da França para comemorar! — exclamou ela, enfiando uma foto sob o nariz de Blair. — Com esses *lindos* gêmeos cambojanos que ele adotou com a gracinha do Giles.

Blair olhou para baixo e tentou focar na fotografia. O pai bronzeado e bonito estava sentado sorridente e feliz, com uma echarpe rosa em volta do pescoço e dois bebês

decididamente asiáticos aninhados em seus braços malhados. Blair encarava a foto sem compreender o que estava acontecendo, sentindo náuseas. *Bebês?* O pai tinha adotado *bebês* do Camboja? Mas o que é isso, não bastava uma linda filha aluna de Yale? Ela não bastava para *ninguém?*

— Sinceramente, Blair — continuou Eleanor —, acho que Giles é o melhor namorado que seu pai já teve!

Blair se colocou de pé num salto. Pela primeira vez na vida não conseguia pensar em nada para dizer. Los Angeles? *Gêmeos* cambojanos? Ela não *acreditava* que sua família estivesse fazendo isso com ela. Esta devia ser a época mais feliz de sua vida! Devia ser só dela e de Nate, indo para Yale sem nenhuma distração, apenas velejar suavemente até que subissem no BMW novo em folha cor de bisque de Blair e fossem embora, deixando a família maluca para trás.

No canto, Serena deu outra risada e Nate passou as mãos no cabelo ondulado e cheio de sal. Era evidente que eles estavam em seu próprio mundinho, sem fazer a menor idéia do que acontecia com ela. Blair pôs a mão na barriga. Havia a forte possibilidade de um vômito saído em jatos. A família dela ia se mudar mesmo? Como seria nos feriados de Ação de Graças e de Natal? Ela estaria em Los Angeles com sua família idiota, escondendo-se em um abrigo antibombas, ou sei lá que porra era aquela que as pessoas faziam durante terremotos, e Nate estaria... aqui. Com Serena.

Ela ouviu a mãe chamá-la atrás dela enquanto segurava a barriga e corria para o antigo quarto. A pequena Yale estava deitada no berço de madeira branca, com um moicano de penugem louro-arruivada na cabeça. Ela sorriu deliciada para a irmã mais velha, como quem diz: "Que confusão é essa?" Blair se aproximou e a pegou no colo, feliz por ver sua amiguinha gorducha depois de quase um mês. Depois percebeu que Yale vestia um macaquinho de batique estampado com as palavras CALIFÓRNIA DREAMIN'.

Sem hesitar nem por um momento, Blair levou a irmãzinha para a mesa de troca, arrancou a peça de roupa ofensiva e o substituiu por um lindo macaquinho cor-de-rosa DKNY que tinha comprado para a irmã na loja da DKNY da Madison Avenue. Yale dava risadinhas enquanto Blair fazia cócegas nos pontos preferidos da neném.

— Pronto. — Ela jogou o macaquinho de batik no papafaldas a vácuo Genie, onde ele se perderia para sempre. — Muito melhor! — Yale se agarrou ao ombro de Blair enquanto a irmã a carregava para o tapete de cashemere verde-aipo para brincar com os blocos.

Pelo menos alguém estava feliz em vê-la.

*a missão impossível de s e n*

— E aí, o que você tem feito por aqui sozinha? — perguntou Nate. Ele sacudiu os cabelos cor de areia dos

olhos. Do outro lado da elegante sala em tons de vinho e marfim, Blair discutia com a mãe, como sempre.

— Pouca coisa. — Serena esperava não estar transparecendo o nervosismo que sentia. "Fazendo nada" era a verdade — ela passara o último mês se ocupando de um monte de nada, ou com a bunda no sofá, ou vagando sem rumo pelas ruas de Nova York, com um latte gelado na mão, e talvez indo sozinha ao cinema. Tentando se distrair da persistente ansiedade que crescia dentro dela. — Sabe como é, andando por aí... O de sempre. — Ela não podia dizer a Nate o que andara aprontando — era ridículo demais. Serena respirou fundo e passou as palmas das mãos suadas na saia cortada. Por que estava tão nervosa? Este era o *Nate*, o cara que ela ficava perseguindo nesta mesma sala de estar quando tinha seis anos porque queria usar a nova cueca do Super-Homem dele.

Será que alguma coisa mudou, afinal?

— E vocês... Foram vocês que embarcaram numa grande aventura! — Serena olhou nos olhos de Nate e aproximou seus dedos dos dele no parapeito, onde se entrelaçaram. Ela sorriu timidamente, com o cabelo louro formando cachos leves nas têmporas. Ela não estava tentando seduzir ninguém mas, quando se tratava de Nate, simplesmente não conseguia se segurar. — Capitão Archibald — disse ela com um sorriso malicioso.

— Nem *pense* em me chamar desse jeito! — ele riu. — Mas é sério, ficar no mar todo esse tempo foi incrível. Sol

todo dia e as estrelas à noite... Nem imagina como é ótimo...

— Isso é demais, Natie. — Serena o interrompeu distraidamente. Ela se virou e viu Blair se levantar e se retirar da sala de estar, com uma das mãos na barriga e a outra enxugando o rosto. Dar um ataque de raiva cinco minutos depois de chegar em casa não era exatamente algo incomum para Blair, mas Serena se perguntou se devia ver como estava a amiga. *Peraí, isso não é tarefa de Nate agora?*, perguntou-se ela. Ver como estava a namorada não era uma coisa que o namorado devia fazer? Serena se virou para ele. Ele a fitava, completamente distraído do fato de que Blair — o suposto amor de sua vida — tinha saído correndo da sala, aos prantos. O que diabos isso significava?

Hummm... Será que estava chapado? De novo?

— E aí — recomeçou Serena, concentrando o olhar na camiseta cinza Abercrombie que Nate tinha desde que ela se entendia por gente. Faria qualquer coisa para não olhar nos olhos cintilantes e verdes dele. Ela arrastou os chinelos no chão e se preparou para a pergunta que sabia que tinha de fazer, por mais que a resposta pudesse doer. — Você achou...?

— Nós achamos um monte de coisa legal. — Ele deu um sorriso largo. — Pequenas ilhas de banco de areia, aquelas cavernas no Maine... Até vimos *papagaios-do-mar*!

Serena fitou os olhos de Nate vítreos e verdes como o mar, seu coração martelava freneticamente no peito. Ela continuou repassando a saída súbita de Blair em sua mente. O que a estava incomodando? Será que Nate descobriu a carta e contou alguma coisa a ela? Ou, e se Blair a encontrou e contou a *ele*? Ou, pior ainda, e se Blair a encontrou e *não* contou nada a ele? E se Nate a amava também e por isso não correu atrás de Blair? Ou, e se a carta ainda estivesse aninhada no porta-luvas do Aston Martin do pai dele, sem ser lida, com todas as perguntas dela ainda sem resposta?

— Foi realmente demais — disse ele, falando devagar, como sempre fazia quando estava feliz, relaxado ou chapado, ou seja, basicamente o tempo todo. — Eu não queria voltar.

Só de olhar para o rosto angelical de Nate, Serena não conseguiu suportar a idéia de não saber o que aconteceu com a carta — não saber se ele sabia ou não. Ela precisava dizer *alguma coisa*.

Serena deu um sorriso amarelo.

— Nate, você chegou a encontrar...?

— Um minutinho, vocês dois! — Eleanor apareceu diante deles e se sentou, acomodando a bunda magrela entre os dois no sofá pequeno-demais-para-três. Serena e Nate se afastaram um pouco — como se tivessem alguma alternativa. Ou eles se mexiam ou Eleanor se sentaria no

colo deles. Ela cruzou um braço no de Serena e o outro no de Nate, com um olhar cheio de malícia. O cheiro invasivo de Chanel N° 5 de Eleanor fez Serena se sentir numa loja de departamentos.

— É tão bom pegar vocês dois sozinhos — sussurrou Eleanor como quem arma alguma coisa, como se todos estivessem planejando uma espécie de missão ultra-secreta. — Estou organizando uma surpresa para Blair, na festa. É um *slide show* da vida de Blair... Meio como uma dessas homenagens de "os melhores momentos". — Ela abriu um sorriso radiante, virando a cabeça de um lado a outro a fim de olhar para Serena e Nate enquanto falava, como se estivesse assistindo a uma partida de tênis.—Mas o problema é que não tenho tempo para ver as *milhares* de fotos de Blair que acumulei com o passar dos anos... E é aí que vocês entram! — Ela apertou os joelhos dos dois. — Preciso que vejam essa pilha *imensa* de álbuns e escolham as fotos mais apropriadas. Mas receio que nosso prazo seja apertado... Preciso delas mais tardar na sexta-feira que vem. — Serena tentou olhar para Nate por cima da cabeça de Eleanor, mas quando se recostou no sofá, Eleanor se recostou também, abanando-se com a mão. — Mas lembrem-se... Esta deve ser uma missão ultra-secreta, de vocês dois, e não contem nada a Blair! — O sussurro alto de Eleanor reverberou nas paredes revestidas de madeira da sala de estar e ela levou o dedo à boca.

Shhhhh!

Serena procurou não rir. Eleanor era péssima para guardar segredos — sempre conseguia contar aos filhos o que iam ganhar de Natal *antes* até de comprar os presentes. Era mais provável que ela contasse a Blair amanhã — isso *se* Blair já não tivesse ouvido toda a conversa. Nate se limitou a assentir em silêncio. Nunca dizia muita coisa na presença de Eleanor: ela era dominadora demais.

— Faremos com prazer — respondeu Serena pelos dois. — E prometemos não contar nada a Blair.

Realmente. Eles são mesmo muito bons nisso.

### *um envolvimento muito curto*

— Estou estourada de cansaço! — A mãe de Dan esticou os braços no alto e balançou a bunda de um lado a outro no sofá de couro marrom cheio de calombos da sala de estar, abrindo a boca em um bocejo. Eram só oito horas e Rufus estava em uma de suas farras de poetas anarquistas no West Village. Ela olhou em volta, piscando como uma gata siamesa sonolenta. O cabelo castanho-camundongo tinha pontas espetadas para todo lado e os olhos azuis-claros agora estavam vermelhos e injetados. — O fuso horário realmente acaba com uma pessoa da minha idade. E os coquetéis no avião só ajudam durante um tempo!

Ela olhou para Dan e depois virou-se na direção da porta da cozinha, onde Vanessa estava parada, obviamente esperando que eles dissessem alguma coisa. Dan sentou na

poltrona esfarrapada de frente para a mãe como se estivesse chapado, Ainda sem saber o que fazer com ela.

— Vocês não deviam beber! — Ela balançou um dedo, aparentemente sem saber que estava dando uma bronca neles por uma coisa que *ela* havia feito. — Entretanto, se quiserem provar um pouco... só uma provinha... E só me dizer, está bem? Porque só provar não tem problema. Então, onde eu vou dormir? — acrescentou ela, desconexa.

Dan tentou trocar um olhar de "que-porra-é-essa?" com Vanessa, mas ela ficou parada ali, lambendo os restos do profiterole de pênis dos dedos preguiçosamente. O contraste de sua pele branca feito neve com o cabelo escuro quase raspado, a curva dos lábios vermelhos, os olhos castanhos meio sacanas — ela estava mesmo linda.

— Viu? — Sua mãe se inclinou para a frente e cutucou o joelho dele com os dedos de anéis turquesa. — *Ela* gostou do recheio de creme.

Dan rapidamente saiu de seu devaneio e se levantou.

— Hummmm, bom, estamos meio sem vagas aqui. Acho que se quiser ficar no meu quarto, eu posso ficar no sofá.

Sua mãe se levantou, levando uma das mãos ao pescoço e esfregando furiosamente.

— O *sofá*? Não seja bobo. Quero dizer, agora que você é... Bem, você sabe... — Jeanette se interrompeu, agitando a

mão cheia de anéis turquesa. — Quero dizer — recomeçou ela — não deve ser um problema dividir o quarto com Vanessa, não é? Vocês podem bater papo à noite, meninas!

— Claro, humm... é... tudo bem — gaguejou Dan, olhando para Vanessa. Ela parecia meio surpresa ou talvez apavorada — ou então só estivesse tentando segurar o riso depois de ouvir Dan ser chamado de menina pela própria mãe.

Jeanette se colocou na ponta dos pés e deu um beijo no alto da cabeça de Dan, desarrumando seu cabelo.

— Dan, meu bem, posso usar seu computador antes de dormir? Só quero enviar uns e-mails. Não se preocupe, não vou baixar nenhuma pornografia de vovó! — Sem esperar por uma resposta, ela flutuou para o quarto de Dan, assoviando "I Will Survive", de Gloria Gaynor, completamente fora do tom.

Claro, *ela* vai sobreviver. Mas e Dan?

— Boa noite, senhoras! — Eles a ouviram exclamar enquanto ela fechava a porta do quarto.

Dan engoliu em seco, tentando esconder o constrangimento. Nunca teria imaginado que seria possível que quatro palavrinhas — especificamente, aquelas no postal que mandou à irmã, "Querida Jenny, sou gay" — pudessem causar tantos problemas. Ele foi até a cozinha para encontrar Vanessa, que agora estava cobrindo a mesa

de fórmica com o creme do doce, formando desenhos intrincados. Se ele realmente fosse gay, então como ainda pensava em passar as mãos na cabeça raspada de Vanessa, ou ver se sua barriga ainda era macia e quente como pão de fôrma?

— E aí, *coleguinha de quarto*. Quer ir dormir? — Vanessa ergueu uma sobrancelha maliciosamente, com os lábios curvados num sorriso. Antes que Dan pudesse responder, Vanessa se afastou da mesa e foi para o antigo quarto de Jenny, batendo as botas de combate no chão.

Dan pôde ouvir o ruído dos lençóis enquanto Vanessa arrumava a cama — algo que ela raramente fazia. Arrumar a cama. Será que isso significava que ela queria que ele fosse para a cama? Mas ainda nem tinha escurecido direito. Quem sabe ela só estava cansada da completa bagunça que estava o apartamento? O coração de Dan doeu. Foi um dia muito, muito longo. Ele suspirou e foi para o quarto atrás dela.

— Ei, *coleguinha* — Ele a imitou, pegando uma das pontas do lençol atrás dela e esticando em volta do colchão. Vanessa soltou a ponta que segurava e atirou um travesseiro na cabeça dele. Será que ela estava *dando mole* pra ele? Uma fina camada de suor cobria o rosto de Vanessa e ela estava corada, com um brilho radiante. Dan resistiu ao impulso de se arrastar para a cama e beijar de leve cada maçã vermelha de seu rosto.

Tá legal. Dividir o quarto será *igualzinho* a uma festinha de

pijama de menina.

Dan esperou para ver o que Vanessa ia fazer em seguida, mas um zumbido agudo começou a sair do bolso dela, sobressaltando os dois. Ele ainda não estava acostumado com o fato de Vanessa ter um celular — ela comprou logo depois de se mudar para a casa dos Humphrey, assim pagaria a própria conta. Devia ser bom, uma vez que Rufus não era famoso por sua habilidade de dar recados. Em geral ele deixava bilhetes pegajosos na geladeira que diziam, UM CARA LIGOU, com a hora da chamada, até com os minutos — como se fosse de alguma utilidade.

Vanessa procurou pelo telefone, nada feliz com a interrupção. Paquerar Dan era tão divertido, agora que ele supostamente era gay. Ela abriu o celular.

— Alô?

— Maninha!

— Ruby?! — Vanessa não falava com a irmã desde que ela voltou de Praga e a expulsou de casa. Foi muito divertido. Então por que ela estava telefonando agora?

— E aí, garota!? — gritou Ruby, parecendo uma maluca.

— Meu Deus, é ótimo ouvir sua voz!

— Humm, igualmente. O que é que tá pegando? — Vanessa tentou manter a voz neutra, mas ainda estava muito puta com a irmã e não a perdoaria sem que antes ela

puxasse seu saco. Ela cruzou os braços, esperando pelas desculpas de Ruby. Talvez ela e Piotr tenham terminado e ela quisesse que Vanessa voltasse para seu antigo quarto em Williamsburg. Ela quase podia sentir o cheiro adocicado e queimado da fábrica de balas do outro lado da rua. Logo estaria comendo na Eat pela manhã e bebendo um café de madrugada na Diner, cercada de rapazes magrelas e pálidos com um cabelo que parecia ter sido cortado com uma faca de açougueiro, com seus dias de decifrar a sexualidade hesitante de Dan finalmente terminados...

— Olha, V, me desculpe por demorar tanto para entrar em contato com você, mas eu andei muito ocupada...

Vanessa agarrou o celular com uma das mãos e enfiou uma fronha no travesseiro com a outra. Tá legal. Ela devia estar ocupada segurando o *pincel* de Piotr. Eca, Vanessa tremeu com a idéia pervertida e atirou o travesseiro na cama que já estava quase pronta. Dan estava sentado na ponta da cama, ouvindo como quem não quer nada e examinando as unhas das mãos de um jeito tipicamente gay.

— Piotr está trabalhando numa nova série de telas e anda me usando como modelo... Estou louca para que você veja.

Fazendo uma careta para o fone, Vanessa andava de um lado para o outro no quarto. Tudo bem, então Piotr ainda estava na jogada. E presumivelmente ainda usava o quarto de Vanessa como ateliê. Mas de repente Ruby queria que ela fosse para lá de qualquer forma? Ela podia comprar

uma cama dobrável ou algo assim. Ela andou pelo corredor longo e esfarelento até a cozinha e começou a colocar colheradas de Folgers numa caneca de cerâmica amarela e áspera que a mãe de Dan mandara da Europa séculos antes.

— Humm, claro, um dia desses eu vejo como estão as telas... — Da última vez em que ela soube da "arte" de Piotr, ele estava fazendo uma série de pinturas de "nus monolíticos com os caninos". Ela imaginou telas imensas de Ruby nua, montada num pastor alemão salivante. Não era exatamente a idéia que ela tinha de "arte".

Isto partindo de uma garota que prefere fotos de pombos mortos e chiclete cuspidos?

— Mas então — continuou Ruby, com a voz ofegante, como se tivesse corrido uma maratona —, a *grande* novidade não é bem essa. Está sentada?

— Estou — mentiu Vanessa, colocando distraidamente a caneca de cerâmica no microondas e ajustando o *timer*.

— *Agente vai se casaaaaar!!!!*

— *Como ê!?* — Vanessa afundou no chão na frente do microondas, espalhando os cristais de café instantâneo pelo linóleo do chão que eles limparam naquela mesma manhã. *Casar? Com Piotr?* Eles se conheceram havia poucos meses! Ele fazia pintura de mulheres nuas e *cachorros!* E agora ele ia entrar para a *família?* Havia algo seriamente errado no mundo.

Naquele momento a mãe de Dan entrou deslizando na cozinha, vestida com uma camisola rosa translúcida até os pés, bordada com centenas de aves exóticas. Um creme branco que cheirava a bolo inglês cobria cada centímetro de seu rosto. Os chinelos cor-de-rosa felpudos arrastavam-se no piso de linóleo.

— Desculpe, esqueci de tomar minha vitamina! — sussurrou Jeanette, abrindo a geladeira e servindo um líquido marrom de aparência nociva em um copo do Scooby-Doo. — As vitaminas são o maior presente que a natureza pode nos dar! — exclamou ela. Vanessa só sacudiu a cabeça enquanto Jeanette estalava os lábios e começava a voltar para o quarto de Dan, bebendo o preparado de aparência nojenta e cantarolando ao andar.

— Vanessa? Está me ouvindo? — A voz de Ruby rompeu o silêncio.

— Humm, tô. Você é quem sabe. Quer dizer, meus parabéns — murmurou Vanessa ao telefone. Ela olhou para cima e viu Dan parado na soleira da porta. Ele a olhava com um ar inquisitivo e murmurou, "Está tudo bem?". Vanessa só assentiu e aproximou o telefone da orelha. Ruby ainda estava tagarelando toda feliz, sem nem notar a resposta nada animada da irmã.

— ... dama de honra — Vanessa ouviu a voz da irmã dizer por sobre o zumbido baixo do microondas.

Ela se sentou de costas retas.

— Dama do *quê*? — perguntou ela, incrédula. — Quem é você? Cadê a minha irmã?

Ruby deu uma gargalhada.

— O que é isso, você sabe que está morrendo de vontade de usar um baita vestido Laura Ashley. — Vanessa se levantou exatamente quando o microondas bipou alto. Porra, nem pensar!

— E aí, topa? — A voz da irmã soou em seus ouvidos. Devagar, ela retirou a caneca do microondas, segurando-a com o maior cuidado para não se queimar com a água quente. Se bem que uma queimadura de terceiro grau poderia livrá-la de quaisquer obrigações relacionadas com casamentos.

Tentador.

Vanessa suspirou. Ela sabia que não podia dizer não à irmã, mesmo que Piotr tivesse dentes horrorosos e seus temas fossem bestiais.

— Tá, tudo bem. Que seja. Eu topo. — Ela tomou um gole do café escaldante e de imediato o cuspiu na calça cargo. — Mas só se eu puder vestir minhas próprias roupas... De jeito nenhum vou colocar um daqueles vestidos de noiva em tom pastel totalmente gays.

Ela olhou para Dan, que pegara um macacão de seda rosa-choque em uma das bolsas da mãe e o estava segurando diante do corpo magrelo como se imaginasse como ficaria nele. Ela murmurou um "Desculpe" e deu um sorriso amarelo.

— Quer dizer, é tão *idiota* — disse ela ao telefone, limpando as coxas com um pano de prato marrom esfarrapado.

Ruby riu e Vanessa podia ouvi-la murmurando com Piotr ao fundo numa língua maluca que ela não entendia. Devia ser marciano.

— Não se preocupe com isso. A cerimônia vai ser no sábado da outra semana, será uma espécie de piquenique no Prospect Park... Então é totalmente informal. Todo mundo vai levar comida e usar as próprias roupas mesmo. — Vanessa pôde ouvir o clique do isqueiro da irmã e depois o som de Ruby soltando a fumaça do primeiro trago. Ruby nunca fumou na vida, até que conheceu Piotr. Será que aquele estilo "eurotrash" era uma doença contagiosa?

E será que havia vacina para isso?

— Graças a Deus. — Vanessa levou o café aos lábios, deixando que o vapor flutuasse em sua pele. — Por um segundo, você me deixou muito preocupada.

— Olha, a despedida de solteira vai ser na quinta. Achei que você podia planejar alguma coisa. Eu tenho algumas

idéias, então não se preocupe demais.

Despedida de solteira? *Planejar?*

— Tá —Vanessa conseguiu murmurar enquanto tomava outro gole de café, que estava com gosto de bosta. — Acho que sim. — Por acaso havia alguma regra não oficial dizendo que todo o café no apartamento dos Humphrey devia ser horrível?

— É claro que você também vai filmar o casamento todo. E, antes que eu me esqueça, olha só... Dá pra perguntar ao Dan se ele pode escrever um poema para ser lido na recepção? Sabe como é, alguma coisa sobre o amor, e tal. Os amigos de Piotr pretendem fazer uma performance, mas a gente gostaria que alguém lesse alguma coisa e não conheço nenhum outro poeta. Significaria muito para nós.

Vanessa bufou ao telefone. Poemas de amor careta não eram bem a praia de Dan.

— Mas olha só, eu preciso ir... Tenho uma prova de roupa na Kleinfeld de manhã cedo e tenho que dormir. Ah, minha última apresentação como solteira será na segunda-feira na Galapagos Art Space... Se estiver livre, dá um pulinho lá!

Vanessa ouviu um clique e depois o tom de discagem começou a buzinar rudemente em seu ouvido. Acordar cedo para uma prova de *vestido*? A Ruby realmente *foi* abduzida por alienígenas.

— Minha irmã vai se casar — disse Vanessa em um tom monótono, fitando um postal de Praga que Jenny tinha mandado, com a foto de um prédio extremamente velho. O prédio estava tão completamente coberto de cocô de pombo que parecia ter sido feito de cera.

— Tá falando sério? — Ruby era a última pessoa que Dan pensou que um dia fosse se casar—a não ser talvez por Vanessa. Vanessa certa vez disse a ele que achava que casamento não passava de dinheiro e status e que sempre foi assim, em toda a história — na Idade Média era praticamente uma forma de escravidão. Ainda assim, Dan sempre achou que um dia ainda ia ver Vanessa entrando na igreja de mau humor usando um vestido longo e preto, com um buquê de margaridas brancas. Ele até escreveu um poema sobre isso. Mas agora ele era gay, e o casamento gay ainda não era *legalizado* em Nova York.

— ... mas então, ela quer que você escreva um poema e leia na cerimônia. — A voz de Vanessa interrompeu os pensamentos de Dan.

— Quem? Eu? — Dan amarrou as mangas do macacão fúcsia nos ombros como se fosse uma capa — era a única maneira de caber.

— É. — Vanessa secou o resto do café num gole só. — Você mesmo. Esse cara com a capa.

Supergay? Capitão Gay?

Dan coçou a cabeça. Desde sua recente "revelação", ele não estava com muita inspiração para escrever. Na verdade, ele não escrevera uma só palavra desde que beijou Greg. Era como se todos os seus sentimentos confusos estivessem presos, circulando furiosamente em seu interior, sem que ele conseguisse pegar para colocar no papel.

— Mas o poema deve ser sobre o quê? — perguntou-se de em voz alta, esfregando o queixo com a barba por fazer na seda magenta. A única coisa que podia escrever naquele momento era sobre profiteroles em formato de pênis e ele não achava que isso ia cair muito bem num casamento. Nem mesmo em um casamento europeu.

— Sei lá. — Vanessa puxou uma cadeira da mesa e se sentou ao lado de Dan, a caneca de café agora vazia diante dela. — Acho que sobre o amor. — Ela estremeceu, sentindo frio de repente.

— Tá legal — respondeu Dan. Ocorreu a ele que a única pessoa que ele amou na vida estava sentada bem do seu lado. Certamente ele podia escrever um poema de amor para a irmã de Vanessa, de quem por acaso ele gostava. — Posso fazer.

— Só espero que os amigos deles, tipo assim, não vaiem você do altar nem nada disso — brincou Vanessa. — E que eles entendam um pouco de inglês.

De repente Dan sentiu o peso do que havia acabado de concordar em fazer. Ficar totalmente atrapalhado e, bom,

completamente... *gay* na frente de um bando de hipsters de Williamsburg?

É uma boa maneira de se assumir.

*resistirá n a essa tempestade?*

Criiiiiiiiiiiiiic.

Nate Archibald abriu a porta de vidro e ferro batido de sua casa na Park Avenue, rangendo as dobradiças. Com alguma sorte, o capitão estaria dormindo há muito tempo e Nate poderia ir direto para a cama — evitando completamente o pai. Ele esperou até quase meia-noite para vir para casa exatamente por este motivo. Depois de sair da casa de Blair, ele foi para o lago dos barcos no Central Park, fumando um baseado atrás do outro e olhando as nuvens de fumaça que pairavam na superfície tranqüila da água. Tudo aquilo o fez lembrar da temporada que passara velejando, de como tinha sido tranqüilo no mar, cercado por toda aquela água.

Enquanto Nate olhava o lago, com o cérebro feito um borrão da maconha, ele não deixou de se lembrar de que ele, Blair e Serena costumavam passar as tardes no parque, quando eram crianças, navegando barcos em miniatura. As babás ficavam sentadas conversando em voz baixa nos bancos esmaltados de verde-escuro e os três atiravam pedras na água e lambiam seus picolés — dos quais as meninas por fim se cansavam e Nate prontamente comia. E agora aqui estava ele, aos 18 anos, entrando escondido na própria casa, e nada tinha mudado. Ele ainda era um

encrenqueiro. Ainda amava veleiros e picolés. E, acima de tudo, ainda amava Blair e Serena.

Nate suspirou, andando pelo corredor atapetado fazendo o maior silêncio possível. De certa maneira, antigamente as coisas pareciam muito mais simples. Ele não precisava ser lembrado de que nos últimos tempos as coisas não andavam nada simples. Depois de ser flagrado roubando o Viagra do treinador Michaels, Nate não recebera o diploma na formatura. Ele devia trabalhar para o treinador durante todo o verão, ajudando a consertar a casa dele em Long Island e ganhar seu diploma dessa forma. Mas depois que a Sra. Michaels começou a dar em cima dele, Nate foi embora sem dar satisfação a ninguém. Roubou o carro do pai, raptou Blair e *depois* roubou o *Charlotte*. Meu Deus, o que foi que ele não fez? E, graças a todas as suas trapalhadas, seu futuro estava totalmente no ar. Enquanto passava na ponta dos pés pelo escritório do pai, foi impossível não notar o feixe de luz amarela que vazava da porta entreaberta. O coração de Nate ficou apertado. *Merda*. Ele passou as mãos no cabelo e tentou se apertar ao máximo. Não estava assim *tão* chapado, estava?

Precisamos mesmo responder à pergunta?

— Quem está aí? — a voz do pai trovejou no corredor, ecoando no piso de madeira encerada. — Nate? Você está em casa? — Nate suspirou, passou os dedos pelo cabelo uma última vez e empurrou a porta devagar.

O escritório era revestido com uma madeira suntuosa e escura, que lembrava Nate das cavernas marinhas que uma vez ele explorou enquanto velejava na costa de Amalfi, na Grécia. O capitão Archibald estava sentado em uma poltrona de couro cor de ferrugem. Os pés dele, calçados com meias de cashmere cinza Ralph Lauren, estavam apoiados num divã de couro de mesma cor. Um copo de cristal com uísque Glenlivet pousava sobre o braço, o líquido âmbar cintilava na luz. O cabelo do pai era grisalho, com um toque amarelado — um lembrete de seus dias de juventude como jogador-gato-de-lacrosse-de-Yale-que-virou-capitão-da-marinha. Os olhos eram verde-garrafa, como os de Nate, mas sem o brilho. Como sempre, ele vestia um terno de caxemira cinza feito na Inglaterra especialmente para ele, usava uma gravata de seda azul-marinho meio frouxa.

Nate se preparou para o sermão que certamente seria despejado em cima dele. Só o que queria agora era tirar um longo cochilo — talvez dormir até que toda a idiotice passasse. Mas, para seu choque, o rosto do capitão se abriu num amplo sorriso. Será que ele estava *vendo* coisas? Nate piscou rapidamente, tentando limpar os olhos.

Depois de três horas fumando, ele já havia passado do ponto de usar colírio.

— Nate, meu filho! Até que enfim está em casa! — O capitão atirou de lado o *Wall Street Journal* e se colocou de pé num salto, lançando os braços para o filho e o abraçando com firmeza, dando-lhe tapas nos ombros ao se afastar.

Nate ficou tonto, como se tivesse acabado de acordar de um longo e profundo sono. Mas o que estava acontecendo aqui?

O pai voltou a se sentar e fez sinal para que ele fizesse o mesmo, na poltrona idêntica na frente dele.

— Sente-se, meu rapaz. Temos muito o que colocar em dia.

Nate afundou na poltrona e começou a mexer no isqueiro de ouro que estava em seu bolso. Blair lhe dera dois verões antes e o peso suave do isqueiro em seus dedos o tranqüilizou um pouco.

— Então você teve uma bela aventura de barco, não foi? — observou o capitão Archibald, olhando contemplativo para o filho. Era mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Er, é. Com a Blair. Foi ótimo. — Nate se remexeu pouco à vontade na poltrona. O pai não era de jogar conversa fora.

— Diga-me, filho, está ansioso para ir para Yale? — O capitão ergueu a mão e afrouxou um pouco mais a gravata ao falar, tirando-a finalmente do pescoço e largando-a sobre a mesa, onde ela ficou feito uma poça de seda azul. Então era isso. O capitão não sabia que o treinador não dera o diploma a Nate e que não havia como Yale aceitá-lo.

— Tô — respondeu Nate, soltando a respiração que estivera prendendo. — Hummmm, acho que sim. — O pai

não sabia. Mas por quanto tempo podia esconder isso dele?

Como se lesse a mente de Nate, o capitão se sentou na beira da poltrona com um ar de ferocidade nos olhos verdes.

— Você *acha* que sim?

Epa.

O pai voltou a se recostar e agitou uma das mãos no ar.

— Vamos parar com todo esse papo furado... Temos coisas importantes a discutir.

O coração de Nate pesou no peito. Ele arrastava o tênis surrado Stan Smith de um lado a outro no tapete persa, sabendo o que *isso* significava. Ele se retorceu na poltrona, querendo estar em qualquer outro lugar — mas sobretudo no mar, com as ondas batendo nas laterais do barco. Ele se preparou, esperando nervosamente que o pai falasse.

— Conversei com o treinador Michaels e estou totalmente a par dos acontecimentos. — A voz do capitão era neutra mas firme, e Nate, nervoso, começou a se remexer de novo. Sempre que o pai adotava esse tom de voz, significava que ele havia tomado uma decisão irreduzível e definitiva — em geral uma coisa que Nate não queria fazer. — E, desta vez, não vou colocá-lo de castigo. Você vai repetir o último ano no St. Jude's. E ponto final.

Nate o encarou boquiaberto. Nunca pensou que não conseguir realmente o diploma significasse que teria de *repetir* o último ano. Talvez ficar um ano fora, fazer algum "serviço comunitário", construindo banheiros numa praia da Costa Rica ou coisa assim, mas outro ano no ensino médio? Freqüentar as mesmas aulas chatas, fazer as mesmas coisas chatas, enquanto todos os amigos estavam na universidade, divertindo-se sem ele?

Próxima parada: a humilhação total.

O pai tomou um gole longo e vagaroso do scotch e Nate pôde ouvir o som gelado dos cubos de gelo batendo no cristal. Ele passou os dedos no baseado já fumado que tinha no bolso, querendo poder pegar e acender ali mesmo. Tinha prometido a Blair que não ia fumar mais — ela não achava que era algo maduro, ou acadêmico, ou sei lá o quê — mas esta era uma emergência. Ele precisava se acalmar. Depois talvez conseguisse pensar.

Ou *não* pensar.

O pai engoliu e pôs o copo no braço da poltrona.

— E ainda tem mais uma coisa.

Mais? Que outra tortura o pai poderia infligir a ele? O que poderia ser pior do que não se formar com os amigos? O colégio militar? Um reformatório? *A prisão?*

Nada disso, repetir o último ano era muito mais humilhante

e muito menos divertido.

O rosto do capitão era tão sério que Nate teve que baixar os olhos para a camisa de listras náuticas que o pai vestia, para que não entrasse em um total estado de pânico. Uma vez por ano, a mãe dele encomendava um guarda-roupa completo, feito sob medida, em uma das lojas masculinas exclusivas da Jermyn Street, em Londres — gravatas, camisas e ternos novos — tudo nas proporções exatas do capitão.

— Quero que conheça um amigo meu, o capitão Chips White — continuou o pai. — Obviamente eu não tive sucesso com você, mas se há alguém que pode fazer isso, é meu ex-mentor da Marinha.

Nate afundou ainda mais na poltrona. Como seja não bastasse ter que ouvir sermão do pai, esse capitão Chips apavorante de que o pai sempre falava também participaria de sua extinção? Chips deveria usar alguma técnica de tortura arcaica da Marinha para lhe dar uma lição — segurá-lo embaixo da água até que ele quase se afogasse, ou levá-lo para velejar, decepar seu saco e depois atirá-lo do barco para que nadasse de volta a Manhattan pelo rio Hudson poluído. Nate provavelmente ia desenvolver um braço a mais ou um tumor nas costas, e deixaria de ser um Archibald despreocupado e feliz para ser uma aberração corcunda, de três braços e sem saco. Blair a essa altura já o teria esquecido.

O capitão Archibald ergueu o copo com um sorriso

presunçoso e Nate sentiu o queixo começar a tremer ao tocar o baseado no bolso.

A prisão não parece assim tão ruim, parece?

**Gossipgirl.net**

---

**temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas**

---

*advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

**oi, gente!**

Os dias que nos separam de nossa ida à faculdade vão passando e nossas caixas de correio vão ficando cada vez mais cheias de pacotes com manuais das universidades. Você pode ficar realmente tentado a ler aqueles livros chamativos mandados por sua faculdade em suas cores colegiais, mas fala sério — excursões de acampamento para todos se conhecerem? Sessões de confraternização no campus? Vou te contar, não há maneira melhor de ser rotulado de imbecil do que cair nessa. Você realmente quer ser apresentada àquele gato jogador de lacrosse no corredor com folhas nos cabelos e cocô de urso espalhado por suas botas de trilha North Face que você nunca usou nem vai usar de novo? Francamente. Dinâmicas de confiança no

Gossip Girl & It Girl fans ® -

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>

próximo são para os manés que não se garantem. Você só precisa confiar em mim!

Então aqui está minha pergunta, gente: por que os reitores não bolam um jeito de fazer com que as orientações da universidade não sejam uma reprise do acampamento de verão da quinta série? Como sempre, cabe a mim ensinar o que fazer a essa gente acadêmica sem graça.

### **Sugestões para tornar as orientações da universidade divertidas e não algo insuportável e para manés**

**(1) Atividades para criar laços.** Banir todas as excursões de acampamento, passeios turísticos ou gincanas no campus. Ninguém quer ser arrastado para uma floresta lamacenta e ficar sentado o dia todo em um ônibus que fede a mijo, nem olhar objetos obscuros em uma lista feito retardados como parte de uma experiência para "criar laços". Se há uma coisa que já sabemos fazer, é isso. É só nos levar a uma festa com open bar e nos deixar por conta própria.

**(2) Limites de idade.** Qualquer calouro que goste de eventos que envolvam adultos — leia-se: reitores, professores e outras pessoas que logo serão os responsáveis por nos meter em encrencas — é um completo desmancha-prazeres. As identidades devem ser verificadas na porta e a entrada de qualquer um com mais de 21 anos não deve ser permitida!

**(3) Nada de crachás.** Eles estragam qualquer modelito

bem planejado e praticamente convidam os manés galinhas a encarar nossos peitos. Se você for bonito, certamente te direi meu nome antes mesmo de você perguntar.

Embora os diretores de faculdade possam não saber dar uma festa de boas-vindas, as meninas de Manhattan certamente sabem dar festas de *despedida*. Estou tão cansada das festividades da noite passada que se eu não comer logo meu brioche da H&H da manhã (torrado, por favor, com manteiga extra), é capaz de eu desmaiar em cima do teclado. Vodca demais, vestidos florais de seda de Biba e Diane von Furstenberg demais e meninos bonitos demais com deliciosas camisas pólo cor de sherbet. Até parece que isso pode ser demais. Mas a reunião da fofocalhada é uma festa de despedida planejada no Met para semana que vem. Que lugar melhor para dizer *bon voyage* do que um dos locais mais atemporais e exclusivos de Manhattan? De uma coisa eu tenho certeza: quando a noite finalmente passar, estaremos todos parecendo obras de arte.

### seu e-mail

**P: Cara GG,**

Eu estava passando pelo lago dos barcos do Central Park na sexta à noite quando vi **N** sentado num banco, fumando um bagulho, *sozinho*, parecendo estar muito preocupado com alguma coisa. Será que isso quer dizer que ele e **B** terminaram?

— **Esperançosa até o fim.**

**R: Cara EAF,**

A gostosura de **N** é absolutamente inegável mas, infelizmente para todas nós, não o vejo se libertando do canto de sereia de **B** nem tão cedo. Veja o lado bom da coisa — a cidade está cheia de rapazes suados e praticamente seminus precisando de uma boa ensaboada. Lembre-se, amigos de verdade não deixam os amigos tomarem banho sozinhos, sobretudo durante uma onda de calor. Economize água— tudo pelo meio ambiente, gente. Então abra o sabonete líquido Bliss limão e sálvia e vai passando.

— **GG**

**P: Cara GG,**

Meu namorado vai para a faculdade em breve e eu estou arrasada. Estou apenas no segundo ano, então tenho ainda mais um ano por aqui, esperando para me formar, e estou preocupada com a tentação de todas aquelas universitárias. Será que os relacionamentos de longa distância realmente funcionam?

— **Deixada Pra Trás**

**R: Cara DPT,**

De acordo com a minha experiência, os relacionamentos de longa distância são bastante arriscados — mesmo que você só more do outro lado do parque. Se isso te deixa deprimida, aqui vai minha receita: vá à cozinha e encontre algum chocolate em pó Godiva (você pode ter que procurar no fundo onde ficam as coisas boas — a cozinheira sempre tenta escondê-las), e se encha de chocolate gelado. Beba enquanto estiver sentada navegando em seu iBook. Olha só — você consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo! Já

não se sente melhor? Agora vá até eLUXURY.com e compre coisas incríveis para você. Quando terminar, navegue pelo perfil de todos os meninos lindos do Facebook e do MySpace e mande alguns e-mails de paquera inteligentes aos que mais interessar. Quando chegar o fim de semana, você terá marcado um monte de encontros com diversos gatos à sua disposição — e ainda uma roupa supersensual para usar! Pode acreditar em mim, no domingo você mal vai se lembrar do nome do tal universitário.

— GG

**P: Prezada Mme. Gossip Girl,**

Meu querido filho recentemente teve um despertar sexual e está se entendendo com sua homossexualidade há muito latente. Depois de não ver meu querido menino por alguns anos, quero estar perto dele neste momento empolgante, mas não tenho certeza de como agir. Já dei alguns presentes a ele, relacionados com sua nova identidade, mas quero fazer *mais*. A Hallmark aparentemente não faz um cartão de "eu amo meu filho gay". Me ajude, por favor!

Atenciosamente,

**Mãe que Ama o Filho Gay**

**P: Prezada MAFG,**

Vou lhe dar o mesmo conselho que dou a pessoas que querem comemorar uma coisa nova e empolgante: dê uma festa! E convide *todo mundo*. Não há melhor maneira de dizer "eu te amo". Além disso, a festa dará a seu filho a oportunidade de se embonecar — er, se produzir. Festejar é

gay — quer dizer — lei!  
— GG

## flagras

**B** na loja **La Perla** da Quinta Avenida comprando um conjunto de sutiã e calcinha azul-celeste. Será que as chamadas do desejo entre **B** e **N** já estão se apagando? Esperamos que não — mas terei prazer em ajudá-lo se ele ficar entediado com a monogamia... **N** sentado na frente de sua casa com um olhar contemplativo — ou, como sempre, talvez ele só estivesse sob a influência de... **V** na **livraria da NYU** em Washington Place, perguntando se tinham alguma camiseta preta com o logo da universidade, em vez do roxo, que é a marca registrada da instituição. Isso não é bem o espírito universitário, **V**! ... **K** e **I** fazendo compras para incrementar o guarda-roupa de volta às aulas na **TSE**, comprando braçadas de suéteres de caxemira — mas elas não vão para uma universidade na Flórida? Bom, caxemira *fica mesmo* legal por cima de um biquíni... **C** na **Shake Shack**, no Madison Square Park, comendo um cheeseburger e alimentando aquele macaquinho branco mimado com batata frita e uma dose extra de ketchup. Fico me perguntando se eles seriam indiciados por violar o código de saúde. Se forem, saberemos porquê.

Está na hora de assistir a algumas reprises de *Laguna Beach* — ir do amor ao ódio com aqueles emergentes ridículos — antes da hora marcada de minha mani-pedicure no Elizabeth Arden Red Door Spa. Nada como dar um polimento e ficar macia feito seda para os dias quentes do

verão — para não falar dos garçons franceses diabolicamente bonitos do Pastis... Curvem-se, meninos!

**Vouz m'adorez, ne dites pas le contraire,  
gossip girl**

**PARA:** undisclosed-recipients

**DE:** jeanieeumgenio119@yahoo.com

**Assunto:** Dan é gay! Viva!

Caros recém-formados da Riverside Prep:  
Espero que não se importem com o meu abuso de fuxicar a lista de contatos do anuário, mas tenho certeza de que ficarão felizes quando souberem o motivo: escrevo para convidar a todos a uma ocasião importante, a festa de revelação de seu querido colega de turma e meu querido filho, Daniel Jonah Humphrey. Depois de quatro anos indo à escola com Dan, sei que todos esperaram ansiosos por este grande dia!

Vocês são meus convidados ao apartamento nº 9D, West End Avenue, nº 815, neste sábado (amanhã!) às duas da tarde. Haverá comida e bebida, e será sem dúvida uma ocasião feliz. Mas shhhhh: é uma *surpresa!* O que quer que façam, não contem ao Daniel!

Espero ver a todos vocês no sábado! Por favor, vistam suas roupas mais coloridas para a ocasião.

**Com amor e arco-íris,  
Jeanette (mãe de Daniel)**

**PARA:** [svanderwoodsen@constancebillard.edu](mailto:svanderwoodsen@constancebillard.edu)

**DE:** [kenthemogul@gmail.com](mailto:kenthemogul@gmail.com)

**Assunto:** Prepare-se para seu close...

... porque chegou a hora do show!

Devido ao fato de que até os críticos mais imbecis adoraram meu filme, a data de lançamento de *BAF* foi transferida para setembro. Meu amor, você está prestes a ser uma *estrela*, graças a mim.

Aquele anormal do Bailey Winter deve estar se mijando nas calças, tentando costurar uma seleção de vestidos para a *première* de Nova York para você no mês que vem, sua sortuda. Mas você terá de usar suas próprias roupas na coletiva de imprensa. Você e aquela biba do Thad devem dar a coletiva nesta terça-feira às cinco da tarde numa daquelas coberturas cafonas da SoHo House. Não se preocupe, vou manipular todas as perguntas — só quero vocês dois sentados ali, lindos de morrer. Acha que pode fazer isso?

**A gente se vê na terça.**

**KM**

*a sinceridade é valorizada demais*

— E então, *por que* você não pode vir? — Blair não conseguia reprimir a irritação em sua voz. Ela estava mesmo irritada. Na verdade, estava mais do que só irritada

— estava completamente puta da vida. Com Nate e com praticamente todo mundo—*em especial* com aquela *porcaria* de família idiota, traidora, disfuncional que ela tinha e que estava de mudança para Los Angeles.

Não, por favor, diga como realmente se sente.

Ela se esparramou na antiga cama do meio-irmão Aaron, roçando as pernas no edredom de cânhamo 100% natural, orgânico e verde-vômito que ele comprou em alguma loja hippie no inverno anterior. Embora Aaron tenha se mudado daquele quarto há séculos — ele saiu numa viagem de carro de verão fazendo Deus sabe o quê, deixando o quarto para Blair, uma vez que o dela fora transformado no quarto de Yale — ainda tinha o cheiro de suor de homem e de Mookie, o boxer nojento de Aaron. E depois, para piorar as coisas, a gata de Blair, Kitty Minky, decidira se mudar para lá e marcar território — borrifando tudo até que todo o quarto fedia a mijo de gato, cachorro molhado e aos cigarros naturais que Aaron sempre fumava. Blair adorava a irmãzinha mas, francamente, ela precisava mesmo ser desalojada de seu lindo quarto e vir para esse buraco?

— Tem, hummm, umas *paradas* que eu preciso fazer. Tipo assim, coisas que não podem mais esperar—murmurou Nate. Blair sempre sabia quando ele estava mentindo — ele ficava ainda mais incompreensível do que o normal. Ela pegou o tecido áspero do edredom com as unhas pintadas à francesa. Blair adorava surpresas, mas por algum motivo não achava que Nate estivesse escondendo algo divertido.

— Bom, então eu vou até aí. — Ela rolou de costas e segurou um fio do cabelo castanho brilhante diante do rosto, lembrando a si mesma, mentalmente, de marcar uma hora no Warren Tricomi — precisava desesperadamente de um corte. As pontas estavam claras e crestadas de todo o sol e água salgada do período em que esteve no mar.

Coitadinha.

— Não — respondeu Nate rapidamente —, quer dizer, er, não tem como você vir aqui.

*Excusez-moi?* Eles acabaram de passar um mês juntos num barco, totalmente apaixonados, e agora estavam em casa há 24 horas e ele não queria vê-la? Ela se sentou e passou o fone de uma orelha para outra impacientemente. Era provável que desenvolvesse um câncer no cérebro de tanto falar no celular. Aí então o Nate lamentaria.

Ele deve estar lamentando *agora*.

— Quer dizer — gaguejou ele —, meu quarto está sendo repintado e o cheiro forte da tinta é praticamente letal.

Blair semicerrou os olhos e ficou em silêncio. Esta foi a desculpa mais esfarrapada que já ouvira na vida.

— Eu nem sabia que isto estava programado, até que cheguei em casa ontem à noite — disse Nate debilmente.  
— É verdade.

— Então vamos ao Plaza — sugeriu Blair, fazendo o máximo para afugentar a sensação ranheta de que as coisas não estavam bem entre eles. Ela sabia que Nate estava mentindo, mas *porquê?*

— Blair, eu não posso. — Ele estava começando a ficar irritado com ela — Blair percebia isso na voz dele. — Eu já disse, tenho umas paradas para fazer agora. Quem sabe mais tarde?

— Tudo bem. Você é quem sabe. — Ela fechou o celular com uma batida dura e o atirou pelo quarto, pousando com um baque numa pilha de meias Wolford que "precisavam ser lavadas a mão". Por que Nate estava tão cheio de segredos de repente?

Blair ouviu um murmúrio baixo de vozes no corredor e a porta do quarto se abriu, revelando a mãe, vestida com uma blusa Oscar de la Renta de seda cinza, saia tubinho Cynthia Rowley preta e sandálias Manolo de camurça cinza. Uma mulher no início de seus 40 anos estava atrás de sua mãe, portando uma bolsa vermelha de crocodilo Hermès Birkin, e com corpo esquelético enfiado em um vestido Diane von Furstenberg vermelho e marrom de estampa tropical. O cabelo ruivo visivelmente artificial estava puxado para trás num coque baixo e elegante e os óculos de aro retangular preto Alain Mikli empoleiravam-se no nariz. Ela farejou o ar delicadamente.

— Blair, esta é Diana Riggs, da Sotheby's. Ela é a corretora de imóveis encarregada de vender nosso apartamento.

Os olhos da corretora varreram o quarto.

— Outro ótimo quarto, Eleanor. — Ela tentou franzir a testa cheia de Botox e contou nos dedos: — Um, dois... — murmurou ela, distraída —, quatro quartos no total? — Ela pegou o braço de Eleanor para dar ênfase ao que falava. — Conheço a família *perfeita* para este apartamento... Eles têm uns trigêmeos lindos!

Blair encarou a mãe enquanto ela piava apreciativamente para Diana. *Trigêmeos?* Ela estava sendo obrigada a sair da única casa que conhecera na vida para que um bando de gêmeos com cara de titica que saíram de um tubo de ensaio de tratamento de fertilidade pudesse babar e vomitar em todo o apartamento?

— Os Carlyle... Você os conhece? — perguntou Diana. — Edie Carlyle? Acho que ela também foi criada na cidade.

— Ah, meu Deus, é claro! — guinchou Eleanor. — Eu fui colega de Edie na Constance. Por onde ela *andou*? Não a vejo desde, bem... Deve fazer uns 17 anos!

Blair pulou da cama e passou com um esbarrão pela mãe e pela corretora à porta. Quem ligava se Nate estava ocupado? Foda-se. Ele não devia estar aqui com ela na hora em que mais precisava? Ela era namorada dele e ele ia dar atenção a ela — gostasse disso ou não.

Ela entrou furiosa no elevador, rumo à luminosa tarde de sábado, repassando a cena em sua cabeça repetidas vezes enquanto marchava decidida para a casa de Nate.

Trigêmeos. Morando na casa *dela* — uma família irritantemente perfeita tomando posse do seu espaço? Ela pisou duro com as novas sapatilhas de balé coral D&G enquanto os táxis disparavam pela rua. Ao se afastar do parque, lembrou-se de quando ela e Nate ficaram juntos pela primeira vez, quando se encontraram no Sheep Meadow depois da aula e namoraram por horas, deitados na grama. Talvez ela conseguisse arrancá-lo do que ele estivesse fazendo e eles pudessem ir para o Sheep Meadow repetir a dose.

E então, justo quando Blair atravessava a rua para a casa de Nate, uma loura de aparência *muito* familiar virou a esquina, vestindo jeans True Religion rasgados e um top Tory Burch preto. Com os imensos óculos escuros Chanel cobrindo metade do rosto, Serena dava a impressão de que estava vestida para uma missão secreta. E enquanto ela empurrava a pesada porta da casa de Nate, Blair podia jurar que Serena estava com ar de quem tem culpa no cartório.

Blair parou no meio da rua, sem dar a mínima para o fato de que um táxi poderia atropelá-la. Parecia ter levado um soco no peito. Todo o ar escapou dos pulmões. O que Serena estava fazendo na casa de *Nate*? E por que Nate havia mentido para ela? Por que ele preferia ver a falsa da Serena em vez da própria namorada?

Boa pergunta.

A náusea a dominou. Na realidade, ela teve a impressão que ia vomitar ali mesmo, no meio da rua. Ela voltou alguns passos até que encontrou um hidrante no qual se apoiou. Mataria os dois; e se eles ficassem juntos no além, isso mataria a *ela*.

Um ônibus passou, arrotando nuvens de fumaça preta e fedorenta em sua cara. Blair começou a tossir violentamente e, através das lágrimas ainda quentes nos olhos, viu o lindo rosto de Serena diante dela, imenso, a encarando da lateral do ônibus, as palavras BREAKFAST AT FRED'S em rosa rolando acima da cabeça loura e radiante e embaixo, em letras rosa-choque, O VERDADEIRO AMOR NÃO MENTE JAMAIS.

Ao que parecia, isso depende de sua definição do que é o verdadeiro amor.

*sorria! as coisas só podem piorar*

— Surpresa!

Dan entrou no apartamento dos Humphrey depois de um longo dia empilhando livros mofados na Strand e pestanejou de choque quando as luzes se acenderam. Balões de todas as cores pendiam do teto e fitas de papel crepom nas cores do arco-íris se retorciam de uma ponta à outra da sala. Bandeiras do arco-íris foram penduradas na soleira da porta, ondulando a cada brisa vespertina que entrava pelas janelas abertas. Que diabos estava

acontecendo? Ele sorriu ao olhar a sala, cheia de inúmeros rostos conhecidos — seus pais, Vanessa, os poetas Beat amigos do pai, e até a velha doida do apartamento 5F que gostava de levar o gato sarnento para passear pelos corredores em ruínas do prédio. E peraí, aqueles idiotas no canto não eram de sua turma de cálculo da Riverside?

— Está surpreso!? — cantarolou a mãe, puxando Dan para a sala. Ela vestia uma blusa rosa que dizia PAGEL por cima de uma saia de batique até os pés. As unhas num tom de azul vibrante se projetavam das tiras das sandálias surradas.

— O que é PAGEL? — perguntou Dan, olhando para a blusa. — E para que é tudo... isso? — Havia tantos arco-íris no lugar que ele estava ficando nervoso.

— PAGEL, meu querido, é "Pais e Amigos de Gays e Lésbicas"... — começou Jeanette.

— E isto é uma festa... para comemorar sua revelação. — Vanessa apareceu ao lado de Jeanette, segurando alguns cachorros-quentes decorados festivamente com mostarda em uma das mãos e uma pequena câmera de vídeo digital na outra. Vestia uma camiseta preta com as palavras ele é meu namorado GAY impressas em rosa-choque. — Feliz Dia Gay! — gritou ela de trás da câmera.

Por um segundo, Dan não pôde deixar de se sentir tocado com o apoio que ela lhe dava. Talvez eles pudessem ser como Harper Lee e Truman Capote — ele seria o astro gay

da cena literária de Nova York, enquanto ela podia ser sua força de equilíbrio e musa literária, escondida atrás da imagem de menina linda e careca. E então ele se lembrou de onde estava — aparentemente, em sua própria festa *surpresa* de revelação. Ele tentou se concentrar.

— Pensei em gravar em vídeo de sua jornada ao mundo gay — disse-lhe Vanessa com um sorriso malicioso. — Sua mãe achou uma idéia *excelente*.

— Venha comigo, Daniel. — Jeanette o puxou para a cozinha. Ela lhe passou um copo com um líquido rosa brilhante. — Sei que perdi muita coisa por alguns anos. Queria fazer algo especial por você agora.

Alguns? Que tal *dez*...

Dan parou de andar e fitou o rosto não-inteiramente-familiar da mãe. A verdade era que há tempos ele havia se acostumado à distância dela, mas sempre se sentiu especialmente mal por Jenny, crescendo sem uma mãe e essas coisas.

— Mas os adolescentes odeiam os pais de qualquer forma, então eu sei que isso não foi um grande problema para você. — Jeanette fungou dramaticamente. — E neste verão eu pude realmente reatar meus laços com Jennifer enquanto ela estava em Praga — continuou ela, a voz trinando, como se ela estivesse prestes a chorar. — E então quando apareceu esta oportunidade de lhe dar apoio... Bem, simplesmente parecia a hora certa de fazer uma visita.

Dan assentiu, sem ter certeza do que dizer. Ele ficava feliz que as coisas estivessem bem entre Jenny e a mãe, mas será que isso realmente significava que ela precisava vir a Nova York estragar a vida dele?

— Bom, hummmm, obrigado — gaguejou ele por fim.

— Mas veja só! — Jeanette piscou rapidamente e pegou a mão do filho. — Seu querido namorado estava agora mesmo me ensinando a fazer cosmopolitans!

Dan franziu o cenho. Namorado? Ele olhou o ambiente e ficou chocado ao ver Greg junto à bancada da cozinha, de calça cargo marrom American Apparel enrolada até os joelhos, suspensórios de arco-íris e uma camiseta branca, agitando vigorosamente uma coqueteleira cromada e com os óculos escorregando pela ponte do nariz. Dan levantou a mão num aceno inseguro, tentando parecer animado, e andou até lá em seus calcanhares.

— Ei! — Greg abriu um sorriso largo quando Dan se aproximou, baixando a coqueteleira. Abriu os braços para receber Dan, com o cabelo louro e desgrenhado caindo nos olhos. — Desculpe por não ter te contado que eu estava voltando... Eu queria que fosse uma surpresa, e não perderia isso por nada nesse mundo — cochichou ele, com o hálito fazendo cócegas no pescoço de Dan. — Meus pais não foram nem a *metade* tão legais quando eu me assumi no ano passado. — Ele deu um apertão a mais em Dan antes de soltá-lo.

— Obrigado — disse Dan, afastando-se dos braços de Greg. — Foi, er, gentil de sua parte voltar para isso. Como a minha mãe, er, encontrou você? — Ele tomou um gole nervoso da bebida doce. Em geral gostava de drinques amargos — café verdadeiramente preto e vodca direto da garrafa. Este ponche era meio... frutado demais.

É melhor aprender a gostar!

— Ah, eu só dei uma olhada nos seus e-mails — falou Jeanette se intrometendo. — Seu Gmail estava aberto quando usei seu computador. E que poeta de mão cheia! — Ela o afagou com afeto na cabeça e Dan percebeu que Vanessa havia seguido até cozinha e agora dava um *zoom* em seu rosto vermelho.

— Estive mostrando ao Greg aqui umas fotos *lindas* de você, Daniel! — Jeanette cruzou o braço com o de Greg e, com a outra mão, pegou um envelope pardo na bancada da cozinha. Dan ficou olhando apavorado enquanto a mãe soltava Greg e espalhava um monte de fotos velhas e vincadas de quando ele era criança. — Eu estava dizendo a Greg como você era engraçado quando garotinho... Adorava brincar de se produzir e sempre assaltava meu armário. Vestidos, jóias, quanto mais brilhantes, melhor! — Dan encarou uma foto dele aos cinco anos sem entender nada, com um vestido de festa roxo de babados, e os quadris empinados de um modo desafiador.

— E veja você! — continuou Jeanette, batendo a unha

pintada de arco-íris na foto. — Ele sempre roubava meu batom também! — Greg e Jeanette riram juntos, tocando-se de leve nos braços.

— Eu fazia exatamente a mesma coisa quando era criança!  
— Greg ria. — E ainda assim meus pais ficaram um pouco surpresos quando eu me assumi... dá para *entender*?

— Ah, nós sempre desconfiamos que as coisas poderiam tomar esse rumo. — Jeanette sorriu com admiração, estendendo a mão para afagar o cabelo castanho e desganhado de Dan.

Dan viu que Vanessa ainda estava filmando, mas ela parecia ter voltado à sala de estar, provavelmente para fazer algumas entrevistas sobre quem sabia que ele era gay e quando. Ele suspirou. Dan sabia que as intenções da mãe eram boas, mas não conseguia deixar de se sentir vulnerável ao se ver como um menino-mocinha, com as implicações de que sua gayzisse era praticamente predeterminada. Será que todo mundo sabia o tempo todo? Olhando as fotos dele de vestido e sandálias de salto, abraçando bichos de pelúcia, com o batom da mãe se destacando na boca, a prova parecia irrefutável.

De repente apareceu Chuck Bass, vindo do banheiro. O que *ele* estava fazendo aqui? Chuck estava com uma camiseta branca que mostrava seu corpo ridiculamente bronzeado e sarado de verão e uma bermuda havaiana florida azul-claro e rosa. Um colar de flores em arco-íris pendia do pescoço, com as pétalas em cores vivas contrastando com a pele

morena. Sua macaquinha branca que estava sempre presente, Sweetie, empoleirava-se sobre seu ombro, puxando fios do cabelo exageradamente produzido de Chuck. Sweetie estava com uma camiseta preta minúscula com as palavras SILÊNCIO = MORTE em caracteres brancos. A macaca guinchou alto, agitando os braços brancos e peludos.

— Meus parabéns! — Chuck ergueu o cosmopolitan que estava segurando. — Já não era sem *tempo*! — O grupo murmurou em concordância, erguendo os copos e batendo no drinque intocado de Dan. Que ótimo — até um idiota completo como Chuck Bass sabia que Dan era gay antes mesmo do próprio Dan. Será que estava, tipo assim, estampado na porra da testa dele? Como se já não fosse estranho que estivesse aqui, Chuck de repente o puxou pelo cotovelo para o canto, para que os dois não fossem ouvidos pelo resto do grupo.

— Chuck, o que você está fazendo *aqui*? — Dan deixou escapulir antes que Chuck dissesse alguma coisa.

Chuck agitou a mão, como se desprezasse a pergunta boba.

— Recebi um e-mail da sua mãe... Todo mundo recebeu. O assunto era: "Dan é gay! Viva!" Aliás, aquele é o seu namorado? — perguntou Chuck, apontando para Greg, do outro lado da sala. Greg estava agora ao lado de Vanessa, que ria alto, atirando a cabeça para trás.

*Dan é gay! Viva?* Dan resistiu ao impulso de subir pela

saída de incêndio e se atirar na rua. Ele abriu um sorriso amarelo para Chuck.

— Hummm, Greg e eu... somos...

— Sabe de uma coisa, Dan — interrompeu Chuck, com a mão pousada em seu ombro — eu nunca tive nada contra você. — Ele fitou sugestivamente os olhos de Dan. — Acho que nós dois sentimos uma... *tensão* não resolvida, está me entendendo? — Chuck sorriu e casualmente deixou que os dedos vagassem do ombro de Dan para seu braço nu. Neste exato momento a macaca estendeu o braço e enfiou a mãozinha marrom no drinque de Chuck, espalhando o líquido rosa para todo lado com um guincho agudo.

— Sweetie, que coisa feia! — exclamou Chuck, limpando com os dedos a camiseta suja pelo cosmo que estava bebendo. — Pode me dar licença por um minuto? — Chuck abriu um sorriso de desculpas. — Tenho que dar uma surra na minha macaca. — Ele riu da própria piada perversa e seguiu em sua direção à pia da cozinha, tagarelando com Sweetie em voz baixa. Talvez Dan estivesse perdendo completamente o juízo, mas parecia que Sweetie realmente respondia a Chuck numa espécie maluca de fala de macaco.

Dan sacudiu a cabeça e passou pela cozinha lotada, indo até a sala de estar. O pai estava de pé no meio da sala, entretendo uma platéia extasiada de homens de meia-idade com barbas desgrenhadas e bastas. Rufus estava com um conjunto de paletó e calça rosa-claro estilo anos 70 com um

bottom com a sigla PAGEL alfinetado em uma lapela tremendamente grande.

— Dan! — berrou Rufus. — Aí está você! — Ele pôs o braço nos ombros do filho e se virou para o grupo de homens barbados iguaizinhos a ele. — Dan, estes são os membros de minha sociedade gastronômica... Eles trouxeram um patê de javali selvagem. — O grupo de homens levantou o copo em suas mãos numa saudação e Rufus apontou para um prato de um patê marrom, granuloso e altamente suspeito sobre a mesa de centro de madeira surrada — Experimente... É fantástico.

Silêncio = morte.

— E Dan. — Rufus inclinou-se para falar com mais privacidade. — Eu estava pensando em toda essa transição por que você está passando. — Ele parou e coçou a barba desgrenhada. — Bem, talvez não seja exatamente uma *transição*, mas sim uma percepção — refletiu Rufus, colocando um punhado mole de patê na boca. — Mas eu acho — continuou ele, cuspidando o patê de javali em nacos enquanto falava — que, a longo prazo, isso poderá ser algo positivo para sua carreira de escritor, como foi com Oscar Wilde ou W. H. Auden. — Rufus tomou um gole majestoso do drinque que tinha na mão, engolindo com ele todo o patê que enchia a boca. — Pense só em tudo o que você vai dizer agora! — exclamou ele. — Imagino que sua situação marginalizada será muito produtiva para sua escrita.

*Situação marginalizada?* Dan não se sentia muito

marginalizado — estava mais para completamente abatido. E curioso. O que mais tinha no e-mail da mãe? E para quem ela o mandou? Pelo canto do olho, ele percebeu que Greg tinha se sentado no sofá ao lado de Chuck e da macaca idiota suja de cosmopolitan cor-de-rosa. Eles pareciam estar rindo na beira de suas taças de martíni. Neste momento Greg olhou para cima, fez contato visual com Dan e acenou, sorrindo de felicidade. "Vem cá!", murmurou ele, gesticulando.

— Volto logo — disse Dan ao pai, que mastigava outra fatia imensa de pão sírio com o tal patê apavorante.

Greg deixou Chuck no sofá e recebeu Dan a meio caminho na sala. Parte do papel crepom de arco-íris tinha caído e roçou nos ombros de Dan enquanto ele andava.

— Olha. — Greg passou a mão no cabelo louro desgrenhado. — Agora não, mas em breve, eu gostaria muito de conversar com você sobre umas coisas. — Ele olhou sugestivamente nos olhos de Dan, que bebeu um gole do drinque — o sabor doce de ponche de frutas que se danasse — e engoliu com dificuldade. Com a morte da avó de Greg, Dan sabia que tinha de lhe dar apoio — ficar ao lado dele naquela hora de necessidade e essas coisas. Mas e se Greg quisesse que as coisas entre eles ficassem mais... *oficiais* — como todo mundo fazia?

A cabeça de Dan ainda girava com a descoberta de que ele era gay — algo que ele provavelmente *sempre* fora. Mas se ia ser gay, não devia pelo menos encontrar um namorado

que o fizesse sentir alguma coisa além de estranheza e nervosismo? Seus olhos varreram a sala, caindo finalmente em Vanessa, que conversava com a mãe dele e assentia como se realmente entendesse o que Jeanette estava falando. Ela olhou para ele e piscou, e Dan de imediato se sentiu um pouco melhor.

— Claro — respondeu ele, fraquinho. — Seria bom.

Uma expressão de alívio passou pelo rosto de Greg.

— Obrigado. Você é o máximo. — Ele apertou a mão de Dan antes de voltar a se sentar ao lado de Chuck, que alimentava a macaca com patê de javali selvagem, com os dedos cobertos da gororoba marrom e mole. Dan observou horrorizado enquanto a macaca guinchava, atirando a cabeça peluda para trás, espalhando patê por toda a parede branca recém-lavada.

Assim não adianta nada se empenhar em uma redecoreação.

*vale a pena trair por aquilo que vale a pena ter*

— Ai, meu Deus, você *tem* que queimar essa! — Serena estendeu uma foto dela na primeira série com uma fantasia de crocodilo de pelúcia e cravou os pés nos lençóis Pratesi verde-mata, macios como manteiga, que cobriam a cama de Nate. A cama dele estava sempre desarrumada, apesar de sua família ter uma empregada que escavava tudo pelo quarto dele todos os dias, limpando o que quer que

estivesse a vista. Serena e Nate estavam deitados de bruços, lado a lado, com um álbum de capa de couro surrada entre os dois.

— Eu nem me lembrava de *usar* isso — refletiu ela, atirando a foto envelhecida no chão já bagunçado. Embora ele só estivesse em casa há um dia, o quarto já estava um completo desastre. Pilhas de roupas espalhadas por toda parte e a imensa mesa de madeira completamente coberta de cadernos, revistas e jogos de PlayStation. Um bastão de lacrosse Brine quebrado estava encostado deprimentemente num canto.

— *Eu* me lembro. — Nate riu, pegando a foto. — Era Halloween. A gente tinha ido ao Zoológico do Bronx numa excursão qualquer e você ficou vidrada nos crocodilos. — Ele sorriu preguiçosamente para ela. — Você corria pra todo lado dizendo a todo mundo que ia viver com crocodilos.

Os pés descalços de Serena estavam bem ao lado dos de Nate e ela os moveu uma fração de centímetro mais para perto, sentido o calor do corpo dele enquanto ele virava as páginas do álbum. Ela mordeu o lábio. Precisava se concentrar na missão que tinham pela frente — escolher as fotos para o *slide show* da festa de formatura de Blair. A namorada de Nate. O amor da vida dele. Ela mais uma vez olhou o álbum de couro caramelo e respirou fundo, soltando o ar lentamente. Lá estava o rosto bronzeado e feliz de Blair, com os braços entrelaçados no pescoço de Nate enquanto puxava o rosto dele mais para perto do dela,

sorrindo para a câmera. Eles devem ter se beijado minutos depois de tirarem essa foto. Porque eles *se amavam*. O coração de Serena ficou apertado ao pensar nisso.

— Isso é tão esquisito — disse Nate, virando a página.

— O quê? — perguntou Serena, temendo que Nate de repente tivesse desenvolvido o dom de ler pensamentos. Ela torceu uma mecha de cabelo no dedo, esperando que ele terminasse o raciocínio.

— Ah, não, *de jeito nenhum!* — exclamou ela, apontando para o álbum enquanto ele virava para a página seguinte. Lá estava Nate, alegremente desmaiado entre as sorridentes Serena e Blair, com as palavras COMPLETAMENTE NU rabiscadas em hidrocor vermelho em seu peito desnudo e sem pêlos. — Eu nem sabia que tínhamos essa! Vou deixar você ficar com a minha do crocodilo se me prometer que *nunca* vai queimar essa aqui... — Ela olhou para ele e lhe abriu um sorriso malicioso.

— Fechado. — Nate estendeu a mão e ela a apertou, soltando-a devagar.

Olhando a foto de Nate da oitava série, tão tranquilo e adormecido, Serena teve que se lembrar de como sua pele sempre fora quente e que, na noite em que eles perderam a virgindade juntos, ela nem ao menos precisou de cobertor — dormir com Nate era como dormir com uma fogueira acesa ao seu lado.

E era igualmente perigoso também...

— Do que você estava falando antes... O que é esquisito?

— Serena olhou de novo para as pontas do cabelo, com medo da resposta dele.

— Sei lá. — Nate folheou o álbum e apontou para uma foto de Blair na escadaria do Met, com Serena, de braços dados, mostrando a língua para a câmera. — As coisas pareciam muito mais fáceis nessa época. Sem faculdade. Sem preocupações. Sem responsabilidades.

— Tipo pegar o *Charlotte* por um mês sem pedir? — disse ela, sorrindo. — Deve ter sido incrível. — Ela pigarreou e rolou de costas, com as mãos na barriga. Seu estômago afundou e rolou de expectativa e nervosismo. Ela não estava certa se realmente queria saber a resposta à pergunta, mas ao mesmo tempo não conseguiu deixar de perguntar.

— E foi mesmo. — Nate fechou o álbum e olhou para ela. — Ficar lá sem adultos por perto, sem nenhuma preocupação, só eu e a Blair... Acho que foi o melhor mês da minha vida — disse ele, embora na verdade estivesse pensando em como os lábios de Serena eram beijáveis — ficavam sempre um pouco separados, com um vestígio de sorriso entre eles.

O coração de Serena martelou no peito. Ela queria tanto que estivesse lá com ele, totalmente a sós, sem nada, só o infindável mar azul e os dois *seminus*. Ela se perguntou

pela milionésima vez se ele tinha encontrado a carta e se a tinha lido. De certo modo, ela duvidava disso. Se tivesse encontrado a carta, ele teria dito alguma coisa, não é? Mas não fazia sentido algum perguntar. Ele amava Blair. Não havia dúvida disso. Ela ficou tonta ao pensar no assunto. Como iria para Yale com os dois dali a uma semana, vendo Nate e Blair se olharem nos olhos por quatro longos anos? Ela não achava que seria capaz de suportar.

O telefone de Nate tocou, interrompendo o silêncio tranqüilo. Ele o pegou no chão e, enquanto estendia a mão, sua camiseta rolou um pouco para cima, expondo a pele bronzeada e macia das costas. Serena engoliu em seco e tentou desviar o olhar. Nate apertou o botão do viva-voz e uma voz grave e decididamente mal-humorada se soltou no ar.

— Nate? É você?

Nate olhou Serena, confuso, franzindo a testa.

— Er, sim — disse ele com cautela. — Aqui é o Nate.

— Bem, eu sou o Chips — rosnou a voz de forma ameaçadora. — Encontre-me no Iate Clube de Nova York daqui a meia hora. — Houve um clique, depois ficou mudo.

— Porra — murmurou Nate. Depois de um momento ele pulou da cama e calçou um par surrado de Vans Marc Jacobs pretos e brancos.

— Desculpe — disse ele, colocando o celular no bolso. — Tenho que sair.

— Parece que você tem um encontro e tanto. — Ela piscou e esperou pela réplica tímida de Nate, mas ele só abriu um sorriso indiferente para ela. Serena olhou em seus olhos, tentando entender o que estava acontecendo. Nate se virou e começou a vasculhar uma das gavetas da mesa, tirando alguns papéis enrolados, um bastão de desodorante e uns adesivos de unicórnio que Blair deve ter dado a ele, tipo assim, na sétima série. — Mas antes que você vá, só quero te dizer que vão antecipar o lançamento de *Breakfast at Fred's*...

— Sério? — Ele se virou para olhar para ela de novo, pegando o iPod na gaveta e atirando-o na mochila Jack Spade de lona azul-marinho, junto com as chaves. — Acho que logo logo você será uma verdadeira estrela de cinema. — Ele sorriu, fechando a mochila. — Será que ainda terá tempo para gatinha como nós?

— Eu sempre vou ter tempo para você, Natie. — Sua voz era baixa, mas séria. Enquanto Serena sustentava os olhos verdes de Nate, ele se inclinou e lhe deu um beijo delicado na testa, demorando um pouco para tirar os lábios da pele de Serena. Ele afagou sua cabeça brevemente com uma das mãos e saiu rápido pela porta. Antes que a porta se fechasse, ele olhou para ela de novo — como se uma pergunta estivesse nadando em seus olhos verdes. E então ele se foi.

Serena ficou sentada ali, tonta, levando uma das mãos ao rosto onde os lábios dele estiveram. Sua testa parecia estranha e eletrificada — como se a pele tivesse acabado de ser marcada pela suave pressão da boca de Nate. Ela ainda podia sentir o calor de seda dos lábios dele e só o que queria era segui-lo e lhe dar outro beijo.

Mas desta vez, não na testa.

*b persegue a ex-melhor-ainda-amiga*

— Cachorro-quente! Compre um cachorro-quente aqui!

Blair estava encostada em um hidrante bem na frente da casa dos Archibald, do outro lado da rua 82. Um carrinho de cachorro-quente Sabrett estava estacionado na calçada a poucos metros dela e o cheiro salgado de cachorro-quente, chucrute e os pretzels quentes e dourados a estava deixando um pouco atordoada e com muita fome. Seu estômago roncou e ela revirou os olhos, irritada. Embora estivesse totalmente faminta, não ia a lugar nenhum nem comeria nada — em especial um cachorro-quente gorduroso e cheio de bactérias — antes que Serena saísse e lhe explicasse o que estava fazendo ali e por que estava na casa de Nate. Com ou sem estômago roncando, naquele momento o único tipo de cachorro que interessava a Blair era seu namorado traidor e mentiroso.

Au!

Ela cruzou os braços, com a bolsa Kate Spade de lona

verde pousando em seu colo. Empurrou os óculos Prada de lentes azuis estilo aviador para a testa e viu a pesada porta de madeira da casa se abrir. Nate passou cambaleando por ela, colocando os fones de ouvido brancos do iPod e praticamente saindo correndo pela rua. Onde é que ele ia com tanta pressa? Talvez o "cheiro forte da tinta" tenha subido para a cabeça dele. Minutos depois, Serena apareceu, olhou para a direita, depois para a esquerda, com a bolsa de couro preta balançando do ombro e o cabelo louro cintilando à luz do sol. Arrá!

Blair ficou olhando enquanto Serena praticamente andava *na ponta dos pés* pela rua em direção ao parque. Ao chegar à esquina, ela parou de repente, pegando o celular na bolsa. Para quem estava ligando agora? Será que ela precisava ligar para Nate segundos depois de sair para já planejar o próximo *rendez-vous*? Blair se inclinou para a frente, tentando notar a expressão de Serena enquanto ela levava o fone ao ouvido.

*Biiiiiiiiip.*

Blair pulou quando o celular começou a vibrar e tocar no fundo de sua bolsa. Ela o pegou e olhou o número no visor. Bom, é claro.

— *Alô?* — atendeu ela, estridente, incapaz de conter o gelo na voz.

— Oi. — A voz de Serena era animada e despreocupada.  
— O que está fazendo?

— Nada. Pensando em matar a minha família. — *E você?*, acrescentou Blair em silêncio.

Serena riu.

— O que eles aprontaram desta vez?

— Eu te conto depois. — Blair suspirou. Ela viu que Serena tinha parado de andar ao chegar em um sinal de trânsito, chutando a base de metal com um dos pés.

*Tá legaaaaaal...*

— E aí, onde é que você está agora? — perguntou Serena, com um tom interrogativo na voz. Blair a viu se encostar no poste, cruzando as pernas na altura dos tornozelos.

— Sabe como é, só andando por aí. — Blair manteve a voz neutra.

Uma ambulância disparou pela rua, a sirene berrando, e o som ecoou nos dois telefones.

— Que coisa esquisita... Parece que você está do meu lado.  
— Estaria Serena confusa... e talvez um pouquinho nervosa?

— Engraçado você dizer isso. — A voz de Blair estava gélida como uma nevasca de inverno. — Porque estou *olhando* para você.

Ela observou Serena girar, procurando freneticamente por ela na multidão.

— Oh! — exclamou ela, localizando Blair. — Já chego aí.

Este sim será um encontro divertido!

Dez minutos depois, elas estavam sentadas lado a lado na escadaria de pedra do Met, fumando cigarros, com os lattes de baunilha gelados transpirando em suas mãos. O sol batia em suas cabeças e em seus ombros como uma reprimenda e faixas em cores vivas pendiam na entrada do museu, anunciando as últimas exposições de Picasso e Van Gogh.

— E aí — a voz de Blair era fria e calculada —, o que você estava fazendo na casa de Nate? — Ela olhou o top preto de algodão Tory Burch com decote baixo de Serena. — Porque sem dúvida não parece que você esteve *pintando* nada.

— Pintando? Do que você está falando? — Serena sabia que devia ser estranho para Blair tê-la flagrado com Nate na sua ausência, mas o gelo na voz de Blair era totalmente inadequado, especialmente *aqui*. As duas já haviam se encontrado nesta escadaria por inúmeras outras vezes. Elas beberam centenas de cafés e fumaram milhares de cigarros aqui. Em geral fofocavam como loucas até que o céu escurecia e dava a hora de ir para casa, dando-se os braços e andando pela Quinta Avenida. Mas agora ter Blair sentada ao lado dela não era tranquilizador nem familiar —

era *tenso*. Serena se remexeu na pedra dura, tentando ficar mais confortável, mas não teve sucesso.

— Mais cedo, Nate me disse que não podia sair porque estavam pintando o quarto dele e não dava para suportar o cheiro forte da tinta. Mas pelo visto *você* pôde lidar muito bem com isso — acusou Blair, olhando para a frente.

— Olha, acho que você entendeu tudo errado. Por favor, não dê nenhum ataque antes de eu te contar o que realmente está acontecendo. — Serena olhou de lado para Blair, cujos olhos estavam escondidos por trás de enormes óculos estilo aviador. Ela *parecia* irritada, mas Serena não tinha certeza, uma vez que a irritação era meio que o estado natural de Blair. Ela não queria estragar a surpresa do *slide show*, mas sabia que Blair jamais voltaria a confiar nela se não explicasse o que ela e Nate estavam fazendo.

Hummm, ela não devia ter pensado nisso *antes* de escrever uma carta de amor de três páginas ao namorado da melhor amiga?

— Mas então, sabe a festa no Met? — Serena tomou um gole do latte gelado e olhou a rua abaixo. Uma mãe que parecia cansada tentava prender o bebê agitado num carrinho enquanto o marido só olhava, sem ajudar em nada. — Bom, sua mãe pediu que eu e Nate olhássemos todas aquelas fotos para fazer um *slide show* para a festa: uma espécie de "Esta é a sua vida, Blair Waldorf". É por isso que ficamos lá hoje. — Serena vasculhou o fundo da bolsa. — Ela me pediu para guardar segredo, mas é claro que *você*

é uma detetive boa demais para nós — brincou ela, na esperança de que o clima ficasse mais leve.

— É sério? — Blair perguntou, se animando. Ela nem tinha pensado na possibilidade de Serena e Nate estarem juntos para fazer uma coisa legal para ela. E ela adorava surpresas, desde que soubesse delas antes.

Isso faz sentido.

— Arrã — respondeu Serena, toda animada. — Olha só *isso*. — Ela pegou umas fotos antigas na bolsa e as passou para Blair.

Blair olhou a foto de Nate dormindo, com as palavras COMPLETAMENTE NU rabiscadas em seu peito desajeitado de adolescente. Ela escrevera o "COMPLETAMENTE", e Serena, com sua letra ondulada, tinha escrito o "NU" — elas nem tinham combinado nada, só tiveram exatamente a mesma idéia no mesmo instante. Blair riu, passando os dedos na superfície lisa da foto. — Nem acredito que vocês acharam isso! A gente tinha o que, uns 13 anos? Éramos tão imaturos!

Elas pareciam tão inocentes, deitadas ali com Nate entre as duas. Blair sorriu, sentindo-se nostálgica de repente. Os Três Mosqueteiros — era assim que os pais os chamavam desde a primeira série, um grupo de adultos sacudindo a cabeça e sorrindo enquanto Serena e Blair perseguiam Nate através de suas várias salas, sentando-se em cima dele até que ele gritasse.

Parece um sonho que se tornou realidade.

— Ai, meu Deus! — Blair virou-se para Serena e empurrou os óculos de sol para o alto da cabeça. O portfólio de arte de uma mulher quase bateu em Blair enquanto a mulher subia correndo a escada de pedra. — Lembra na sétima série, quando nós todos bebemos uma garrafa de champanhe e Nate teve que sair para jantar com o pai dele depois, totalmente de porre?

Serena riu ao recolocar as fotos na bolsa.

— Como eu poderia esquecer? E lembra que voltamos para a sua casa e tentamos fazer brownies? Só que nós duas estávamos tão descoordenadas que derrubamos a massa no chão, e depois Kitty Minky a comeu e acabou vomitando no closet da sua mãe... nas botas Fendi novas? Eu nunca tinha visto sua mãe tão puta.

Blair riu, aproximando-se um pouco de Serena na escada. Aos poucos, sua raiva ia se dissolvendo. Se Serena ao menos confessasse aquela merda de carta de amor, Blair podia perdoá-la e elas seguiriam em frente. Com a família se voltando contra ela, Blair realmente precisava da melhor amiga.

— Me arranja um cigarro? — Blair olhou para a bolsa de couro preta Gucci de Serena. Serena assentiu e pegou o maço de Gauloises, entregando um cigarro a ela. Embora tivesse os próprios Merit Ultra Lights, Blair achou que,

com Yale chegando tão perto, era melhor passar a fumar uma marca de cigarros mais séria.

Será que ela não quis dizer mais pretensiosa?

Uma horda de crianças de short e camiseta subiu a escada, segurando uma longa corda vermelha. Blair observava enquanto as crianças lutavam para chegar ao topo da escadaria gritando e rindo, andando todas juntas. Ela se lembrou da primeira série quando, por uma razão ridícula qualquer, todo mundo da turma decidiu que ela estava com piolho. Serena foi a única que continuou a falar com ela. E depois, é claro, assim que ela aceitou Blair, todo mundo rapidamente a seguiu. Serena nunca teve problemas em encontrar pessoas que a venerassem e copiassem cada movimento dela, mesmo quando elas mal conseguiam formar uma frase completa.

Serena soltou uma nuvem de fumaça de aroma adocicado.

— Às vezes eu nem acredito que já fomos tão novas.

Até parece que agora elas eram velhas.

— Eu *sei*.— Blair empurrou o cabelo escuro e sedoso dos ombros. — Nem acredito que vamos para a faculdade daqui a uma semana. — Ela olhou o grupo de crianças de novo. Duas meninas brigavam por um lugar na corda vermelha. — Estou louca para ir para Yale e começar tudo de novo. Você consegue imaginar isso? — Ela fechou os olhos, sorrindo feliz enquanto conjurava o gramado verde recém-

aparado, cheio de folhas de outono, e as paredes de tijolinhos cobertas de hera. Ah, Yale. Ela e Nate iam se mudar para uma casa colonial aconchegante e viver felizes para sempre. Eles até podiam receber Serena para jantar de vez em quando. Ela ia encher os dois com histórias de sua vida de solteira, festas loucas dos estudantes e ficadas bobas seguidas de muita vergonha, e Blair e Nate iriam rir e sorrir um para o outro na mesa, felizes e presunçosos por terem achado *alguém* e não precisarem mais tomar porres e ficar por aí esculhambados.

Serena também fechou os olhos e se esforçou ao máximo para se imaginar em Yale, no outono, ao lado de Blair e Nate. Mas por trás das pálpebras fechadas havia uma massa de escuridão vazia e indefinida. Ela franziu o cenho. Não podia ignorar o fato de que toda vez que tentava imaginar sua vida na universidade, só o que conseguia enxergar era um branco completo. Ela abriu os olhos e de imediato se sentiu reconfortada ao ver a Quinta Avenida, com o mar de táxis amarelos indo para o centro, os imponentes prédios de toldos verdes com os porteiros impecavelmente vestidos que usavam terno e luvas brancas, por mais quente que estivesse.

Blair deu um trago no Gauloise.

— Então, quando eu disse antes que queria matar minha família... Eu estava falando um pouco sério desta vez. Eles vão se mudar para Los Angeles porque Cyrus está construindo um campo de golfe, ou shopping ou qualquer coisa podre que as pessoas de lá gostam. É claro que eles

*tinham* que trocar Nova York pela porra de capital dos desastres naturais do mundo. — Ela revirou os olhos, com a amargura começando a voltar de mansinho.

— *Como é?* — Serena inclinou o corpo para Blair, até que os joelhos se tocaram. — Tá falando sério?

Blair esmagou o cigarro sob a sapatilha Repetto de estampa de leopardo.

— Ela me contou toda uma história sobre como a coitadinha da Yale precisava ser criada em um lugar que tivesse *quintal*.

— Nós não tivemos quintal e crescemos direito — respondeu Serena, enrugando a testa normalmente lisa ao pensar. *Será que estava tudo bem?* Outro grupo de crianças correu escada acima, gritando a plenos pulmões.

— Foi isso que *eu* disse. — Blair atirou as mãos para o alto, exasperada. — Quer dizer, tivemos toda a cidade para brincar. Como essas crianças. *Elas* não parecem infelizes. — Ela apontou para o grupo de crianças de cinco anos, que riam enquanto apostavam corrida pela escadaria gigante de pedra. Blair se endireitou com um pensamento repentino. — Mas pode ser que eu não precise matar minha família agora. Talvez um terremoto engula a todos eles. A não ser minha irmãzinha, é claro. Ela pode ficar. — Ela tentou rir, mas não conseguiu. Nada era engraçado naquele momento.

Se imaginar sua família morta não a fazia feliz, talvez ela

devesse experimentar algo menos violento, como a meditação.

— Caraca — observou Serena melancolicamente, enrolando uma longa mecha do cabelo dourado no dedo, sentindo-se triste e séria de repente. Ela olhou a Quinta Avenida de novo, exatamente quando um ônibus passava com um anúncio de *Breakfast at Fred's*. Ela desviou o olhar rapidamente, sem saber por que ficava tão nervosa e inquieta quando via a propaganda. — Nem imagino você em outro lugar. Quer dizer, nós moramos, tipo assim, a dez quadras de distância uma da outra a vida *toda*.

Blair *sempre* esteve aqui na cidade, bem ao lado dela. Mesmo quando elas não estavam saindo juntas — o que se traduz por grande parte do tempo — ela se sentia melhor sabendo que Blair estava a trezentos metros de distância, dormindo no quarto que Serena conhecia tão bem. Como seria o Dia de Ação de Graças e o Natal agora, com Blair na Califórnia? Ou os verões, aliás? Serena sempre pensou que elas ficariam juntas para sempre e agora não tinha certeza disso. Ela olhou para Blair, que estava imersa em pensamentos.

— Então, eu te contei que a data de lançamento do meu filme foi antecipada, né? Essa *première* está me estressando completamente — disse Serena, decidindo mudar de assunto pelo bem das duas. Ela empurrou a massa de cabelo sobre o ombro. — Vai ter uma coletiva de imprensa na Soho House na terça e estou bem nervosa.

Blair se virou para a amiga e tomou outro gole do café frio e doce. Serena certamente *não* contou a ela que a data de lançamento fora antecipada, mas isso explicava por que ela tinha visto o rosto de Serena e as palavras "O Verdadeiro Amor Não Mente Jamais" passando em três ônibus diferentes desde que elas se sentaram ali. Serena agora olhava à frente e Blair não conseguia desviar o olhar de seu perfil que era perfeito. Embora o rosto dela estivesse corado e meio suado do sol, devia ter sido gravado em água-forte e depois cunhado na droga de uma moeda. Mas por mais que ela sentisse inveja do fato de Serena virar uma sensação da noite para o dia, Blair tinha que admitir que também estava orgulhosa. A única coisa melhor do que ter fama e fortuna era ver a fama e a fortuna da melhor amiga.

Com licença, mas o que aconteceu com a Blair que todos nós conhecemos e amamos?

— Não se preocupe. — Blair se virou e apertou o joelho de Serena. — Vai dar tudo certo.

— Obrigada. Isso significa muito para mim — respondeu Serena devagar, com a voz suave. — Ah, vamos fazer compras juntas para a festa no Met?

— Claro que sim. — Blair assentiu. Ela se lembrava de que as duas se divertiam provando vestidos quando eram pequenas, experimentando roupas em seu quarto a tarde toda e bebendo Campari e refrigerante com lima, rindo juntas no espelho do banheiro enquanto Serena pintava habilidosamente as pálpebras de Blair com delineador

preto, ou as unhas com esmalte rosa Essie.

Mesmo que Serena tivesse escrito aquela carta de amor idiota a Nate, era Blair que estava com ele agora. Não havia realmente nenhum motivo para elas deixarem de ser melhores amigas. Serena seria a famosa e Blair seria... a feliz.

*Então tá.*

***agora n só precisa de uma perna de pau***

Nate atravessou a rua 44 Oeste e seguiu em direção ao imponente prédio beaux-arts de calcário que abrigava o Iate Clube de Nova York. As grandes janelas de sacada eram como popas de barcos e faziam Nate desejar desesperadamente estar ainda com Blair em alto mar, com o cabelo molhado e cor de areia dela pinicando sua pele, sem nada ao longe além do céu azul e o horizonte infinito. Nate só se sentia ele mesmo quando estava a bordo do *Charlotte*, longe da cidade e das pressões da vida real. Por que a vida real sempre tinha de ser tão *complicada*? Ele estava em terra firme há um dia e já estava seriamente encrencado.

A história de sua vida.

Ele empurrou a porta da frente e entrou no opulento interior do antigo clube. Todas as paredes eram revestidas de um mogno escuro e suntuoso, e quase tudo à vista era revestido de ouro. Ele empurrou os ombros para trás e tentou assumir

uma postura um pouco mais ereta ao subir a ornamentada escada de mármore ondulada e seguir até um recepcionista impecavelmente vestido.

— Vim ver... er... o capitão Chips — disse Nate feito um idiota, percebendo que nem conseguia se lembrar do sobrenome de Chips. — Meu nome é Nate, hummm, Nathaniel Archibald. — O recepcionista olhou a prancheta de metal e rapidamente encontrou o nome dele, fazendo uma elegante marca de verificação ao lado.

— Por aqui, Sr. Archibald. O capitão *White* está esperando pelo senhor na Grill Room. — O recepcionista fez questão de destacar o nome *White*, como se quisesse deixar claro que Nate devia se lembrar dele. Nate engoliu em seco e o seguiu pela escada de madeira até um jogo de portas pesadas de carvalho.

O teto graciosamente curvo da Grill Room era composto de tábuas de carvalho, o piso e as paredes eram revestidos com uma madeira escura. Mesas redondas cobertas com toalhas brancas de linho espalhavam-se pelo espaço aconchegante do subsolo. Era como estar no ventre de um navio, o que imediatamente fez Nate se sentir mais à vontade. Ele quase podia ouvir a madeira rangendo sob seus pés ao ser levado até um homem vestido com um uniforme completo da Marinha, as medalhas de ouro cintilando nas lapelas. O cabelo branco era cuidadosamente penteado para trás de um rosto extremamente bronzeado e de linhas severas. Uma aliança de ouro piscava em sua mão enrugada que tinha um aspecto de couro. A medida que Nate se aproximou, o

homem se levantou e apertou sua mão.

— Nate Archibald. Você é a cara do seu pai — grunhiu Chips com um sotaque escocês. Ele olhou para Nate com seus olhos azuis de pálpebras enrugadas sob as sobrancelhas bastas e brancas e apontou para uma cadeira com almofada de couro do outro lado da mesa. — Sente-se. Beba alguma coisa.

Chips sentou-se e fez sinal para o garçom, um homem por volta dos 40 anos com o cabelo louro bem penteado caindo sobre uma testa larga. Chips apontou para o líquido âmbar no copo e ergueu dois dedos enrugados.

— Gosta de scotch? — Ele ergueu uma sobrancelha para Nate.

— Claro. — Nate mexeu as pernas por baixo da mesa. — Qualquer coisa está ótimo.

O garçom se inclinou, falando delicadamente.

— Desculpe, senhor — sussurrou ele. — Precisarei ver sua identidade. — Nate paralisou por um segundo, sentindo-se como se tivesse caído em uma armadilha. Ele já havia concordado em tomar o scotch, então agora teria que mostrar a identidade falsa. Será que Chips estava armando contra ele? Ele engoliu em seco e colocou a mão no bolso traseiro da calça cargo, pegando a carteira de couro marrom surrada que o pai lhe dera em seu aniversário de 16 anos. Sacou a identidade falsa que comprou pela Internet. Parecia

muito boa e em geral funcionava — a não ser pelo fato de que eles confundiram as categorias de cor do cabelo e dos olhos, então, se você prestasse atenção, dizia "olhos castanhos, cabelos verdes".

O garçom olhou a identidade por um longo momento e Nate se remexeu na cadeira, sabendo que tinha culpa no cartório. Quando tirou os olhos da carteira, o garçom lhe abriu um sorriso torto.

— Muito bem, *senhor* — acrescentou ele, devolvendo o cartão laminado a Nate.

— Como eu sempre digo — declarou Chips — nada melhor para curar os desgostos da vida do que uma garrafa de um bom scotch e o mar aberto. — Ele riu e bateu uma das mãos na mesa, como que para pontuar o que dizia.

Nate assentiu de forma pouco convincente enquanto se recostava na cadeira, tentando ficar à vontade. Ele olhou em volta. Era a pessoa mais nova ali por uma margem de 40 anos — grupos de velhos enrugados se reuniam em cada mesa de carvalho, um homem mais rude e mais pétreo do que o outro. Um deles tinha até um tapa-olho. O ciclope velho piscou para Nate com o olho bom. Antes que Nate pudesse começar a refletir sobre que terrível acidente de barco o levava a perder o globo ocular, o garçom de paletó branco voltou e colocou um copo de scotch diante dele.

— Obrigado — murmurou ele.

— Saúde, meu rapaz. — Chips ergueu o copo e tomou um gole farto. Nate rapidamente o seguiu, enjoando com o forte líquido âmbar. O scotch era tremendamente forte — mais forte do que qualquer coisa que já tivesse tomado na vida — e Chips estava bebendo como se fosse limonada. Quem *era* esse sujeito?

— O senhor não é nada parecido com o que eu esperava — soltou Nate, ficando vermelho e tomando outro golinho inseguro. A julgar por tudo o que o pai lhe dissera sobre Chips, Nate pensava que ele seria um linha-dura total que lhe passaria um sermão sobre como organizar a sua vida no segundo em que ele se sentasse. Mas até agora, Chips não podia ser *menos* parecido com o pai dele. Ele era quase *brando*.

— Rá! — Chips riu, batendo na perna estendia que parecia rígida. — Pensou que ia se encontrar com o capitão White, não é? Um velhote rude e encharcado de água do mar que lhe passaria um sermão? Talvez com um gancho no braço? É isso?

Nate assentiu, corando. Ele olhou o homem de tapa-olho, na esperança de que ele não tivesse ouvido a exaltação de Chips. Provavelmente ficaria um pouco ofendido. Quem sabia como eram esses velhos marinheiros quando ficavam com raiva?

— Bom, er... Sim. Quer dizer, meu pai está muito chateado comigo e tudo. Pensei que ele me mandaria a alguém que saberia... me escorraçar.

Chips riu e secou o copo num gole só. Fez um sinal para o garçom trazer outro drinque. Quase de imediato, o garçom apareceu a seu lado, pegando o copo vazio e se afastando em silêncio. Nate não pôde deixar de perceber que, para um lugar chamado Grill Room, eles não pareciam servir muita coisa grelhada — na verdade, nada para comer. Só birita.

Quem está reclamando?

Chips voltou-se para ele e recomeçou.

— Bem, Nate, deixe-me contar a você... esse é quem eu *fui*... há muito, *muito* tempo. Quando eu era capitão do seu pai, eu era o filho-da-puta mais rigoroso e mais severo que seus olhos veriam na vida. Mas já faz muitos anos e eu aprendi umas coisinhas.

Chips se recostou na cadeira, com os olhos azuis faiscando.

— Há certos tipos de esclarecimento que vêm com a idade. Você realmente aprende a entender que tudo é uma questão de perspectiva. *Precisa* ser assim. — O garçom apareceu e depositou um drinque novo diante dele, com os cubos de gelo chacoalhando. Chips tamborilou os dedos na toalha branca feito neve sobre a mesa. Seus olhos varreram a sala, ele ergueu a mão e acenou para um velho todo de uniforme militar branco que parecia ter uns 150 anos. — Quais são suas prioridades, Nate? O que *você* quer da vida?

Nate ficou em silêncio por um momento e Chips continuou.

— Para mim, é o mar aberto... O sol na cara, o som das ondas. — Ele fechou os olhos. — As coisas simples. As coisas boas. — Ele abriu os olhos e ergueu o copo. Nate tomou outro gole ardente.

As coisas simples pareciam boas para Nate. Na realidade, elas pareciam *certas*. Estava cansado de tudo ser tão... desafiador. Por que as coisas não podiam ser fáceis, para variar?

Ser o príncipe do Upper East Side era *tão* cansativo.

Chips abriu o grande cardápio branco e o leu por inteiro, cantarolando baixinho para si mesmo.

Nate olhou para ele por cima do próprio cardápio e de repente queria que houvesse um cardápio para a vida real — que listasse todas as opções e quanto custava cada uma.

— Não sei o que eu quero — admitiu ele, com a voz ecoando na sala cavernosa. No minuto em que disse isso em voz alta, ele percebeu que era verdade. Ele olhou em volta novamente, vendo todos os velhos marinheiros; cada um daqueles homens havia escolhido um caminho na vida e se apegado a ele. Um deles chegou a perder um olho devido à decisão que tomara. Mas talvez eles só fossem um bando de velhos fodidos do mar.

— Vou lhe dizer uma coisa. — Chips fechou o cardápio e se inclinou sobre a mesa. — Você tem que pensar com as

bolas, e não com o pau. — Seu hálito tinha cheiro de molho de maçã misturado com álcool de cereais. — Porque os homens que pensam com o pau são uns covardes — concluiu ele, recostando-se e assentindo sabiamente.

Nate percebeu que estava assentindo também, embora não fizesse idéia do que Chips estava falando. Estaria ele pensando com as bolas ou com o pau? Será que ele era um covarde? *Era* meio covardia não ter contado a Blair que ele não tinha se formado e que ele não ia para Yale com ela...

Chips convocou o garçom novamente.

— Dois ovos cozidos e um saleiro — ordenou ele. — Para nós dois.

Nate devolveu o cardápio ao garçom. Parecia que Chips tinha entendido que o "Não sei o que eu quero" era em relação à comida. Nate odiava ovos cozidos e toda aquela conversa de pensar com o pau e as bolas meio que tirara seu apetite por qualquer coisa que não fosse o scotch forte e quase que insuportável de beber.

Ora, beba, meu bem. Pode te ajudar a crescer um pouco.

*o chá para dois de v*

Vanessa passou pelas portas do Galapagos Art Space no Brooklyn e olhou em volta. O ambiente era cavernoso e estava lotado de hipsters típicos de Williamsburg com suas camisas listradas e cortes de cabelos assimétricos. Mesas da

altura de balcões espalhavam-se aleatoriamente pelo salão como croutons numa salada, e o som áspero do punk berrava dos alto-falantes. Vanessa pôde ver os colegas de banda de Ruby mexendo em fios e extensões numa plataforma no meio do salão. A bateria estava adornada com a palavra SUGGARDADDY, o nome da banda, em espalhafatosos caracteres vermelhos. Ela procurou por Ruby quando olhou para o palco, mas a irmã não estava em lugar nenhum.

Enquanto abria caminho em direção à frente do salão, protegendo a câmera dos artistas sujos e seus Jack-Daniels-com-Coca, Vanessa localizou Piotr sentado a uma mesa bem em frente ao palco, com um copo longo cheio de Coca postado diante dele. Quando a viu, Piotr acenou para ela. Vanessa suspirou, querendo estar mais animada com a filmagem do último show da irmã ainda solteira. Ela precisava dessas imagens para rodar a Retrospectiva Ruby que estava preparando como presente de casamento da irmã, mas o fato de filmar aquilo com o futuro *cunhado*, com quem a irmã estaria se *casando* em apenas cinco dias, era meio insuportável. Vanessa se obrigava a repetir mentalmente qualquer palavra que tivesse relação com casamento para que a coisa ficasse mais real.

Ela se aproximou da mesa e tentou sorrir. Gotas de água enfeitavam o copo gelado de Coca. Vanessa lambeu os lábios. Estava com muita sede — talvez pudesse suportar Piotr por uns minutos enquanto carregava a câmera e se preparava. Se ele ia ser da família em breve, ela precisava aprender a conversar com ele, não é?

— E aí? — perguntou ela, baixando a câmera sobre a mesa e quase derrubando a Coca.

— Olá, Vanessa. Você chegou — disse Piotr com um sorriso horrível composto por dentes tortos. — Quer? — Ele apontou para o copo em cima da mesa.

Ela se sentou, resistindo ao desejo de empurrá-lo no chão pegajoso e sair correndo. O cara mal sabia falar inglês e agora estava prestes a ser seu cunhado?

— Seria ótimo — respondeu ela, tensa.

Piotr foi até o bar para lhe pegar um copo e Vanessa percebeu que embora ainda estivesse usando aquelas calças de couro toscas, ele na realidade não era feio, com o cabelo louro bagunçado e a camiseta preta apertada. Tá legal, os dentes tortos e a tosse de fumante não eram lá de se desmaiar de admiração, mas pelo menos faziam com que ele fosse meio... singular.

Vanessa olhou o ambiente, e por acaso fez contato visual com um grandalhão apavorante com uma camiseta vermelha de mangas cortadas que dizia ARMAS NÃO MATAM PESSOAS — *EU MATO PESSOAS*. Seus bíceps eram enormes e cobertos de tatuagens. Ele percebeu que estava olhando para ele e abriu um sorriso dentuço, depois passou pelo bando de gente e seguiu até a mesa dela. Vanessa olhou loucamente em volta, esperando que ele estivesse indo para outra pessoa. Naquele exato instante

Piotr apareceu e se jogou na cadeira, e o grandalhão fechou a cara e recuou. Ufa. Vanessa nunca pensou que ficaria tão feliz em ver o noivo da irmã.

— E aí... — Piotr encheu o copo de Vanessa, aparentemente sem saber do destino de que acabara de salvá-la. — Você filma show hoje, é?

— É. — Vanessa assentia feito uma louca. — Eu filmo show. — *Porra*. Era difícil não falar como ele depois que a conversa começava. Ela tomou um gole da Coca, cuspidando ao perceber que não era Coca, mas cerveja preta Guinness.

— Eu também fazendo presente para Ruby. — Piotr moveu o banco para mais perto de Vanessa. — No meu país — ele bateu um dedo no peito — é costume o noivo dar presente especial para noiva. — Piotr parou por um instante e tomou um gole da cerveja, lambendo os lábios antes de continuar. — Eu procuro todo dia uma coisa que acho que ela gosta.

— O que comprou para ela? — perguntou Vanessa, agora curiosa.

Piotr sorriu de novo, com o rosto inteiro se iluminando.

— Quando a gente se conheceu, ela contou de quando ela era... como se diz? Pequena? — Ele fez um gesto com as mãos para indicar alguém mais baixo.

Vanessa assentiu, tomando um gole da cerveja preta.

— Quer dizer quando ela era criança?

— Sim! — disse Piotr com alívio. — Criança. Mas então, ela me conta que ela e você... — ele apontou para Vanessa com o copo cheio na mão — ... davam festa de chá com suco de maçã.

Ela deu uma gargalhada, tentando não cuspir a Guinness em toda a mesa. Não era *isso* que ela esperava que Piotr dissesse. Ela se lembrava de que ela e Ruby costumavam brincar de vestir as roupas da mãe por horas, colocando conjuntos exorbitantes de penas, contas e vestidos longos de batique antes de se sentar à mesa da cozinha para tomar suco de maçã Red Cheek nas xícaras de porcelana especiais da mãe. Elas ficavam sentadas ali durante horas, conversando com um falso sotaque britânico e rindo enquanto diziam coisas como "Passe-me os malditos bolos!" e "Dê-me os malditos bolinhos!", embora isso não fizesse o menor sentido.

— Então, procuro o dia todo — continuou Piotr, servindo os copos dele e de Vanessa, agora vazios — por jogos antigos de chá para ela e enfim encontro um hoje à tarde. — Ele olhou para ela preocupado, com uma massa de rugas na testa. — Você acha que ela vai gostar?

Vanessa fitou os olhos azuis preocupados de Piotr e neles viu o amor que ele tão obviamente sentia por sua irmã, e algo dentro dela de repente derreteu. Ele evidentemente amava Ruby — só um cara apaixonado andaria por Nova York o dia todo procurando um jogo de chá.

— Sim. — Assentiu Vanessa, erguendo a câmera até o rosto e apontando para o palco para verificar a exposição, mas principalmente para esconder o fato de que estava emocionada.— Acho que ela vai gostar *muito*.

Ver Piotr tão obviamente apaixonado fez Vanessa se sentir meio... romântica. Ela fechou os olhos por um momento e imaginou Dan em casa, esparramado no sofá de couro marrom calombento, escrevendo poesia em seu caderno surrado. Ela sabia que ele ia passar por maus bocados para escrever o poema para o casamento de Piotr e Ruby, e a idéia de Dan se esforçando tanto para encontrar as palavras certas para a irmã aquecia seu peito.

Tem certeza de que não foi a birita?

Talvez, quando ela chegasse em casa mais tarde, eles pudessem realmente conversar. Ela tentou dar apoio a Dan quando ele se assumiu gay, mas vendo a maneira pouco à vontade com que ele se comportou na festa surpresa, ela ainda tinha lá suas dúvidas... Para não falar de suas esperanças em relação à suposta gayzisse. Talvez ela conseguisse dizer a ele como se sentia... E tentasse ajudá-lo a entender o que ele realmente estava sentindo.

Sim, e como Vanessa pretendia fazer isso? Ficando *nua*?

Vanessa sorriu ao ver SugarDaddy subir ao palco num clamor de guitarras. Ruby estava com as características calças de couro roxas, o cabelo preto na altura do queixo

com pontas espetadas para todo lado, como se tivesse usado o secador plantando bananeira — ou tivesse sido eletrocutada com o próprio secador de cabelo. Ela viu Vanessa e Piotr sentados juntos e acenou. Depois pôs a língua para fora entre os dedos cor-de-rosa e assoviou.

— E aí, seu bando de filhos da puta!?! — gritou ela ao microfone, e a multidão gritou de volta, enlouquecida.

Vanessa sorriu. Tudo ia ficar bem. A irmã ainda era a irmã, o em-breve-cunhado era esquisito e europeu mas mostrara que também podia ser legal e ela conversaria com Dan esta noite. Ele ia dizer a ela que só ficou confuso, que não era gay e que sempre a amou durante todo aquele tempo. E talvez um dia, daqui a alguns anos, ele é que desse a *ela* um jogo de chá antigo.

Ela apontou a câmera para o rosto sorridente de Ruby enquanto ela se inclinava ao microfone e começava a uivar.

— "You stole my *sooooooooooul*, you fucking *ass-hole*!"

Ó, que romântico!

---

## AIR MAIL - PAR AVION - 17 de agosto

Obr\_den Dan!

Demorei um tempo para escrever porque não queria estragar a surpresa, mas a mamãe deve ter chegado aí e eu

Gossip Girl & It Girl fans © -

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>

não agüento mais de ansiedade. Espero que não se importe de eu ter contado a ela sobre sua recente descoberta gayliciosa. Foi tão legal ter notícias dela de novo neste verão — sabia que ela e papai se conheceram numa casa de banhos russa em Moscou!? — e pensei que de repente ela também devesse ter notícias suas...

Mas então, Praga é incrível. Ficar sozinha no apartamento da mamãe (como eu estou européia, né?) é superdivertido, mas meio solitário também. Vou voltar logo para fazer minhas malas para a Waverly (oba!), mas até lá, *Na shledanou!* (Isso quer dizer "Tchau".)

Estou com saudade de vocês e de Nova York. Coma um cupcake do nosso lugar preferido na Amsterdam por mim. Mas peça um rosa!

**Com amor,**

**Jenny**

---

*seria muito engraçado se não fosse com alguém que conhecemos e amamos*

Dan estava deitado na cama no quarto de Vanessa, com o caderno aberto no colo. A página em branco estava praticamente o deixando cego. Era a mesma história toda noite — ele ficava sentado ali, encarando o papel em branco por horas, tentando escrever um poema de amor para o casamento de Ruby, até que, completamente

desanimado, enfim desmaiava. Ele começou a escrevinhar.

*Amor. Pudor. Elevador.*

Meu amor não tem pudor no elevador?

*Beijo. Queijo. Mijo.*

Merda. Isso não estava dando certo. Sempre que ele tentava escrever, saltavam em sua cabeça visões de si mesmo quando criança, totalmente vestido com roupas de mulher. O que ele podia saber do amor quando a única vez em que esteve apaixonado foi por Vanessa, que aparentemente não se encaixava mais na situação, uma vez que nem era do gênero certo? Ele olhou o relógio. Uma da manhã. Fora um longo dia, colocando livros empoeirados nas prateleiras da Strand e tentando se esconder de Greg. Por sorte, seus turnos só coincidiam por uma hora, então Dan conseguira evitar cruzar com ele completamente. Tinha medo da "conversa especial" que Greg disse que queria ter, embora não soubesse por quanto tempo poderia adiar isso.

Ele se sentou e um lampejo de letras douradas chamou sua atenção. A antologia que a mãe lhe dera três noites antes estava no alto da cômoda. Devido à capa preta, o livro era praticamente camuflado pelo ambiente monocromático — Vanessa conseguira permissão de Jenny para redecorar o quarto, o que, para Vanessa, significava deixar tudo o mais escuro possível — mas o título dourado cintilava para ele de longe, zombando dele.

Ah, vamos lá, você sabe que está curioso.

Ele estendeu o braço e pegou o enorme volume, voltando a se jogar na cama. Quem sabe ler alguns poemas de amor gay o ajudaria a ter inspiração para escrever um poema hetero? Ele abriu a capa dura. A primeira página era a introdução.

*O amor homossexual esteve presente em todas as sociedades durante toda a história da humanidade, dos gregos antigos aos tempos atuais.*

O que era isso, uma aula de história? Já entediado, Dan apenas passou os olhos até chegar ao final da página.

*Leia o poema em voz alta para seu amado, uma vez que a palavra falada é ainda mais poderosa do que a impressa no papel. Você se sentirá transportado pela subcorrente do Amor HomoSensual belo e corpóreo.*

Hummm. Isso era interessante. Ele sempre achou útil ler seus poemas em voz alta para ter a sensação de ritmo, mas nunca tentou fazer isso com a obra dos outros. Talvez ler em voz alta fizesse fluir a essência criativa, quem sabe lhe desse essa sensação de ritmo? Além disso, ele *tinha mesmo* uma ótima voz para ler, como certa vez observou Greg.

Ele abriu o livro aleatoriamente e riu quando percebeu que tinha caído na página 69. Não importava. Dan pigarreou e começou a ler o soneto 18 de Shakespeare:

— *"Devo igualar-te a um dia de verão? Mais afável e belo é o teu semblante: maio ainda em botão, dura o termo estival um breve instante"* — Dan parou para ler em silêncio mais alguns versos, depois leu em voz alta — *"De teu belo a beleza enfim declina, Ao léu ou pelas leis da natureza."*

Enquanto declamava os últimos versos do poema, a porta se abriu e Vanessa entrou no quarto num rompante, com a bolsa da câmara pendurada no ombro.

Epa.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa. Ela com certeza tinha escutado tudo — ou, pelo menos, o bastante. Dan só podia imaginar a impressão que dava. Ele estava na cama totalmente sozinho, recitando um dos sonetos mais românticos — e inquestionavelmente gays — de Shakespeare.

Mas isso não é embaraçoso?

— Er, desculpe. — Vanessa rapidamente se virou e encarou o chão enquanto Dan se agarrava freneticamente ao livro e o fechava com um baque alto. Ele se levantou e tentou colocá-lo em cima da mesa já abarrotada de coisas.

— Não é o que está pensando... *ai!* — O livro caiu pelo lado da mesa, todos os cinco quilos pousando diretamente em seu dedinho do pé.

— Não, não. Eu devia ter batido. — Dava para ver que Vanessa estava com o rosto totalmente vermelho ao se curvar sobre a bolsa, sem olhar para Dan.

— E aí. — Dan examinou as cutículas enquanto ela ainda estava guardando o equipamento da câmera. — Mas onde é que você foi? — Ele tentou projetar uma aura de calma, pegando um exemplar de *Crime e castigo* de Dostoievski na mesa de cabeceira e folheando aleatoriamente suas páginas grossas.

Como se essa fosse a única coisa que ele estava lendo.

Vanessa finalmente se virou para ele.

— Eu estava filmando o último show de Ruby ainda solteira — explicou Vanessa, despindo-se da calça de marinheiro preta de boca larga que parecia ter custado caro — provavelmente uma coisa que Blair esquecera durante a breve temporada em que ela e Vanessa moraram juntas. Ela vestia uma cueca samba-canção velha, listrada de verde e branco, de Dan. Depois tirou a camiseta preta e ficou vestida só com a cueca e um top Hanes branco. Dan sempre adorou o senso que Vanessa tinha para moda — ou a falta dele — e não pôde deixar de perceber como ela estava sexy. Era bom vê-la usando uma peça dele. — Todo mundo ficou doidão. No final do show, o baterista de Ruby vomitou no palco.

— Que tosco. — Dan tirou a camiseta Kafka verde-musgo e se abrigou sob as cobertas.

— Total — concordou ela, subindo sob os lençóis ao lado dele e apagando a luz da mesa-de-cabeceira. Felizmente a escuridão escondia seu constrangimento e confusão. Eles ficaram deitados em silêncio, pouco à vontade, e Vanessa não conseguiu evitar que um completo abatimento tomasse conta dela. Depois de sua conversa com Piotr, ela tinha ficado tão... esperançosa. Ela pensou que seria capaz de consertar as coisas com Dan, mas uma vez que ele supostamente passava o tempo livre recitando poesia romântica gay sozinho em casa, não havia mais dúvida nenhuma acerca de seu status sexual. Ela suspirou alto, olhando o teto escuro.

Dan tentou ao máximo pensar em alguma coisa para dizer. Nunca teve dificuldades para conversar com Vanessa — ela era a melhor amiga dele. Na verdade, ela era a única pessoa com quem ele realmente *podia* falar. Em menos de uma semana ele estaria dirigindo para a Universidade Evergreen, no estado de Washington, para começar uma nova vida — iria a bordo de nada menos do que um Buick Skylark 1977 —, e tinha de resolver tudo isso antes de pegar o carro e ir embora. Por que não conseguia conversar com Vanessa agora, quando mais precisava dela?

Talvez porque ela tivesse acabado flagrá-lo lendo em pentâmero iâmbico.

— E aí... — Ele sussurrou no escuro. — Você está bem? Quer dizer, com o casamento de Ruby e tudo isso?

Vanessa bufou. Dan podia imaginar a cara que ela muito provavelmente estava fazendo — com os olhos revirados para o teto, e os cantos dos lábios virados para cima em uma torção.

— Tô — sussurrou ela. — Tenho que filmar a porra do casamento. — Ele a ouviu expirar ruidosamente no ar úmido e quente antes de falar de novo. — *Você é* que deve se lamentar... Quer dizer, vai ter que bolar a porcaria do poema de *amor* épico sobre esses dois idiotas.

— Muito obrigado — murmurou Dan com sarcasmo. — Você me enche de confiança. — Ele se virou, querendo olhar Vanessa, embora ela tivesse se virado para o outro lado. Ele podia ouvir o som baixo e tranquilo de sua respiração no quarto escuro e podia sentir o calor de seu corpo quase nu. Seu corpo era sempre muito quente à noite. A pele ridiculamente macia de seu braço roçou no dele. Uma das coisas que ele sempre adorou no corpo de Vanessa eram os contrastes — o cabelo espetado da cabeça junto da maciez da pele. A sensação macia de seus lábios e do rosto... Dan sorriu e se aproximou um pouquinho de seu corpo quente e sonolento.

Vanessa sentiu o hálito quente de Dan fazendo cócegas em sua nuca enquanto ele se deitava a centímetros dela na cama. Ficar tão perto dele, depois de todas as suas esperanças terem sido destruídas, a estava matando por dentro.

— E aí, como está o Greg? — perguntou ela com

delicadeza, na esperança de que o toque de rejeição em sua voz não fosse tão claro para ele como era para ela. Ela se arrastou até a beira da cama, mudando de posição para que o pé esquerdo pendesse de lado. Qualquer coisa para escapar da tortura de sentir a pele de Dan encostada na dela.

— Hummm... Ele está bem — murmurou Dan. Greg. Certo. O namorado dele. Enquanto Vanessa se afastava dele aos poucos na cama, ficou evidente que ela não queria nada com ele. E por que deveria? Ele era um idiota que usava roupa *disco* cor-de-rosa, comia profiteroles e lia poemas gays, e que ainda parecia estar apaixonado pela ex-namorada, apesar do fato de que todo mundo em sua vida aparentemente esperava que ele se assumisse gay desde que ele aprendera a usar o penico. Dan suspirou e se virou de costas deprimido, mais confuso do que nunca enquanto resvalava para um sono suarento e perturbado.

Ser ou não ser... gay — eis a questão.

**Gossipgirl.net**

---

**temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas**

---

*advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

Gossip Girl & It Girl fans © -

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>

**oi, gente!**

Vocês sabem o que dizem sobre Nova York — que é a cidade que nunca dorme... pois é, nem ela e nem eu. Não quando tem tanta fofoca boa para me manter acordada à noite! Tá legal, também pode rolar aquela festinha de final de verão na One que me manteve na rua até a madrugada de ontem, mas tudo isso é para você. Muito em breve vou ter que trocar meus saltos Jimmy Choo de pele de cobra pelas botas de trilha de couro Gucci, então está na hora de ficar acordada até tarde, dançar com desconhecidos lindos e maravilhosos e expor o máximo possível seu corpinho suado. E o mesmo é válido para vocês, meninas e meninos — como se vocês precisassem do lembrete!

**os ardis de hollywood**

Hoje de manhã, enquanto eu andava para comprar meu latte de baunilha desnatado e meu brioche integral, não pude deixar de perceber que inúmeras fotos de certa atriz loura tinham sido coladas em *toda parte* durante a noite — pontos de ônibus, laterais dos prédios. Tudo bem, nossa **S** está prestes a se tornar uma grande estrela de Hollywood — não duvidamos disso nem por um segundo. **S** está sendo vendida como a Audrey Hepburn de cabelo liso dos dias de hoje. E isso significa, gatinhos e gatinhas, que em breve estaremos ronronando de satisfação ao olharmos o rosto celestial de **S** nas telonas. Ou isso, ou vamos rasgar nossos bancos de veludo de inveja...

Dizem por aí que, devido às críticas fenomenais na **Variety**, na **Vanity Fair** e na **Esquire**, a data de lançamento de *Breakfast at Fred's* foi antecipada! A diversão começa amanhã na luxuosa **SoHo House**, que é uma espécie de clube exclusivo e hotel ao mesmo tempo, onde vão dar uma grande coletiva de imprensa sobre *Breakfast at Fred's*. **S** estará junto de seu co-astro delicioso, **T**, vulgo meu novo namorado (shhhhh... não me acorde! Se é que alguém pode fazê-lo gostar de meninas esse alguém sou eu) que, caso você more em Marte, é atualmente o dono da barriga de tanquinho mais gostosa deste lado do Hudson. Que droga que ele jogue no outro time. Qualquer um que seja minimamente importante no circuito das fofocas estará lá para ver como Nasce Uma Estrela — nossa pequena **S** está toda adulta! — e você sabe que isso significa que vou arrumar um jeito de entrar...

Está na hora de vestir correndo aquele xale Calypso roxo, colocar os óculos escuros Dior, levantar a mão em protesto para os *flashes* enquanto exclama, "Cavalheiros! Nada de fotos, *por favor!*" Para quem não conhece o ofício, alguns conselhozinhos úteis de todo coração:

### **o que fazer e o que não fazer em sua primeira coletiva**

(1) Use óculos de sol, de preferência aqueles bem grandes Chanel ou Gucci, mesmo que o evento aconteça à noite. *Principalmente* se acontecer à noite. Aqueles *flashes* são de cegar qualquer um, realmente! E além disso, nada como um bom par de óculos imensos para criar um ar de mistério.

(2) Dê uma escapulida até o banheiro feminino para retoques freqüentes da maquiagem — ninguém gosta de sair com o nariz brilhando na filmagem. Além de tudo, tem lugar melhor para ouvir a última fofoca sobre a estréia — e espalhar as suas?

(3) Use uma cor labial permanente, ou um selante por cima de sua cor preferida: ficar com os dentes sujos de batom durante uma entrevista é extremamente *gauche* — e totalmente evitável. O vermelho do tapete vermelho é *sempre* uma opção clássica.

(4) Fique à vontade para dar mole para o protagonista — afinal, a suíte estará de *qualquer* forma reservada para a noite toda! E não se preocupe — não vamos contar a ninguém.

(5) E, mais importante, vá bem gata! Afinal, *tudo* isso é para você!

### **flagras**

**N** no **late Clube de NY** tomando coquetéis com um velho vestido de marinheiro. Será que **N** arranjou um traficante novo? Que estranho. O que quer que seja, estamos achando que ele não se alistará na Marinha tão cedo... **D** em sua segunda casa, a livraria **Strand**, recolhido num canto empoeirado virando furiosamente as páginas de *Cultura gay: um jeito de sair do armário*. Pelo que eu soube de certa festa surpresa, ele já está fora do armário há muito tempo... **V**, de volta a Williamsburg, filmando o show da irmã **R** na **Galapagos Art Space**, com um louro de calça

de couro ao lado... A foto de **S** em Times Square em um cartaz *imenso* que não mostrava nada a não ser seu rosto impecável e as palavras O VERDADEIRO AMOR NÃO MENTE JAMAIS. A própria **S**, toda de preto, entrando na casa de **N** na **Park Avenue** vestida como se fosse fazer um teste para o próximo filme de 007. **B** sentada na calçada, esperando por ela. Com os três supostamente indo para certa universidade daqui a alguns dias, é certo que vamos ter um monte de boatos para discutir — então continuem mandando esses e-mails cheios de maldades!

E por falar em e-mails interessantes, eu soube que as indicações de colegas de quarto estão no correio, então não se surpreenda se receber uma apresentação de seu/sua colega muito em breve. Meu coração sangra por todos vocês, que inevitavelmente terão de ficar com um calouro nerd de cálculo que só pensa em acordar às seis toda manhã para *estudar* enquanto você desmaia na cama e procura não botar pra fora os excessos de cerveja da noite anterior (ah, a faculdade) em cima de seu peignoir La Perla. Minha colega de quarto será, é claro, minha irmã gêmea há muito desaparecida — perfeita, igualzinha a mim!

**Pra você que me ama,  
gossip girl**

**não a odeiem por ela ser perfeita**

— Serena! Serena, aqui!

*Flashes* eram disparados contra o rosto de Serena feito

explosões de luz branca. Ela sorriu e pegou uma framboesa perfeitamente fatiada na taça de Cristal que segurava numa das mãos, colocando-a na boca. Nunca esperou que a coletiva de *Breakfast at Fred's* envolvesse tantos mimos, ou fosse tão elegante a ponto de tirar o fôlego — para não falar como estava bem freqüentada. Diversos repórteres e fotógrafos cercaram ela e seu co-astro delicioso, Thaddeus Smith, enquanto eles se sentavam no terraço banhado de sol de uma das coberturas da SoHo House. Talvez a vida de uma estrela de cinema *fosse mesmo* tudo o que diziam ser.

De sua espreguiçadeira também branca, Thad voltou a sorrir para ela com a barba rala e dourada em seu queixo escultural cintilando contra a luz. Ele vestia jeans Marc Jacobs desbotados, com os bíceps bronzeados incrivelmente morenos na camisa pólo branca. Óculos de aviador Chrome Dior escondiam os famosos olhos azuis, e os pés bronzeados por igual estavam envolvidos em um par de chinelos Michael Kors azuis e prata. A queda que Serena tinha por Thad passou quando ela descobriu que ele namorava firme com um cara, mas isso não impedia que ela o admirasse.

E havia tanta coisa para admirar.

Enquanto o sol começava a se pôr no horizonte de Manhattan, banhando o terraço com um tom laranja sherbet, um repórter abriu caminho pela multidão, apontando um minigravador para Thad.

— Thad! — gritou ele, embora só estivesse a 30

centímetros de distância. A câmera balançava em seu pescoço. — Como foi trabalhar com Serena van der Woodsen? É a estréia dela. Ela sabe mesmo atuar?

— Foi um privilégio raro — respondeu Thad, pegando a mão de Serena e apertando-a firme. — Serena... como todo o mundo logo verá... é uma profissional. Além de tudo, é absolutamente linda.

Serena corou, examinando a suíte do lugar onde estava no terraço. A suíte de cobertura cintilava de cromo, vidro e luz, e o quarto era decorado em azul e creme. Uma enorme TV de tela plana pendia na parede azul-celeste. Outra parede era iluminada por uma tela a óleo gigantesca do céu noturno. Este seria o lugar perfeito para trazer um cara — e por "cara", ela queria dizer Nate. Eles podiam tomar banho de espuma na banheira para seis e pedir morangos com chocolate e champanhe do serviço de quarto. Podiam ver um dos muitos DVDs ainda não lançados com que Ken abastecera o quarto quando ficassem entediados — o que não aconteceria nunca.

— Serena! — gritou uma jovem repórter, escrevendo furiosamente num bloquinho branco, com os óculos carmim retangulares escorregando sobre o nariz mínimo. — Quais são seus planos? Algum filme no futuro próximo? — As câmeras clicaram incessantemente enquanto Serena pigarreava e se preparava para falar.

Ken Mogul tinha dito em seu e-mail para não se preocupar com a coletiva, que ele estaria presente para cuidar de tudo.

Mas quando chegou, Serena foi recebida por Jade, a assistente e esposa de Ken, uma afro-asiática estonteante que era ex-modelo da Ford e tinha cabelo preto e liso na altura da cintura. Jade informou friamente a Serena que Ken poderia se atrasar um pouco.

— Na verdade — respondeu ela com um sorriso de desculpas —, eu começo na universidade na semana que vem, então não acho que vá fazer mais filmes por enquanto.

Ela cruzou as pernas e se recostou na espreguiçadeira listrada de cinza e bege. Estava feliz por ter colocado os óculos escuros Bailey Winter que foram projetados especialmente para Holly, a personagem que ela representava no filme. Ela pensou que eles a ajudariam a sentir mais o personagem, mas não se tocou que precisava deles para proteger os olhos do sol — para não falar dos *flashes*.

Serena cruzou as mãos sobre a saia de seu vestido simples Marc Jacobs e puxou um fio dourado do rosto. Com as sandálias Hermès brancas e a desejadíssima bolsa Fendi B creme e preta a seus pés, ela era a imagem do glamour de Nova York. Agora só precisava ter certeza de que agia desta forma. Estava tudo bem com a parte de ficar sentada aqui. Parecia meio... *certo* estar aqui, com os *flashes* explodindo em seu rosto a cada cinco segundos. Era a parte de falar — sabendo que as pessoas bebiam cada palavra que dizia, escreviam cada sílaba e deviam esperar que ela cometesse um erro de loura burra e estrelinha mimada — que a fazia tremer por dentro. Ela passou a vida com

peessoas olhando-a e falando sobre ela, mas esta era a primeira vez que alguém lhe perguntava sobre seus próprios pensamentos.

Agh!

— Que universidade, Serena? — gritou outro repórter, sobressaltando-a de seu momento de devaneio.

— Vou para Yale no domingo — respondeu ela, um pouco mais confiante do que realmente se sentia. Ela empurrou o cabelo dos ombros e continuou. — Só quero ser uma garota normal por algum tempo. Sabe como é, ir para a faculdade, ser como todo mundo.

Como se isso fosse até *remotamente* possível.

— Garota normal? Rá! Não se eu puder evitar! — uma voz grave de homem falou. Os repórteres viraram e viram Ken Mogul vindo em direção ao terraço com duas taças de champanhe Cristal nas mãos. Parecia que seus olhos azuis esbugalhados iam saltar das órbitas, e o cabelo ruivo, crespo e na altura do ombro tinha sido alisado e puxado num rabo-de-cavalo baixo. Ele era seguido por Jade, que assomava sobre ele com seus Jimmy Choos de pele de cobra dourados ridiculamente altos. Justo quando parecia que ele ia se sentar, Ken pulou na mesa de centro que estava coberta de taças de champanhe, quebrando todas elas.

Serena sacudiu um pouco a cabeça, sentindo-se meio tonta. Sua mente girava entre o disparar e brilho constante dos *flashes*, o champanhe, a proximidade de Thad e agora essa performance esquisita. Ela teve a impressão de que precisava voltar ao ar-condicionado.

A Pequena Miss Exigente. Ela realmente está se tornando uma estrela de Hollywood!

De onde estava, no alto, Ken serviu Veuve Clicquot para Serena e bateu a taça cheia na dela.

— Serena van der Woodsen é o maior talento do século XXI e acho que alguns de vocês podem até achar que eu me vendi por ter feito *Breakfast at Fred's* baseado inteiramente em tendências atuais e populares, mas Serena será minha maior obra de arte independente.

Tá bom. O que exatamente ele quis dizer com isso?

Ele pulou da mesa e se deitou às sandálias Hermès no pé de Serena, murmurando sem parar "Eu não sou digno disso".

Serena corou. Ela certamente não se sentia como uma obra de arte independente — longe disso. Era apenas uma menina formada no ensino médio, confusa, que ia para a universidade porque não sabia o que fazer da vida. Ela viu a linda esposa de Ken Mogul olhando friamente para ela, de braços cruzados. Serena foi um pouco indiferente, como que para dizer que não concordava com todo esse puxa-saquismo e adoração com que costumam tratar as estrelas.

As câmeras enlouqueceram, disparando foneticamente. Ken se sentou abruptamente e estendeu a mão bruta diante do rosto.

— Cavalheiros, por favor! — gritou ele. Os *flashes* pararam com a mesma rapidez com que começaram e a multidão ficou em silêncio novamente, esperando que Ken falasse. — Não só vamos começar a rodar a continuação de *Breakfast at Fred's* no mês que vem, como também pretendo rodar um novo filme nesta primavera, no estilo do visionário diretor francês François Truffaut... Um exercício de realismo emocional corajoso em preto-e-branco e uma depravação marcante do amor e do vício. — Ele baixou teatralmente a taça de champanhe. — E os dois filmes serão estrelados por Serena van der Woodsen, é claro. — A boca de Serena se abriu e Ken fez contato visual com seu olhar arregalado. Ele lhe deu uma piscadela rápida, com os olhos azuis cintilando assustadoramente. — Nossa pequena Serena será uma estrela muito, muito grande!

— Eu te disse! — intrometeu-se Thad, erguendo a mão dela.

Serena ficou sentada ali num silêncio pasmo enquanto os repórteres enlouqueciam em sua volta.

— Serena, Serena! Isso significa que Yale terá de esperar?  
— perguntou um homem aos gritos.

Ela olhou para Ken e depois para Thad, que sorriam para

ela, em expectativa. Ela não podia *não* ir para Yale... *Ou...* podia? Blair e Nate ficariam bem — ou até melhor — sem ela. Mas será que Serena estava preparada para deixá-los? O terraço lotado de gente caiu num silêncio completo enquanto Serena se voltava para as câmeras, endireitando os ombros.

— Nada a declarar.

Apoiado.

**PARA:** [bwaldorf@constancebillard.edu](mailto:bwaldorf@constancebillard.edu)

**DE:** [caligirl90210@gmail.com](mailto:caligirl90210@gmail.com)

**Assunto:** Somos colegas de quarto!

Cara Blair,

Fiquei *tão* animada quando peguei minha indicação de colega de quarto na caixa de correio hoje de manhã! Você não está *morrendo de vontade* de ir para Yale? Andei fazendo compras durante a semana (fiz isso o verão todo!), porque vai ser um saco depois que estivermos no campus — não é um porre total que os calouros não possam mais ter carro?!

Acho melhor eu ir com mais calma e contar um pouco sobre mim: moro em Beverly Hills e meu pai é um ortodontista. O que significa que toda a minha família tem dentes brancos e perfeitos. Mas então, não sei bem do que vou sentir mais falta da Califórnia — de meus pais, meu conversível, minha piscina ou dos shoppings. Mas acho que

a Macy's vai ficar a apenas uns quilômetros de trem.

Fui patinadora a vida toda. Fui a campeonatos nacionais de patinação em dupla com Ashton, meu parceiro, que também era meu namorado até que terminei com ele na semana passada. Minha loja preferida é a Build-A-Bear Workshop. Tenho uma coleção *imensa* de ursos de pelúcia. Minha cor preferida é branco, que tecnicamente não é uma cor, mas é a cor de meus patins de gelo e do gelo depois que o patins passa em cima; além disso minha pedra da sorte é uma pérola, que também é branca. Quando Ashton e eu ganhamos os campeonatos regionais, eu usei uma linda tiara de pérolas.

Então, você é de Nova York? É só o que o diz o folheto. Você mora em Manhattan? Nunca estive ai. Como era sua escola? Você tem namorado? Eu fiquei com Ashton por quase dois anos, mas pensei que seria melhor terminar antes da faculdade. Os relacionamentos a distância não costumam durar...

Mas então, estou pra lá de ansiosa para conhecer você! Por favor, responda logo e me fale sobre sua vida e seus gostos. Vamos nos divertir muito neste outono e espero que sejamos amigas para a vida toda. Ah, e minha buldogue francesa de pelúcia CeeCee também está mandando um oi!

**Bjs**  
**Alana**

**PARA:** [caligirl90210@gmail.com](mailto:caligirl90210@gmail.com)

**DE:** [Bwaldorf@constancebillard.edu](mailto:Bwaldorf@constancebillard.edu)

**Assunto:** re: Somos colegas de quarto!

Cara Alana,

Isso é muito estranho — minha família está se mudando de Nova York para Los Angeles. Logo. Será legal conhecer alguém na Califórnia, se eu for obrigada a passar as férias lá.

Então... Sobre mim: fui criada em Manhattan, no Upper East Side, e freqüentei uma escola exclusivamente feminina chamada Constance Billard. Minha mãe se casou com um tapado e teve uma filha, embora eles tenham tipo uns 90 anos. Eu a batizei de Yale. Meus pais são divorciados e meu pai mora em um chalé num vinhedo na França. Ele e o namorado acabaram de adotar gêmeos cambojanos. Não consigo nem falar nesse assunto.

Sim, eu tenho namorado — o nome dele é Nate e vamos ficar juntos para sempre. Neste verão nós pegamos emprestado o iate do pai dele, velejamos por um mês e nos apaixonamos totalmente de novo, e para sua sorte ele também vai para Yale. Por que sorte? Porque você vai ficar com o quarto todo só para você, uma vez que Natie e eu vamos ficar em uma casa fora do campus. Tudo será tão perfeito que eu podia gritar de tanta felicidade.

A gente se vê logo!

**Atenciosamente,  
Blair**

**P.S.:** Mas fala sério, não podemos ter carro no campus?

**errar é humano, perdoar vai contra as regras de b**

Blair examinou as várias malas Louis Vuitton que a cercavam, os intermináveis monogramas LV multiplicando-se e deixando-a tonta. Ela pegou uma pilha de suéteres Fair Isle e segurou o tecido macio contra o rosto por um minuto antes de atirá-los numa mala vazia. Olhando em volta para as malas que ainda estavam pela metade, no estado de completa bagunça em que estava o quarto antigo e fedorento de Aaron, ela ainda não conseguia acreditar direito que sua família realmente estava se mudando para a Califórnia — ou que ela precisava levar cada peça de roupa de inverno que tinha para Yale, uma vez que jamais seria capaz de usar tudo aquilo em Los Angeles. O processo de guardar algumas coisas para a faculdade e outras para a mudança ficava cada vez mais desagradável pelo fato de que ela teria de *enviar* as malas para Yale, uma vez que não poderia levar seu BMW cor de bisque para lá. Por que será que Yale tinha de mudar a porra das regras sobre ter carro no ano em que *ela* ia para lá? Blair suspirou, desabando no edredom de cânhamo horroroso. Ela não conseguia imaginar nada mais deprimente do que ter de pegar a merda de um *trem* para a faculdade.

Bom, ela pode pegar carona na estrada. Pode ser divertido.

Blair fechou os olhos e tentou imaginar como seria o Dia de Ação de Graças e o Natal em Los Angeles. Não haveria trenó no Central Park nem a tradicional caminhada de Natal que fazia pela Quinta Avenida com Serena, divertindo-se com os turistas que encaravam as vitrines da Saks feito imbecis. Não teria mais patinação no gelo no Rockefeller Center com Nate sob a enorme árvore, um céu de dezembro nublado ameaçando nevar. Os dias eram dolorosamente ensolarados em Los Angeles quase que durante o ano inteiro e praticamente não havia camada de ozônio, pelo amor de Deus. Ela ia ter que tomar um banho de bloqueador solar fator 40 só para abrir a porra da janela.

Ela se sentou, pegou uma mala e começou a enchê-la com punhados de calcinhas de seda. Se ela e Nate não podiam mais curtir Nova York juntos, pelo menos teriam uma casa perfeita em New Haven — talvez um chalezinho perto do campus, com hera subindo alegremente pelas paredes de pedra cinza. Eles podiam ficar sentados de frente para o outro diante de uma lareira com as chamas estalando, tomando gim-tônica e estudando. Ela ia fazer cartões para ajudá-lo a estudar para as provas de economia e eles iam preparar o jantar juntos na cozinha aconchegante. Nate ia parar de retalhar a carne do cervo que ele mesmo tinha caçado na expedição do fim de semana e a pegaria nos braços, cobrindo-a de beijos até que, esquecendo-se do jantar, ele a deitaria no tapete de urso — de um urso que ele mesmo matou e esfolou — tirando lentamente as roupas de seu corpo...

Blair largou os culotes Gucci pretos que estava segurando e

pegou o celular, apertando a discagem rápida três. O telefone de Nate caiu direto na caixa postal... de novo. Ela atirou o telefone no chão com carpete de algas marinhas mijado de gato e ele deslizou para o canto. Onde é que ele *estava*?

E então a porta se abriu e Nate entrou, como se tivesse recebido a deixa. Blair se colocou de pé num salto e se atirou nos braços dele, ronronando em seu peito.

— Acabei de ligar pra você! — Ela o envolveu com os braços e o apertou, sentindo o cheiro de verão e de suas axilas ligeiramente suadas. Mas Nate não parecia retribuir o abraço. Ela recuou um pouco e olhou em seu rosto. Ele estava sério — e Nate nunca ficava sério.

Epa.

— Qual é o problema? — perguntou Blair, com a testa se franzindo. Sem esperar por uma resposta, ela se virou e começou a dobrar calças jeans, trabalhando metodicamente. Se ficasse ocupada, talvez não tivesse um aneurisma. Mas que diabos estava acontecendo?

— Tenho que te contar uma coisa, Blair. — A voz de Nate tremia. — Há uma coisa importante que estou escondendo de você.

O coração de Blair batia como louco no peito. Nate parecia tão *pálido* por baixo de seu bronzeado. Vê-lo tão obviamente perturbado a deixou ainda mais nervosa. Ela se

sentou numa mala fechada e esperou. Será que Serena finalmente disse a Nate que estava apaixonada por ele? Será que ele também amava Serena? Será que *eles* iam fugir para a França juntos e adotar gêmeos do Camboja?

— Eu não consegui meu diploma — soltou Nate apressado, como se quisesse que ela não entendesse as palavras. — Vou ter que repetir o último ano na St. Jude's.

Blair agarrou a beira da mala em que estava sentada com os dedos pálidos, encarando-o sem entender nada.

— Não posso ir para Yale com você — ele esclareceu. — Me desculpe.

— Como é? — guinchou Blair, sem acreditar. Ela se levantou, com os punhos cerrados ao lado do corpo. — O que foi que você disse?

A cara de Nate era de um vazio enfurecedor. Todo o quarto pareceu ficar vermelho. Era sério? Isso estava *realmente* acontecendo? Primeiro a melhor amiga a traiu, depois a família ia abandonar a droga da casa, depois seu carro praticamente foi arrancado dela, e agora o suposto amor de sua vida ia deixar que ela fosse para a universidade sem ele porque ele estava *preso no Ensino Médio*? Será que isso estava *mesmo* acontecendo?

— QUE PORRA É ESSA, NATE!?! — gritou ela, atirando um par de Manolos de crocodilo pretos pelo quarto, errando a cabeça dele por pouco.

O amor pode doer!

A cabeça de Blair foi tomada por um ruído extremamente irritante. Nate não ia para Yale com ela — ele ia ficar aqui, em Nova York — na cidade que muito em breve não seria mais seu lar. Ele também podia ter dito a ela que *estava* apaixonado por Serena — o resultado seria o mesmo. Ela e Nate ficariam separados no ano que vem de qualquer forma, com vidas totalmente distintas. Como viveriam felizes para sempre, como estavam destinados, se ele ia continuar no *Ensino Médio*? Blair respirava tão rápido que sua cabeça ficou leve e tonta.

— Eu vou... hummmm... eu te ligo mais tarde — disse Nate pouco à vontade, olhando para o carpete. Seus ombros se ergueram num suspiro fundo e trêmulo. — Quando você estiver mais calma.

O que pode significar nunca.

— O que você quer que eu diga, Nate? Meus parabéns? Ei, pelo menos agora você vai poder me ligar para pedir ajuda no *dever de casa*! — Blair gritava enquanto ele abria a porta e a fechava suavemente depois de passar.

Não dê idéias a ele...

**PARA:** [caligirl90210@gmail.com](mailto:caligirl90210@gmail.com)

**DE:** [Bwaldorf@constancebillard.edu](mailto:Bwaldorf@constancebillard.edu)

**Assunto:** re: Somos colegas de quarto!

Gossip Girl & It Girl fans ® -

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>

Cara Alana,

**P.P.S.:** Esqueça qualquer coisa que eu tenha dito. Espero que você pelo menos seja um ser humano seminormal, porque todas as pessoas na minha vida já deixaram de ser.

**A gente se vê.  
Blair**

**enrosco com s**

Nate saiu do apartamento de Blair e pegou a Quinta Avenida, feliz com o barulho e o clamor anônimo da rua movimentada. Pelo menos aqui ninguém estava gritando com ele. Ele sabia que ela não receberia bem a notícia de que ele não ia para Yale, mas ele não esperava que fosse *tão* ruim. Ele parou na esquina e pegou um maço de cigarros. Ficou tentado pelo baseado de emergência que tinha colocado no bolso de trás, mas pegou um Parliament e acendeu a ponta, com as mãos tremendo.

Ele estava tentando pensar com as bolas, como Chips havia dito. Achou que se jogasse limpo com ela, tudo se arranjaría. Claro que ele ia ficar mais um ano em Manhattan, mas eles iam se ver todo fim de semana. Ele também não *queria* ficar na cidade enquanto Blair e Serena — suas meninas — iam para New Haven.

Nate soltou uma nuvem de fumaça e começou a andar em direção à área residencial, sem saber nem ligar para onde

estava indo. Pensar com as bolas era uma idéia superestimada. Só do que ele precisava era conversar com alguém que realmente se importasse com ele, alguém que o conhecia melhor do que qualquer outro. O problema era que essa pessoa tinha acabado de atirar um par de sapatos na cabeça dele.

Ele parou e olhou para o prédio alto de pedra na rua 81 com a Quinta Avenida, quase em frente ao Metropolitan Museum of Art. Seus pés o haviam levado bem à porta de Serena. Enquanto fitava as cortinas finas e brancas que cobriam as janelas do apartamento de cobertura, Nate se perguntou se ela estaria em casa. Ele entrou no saguão e ergueu a mão para o porteiro, que sorriu e acenou para que ele passasse.

Enquanto subia no elevador revestido de madeira, Nate não tinha certeza do que diria a Serena se ela estivesse *mesmo* em casa. Só o que ele queria era esfriar a cabeça por um tempo e esquecer tudo o que acabara de acontecer naquela última hora que fora torturante mas, conhecendo Blair, ela já devia ter contado a novidade a Serena. Ele andou decidido até a porta dos van der Woodsen e bateu.

Serena abriu a porta do apartamento quase de imediato, como se estivesse esperando por ele. Ela estava usando um vestido de algodão branco, como se estivesse prestes a sair para jogar tênis, só que o cabelo dourado estava empilhado desordenadamente no alto da cabeça, preso por um pincel.

— Oi. — Nate sorriu. — Quer dar uma volta?

Ela sorriu devagar, depois abriu completamente a porta, puxando-o para dentro pela camiseta.

Alguns minutos depois, eles estavam sentados no chão de pernas cruzadas perto da cama branca e de babados de Serena, com um álbum de capa de couro aberto diante dos dois, Serena se inclinou para a frente a fim de virar uma página, o cabelo caindo no ombro de Nate. Ele respirou fundo. Sua pulsação estava finalmente desacelerando. Só foi preciso o cheiro típico de patchouli e lírios de Serena para acalmá-lo.

Nate olhou ao redor do quarto que conhecia tão bem. Havia a bailarina de vidro minúscula no alto do porta-jóias de mogno. O urso de pelúcia vestido de xadrez, que ele costumava fazer dizer obscenidades até que Serena gritava para ele parar, embora ela risse histericamente. O armário gigantesco de mogno com uma calcinha de estampa exótica cuspindo para fora. A caixinha de prata na mesa-de-cabeceira na qual ele sabia que havia os dentes de Serena quando era bebê.

— Blair ligou pra você? — perguntou Nate, pousando a cabeça na cama ao lado. Ele olhou o dossel branco com ilhoses e reconheceu a marca de queimadura marrom que ele tinha leito na sétima série.

Ela sacudiu a cabeça.

— Por quê?

Ele se remexeu desconfortável no carpete.

— Sei lá.

Serena se limitou a sorrir e se virou de novo para o álbum. Uma foto de 20 por 30 dela na terceira série, vestida de fada, olhava para eles.

— Meu cabelo está verde. — Ela corou e tentou virar a página.

— Não. — Nate se sentou e estendeu a mão para o álbum, voltando na página para poder examinar a foto. A pequena Serena estava sem movimentos dentro de um plástico transparente, usando um vestido de cetim rosa e asas, com uma varinha prateada cintilante na mão. — Você está linda.

Serena revirou os olhos.

— Aliás... — disse ela, virando as páginas —, por que você veio aqui?

Nate deu de ombros, as palavras de Chips ainda ecoando em seu cérebro. Se ele ao menos conseguisse entender o que realmente significava pensar com as bolas, talvez pudesse compreender alguma coisa de verdade.

— Eu estava por perto. — Ele olhou uma foto dele e de Serena a qual não se lembrava de ter tirado. Suas bochechas estavam colocadas uma na outra, coradas, e a

foto tinha sido tirada de cima, com seu braço segurando a câmera diante dos rostos dos dois.

— Essa é... — ele ouviu as palavras tropeçarem para fora da boca.

— É do dia em que eu vim de Ridgely — disse ela em voz baixa, concluindo os pensamentos dele. Serena engoliu em seco, olhando a página. — No dia em que a gente...

Nate entendeu antes que ela dissesse. Era uma foto da noite em que eles perderam a virgindade juntos, mais de dois anos antes. Ele não conseguiu deixar de pensar em sua pele macia e era como se divertiram. Naquela noite, estava passando um documentário sobre os Dez Mandamentos na TV e, quando eles a ligaram depois de fazer amor pela primeiríssima vez, Serena gritou, "Você partiu meu mar vermelho!" Ele sorriu, lembrando-se de como eles estavam felizes, como ficaram nos braços um do outro até o sol nascer.

— Não me lembro de ter tirado essa foto — acrescentou Serena dando de ombros antes de estender a mão e começar a passar para outra página do álbum.

— Nem eu — disse Nate, relutando em deixar a página. Por que a felicidade não ficava assim — embrulhada com plástico e hermeticamente selada? Por que tudo tinha de ficar tão *compicado*? Mais do que tudo no mundo, ele queria poder voltar no tempo, voltar para aquela noite e começar tudo de novo.

Serena tirou o álbum das mãos dele, fechou-o e se sentou, cruzando as pernas em estilo hindu. Estava com um short branco ridiculamente pequeno sob o vestido de algodão. Olhar para ela quase doía os olhos de Nate.

Parece que agora ele estava pensando com, arrã, *alguma coisa*.

— Nate — começou ela, respirando fundo. — Preciso te perguntar uma coisa. Eu... Eu realmente preciso saber a verdade.

— O que é? — Seu coração parou por um segundo. Os olhos azuis de Serena, quase marinho, eram tão sérios que ele se viu estendendo a mão e pegando a mão dela, apertando a palma macia na dele para reconfortá-la.

Ela se remexeu, pouco à vontade, e engoliu em seco.

— Você recebeu a minha carta?

*Carta?* Nate sacudiu a cabeça devagar.

Serena respirou fundo de novo e olhou diretamente para ele.

— Eu te escrevi uma carta para dizer que eu te amo — disse ela baixinho. — Sempre amei.

O quarto caiu num silêncio tão grande que Nate não sabia

se o som da respiração em seus ouvidos era dele ou dela. Sentado ali com Serena, no chão do quarto dela, tudo parecia estar bem. E *simples*. Na verdade, parando para pensar, as coisas entre ele e Serena sempre foram simples — era a *vida* que os complicava.

E de certo modo, para ele parecia totalmente certo beijá-la. Ele se inclinou para a frente, com os joelhos nus afundando no carpete, e colocou os lábios nos dela. Enquanto sentia o cheiro de Serena, ele sentiu seus membros relaxarem, sentiu o corpo amolecendo de alívio e felicidade.

Beijar Serena era o *contrário* exato de ter um par de saltos jogados contra a cabeça — era absolutamente tranqüilo. Eles ficaram de pé meio desajeitados e ela o empurrou para a cama, beijando-o ansiosamente.

E o resto foi a história se repetindo.

**PARA:** [DHumpl8@gmail.com](mailto:DHumpl8@gmail.com)

**DE:** [perma\\_green420@hotmail.com](mailto:perma_green420@hotmail.com)

**Assunto:** Mudanças

E aí, Dan,

Cara. Acho que você e eu vamos ser colegas de quarto em Evergreen. Não sei quanto a você, mas eu estou super na pilha de ir para Washington. Sou de uma merdinha de cidade nos cafundós de Idaho e depois de 18 anos de merda vivendo aqui eu *preciso* dar o fora.

Não é só morar aqui que me mata de tédio, mas as pessoas daqui simplesmente não têm respeito pela terra, sabe como? Se as crianças com quem fui criado passassem um quarto do tempo que passam preparando metanfetamina no porão se concentrassem na porra da terra, íamos resolver o problema do aquecimento global em um instante. Francamente. É a mesma coisa com os fumantes — por que eles fazem isso? Não suporto gente que destrói a si mesmo e aos outros por motivo nenhum, sabe? É só uma questão de respeito.

E você, mano? Está empolgado com a faculdade? Espero que não esteja levando muita coisa, porque soube que nossos quartos são muito pequenos. Sou um cara bem organizado, principalmente porque não tenho muita coisa — eu procuro simplificar, me prender ao básico, sabe como é. A única coisa complicada em mim são as alergias — sou alérgico a grãos de café e entro em choque anafilático só de chegar perto da coisa. Pode acreditar, não é tão legal quanto parece.

Você se inscreveu para aquele acampamento de orientação de calouros? Parece bem legal. Conhecer nossos colegas de quarto, passar um tempo ao ar livre, viver do que a terra nos dá — é assim que deve ser, cara. É assim que deve ser.

**Paz, amor e união,  
Urth Greenberg**

**terminar não é assim tão difícil**

Dan estava sentado no meio-fio em frente à Strand, segurava um cigarro em uma das mãos e um copo de café fraco e morno na outra. Os táxis trovejavam pela Broadway, despejando a fumaça preta do escapamento. Um rio de turistas inundava as calçadas, enxugando as testas suadas e olhando inquisitivamente para a livraria antiga e bolorenta como se tentassem avaliar a potência do ar-condicionado. O calor tremulava em ondas do asfalto e Dan tirou o cabelo castanho comprido e bagunçado da testa.

Nos últimos dias, ele tinha faltado aos turnos que coincidiam com o de Greg, tentando adiar sua conversa inevitável. Ele simplesmente não sabia o que *dizer* se Greg falasse que queria algo mais sério, mais *oficial*. Evitar parecia um bom plano, mas nesta manhã seu chefe o ameaçara de demissão se ele não aparecesse, então ele passou o dia se resguardando, escondendo-se na seção de jardinagem e enfiando-se por trás das estantes sempre que ouvia passos se aproximando.

— Olá, Daniel. — Uma voz desconhecida de velho o sobressaltou. Ele olhou de onde estava na calçada e reconheceu Aggie, a recepcionista de setenta e tantos da Riverside Prep, que usava uma peruca diferente a cada dia. Hoje era preta e crespa, meio como o cabelo do Ernie de *Vila Sésamo*.

— Olá, Aggie — murmurou Dan. Este era o problema de Nova York — não se tinha um segundo de paz e tranquilidade sem esbarrar em um conhecido. Agora Aggie provavelmente ia querer tomar chá com ele, talvez ter uma

última conversa franca e honesta antes de ele ir para a faculdade.

Ou levá-lo para comprar perucas?

— Bem, Daniel, é maravilhoso encontrar você assim, mas não posso ficar para conversar. Meus parabéns por sua recente revelação e lamento ter perdido sua festa! — Dan ficou olhando chocado enquanto Aggie sorria, ajeitava a peruca e seguia em direção às prateleiras de livros com desconto.

Dan acenou de leve para ela e depois suspirou, encostando-se na parede de tijolinhos, que parecia chamuscar sua carne através da camiseta úmida de suor. Bom, isso foi esquisito. Será que a mãe dele convidou *todo mundo* para sua festa de revelação? Ele ajeitou a bunda na calçada e pegou um caderno na bolsa de carteiro Timbuk2 preta e surrada. Se não conseguisse escrever alguma coisa para o casamento logo, estaria seriamente lascado. Mas o problema era que não lhe vinha nada à cabeça. Aliás, o que ele sabia sobre casamentos? Como podia escrever sobre amar alguém pelo resto da vida quando ele nem conseguia chegar a uma conclusão acerca de *sua própria* vida amorosa?

Bom argumento.

Ao desviar os olhos da página em branco, ele viu Greg virar a esquina, de camisa branca e jeans ásperos e esbranquiçados. Ai, meu Deus. Greg parou quando viu Dan sentado ali e sorriu. Depois Dan deu um sorriso e correu.

— Oi. — Ele pegou o ombro de Dan. — Por onde você andou? Eu estava querendo conversar com você. — Sua voz parecia genuinamente preocupada.

Dan olhou o concreto. Podia sentir a camiseta grudando de suor em suas costas.

— Eu estava doente — murmurou ele, tossindo no punho e virando a cara. Ele percebeu que um grupo de turistas se aproximava em massa e se perguntava se não podia mergulhar no meio deles e fugir. — Bem doente. — Inseguro, ele desviara seu olhar para Greg, que o fitava como se estivesse gostando daquele momento, com os olhos azuis se vincando nos cantos. — Só não queria que você pegasse... Acho que é muito contagioso e...

Greg o interrompeu, agitando a mão.

— Olha, eu queria muito conversar com você sobre uma coisa. — Ele se sentou ao lado de Dan na calçada.

Dan ficou em silêncio, mexendo na caneta. A horda de turistas veio e passou, mas ele sabia que tinha de ficar sentado ali e agüentar. Tinha medo das palavras que certamente sairiam dos lábios de Greg a qualquer momento. *Vamos nessa. Quero que conheça meus pais. Quero te mostrar coisas que só outro homem pode mostrar.*

Greg pigarreou de leve e continuou.

— Pensei que você e eu tínhamos um lance legal. — Ele parou, com as palavras pairando no ar. — Mas... Eu meio que conheci outra pessoa.

Hein? Dan encarou Greg, boquiaberto. Sentia que tinha acabado de levar uma tábua na cabeça. Duas meninas, completamente de preto, passaram por eles, praticamente tropeçando nos dois com os coturnos e olhando-os com uma cara feia por estarem obstruindo a calçada.

— Eu conheci um cara incrível na... Hummm... — Greg olhou para a calçada, com as bochechas corando em um tom extremamente vivo de vermelho, e passou a mão no cabelo antes de continuar. — Numa festa... E, bom, a gente meio que teve uma *ligação* muito intensa. — Ele pôs a mão no braço de Dan, apertando com força — mas de um jeito fraterno e tranquilizador. — Desculpe.

Desta vez, Dan não encolheu ao toque.

— Não se preocupe com isso. — Ele deu um tapinha na mão de Greg. — Está tudo bem. — Ele suspirou, respirando o ar pesado de agosto, que de repente parecia muito menos opressivo.

O alívio transpareceu no rosto de Greg.

— Sei que vai encontrar alguém especial — declarou ele repentinamente, tirando a mão do braço de Dan. — E espero que ainda possamos ser amigos — acrescentou ele, ajustando os óculos no nariz.

— Com certeza — disse Dan, entusiasmado. — Totalmente. — Ele olhou o trânsito movimentado da cidade e se perguntou brevemente se seu "alguém especial" estaria bem aqui, diante de seus olhos, em meio à multidão. Duas meninas sentadas a uma mesa ao ar livre, na calçada do restaurante Così, do outro lado da rua, tomavam limonada e observavam por de trás dos óculos escuros as pessoas que passavam. De frente para elas estava sentado um cara de boné, com um *iced coffee* na mão, lendo uma revista. O cara olhou para cima e pegou Dan o encarando, o que fez com que Dan rapidamente desviasse o olhar.

— Entãooooo... — Greg olhou para o caderno fechado de Dan. — No que está trabalhando? Outro futuro poema para a *New Yorker*?

— Rá. — Dan bufou, abrindo o caderno e erguendo a página em branco. — Eu devia estar trabalhando num poema para o casamento da irmã de Vanessa, mas não consigo pensar no que dizer. Afinal, o que eu sei sobre casamentos?

Greg enxugou as mãos nos jeans.

— Só o que precisa fazer é imaginar a pessoa que você mais ama no mundo... A pessoa com quem você quer acordar de manhã e ir dormir à noite. — Ele parou, corando intensamente e passando as mãos no cabelo. — Mesmo que você ainda não tenha conhecido essa pessoa... Só precisa *imaginá-la*! Quer dizer, comigo e... — Greg olhou

timidamente para o chão. — Nem me imagino querendo isso com *mais ninguém*, entendeu?

— Acho que sim. — Dan fitou as rachaduras no concreto. — Eu só não sei se há alguém por quem eu sinta isso... ainda. — Ele fechou o caderno e o enfiou no fundo da bolsa de carteiro.

Olhando os pés de Greg, Dan percebeu que ele estava de meias pretas com carinhas brancas de macaco Paul Frank. Dan ainda não sabia exatamente como era seu tipo de homem — er, de pessoa —, mas tinha certeza absoluta de que sua alma gêmea não usava meias com macaquinhos.

— Quer dizer — recomeçou ele, olhando para Greg, que ouvia com atenção —, como vou saber quando é a pessoa certa?

Greg ficou olhando para Dan por um momento até que se levantou. Bateu as duas mãos na bunda ao limpar os jeans brancos.

— Você simplesmente... vai saber — disse ele em voz baixa. — Vai saber quando souber.

Dan olhou novamente para o mar de gente na rua — os turistas de olhos arregalados com suas câmeras, os skatistas que se reuniam na Union Square no verão, os alunos da NYU que estavam se mudando para seus apartamentos com algumas semanas de antecedência, arrastando a mobília barata, com os braços carregados de caixas. Nos poucos

minutos em que ele e Greg estiveram sentados ali, centenas de pessoas devem ter passado. Se ele ficasse mais um tempinho, aquelas centenas logo se transformariam em milhares. Como se podia encontrar uma pessoa em milhares? Isso não levaria uma eternidade?

Greg colocou as mãos nos bolsos.

— Você vai saber quando não suportar a idéia de ver outra pessoa no final do dia que não seja quem você ama e, embora você a tenha visto poucas horas antes, vai ficar louco para vê-la novamente à noite.

Dan assentiu em silêncio, ainda olhando tonto para a multidão na calçada como se ela tivesse todas as respostas da vida.

— Bom, é melhor voltar para o trabalho — disse Greg, empurrando os óculos no nariz. — Eu nem estou no intervalo... Só fugi para falar com você. — Dan se lembrou e se levantou, passando a bolsa de carteiro no ombro. Ele pegou o braço de Greg antes que ele se afastasse.

— Ei — disse ele, chegando mais perto. — Obrigado... por tudo.

Greg sorriu. Passou os braços nas costas de Dan e o apertou, dando-lhe tapinhas no ombro antes que os dois se afastassem.

Ao ver Greg se afastar, Dan não pôde deixar de se sentir meio triste. Não com Greg, mas com o amor em geral. Ele queria o que Greg havia acabado de descrever: alguém com quem pudesse ficar e tomar café-de-manhã. Alguém com quem ele fizesse todas aquelas coisas imbecis e ridiculamente românticas de Nova York antes de ir para Evergreen — ver todos os filmes de Woody Allen feitos em Manhattan, ou dar um passeio de charrete pelo Central Park sob a lua cheia. Alguém com quem acordar toda manhã, com a luz cobrindo a pele nua como um lençol dourado...

*Fúria pálida. Por que me deixou?*

Ele sacou o caderno e começou a escrever furiosamente, sem saber bem o que fazia.

*De olhos fechados, nossos ossos doem.  
Isto não é química nem geografia.  
É física. Pura física.*

Dan ainda não sabia o que tentava dizer, mas tinha algo a ver com o atrito, e atrito causava calor, e quando ele pensava em calor, não conseguia deixar de lembrar de certa garota com o cabelo espetado deitada ao lado dele na cama. Suas mãos começaram a suar enquanto ele escrevia.

Nem se sente mais tão gay assim, hein?

*talvez um leopardo possa trocar de manchas*

— Olha por onde anda, rapaz!

Um táxi amarelo se desviou no asfalto preto e ondulante, quase esbarrando no braço de Vanessa enquanto ela atravessava a Broadway, com os olhos semicerrados por conta da aniquilante luz do sol da tarde. A voz rude e rouca do taxista ecoou em seus ouvidos. Será que ele disse *rapaz*? Vanessa sorriu presunçosa para si mesma. *Bom*, pensou ela, acelerando o passo, *é isso que se consegue por ter um corte de cabelo aerodinâmico e macio*.

Ela não queria dizer andrógino?

Ela veio ao centro da cidade lá pelo meio-dia para filmar parte das andanças de Ruby pelo East Village à luz do dia, mas agora, diante do calor sufocante, estava precisando de um intervalo. Vanessa esfregou a cabeça eriçada enquanto esperava que a luz mudasse.

A livraria Strand ficava a meia quadra de distância, os carrinhos de livros mofados com desconto estavam estacionados na frente. Vanessa se perguntou se Dan estaria trabalhando — ela o estivera evitando nos últimos dias depois de todo o incidente da poesia-gay-romântica, mas talvez desse uma parada para cumprimentá-lo. Ela olhou a mãozinha vermelha alertando para que ela não atravessasse a rua.

A universidade estava muito próxima e logo Dan — junto com quase todo mundo — iria embora. Bom, Ruby estaria por perto, mas não era mais a mesma coisa entre as duas — agora que ela passava cada segundo acordada com Piotr.

Vanessa não conseguia deixar de se sentir meio... obsoleta. Talvez tenha sido um erro ficar na cidade, mas ela queria estudar cinema na Universidade de Nova York desde que se entendia por gente e agora finalmente tinha conseguido a oportunidade. Além disso, ela adorava Nova York. O problema era que ia ser uma cidade completamente diferente sem Dan.

O sinal estava levando uma eternidade para mudar e ela podia sentir o suor escorrendo por entre as pernas e nas sandálias plataforma Mary Janes de couro preto. Protegendo os olhos da luz, ela de repente viu Dan do outro lado da rua, parado perto dos carrinhos de livros usados, junto com Greg.

Eles estavam conversando, depois Dan abriu os braços e Greg o recebeu, apertando-o firmemente. Mesmo de onde estava, Vanessa podia ver que os olhos de Dan estavam fechados ao abraçar Greg, o corpo estava totalmente relaxado de um jeito que ela não o via há séculos. Ela os viu conversando na festa de revelação dele, mas Dan parecera tão constrangido que era difícil acreditar que eles realmente estivessem juntos. Agora estava mais do que evidente que eles eram um casal feliz, totalmente apaixonados.

Vanessa se virou e começou a voltar rapidamente pela Broadway, sacando os óculos de sol brancos vintage da bolsa militar surrada para cobrir os olhos — que rapidamente se encheram de lágrimas. Uma coisa era o ver recitando um poema — afinal, os poemas de Dan sempre

foram meio estranhos —, mas realmente vê-lo abraçar outro homem era muito diferente — era *real*. Será que ele sempre foi gay? Como é que ela nunca percebeu?

Ela enxugou as lágrimas por baixo das lentes escuras e passou as mãos na cabeça, como sempre fazia quando estava aborrecida. Enquanto seus dedos tocavam a careca espetada, ela parou de repente. O pensamento mais desastroso de todos borbulhava em seu cérebro e, antes que pudesse se reprimir, ele vazou. Será que Dan só ficou com ela por causa da cabeça raspada? Seria possível que ele só gostasse dela porque seu visual era meio... *masculino*?

De repente Vanessa pensou que fosse vomitar na esquina da 11a com a Broadway. Quase antes de perceber o que estava fazendo, ela pegou o celular e começou a martelar as teclas, num estado de pânico completo. Precisava se sentir feminina e sexy imediatamente e só havia uma pessoa no mundo que podia ajudá-la.

— Alôôô? — A voz de Blair dava a impressão de estar presa num túnel de vento ou coisa assim.

— Oi, Blair... É Vanessa. — Houve uma pausa em que Vanessa pôde ouvir o som de risos ao fundo e depois um sibilar alto. — Eu preciso de... ajuda. — Vanessa respirou fundo, perguntando-se por que era tão difícil dizer as palavras que estavam por vir. — Eu preciso de uma... repaginada no visual — soltou ela, colocando o indicador na boca e roendo violentamente a unha.

— Nossa, você ligou na hora certa. Estou no Warren Tricomi colocando apliques neste exato minuto — respondeu Blair toda entusiasmada. Vanessa entendeu que o vento era o som de secadores de cabelo ao fundo. — Venha para cá agora.

Vinte minutos depois Vanessa estava sentada numa cadeira de cabeleireiro ao lado de Blair, olhando para um francês minúsculo de nome Louis, com um nariz pontudo e cabelo preto e liso na altura do queixo, que enfiava fios de cabelo castanho-dourado na juba já espessa de Blair.

— Parece uma liiiiinda serreiaaaaa! — disse Louis a Blair, que olhou para ele pelo espelho de moldura dourada do salão, em aprovação. — *Et pour ton ami* — Louis apontou para Vanessa com um dedo comprido e magrelo — vamos fazerr *magique*! Volto já!

Vanessa olhou em volta. O spa parecia um palácio europeu, o piso era de carvalho escuro e coberto de tapetes persas e paredes com espelhos dourados filigranados. A cadeira em que se sentava era de veludo vinho. Ela cruzou as pernas, sentindo-se pouco à vontade e escondendo as panturrilhas com as mãos pois não estavam depiladas. Jorrava luz pelas vidraças gigantescas de vidro laminado que ficavam na parte da frente e uma fila de pias de cobre e cadeiras de xampu alinhavam-se na parede mais distante. O salão estava cheio de mulheres bronzeadas, de unhas bem-feitas e roupas de grife, lendo *Vogue* ou recostadas de olhos fechados enquanto os cabeleireiros as mimavam com massagens na cabeça. Lugares assim sempre faziam com

que Vanessa se sentisse com três cabeças — todas implorando por uma reforma. É claro que Blair estava perfeitamente à vontade sentada ali, com uma pilha de revistas no colo, as pernas bronzeadas cruzadas na altura das coxas, ladrando ordens para as assistentes que andavam para lá e para cá em volta dela.

— E aí, o que *aconteceu*? — Ela se virou para Vanessa assim que Louis se afastou.

— Eu só precisava ficar mais mulher — murmurou Vanessa, afundando na cadeira.

— Bom, é óbvio. — Blair franziu o narizinho perfeito e apontou para o corpo de Vanessa com as unhas cor-de-rosa perfeitas. — Enfim você percebeu que *é* uma mulher.

Vanessa olhou no espelho, a careca estava suada e as botas pretas e sujas. Depois olhou a forma completamente feminina de Blair: as unhas dos pés cor-de-rosa se projetando de um par de sandálias azuis-claras e pulseiras de ouro no braço inapto e gracioso. Vanessa soltou um forte suspiro, afundando ainda mais na cadeira. Ela era uma causa perdida.

— Eu *sei* que sou mulher — respondeu ela por fim. — Mas preciso ser uma mulher que seja mais... — Ela apontou para o corpo de Blair. — Mais parecida com *você!*

— Concordo e concordo. — Blair sorriu. Estava começando a se sentir mais parecida consigo mesma de

novo. Depois do pequeno detalhe anunciado por Nate, ela veio ao único lugar que sabia que podia fazer com que se sentisse melhor — o salão. E deu certo, é claro. A única coisa que evitava que ela perdesse a cabeça eram os murmúrios suaves de Louis enquanto enfiava mechas novas e longas em suas raízes e lhe falava da sorte que tinha por ter cabelos tão fortes e saudáveis. Havia algo totalmente tranqüilizador em ficar sentada numa cadeira de cabeleireiro. Era como Audrey Hepburn disse certa vez sobre a Tiffany — não podia te acontecer nada de ruim lá.

Agora que tinha se acalmado, Blair queria conversar com Nate e se assegurar de que ele não ia fazer nenhuma idiotice, como pensar que eles tinham terminado e se atirar da ponte do Brooklyn ou então tomar veneno para dar um fim a seu sofrimento — embora, sinceramente falando, Nate nunca fora lá muito Romeu.

Ela começou a apertar as teclas do celular. Estava ligando para o número dele a cada cinco minutos, mas sempre caía na caixa postal. Ela tentou o de Serena também, na esperança de encontrar alguém com quem pudesse conversar, mas também não conseguiu. Onde é que eles estavam, afinal?

É *realmente* bom que ela não saiba...

Blair avaliou o short preto de Vanessa e o top verde-militar listrado. Vanessa podia realmente se beneficiar de algumas horas produtivas no salão. Blair ficava feliz em ajudar —

sempre gostou de desafios e Deus sabia que ela precisava da distração.

Vanessa estava começando a se perguntar para quem Blair fazia questão de ligar a cada cinco segundos quando então um celular começou a berrar "Like a Virgin", de Madonna. Vanessa se virou e viu Isabel Coates e Kati Farkas sentadas lado a lado sob os secadores, com tiras de folha de alumínio na cabeça. Kati estava falando alto no celular, levando a mão à outra orelha para bloquear o rugido do vento. Ela usava um vestido de verão rosa de babados que pendia de seu corpo feito um saco, e Isabel estava exatamente com o mesmo vestido — mas num tom de verde bile. Isabel viu Vanessa sentada na cadeira. Deu uma cotovelada em Kati, que explodiu numa gargalhada.

— Veio comprar um visual novo? — gritou Kati, segurando o telefone longe da cabeça.

— É óbvio — murmurou Vanessa, antes de se virar e olhar apavorada para o espelho. Blair estava deixando outro recado.

— ... então eu *ainda* estou no spa e você precisa me ligar quando receber esse recado. Só não faça nenhuma idiotice, está bem? — Ela fechou o celular com mau humor e suspirou.

— Cadê o Nate? — perguntou Vanessa enquanto uma assistente loura e aprumada, vestida inteiramente de lycra branca, colocava um copo de água gelada com fatias de

limão na bancada diante dela. Vanessa pegou o copo, bebendo a água gelada com vontade.

— Também queria saber. — Blair suspirou. — E logo no momento que mais preciso de ajuda, me preparando para ir para Yale e tudo isso.

— Sei o que quer dizer — disse Vanessa solidária, devolvendo o copo vazio à bancada. — Não estou passando muito tempo com Ruby, agora que ela vai se casar. Nem com Dan — acrescentou ela. — Ele está tão ocupado com o trabalho e com o namorado novo que eu podia muito bem nem existir.

Blair se virou surpresa para ela, com um sorriso se formando nos lábios.

— Vou ignorar a informação que Dan virou gay em favor da novidade muito mais interessante... Sua irmã vai *se casar*? — perguntou ela, com os olhos se iluminando. — Quando, quando, *quando*?

Merda. Vanessa devia saber muito bem que não podia falar a palavra casamento na frente de uma garota como Blair.

— Hummm, a festa de despedida de solteira acontece hoje e o casamento está marcado para o sábado à tarde.

— Tá legal, isso é mais sério do que eu pensava. — Blair se sentou ereta na cadeira como que energizada com a missão, enrijecendo a postura. — Você *precisa* ficar



— Bem Ashlee Simpson. — Blair ergueu do colo a *Us Weekly* e apontou para a capa. — Brilhante! — Ela bateu palmas, toda animada.

Normalmente, a simples idéia de experimentar o visual de alguém que aparece na capa da *Us Weekly* faria Vanessa ficar com ânsia de vômito. Mas o momento era de desespero. Kati e Isabel tiveram outra erupção de risos no canto do salão. Vanessa se olhou pensativamente no espelho. Estava pronta para mudar.

— Vai fundo — Ela assentiu com confiança para Louis, sorrindo no espelho.

Ai, ai. Meninas, lembrem-se, é sempre melhor ficar do jeito que você nasceu — tudo que é colado pode... despencar.

*quanto mais as coisas mudam, mais continuam as mesmas*

Serena ronronou feliz, aninhando-se mais perto do corpo quente e despido de Nate. Deitar em seus braços era tão incrivelmente bom. Quando eles perderam a virgindade juntos, mais de dois anos antes, foi incrível, cada curva do corpo dos dois fazia um encaixe perfeito. Desta vez não era diferente — eles afundavam nos lençóis macios e seus corpos eram feitos um para o outro. Serena nem acreditava em como se sentia à vontade com Nate — como sempre ficava à vontade com ele. Não queria nunca, jamais sair da cama. Eles não podiam ficar nos braços um do outro para sempre, pedindo comida chinesa o tempo todo e se

alimentando de costeletas gordurosas?

Nada define melhor o romance do que arroz frito com porco!

Ela enterrou o nariz na orelha dele e ele a puxou mais para perto, envolvendo seus corpos nus e suados com o lençol. Serena estendeu os braços e os entrelaçou no pescoço de Nate.

No minuto em que os lábios dele tocaram os dela e as roupas foram arrancadas, Serena sabia que tinha razão o tempo todo — ela realmente o amava. Ela achava que ia explodir, guardara as palavras por tanto tempo que só o que queria agora era repeti-las infinitamente.

— Serena? — perguntou Nate, rolando de lado e apoiando a cabeça numa das mãos.

— Sim, Natie? — Ela rolou de costas e colocou a cabeça em seu peito, aninhando-se sob sua axila. Adorava ouvi-lo dizer seu nome.

— Tenho uma coisa pra te contar. — Ele passou as pontas dos dedos por seus ombros nus. Parecia haver eletricidade no toque.

Serena se sentou, puxando o lençol para cobrir a pele macia, com o cabelo louro caindo nas costas despidas.

— O que é? — sussurrou ela, tentando permanecer calma.

— Eu não consegui meu diploma — disse ele em voz baixa. Ele pegou o ursinho de pelúcia no canto da cama de dossel toda branca e o abraçou. — Não vou para Yale no ano que vem... Vou ter que ficar aqui, em Nova York, e repetir o último ano.

Serena arregalou os olhos de surpresa. Não vai para Yale? A Blair sabe disso? Ela olhou o ursinho como se ele pudesse lhe dar algumas respostas e puxou as cobertas mais para cima do torso, estremeando ao pensar em Blair, porque com isso viria a culpa, uma montanha de culpa.

— Tudo que eu queria era cair fora. — Nate vestiu uma camiseta verde desbotada pela cabeça, abafando a voz dentro do algodão macio. — Só velejar por aí e nunca mais voltar. — Sua cabeça apareceu pelo buraco da roupa e ele puxou o tecido sobre o peito bronzeado.

Ele passou as mãos no cabelo e se deitou ao lado dela. Os olhos de Serena eram tão brilhantes e profundamente azuis que para ele era difícil imaginar olhar outra coisa. Ele viu o rosto bronzeado e meio sardento de Serena e percebeu que, enquanto vivesse, jamais se esqueceria de como ela estava agora — as bochechas rosadas, o corpo longo envolvido em lençóis brancos.

Se Blair descobrir, pode não ser tanto tempo assim.

— O que você vai fazer? — perguntou Serena, tirando o cabelo do rosto.

— Acho que ficar aqui — respondeu Nate, abatido. — Não tenho lá muita escolha.

Serena afagou a mão dele, querendo poder beijá-lo e fazer com que tudo ficasse bem. O sol de final de tarde entrava pelas janelas abertas e ela olhou para o amplo céu azul. Podia ouvir os sons fracos da cidade, os ônibus rugindo com seus outdoors nas laterais. De repente sua pulsação começou a acelerar.

— Sabe de uma coisa... Não sei bem se vou para Yale também — disse ela baixinho.

— Como é? — perguntou Nate, com os olhos verdes cintilando. — Por quê?

— Bom, eu fico tentando imaginar... Mas não consigo. — Ela ia prosseguir com a explicação e esteve prestes a dizer, *sempre que Blair fala sobre isso*, mas se interrompeu. — E depois, na coletiva de ontem, o diretor anunciou que vai filmar a continuação de *Breakfast at Fred's* em Nova York daqui a um mês e... sei lá. Acho que preciso ficar aqui.

No minuto em que as palavras saíram de sua boca, Serena entendeu que eram verdadeiras. Não tinha certeza se realmente queria ir para Yale, mas sabia, sem nenhuma dúvida, que não queria ir para Yale sem Nate. E pelo olhar dele, parecia que o sentimento era recíproco.

— É mesmo? — perguntou Nate. Ele se imaginara como o

único cara de barba na aula de álgebra I na St. Jude's. Mas com Serena aqui, talvez ele não se sentisse tão deslocado. Seria como sempre foi — só que sem Blair. Ih, peraí, a Blair.

Lembra dela?

Mas talvez ele ainda pudesse visitar Blair nos fins de semana. As pessoas faziam isso, não é? Como ter um apartamento na cidade e uma casa no campo. Quando ele pensou desta maneira, tudo pareceu tão simples. Por que não pensou nisso antes? Podia passar os dias da semana com Serena e os fins de semana e feriados com Blair, e todo mundo ficaria feliz.

Parece que ele está pensando em fazer um pacote completo.

— É mesmo. — Ela sorriu e ele a puxou para mais perto. E então, com o hálito dele fazendo cócegas em sua orelha, ele sussurrou:

— Eu também te amo.

Ai. Muito lindo. A não ser que você seja certa garota que acabou de colocar apliques na Warren Tricomi.

*v entra em contato com seu lado rebelde*

— Iaaaaaaaarruuuuuuuu!

Vanessa sacudiu o cabelo dourado do rosto e endireitou os

ombros antes de abrir a porta pesada e escura do bar. O Coyote Ugly era basicamente um bar de universitários que pertencia a bartenders que fazem o estilo amazonas dominadoras com chapéus de caubói. As bartenders também gostavam de dançar em cima do balcão de madeira, jogando água na multidão — ou cerveja. Não era exatamente o lugar preferido de Vanessa, mas era o local perfeito para a despedida de solteira de Ruby. Ruby pensou que o bar, que se tornou lendário com o filme totalmente fracassado que levou seu nome, era hilário — de uma forma irônica, é claro.

É claro.

O bar estava apinhado de gente que se acotovelava, principalmente universitários bêbados de camisa pólo em tom pastel e mocassins. Três bartenders estonteantes abriam caminho furiosamente pela multidão, atirando garrafas no ar e servindo a bebida aos homens. O som da música country preenchia o ambiente. Vanessa andou pelo chão coberto de serragem com suas sandálias plataforma Prada pretas — sobras do guarda-roupa de Blair — e olhou em volta. Ruby estava encostada na parede, com um vestidinho vermelho e coturnos, bebendo com um grupo de meninas obviamente embriagadas. Vanessa foi até lá e deu um cutucão nas costelas da irmã.

— Cuidado aí! — gritou Ruby, com a irritação estampada no rosto. — Piranha — murmurou ela.

Vanessa pegou o braço da irmã e se inclinou para mais

perto.

— Ruby, sou *eu*.

A cara de Ruby ficou branca de choque. Ela estendeu a mão, tocando os fios do cabelo louro e comprido que emoldurava o rosto de Vanessa, fitando seus olhos cuidadosamente delineados com lápis marrom e habilidosamente maquiados — cortesia da Srta. Blair Cornelia Waldorf, é claro — e na mesma hora começou a rir feito louca.

— Ai, meu Deus — ela riu, tomando outro gole de um líquido âmbar —, eu estou *mesmo* doidona. — Assim que secou o copo, tremendo um pouco enquanto a bebida atingia o peito, ela pegou o braço de Vanessa de novo, olhando-a de cima a baixo e fixando o olhar na saia curta, preta e apertada Anna Sui e no corpete cinza carvão de contas Chloé que Blair praticamente enfiou na bolsa de carteiro de Vanessa. — Fala sério, Vanessa, você está ridícula. Mas também meio... gostosa!

— É mesmo? — Vanessa estendeu a mão e tocou a peruca. Ainda estava um pouco constrangida com o arranjo — para não dizer sufocada. O lugar tinha a temperatura exata de uma sauna e sua peruca de cabelo humano em cascata não estava ajudando em nada.

— Bebe uma aí! — gritou Ruby, colocando um copo na mão dela.

Vanessa tombou a cabeça para trás, com um medo momentâneo de que sua peruca caísse nesse processo, e então engoliu a bebida, que tinha gosto de gasolina. Ela sacudiu a cabeça como se tentasse afugentar a ressaca iminente.

Pode desistir.

— Mas o que é isso que vocês estão bebendo? — resmungou ela, limpando a boca com as costas da mão.

— J&B com mais J&B! — Uma garota que Vanessa reconheceu como uma das bartenders do Five and Dime, um dos lugares preferidos de Ruby no Brooklyn, colocou outro copo de bebida na mão de Vanessa. — Bebe!

Até parece que Vanessa tinha escolha.

A bebida queimou sua garganta. Ela sacudiu os ombros e tentou recuperar a visão.

— Vem cá, maninha, quero conversar! — Ruby gritou no ouvido dela.

— Você quer andar? — perguntou Vanessa, apontando para uma bartender de camisa western desabotoada até o umbigo, com um short jeans ridiculamente curto e saltos vermelhos, andando cheia de si no alto do balcão como se estivesse desfilando em uma passarela.

— Não! — Ruby a empurrou para um canto mais escuro

perto do banheiro feminino. Pelo menos era um pouco mais silencioso. Ela pegou o braço de Vanessa como alguém que estivesse se afogando.

— Eu *disse* que preciso *conversar*. — Ruby teve que gritar por sobre o som frenético do violino de "The Devil Went Down to Georgia", da Charlie Daniels Band. — Acho que não vai dar!

— O que não vai dar? — perguntou Vanessa, servindo outra dose em seu copo, de uma garrafa já pela metade de J&B a que Ruby se agarrava. — Beber? — Ela ergueu a garrafa para o rosto da irmã. — Porque, para mim, você parece estar muito bem.

Ruby afastou a garrafa com impaciência.

— Não sei se quero casar com Piotr. Acho que não consigo passar por isso. — A cara de Ruby se enrugou como um lenço de papel usado.

— Peraí... Como é? — Vanessa se curvou para colocar a garrafa de J&B no chão, depois se levantou e pôs os braços em volta da irmã. — Por quê? O que é que tá pegando?

— Ah — Ruby fungou —, ele me deu o presente dele hoje... Disse que era uma homenagem a nossa vida futura juntos ou qualquer coisa assim.

Vanessa franziu a testa, confusa.

— E daí?

— V, ele me comprou um jogo de chá antigo Suzy Homemaker como a porra do presente de casamento. Ele não me conhece nada. Quer dizer, se é isso que ele está esperando... — Ela se interrompeu e se serviu de outro drinque, virando-o habilidosamente e enxugando a boca com as costas da mão. — Será que ele acha que serei a esposinha-robô perfeita que cuida da casa? Porque não é o que eu sou e ele devia *saber* disso! — Ruby encheu o copo de novo e desta vez Vanessa estendeu o próprio copo para que fosse servida.

Ajoelhou, tem que...

— Quer dizer, como posso me casar com um cara que obviamente nem sabe quem eu *sou*? — Ruby sacudiu a cabeça com tristeza e repulsa. Atrás delas, um casal tropeçou para fora do banheiro, olhando em volta com um ar de quem tinha culpa no cartório.

— Ele sabe quem você é — Vanessa se percebeu dizendo, para grande surpresa dela mesma. — E acho que ele te ama de verdade.

— Por que diz isso? — perguntou Ruby, desconfiada.

— Olha. — Vanessa a pegou pelo braço e ficou grata quando a música mudou para uma balada menos barulhenta de Bonnie Raitt. — Tive uma longa conversa com Piotr, outra noite, no seu show.

— Teve, é? — perguntou Ruby. — Quer dizer, e daí? — acrescentou ela, como se lembrasse a si mesma que estava amargurada e com raiva.

— Procure me acompanhar — disse Vanessa com impaciência. — Ele falou que, quando vocês se conheceram, você contou a ele que costumava dar festinhas de chá quando éramos pequenas. Lembra? — Ruby assentiu e Vanessa continuou. — Você disse a ele que ficávamos tomando suco de maçã naquelas xícaras de porcelana que a mamãe tinha e que fingíamos que era chá. Bom, foi *daí* que ele tirou a idéia de te dar um jogo de chá antigo.

No balcão do bar, a bartender de salto vermelho enfileirava um cara de camisa pólo depois de outro e obrigava-os a beber, depois jogava água neles para amenizar.

— Essa foi a coisa mais doce que já ouvi — respondeu Ruby em voz baixa, enchendo o copo de novo, junto com Vanessa. — Eu sou uma babaca — declarou ela, com uma lágrima solitária escorrendo pelo rosto. — Nem acredito que duvidei dele.

Vanessa limpou a lágrima com os dedos e Ruby ergueu o copo, os olhos castanhos bêbados brilhavam na luz fraca.

— Um brinde?

— A seu casamento! — gritou Vanessa, batendo os copos

com a irmã e em seguida bebendo o conteúdo.

Vinte minutos e outro drinque depois, o salão estava girando. As meninas do Coyote Ugly estavam no balcão dançando, gritando insultos em um megafone, e Vanessa se viu incapaz de tirar os olhos enquanto as meninas hipnotizavam o salão. Elas eram tão *confiantes*. Uma linda morena de camiseta preta apertada, jeans colado no corpo e um chapéu de caubói dançava furiosamente no balcão, o corpo tremia com a música. Um cara na frente do balcão com camisa Izod rosa e gola levantada pegou a perna da garota. A morena se abaixou, sorrindo com malícia, e lhe deu um banho com um jarro de água escondido atrás do bar. A multidão explodiu em gritos.

Ruby pegou o braço de Vanessa e balbuciou:

— Você devia estar lá em cima, V. Você é mais gata do que *qualquer* uma daquelas meninas! — em seguida ela empurrou a irmã pelas costas, atirando-a para o balcão. — Sobe lá e mostra a elas como é que se faz!

Vanessa olhou sua roupa de mulher gostosa, desfrutando da sensação do cabelo louro balançando no rosto enquanto ela se movia. Ela abriu caminho até a frente da multidão e estendeu a mão para a morena estilo Daisy Duke, que uivou e a puxou para o balcão. Vanessa olhou para a multidão, sentindo um súbito surto de poder. Começou a rebolar, com as sandálias plataforma chutando vários copos no balcão enquanto ela mexia os pés.

Se ao menos o taxista que a confundira com um homem a visse agora — ele ia implorar por seu perdão. E será que Dan, o cara que ela pensava ser o amor de sua vida, só gostava dela por causa de sua cabeça raspada? Ela era tão mulher quanto qualquer outra aqui. E agora ela *parecia* mesmo uma mulher.

— E aí, gostosona? — ronronou a bartender, pegando-a pela cintura, puxando-a para mais perto. A multidão enlouqueceu, gritando e uivando com gritos roucos e bêbados.

— Aí, gata! — Um cara na frente tentou chamar a atenção de Vanessa enquanto outro gritava, "Rebola, garota!"

Vanessa rebolou e deu dois passos pela superfície lisa do balcão, piscando para os universitários e jogando o cabelo louro e comprido. Tudo bem, então talvez este não fosse o jeito mais maduro de lidar com a rejeição de Dan, mas ouvir todos aqueles gritos de estímulo certamente era muito terapêutico.

Então era *disso* que se tratavam todos aqueles vídeos *Girls Gone Wild* — era um processo de cura. Até parece!

Um bebum de cabelo curto e espigado estendeu notas de dólar no punho fechado, gesticulando para ela e gritando. Sem pensar nem por um momento, Vanessa se abaixou até a cintura e pegou a manga de sua camisa Abercrombie, puxando-o para mais perto como se estivesse prestes a beijá-lo. Depois pegou um jarro de água de trás do balcão e

despejou na cabeça do coitado. Não estava fazendo isso por si mesma — fazia isso por todas as mulheres que tinham ex-namorados gays.

A multidão pirou, aos gritos, e através de sua névoa alcoólica Vanessa pôde ouvir a voz de bêbada da irmã por sobre a barulheira...

— *Éééé!* Essa é a minha *irmã!*

Ai. Será que a mamãe ia ficar orgulhosa?

**DE:** trentdbro\_87@yahoo.com

**PARA:** narchibald@st.judes.edu

**Assunto:** E aí?

Nate, bro!

Parece que somos eu e você no ano que vem, bro, E você sabe que nosso quarto será o lugar certo para ficar com todas aquelas vagabas gatas. Estou louco para pegar uma daquelas bibliotecárias pervertidas da Ivy League. *Ééééé,* bro!

A verdade, bro, é que nesse outono não vou ficar muito em casa, então você pode pegar as gatinhas da biblioteca em paz. *Aí!* Ó só, eu faço natação e o treinador me obriga a fazer todas as refeições, tipo assim, junto com eles e treinar até que os atletas comecem a morrer. Fala sério. E como se não bastasse, tem todo tipo de trote cruel e essas merdas que os veteranos fazem com os calouros. Vai ser foda.

Então o trato é o seguinte: você fica com as meninas em novembro, depois vai ter que passar uma dessas gostosas. Fica esperto, bro!

**Até mais,**  
**T**

**PARA:** [trentbro\\_87@yahoo.com](mailto:trentbro_87@yahoo.com)  
**DE:** [narchibald@st.judes.edu](mailto:narchibald@st.judes.edu)  
**Assunto:** re: E aí?

Aí, T,

Pode curtir sozinho, bro - eu não vou.

**Fui**  
**Nate (bro)**

*é caso de família*

Dan estava sentado no sofá de couro marrom cheio de calombos, com os braços pousados nos joelhos, fitando pensativamente o céu noturno emoldurado pela janela aberta. O bom na cidade de Nova York era que o céu nunca ficava totalmente escuro — a luz dos postes na rua brilhava em todo lugar, independente da hora — então, mesmo que você estivesse acordado, digamos, às três da manhã, como ele estava agora, não se sentia tão solitário. Dan geralmente se reconfortava com as luzes da cidade e o som das pessoas circulando, mas esta noite o efeito estava sendo contrário

— era como se todo mundo estivesse lá fora fazendo alguma coisa interessante enquanto ele estava preso aqui, totalmente só. A mãe e o pai foram dormir às nove e meia, depois de beber duas garrafas de vinho e ver o *slide show* que a mãe trouxe de sua vida com o conde lá dela. Dan decidira dispensar a diversão, muito obrigado. Seis horas depois, ele ainda estava bem acordado, com o laptop aberto sobre os joelhos, e a tela em branco bem na sua frente. Era estranho que Vanessa ainda não tivesse chegado, e ele começava a ficar um pouco preocupado — não que estivesse esperando por ela nem nada disso.

Arrã. Tá... Não estava, não.

Ele tentou ir para a cama logo depois da meia-noite, mas simplesmente não conseguia dormir. Depois de algumas horas encarando o teto, concluiu que dormir estava fora de questão e que o sofá era uma escolha melhor. Muitas perguntas sem resposta estavam boiando em sua cabeça e elas começavam a deixá-lo tonto.

Dan ficou feliz por ter resolvido as coisas com Greg, mas depois de perceber que *Vanessa* era a inspiração de seu poema, ele ficou mais confuso do que nunca. Se ele era gay, por que estava escrevendo um poema de amor inspirado em uma mulher? Talvez, quando Vanessa voltasse para casa, ele perguntasse a ela, com indiferença, o que ela pensava de toda a história de ele ser gay, quando ela estivesse se preparando para dormir, depois ele podia deixar escapar que não tinha tanta certeza disso. Em seguida ele ia abraçá-la e eles se sentariam e realmente

*conversariam* — como costumavam fazer. Isto é, se ela *voltasse* para casa... Seu peito doía ao pensar na possibilidade de que Vanessa tivesse conhecido alguém e neste momento estivesse num apartamento fumacento e bagunçado, enrolando baseados e tirando a roupa diante de um babaca indie com excesso de gel no cabelo e pouca coisa na cabeça.

Foi então que Dan ouviu o som da chave raspando na fechadura e o rangido que a porta da frente sempre fazia quando era aberta. *Até que enfim*. Seu coração flutuou, mas ele não queria que Vanessa pensasse que ele tinha ficado acordado esperando por ela. Ele fechou o laptop e se deitou, tentando dar a impressão de que simplesmente caiu no sono enquanto estava no sofá, escrevendo. Ouviu o som de passos na ponta dos pés pela sala e sentiu um par de mãos quentes em seu rosto. Ele sorriu timidamente, virando-se. As mãos de Vanessa eram tão macias... Mas estavam meio que cheirando a amendoim, daqueles que costumam dar em aviões.

Dan abriu os olhos e gritou, sentando-se rapidamente enquanto se concentrava na cara sardenta da irmã a centímetros da dele. Jenny Humphrey assomava acima de Dan, vestida num moletom Juicy Couture e tênis Puma azul-marinho.

— Surpresa! — sussurrou ela, estendendo a mão e bagunçando o cabelo dele. Ele afastou a mão dela.

— Você sabe que eu odeio quando você faz isso — sibilou Dan. Apesar de sua recepção rude, ele se viu sorrindo feito um idiota. Estava feliz era ver a irmã — parecia que tinham se passado séculos desde que ela fora estudar arte na Europa durante o verão. Ele sentia falta dela para conversar.

— Eu sei que você odeia. É por isso que eu faço. — Jenny sorriu e se sentou no sofá, sacudindo o cabelo castanho encaracolado do rosto. Ela se inclinou para um abraço e Dan passou os braços em volta da irmã mais nova, sentindo o cheiro familiar e reconfortante de chiclete e perfume Dolce & Gabbana Light Blue.

— Mas é sério, o que está fazendo *aqui*? Você quase me matou de susto. — Dan se recostou no sofá e olhou para a irmã, ainda incapaz de acreditar que ela realmente estava em casa.

— Ei, eu volto a estudar daqui a alguns dias também. — Ela largou no chão uma bolsa de viagem Coach verde-escura e estufada. — E além disso, era meio triste ficar tão longe quando a família estava toda reunida pela primeira vez, tipo assim, em *anos*. Eu queria vir para casa e ficar aqui enquanto a mamãe está conosco.

— E como foi na Europa? — Dan passou as mãos pelo cabelo fazendo com que ele ficasse agrupado em pequenos tufo castanhos em toda a cabeça. Ele sabia que devia estar puto com Jenny por ela ter dito à mãe que ele era gay, mas toda sua raiva se dissolveu no segundo em que viu o rosto

angelical e doce da irmã. — Teve algum *amorrrrrrr* europeu desses que usam boina?

Jenny mostrou a língua para o irmão e se abaixou para tirar os tênis.

— Não, mas se eu tivesse conhecido alguém que correspondesse a essa descrição, pode ter certeza de que ia passar para você — retorquiu ela. — Eu não sabia que esse era o seu tipo. — Ela riu da própria piada. — Mas é sério... Como se sente sendo gay?

Dan, percebendo que estava nu da cintura para cima, pegou a blusa de moletom cinza e suja do outro lado do sofá e a vestiu.

— É... Não sei bem — disse ele, com a cabeça presa no buraco da manga. — Estou meio confuso com essa história toda — acrescentou depois de finalmente desprender a cabeça.

— Ora, dããã! — exclamou Jenny, reposicionando-se no sofá. — Chega pra lá! — Ela empurrou o corpo dele com o quadril. Dan percebeu que o rosto dela lhe parecia meio adulto — ou talvez fosse só porque ele não a via há algum tempo. Parecia menos... redondo. — Quer dizer, isso é normal, né? — perguntou ela.

— Como posso saber? — Dan tombou no braço do sofá, exasperado. — Não tive muita experiência com essa coisa toda. — Ele virou a cabeça para a janela, com a voz

tristonha. — Eu só queria encontrar alguém que *ficasse* comigo, entendeu? — Ele nem tinha certeza se estava sendo sincero nisso — ele ficava com gente o tempo todo. Só o que ele sabia era que ultimamente se sentia muito... sozinho. É claro que todo homem era uma ilha, mas isso estava ficando ridículo.

— Não se preocupe — disse Jenny baixinho, estendendo a mão e afagando a mão do irmão. — Você vai conhecer alguém. Quer dizer, qualquer cara teria uma sorte danada em ter você.

Foi um amor da parte dela dizer isso, mas Dan não tinha lá muita certeza se era verdade.

— É, acho que sim — murmurou ele.

— Aliás, de que tipo de cara *você* gosta? — Jenny ergueu as mãos e prendeu o cabelo implacavelmente cacheado num nó. — Tenho certeza de que não são os que usam boina.

Dan riu contra a vontade.

— Sei lá. — Ele pegou o controle remoto da TV no chão e mexeu nele. — Mas quantos tipos *existem*?

— Ah, *muitos* — ela riu, tirando a meia roxa, embolando-a e atirando na cara dele. — Que tal os caras hip-hop que andam pela estação PATH da Christopher Street? — Jenny ergueu a mão como se fosse começar a contar os tipos nos

dedos. — Ou os caras de Chelsea, com produtos capilares demais que sempre usam aquelas incríveis camisas Marc Jacobs? Ou os carinhos moderninhos e nerds intelectuais mas ainda assim gatos que as meninas sempre sonharam que fossem hetero? Acho que essa é mais a sua praia. — Ela sorriu maliciosamente e colocou o braço sobre a cabeça.

Dan sacudiu a cabeça, sem acreditar. Parecia ter pousado no Planeta Estranho. Quem era essa pessoa que fingia ser a irmã mais nova?

— Desde quando você anda pela *Christopher Street*? — murmurou ele, completamente pasmo. Até a irmã mais nova sabia melhor do que ele como ser um gay. Era totalmente deprimente.

— Deixa pra lá. — Jenny riu, abrindo a bolsa de viagem L. L. Bean com as costuras explodindo. — A mamãe está no seu quarto? — sussurrou ela, apontando para a porta fechada do quarto do outro lado do apartamento.

— Tá — respondeu Dan, sentando-se ereto e coçando os braços sonolento. Ao que parecia, Jenny tinha curado sua insônia. — Vanessa e eu estamos dividindo seu antigo quarto.

— Então acho que sobrou o sofá para mim — a irmã suspirou, pegando uma nécessaire com estampa floral na bolsa. Dan se levantou, erguendo os braços e bocejando ruidosamente. Por mais estranho e inesperado que fosse ter

a irmã e a mãe juntas em casa, meio que era legal ver todo mundo sob o mesmo teto.

Bom, *quase* todo mundo... Há uma certa coleguinha de quarto que ainda não estava lá.

Neste momento, a porta de seu quarto se abriu e a mãe apareceu, coçando o sono no canto dos olhos. O robe volumoso cor-de-rosa ondulava atrás dela enquanto ela andava, com os chinelos felpudos arrastando no chão. Dan observou enquanto os olhos dela se fixaram na filha mais nova e seu rosto se iluminou de surpresa.

— Jenny! — exclamou ela, correndo e segurando a filha em seus braços de tenda. — Você está aqui! Não ateou fogo no meu apartamento, não é?

— Não. Só queria ficar com vocês. — Ela retribuiu o abraço da mãe. Dan viu a mãe afagar o ninho de cabelos de Jenny e beijá-la na testa. Ele não conseguiu deixar de ficar emocionado com o entusiasmo otimista e juvenil de Jenny. Se descobrir-se gay havia unido a família, talvez a descoberta não fosse uma coisa tão ruim assim.

— Mas que docinho. — Jeanette tocou o rosto de Jenny com a palma da mão. — Vou fazer um chá. — Ela passou por Dan, parando por um instante para afagar seu cabelo como se tivesse feito isso durante a vida toda.

Chá? Isso devia significar um papo de mulherzinha. E Dan não sabia se estava preparado para ser uma delas.

— Eu vou dormir — anunciou ele, arrastando-se para o quarto.

— A gente se vê daqui a pouco — respondeu Jenny com um bocejo, espreguiçando-se enquanto seguia a mãe em direção à cozinha.

— Boa noite, neném — disse Jeanette da pia da cozinha, onde estava ocupada enchendo a chaleira de água.

Dan entrou no quarto e fechou a porta, depois desabou na cama vazia. Podia ouvir a mãe e a irmã tagarelando na cozinha, com sussurros intercalados por risadas ocasionais. Como podiam ter tanta energia a essa hora da noite? Ele nunca entendeu as mulheres. Mas ele mal entendia a si mesmo. Dan suspirou e olhou a noite passar de roxo para cinza a medida que os primeiros raios de luz emergiam, e ele então finalmente vagava para o sono, ainda se perguntando onde Vanessa estava e se ela estaria bem.

Nem todos estamos.

**[gossipgirl.net](http://gossipgirl.net)**

---

**temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas**

---

*advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares,*

**Gossip Girl & It Girl fans ® -**

**<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>**

*peças e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

**oi, gente!**

O final do verão está quase chegando e a festa de despedida dos Waldorf Rose no Met se aproxima rapidamente. Se você não está sabendo — caso você, digamos, esteja acampando na Sibéria, por exemplo —, Davita Fjorde, guru das relações públicas para Ia crème de Ia crème da sociedade (isto é, você e eu), está planejando a festa e provavelmente batendo no chão seus Jimmy Choos de salto de strass neste exato momento, fazendo com que coisas maravilhosas aconteçam. Então saque aqueles Christian Louboutin novos e cintilantes e um vestido de gala Zac Posen que mal usou e marque uma hora para fazer o cabelo e a maquiagem na Fekkai. Afinal, é sua última oportunidade de satisfazer aquela paixão secreta pelo cara lindinho com quem você nunca teve coragem de falar. Será a última vez em que você verá seus colegas de turma — graças a Deus. (Ei, estou sendo sincera — me processem, se quiserem.) E é sua última oportunidade de fofocar sobre as pessoas que você adora — ou mais adora! Então vamos lá, gente, porque será uma semana das boas.

**seu e-mail**

**P: Cara GG,**

Enviei um e-mail para minha nova colega de quarto e ela me disse que é de Nova York e que se formou na Constance Billard, então fiquei pensando, "ai meu Deus"

Gossip Girl & It Girl fans © -

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>

talvez ela conheça Serena van der Woodsen de *Breakfast at Fred's* — meu filme preferido de todos os tempos! O pai da minha melhor amiga, que é produtor de cinema, fez uma exibição na casa dele há algumas semanas atrás e a gente já viu, tipo assim, umas 22 vezes! Já soube que Serena vai para Yale? Adivinha só? Eu também! Estou doida para conhecê-la.

— Louca por Serena

**R: Cara LPS,**

A Constance Billard é uma escola muito pequena e, sobretudo, Manhattan é uma ilha muito pequena. Todo mundo conhece *todo mundo* aqui — ou, pelo menos, todo mundo que vale a pena conhecer! Pode ter certeza de que sua nova colega de quarto conhece a **S**, ou pelo menos esteve com ela em uma festa por uma ou duas vezes. Aqui vai uma possibilidade que pode fazer você mijar nas calças: quem sabe sua nova colega de quarto não é **S**?!

— GG

**P: Prezada GG,**

Acabo de voltar da Europa e quero *muito* conseguir um convite para a festa de **B** no Met! Você pode me ajudar? Como posso ser convidada assim de última hora?

— Perdida

**R: Cara P,**

Ah, a dor de não receber um convite — não é uma coisa que tenha alguma relação comigo, mas tenho certeza de que é realmente um saco. O que tenho a dizer não a fará se sentir melhor — mas pelo menos é sincero: sempre existe o

ano que vem! Então convide umas amigas e passe a noite vendo as reprises de *Lost*. Sua hora vai chegar — e mais cedo do que você pensa.

— GG

## flagras

Um grupo totalmente bizarro de moderninhos do Brooklyn fazendo uma performance de sua "Ode ao Amor" no **Prospect Park** ao amanhecer. Será que estão praticando para alguma coisa? Taí um convite que me deixa feliz de não ter recebido! E por falar em amanhecer, uma **V** muito embriagada e a irmã que logo-será-casada, **R**, foram vistas caindo uma por cima da outra ao subir a escada do **prédio de R em Williamsburg** — com uma loura de cabelo comprido... uma coisa assim... se arrastando atrás delas. **C** e um nerd bonitinho de óculos na **Magnolia Bakery** no West Village, lambendo os bolinhos cor-de-rosa um do outro e alimentando a macaca de **C** com colheradas de pudim de banana, parecendo muito satisfeitos e praticamente casados.

## planos pré-festa

E você sabe o que isso significa: está na hora de correr para as lojas. Saí para andar pela Quinta e conseguir o que há de melhor em Manhattan, mais do que meu cartão American Express preto pode agüentar. Mas ele não tem limite — e nem eu!

**Pra você que me ama,  
gossip girl**

*s e b compram até cair*

Serena experimentava um vestido de seda marfim Calvin Klein que pendia de seus ombros magros, o cabelo louro caía nas costas num emaranhado lindo. O tecido macio vestia seu corpo de modo tão perfeito que parecia água corrente. Blair tinha provado esse vestido no início da semana, mas ficou uma merda nela.

Muita inveja?

— O que você acha? — Serena virou-se para Blair, com o rosto corado e cintilando apesar da luz fluorescente inenarrável de pavorosa do provador. Blair não respondeu. A essa altura, Serena não devia saber que *tudo* ficava bom nela? Se não sabia, não era Blair que ia contar.

— Eca. — Serena devolveu o vestido para o cabide. — Deve ficar melhor em você mesmo.

Blair revirou os olhos e saiu do provador num rompante. Serena estava cheia de agrados com ela desde que se encontraram na frente da Barneys uma hora e meia antes. Primeiro, ela comprou um latte gelado e um brownie para Blair — a combinação preferida dela — e agora vinha com todo esse papo de puxa-saco sobre o vestido. Por que Serena estava sendo tão *gentil* assim de repente? Não que ela não fosse sempre gentil — mas ela estava sendo gentil de forma sufocante e exagerada.

Blair pegou um vestido com estampa de brocado verde e dourado Milly NY e o ergueu no corpo, afofando o novo cabelo com aplique com uma das mãos. Suas novas mechas douradas faziam um contraste incrível com os fios metalizados do vestido. Serena saiu do provador golpeando a porta, com as pernas bronzeadas se estendendo da minissaia branca e os chinelos turquesa nos pés.

— Ei! — exclamou ela, aproximando-se de Blair. — Vai ficar demais em você!

Blair continuou em silêncio enquanto devolvia o vestido ao cabide com uma virada de pulso e começava a vasculhar uma arara de túnicas Stella McCartney feito uma maníaca.

— E aí — começou ela, com a voz despreocupada ao se virar para a amiga —, onde você estava ontem? Liguei para saber se você queria fazer o cabelo comigo, mas só caía na caixa postal o tempo todo.

Serena olhava para o chão, para as janelas, as fileiras de vestidos cintilantes e caros que as cercavam — para todo lado, menos para a cara de Blair. Será que Blair sabia o que tinha acontecido entre ela e Nate? Será que Nate teria contado alguma coisa para ela? Serena achava que não, mas também não podia ter certeza. Achava que, se ela e Blair estavam fazendo compras como sempre fizeram, então tudo, de algum jeito mágico, teria voltado ao normal — apesar do fato de que absolutamente *nada* mais fosse normal.

Blair amava Nate desde que Serena se entendia por gente. O problema era que *ela também amava*. E depois de passar o dia e a noite toda juntos na cama na véspera, Serena tinha certeza de que Nate também a amava. Ela tentou esconder o sorriso ridículo que corria o sério risco de se espalhar pelo rosto. Ela e Nate finalmente, realmente, *seriamente* iam ficar juntos logo — assim que Blair fosse para Yale no domingo. Serena não queria magoá-la — essa era a *última* coisa que queria na vida — mas estava em êxtase por finalmente ter conquistado o coração de Nate. Mesmo que isso significasse romper com Blair. Ai. Por que ela sempre precisava escolher entre a melhor amiga e o namorado?

Hummm... Porque tecnicamente ele é o namorado da *Blair*?

— Ontem? Nem me lembro do que eu fiz — respondeu ela por fim, olhando o rosto impassível e os olhos semicerrados de Blair. Blair pegou um vestido Dior de cetim preto e revirou a etiqueta com o preço entre os dedos. — Acho que me esqueci de ligar o telefone... E depois, quando recebi seus recados, era muito tarde.

O departamento de alta costura da Barneys era frugal e intimidador. A luz vagava por janelas que iam do chão ao teto, aquecendo o piso de madeira escuro. Não havia nenhuma vendedora à vista — a Barneys se orgulhava de que sua equipe de vendas indiferente e tranqüila era imensamente útil, mas só quando solicitada. Este era um dos motivos pelo qual as meninas gostavam tanto da loja. Era uma espécie de segundo lar para elas.

— Sei. — Blair se virou e andou rapidamente para o outro lado, com as sandálias prateadas Dolce & Gabbana fazendo barulho ao pisar no chão — tem falado com Nate ultimamente?

— Não — respondeu Serena de imediato. — Não mesmo.

Blair passou as mãos numa pilha de suéteres de cashmere laranja vibrante e azul-esverdeado. Era impressão dela, ou Serena estava toda sobressaltada? Ela se perguntava se Nate tinha contado a Serena sobre não ter se formado, sobre não ir para Yale e estragar a vida dela.

— Tem certeza? — pressionou Blair.

— Tenho, desde que, hummm, tivemos aquele lance do *slide show* e você nos flagrou. — Serena riu sem jeito e se virou para vasculhar os vestidos de tricô coloridos Missoni atrás dela.

Blair semicerrou os olhos tocando na nuca loira de Serena, desconfiada, tentando ler seus pensamentos maus, talvez mentirosos e definitivamente apaixonados por Nate.

— Bom, você perdeu Vanessa Abrams tomando um banho de salão ontem. Precisa deixar o celular ligado com mais frequência — disse ela por fim às costas da amiga. — Vou ver os vestidos Prada de novo.

Serena seguiu Blair, tentando acompanhar seus passos rápidos.

— Vanessa tomou um banho de salão? Como pode? — perguntou Serena, grata pela oportunidade de mudar de assunto. Ela parou no lado oposto da arara onde Blair estava e começou a vasculhar os vestidos Prada em tons de chocolate e café que Blair já dispensara.

— A irmã dela vai se casar neste fim de semana. — Blair ergueu os olhos do vestido de seda Prada branco em que mexia. — E sabe como é... Às vezes as pessoas precisam dar uma variada.

Serena se curvou e tentou fazer contato visual com Blair através de um buraco entre os vestidos. Havia mais uma coisa que a estava fazendo se sentir mal por não ter contado a Blair.

— E por falar em mudanças... Tem uma coisa que eu preciso te contar — disse ela baixinho.

Blair empurrou o cabelo dos ombros e endireitou as alças de seu top branco Nation.

— Já estou sabendo da coisa com o Nate — rebateu ela. — Não precisa esconder isso de mim.

— Você *sabe*? — Serena pegou um cabide felpudo com as duas mãos. *Blair sabia dela e do Nate?*

— É claro que eu sei. — Blair estreitou os olhos, irritada por Serena ter pensado, por um segundo que fosse, que

Nate não contaria a *ela*, a namorada dele. — Nem acredito que ele não vai para Yale. Vai repetir o último ano. Ele é um completo idiota — cuspiu ela.

— Ah. — Serena olhou para Blair, os olhos azuis arregalados. Essa foi por pouco. — Ah! Eu sei que isso é... horrível. Mas não era o que eu ia dizer... — Sua voz falhou, com o coração martelando na caixa torácica.

Blair vestiu pela cabeça uma bata Lauren Moffatt de estampa de caninos e se olhou no espelho. Serena se postou atrás dela, quase a altura de uma cabeça mais alta e parecendo nervosa. Torcia uma mecha loura e comprida no dedo. Blair se perguntou se Serena finalmente ia confessar a carta de amor que escreveu para Nate. Bom, já não era sem tempo. Então Blair poderia perdoá-la e elas iriam para Yale, as melhores amigas pela vida toda, e então deixariam tudo isso para trás. Mesmo que Nate tivesse que ficar em Nova York, pelo menos Blair ainda teria Serena — e pelo menos Serena ficaria longe, muito longe dele. Blair respirou fundo e se preparou para tentar perdoar a melhor amiga.

— O que é, então? — Ela se aproximou dos vestidos Diane von Furstenberg por trás dos quais Serena praticamente se escondia.

— Eu também não vou para Yale — admitiu Serena timidamente enquanto passava os dedos em um vestido com uma estampa exótica, evitando o olhar de Blair. — Vou adiar a universidade por um ano, assim posso atuar um

pouco mais.

*Como?* Blair sentiu o cérebro em brasa. *Não vai para Yale, não vai para Yale* — as palavras giravam sem parar em sua cabeça até que ela achou que ia desmaiar. Primeiro Nate, agora Serena? Ela largou o vestido de chiffon amarelo DVF que estava segurando. A seda leve flutuou em silêncio a caminho do chão.

— *Você o quê?* — perguntou Blair incrédula, sacudindo a cabeça como se tivesse água nos ouvidos.

— É só que eu... não vou — Serena deu de ombros. — Vou ficar em Nova York e filmar a continuação de *Breakfast at Fred's*.

Serena ia ficar em Nova York? *Com Nate?* Blair sentiu o chão começar a oscilar sob seus pés.

Neste momento chegou um grupo de turistas, gritando e apontando para Serena, as câmeras penduradas nos pescoços. A multidão engolfou as meninas e Blair foi empurrada para longe a cotoveladas. Eles cercaram Serena num bolo de gente.

— Obrigada. — Serena corava ao dar um autógrafo para um dos turistas na caixinha de fósforo de brinde do Fred's, o restaurante da Barneys que ficava no nono andar, prestes a se tornar ainda mais famoso graças ao filme.

Blair ficou olhando Serena dar um autógrafo depois de outro, tombando a cabeça humildemente e com elegância, sem olhar nem uma vez em sua direção. Como Serena podia largar uma bomba dessas e depois se virar para seus adoradores, ignorando-a completamente? Blair estava fervilhando, girava loucamente o anel de rubi no dedo médio, enquanto a multidão crescia em volta de Serena. Um homem vestido de listrado abacate e um vermelho intenso beijou a mão de Serena, e uma mãe suburbana tirou uma foto dela com a Nikon Elph. No ano que vem Blair seria só outra caloura na universidade, e Serena seria... uma estrela de cinema. Uma estrela de cinema que morava na mesma cidade que o namorado *dela*. Como ia competir com isso?

Suas sandálias batiam no chão com um som rude enquanto ela dava as costas para Serena e seus fãs idiotas. Porcaria de Barneys. Porcaria de Serena. Ela ia dar o fora da cidade, mas de jeito nenhum ia deixar Nate para trás.

É isso que sempre adoramos nela — quanto mais raiva tem, mais engenhosa fica.

*quem é o papai?*

Blair estava em seu quarto quase todo empacotado, cercada de tantas malas estufadas que o tapete de algas marinhas sujo de xixi no chão era só uma vaga lembrança. Ela encarava a bagunça, com o corpo todo tremendo. Serena não ia para Yale com ela. Ia ficar aqui em Nova York por mais um ano com... Nate? De jeito nenhum Blair ia deixar

os dois sozinhos na mesma cidade no próximo ano — ela preferia se apunhalar no olho com o salto agulha de uma de suas novas botas Fendi.

Ai.

Uma pilha de camisetas caiu da cama com um baque suave no chão enquanto ela se agitava de raiva. Blair tirou os sapatos e os atirou na parede, precisando ouvir um som mais alto. Como Nate ia resistir a Serena quando ela fosse uma grande estrela, e bem aqui, na mesma cidade? *Não*. Isso simplesmente não podia acontecer.

Ela pegou o celular e rolou para a discagem rápida 4. O número 911, era para pedir socorro em um caso de emergência, e era realmente uma emergência mesmo, mas não importa; o número 2 era de Serena — que definitivamente não era quem ela procurava agora; o 3 era de Nate, a completa merda de amor de sua vida.

— A-alô? — A voz masculina do outro lado da linha parecia afogada de sono.

— Pai, sou eu. — Blair falou insegura. Se quisesse conseguir o que queria, teria de pegar leve. — Desculpe... Eu te acordei? — Ela manteve a voz baixa. Houve uma longa pausa e ela pôde ouvir lençóis farfalhando e o estalo de um abajur sendo aceso do outro lado do mundo.

— É claro que você me acordou, Ursinha... Aqui são quatro horas das manhã. — Ele parecia meio irritado — para não

falar privado de sono. O som dos dois bebês chorando ao fundo chegou aos ouvidos de Blair. Ela revirou os olhos com desdém.

— Bom, é *importante* — gemeu ela.

— Deve ser mesmo — disse Harold Waldorf com um suspiro. — Mas também acontecem coisas importantes por aqui. Giles ficou acordado a noite toda com os gêmeos... Devido a um episódio muito desagradável de cólica. Experimentamos aquele vaporizador novo fabuloso, mas nada deu certo. — Houve uma pausa e Blair pôde ouvir os arrulhos guturais de um bebê.

— Desculpe por não ter te contado sobre os gêmeos, querida. Mas foi uma aquisição meio que por impulso. — Ele riu e Blair pôde ouvir um dos pirralhos catarrentos arrulhando de novo. — Mas vou lhe dizer, foi a melhor coisa que já fiz na vida.

Babador Burberry: cinquenta dólares. Chupeta Hermès: seiscentos dólares. Bebês cambojanos: não têm preço.

— Blair — piou o pai por cima dos balbucios do bebê — Ping quer dar um alô... Diga oi para seu novo irmãozinho! — Ela ouviu um farfalhar enquanto o monstrinho era erguido até o fone, depois ouviu uma série de gorgolejos que davam a impressão de que o bebê estava se afogando na própria saliva. — Pong está dormindo, mas quando ela acordar, vai dizer alô também. — Blair revirou os olhos. Ping e Pong?

Não é assim que se chama aquele jogo de tênis de mesa?

— Pai — rebateu ela. — *Eu preciso conversar com você!*

O que aconteceu com aquela tática de pegar leve?

— Não precisa ficar toda *irritadinha* — respondeu o pai, ele mesmo irritado. — Deixe-me colocar o bebê na cama. — Que bom. Talvez agora ele possa dar alguma atenção à primogênita.

— Você sabia que Nate e eu íamos para Yale juntos? — Blair continuou, sem esperar que o pai respondesse. Podia ouvir o pai sussurrando em francês com alguém ao fundo. — Bom, o Nate não conseguiu o diploma da St. Jude's e agora parece que não vai para Yale no outono... Querem que ele repita o último ano.

— Ah, meu amor. — Agora a voz do pai tomava um tom solidário. — Eu lamento tanto. Você deve estar arrasada.

— Bom, eu *estava*. — Blair pegou sua escova Mason-Pearson e passou nos macios cabelos castanhos e dourados. — Até que me lembrei de que você é do conselho diretor. Não há nada que você possa fazer? Talvez conversar com o reitor de admissão e dar uma palavrinha pelo Nate ou coisa assim? Todo mundo te respeita *tanto*, papai — disse ela, voltando ao plano original de puxar o saco dele. O pai suspirou, depois houve mas um farfalhar.

— Não é assim tão fácil, Ursinha... Não posso fazer com que um diploma apareça como que por mágica. — Ele sussurrou alguma coisa em francês com Giles, e Blair por um momento desejou realmente ter aprendido alguma coisa em suas aulas de francês avançado. — Eu gostaria muito de ajudar, mas não posso estalar os dedos e eliminar os problemas de Nate. Além disso, com os novos gêmeos e tudo, essa não seria a melhor...

— Pai, você me *deve* uma — interrompeu Blair no meio da frase com um suspiro exasperado. — Primeiro você se mudou para a França durante meus anos de *formação*, e agora me trocou por estes gêmeos. — Ela respirou fundo e tentou reprimir a perda de controle. Será que todo mundo ficou totalmente maluco? Primeiro a mãe anunciou que a família estava se mudando para Los Angeles, depois Serena e Nate disseram que iam ficar em Nova York, e agora o pai a estava dispensando quando ela mais precisava dele?

Blair ouviu passos no corredor e de repente a porta se abriu, revelando o meio-irmão, Aaron, vestido com uma bermuda amarela Quicksilver e uma camiseta vinho de Harvard, seguido por seu boxer nojento, Mookie — que de imediato pulou em Blair e começou a cobrir sua virilha de baba de cachorro.

— Me deixa! — gritou ela, esfregando os lugares úmidos e pegajosos nas pernas, onde Mookie havia lambido. O cachorro seguiu para o canto onde Blair tinha colocado a roupa suja, pegou uma de suas calcinhas rosa Cosabella e se deitou, com a renda pendurada na boca.

Bom, pelo menos *alguém* estava interessado em suas calcinhas.

Blair revirou os olhos para o teto e atirou um travesseiro em Aaron. Ele se sentou no chão ao lado do boxer e acendeu um de seus cigarros naturais fedorentos, rindo enquanto Mookie destroçava a calcinha cara de Blair. Seu rosto normalmente branco estava bronzeado, usava trancinhas curtas no cabelo com fios acobreados, como se ele tivesse ficado na praia o verão inteiro. Aaron era irritante, mas pelo menos não era nada parecido com o pai dele, Cyrus, que era o espécime humano mais revoltante que Blair já conhecera na vida.

— Pai, ainda está aí?

— Estou aqui, Ursinha... E vou tentar. Mas não prometo nada, está bem? Quero ser realista com a situação. Se não tiver de ser, não será. — Os bebês começaram a chorar de novo e o pai disse um rápido "Eu te amo, a gente se vê em poucos dias!" antes de desligar.

*Ah, se tinha de ser, claro*, pensou Blair enquanto atirava o celular na cama. Não se pode impedir o destino — e ela e Nate estavam *destinados* a ficar juntos para sempre.

— Obrigada pela recepção amistosa, maninha. — Aaron sorriu e se inclinou para Mookie, atirando os braços no pescoço do cachorro numa chave de braço. Talvez ele estrangule a coisa por acidente. Mookie lhe deu uma

lambida molhada no rosto.

— Ah, claro. Bem-vindo de volta — disse ela, irritada. — Eu te disse para parar de me chamar assim. Só porque minha mãe se casou com seu pai, não quer dizer que eu seja sua irmã.

— Hummm, não quero ofender, maninha, mas é exatamente o que significa. — Aaron acariciou o pêlo grosso e babado de Mookie com uma das mãos e riu.

— Tanto faz. — Blair inspecionou suas unhas bem-feitas, que agora estavam lascadas. Como se ela precisasse desse detalhe para ficar ainda mais fodida na vida.

Coitadinha!

— E aí, está animada para Yale? — perguntou Aaron, deitando-se de costas no chão. Mookie prontamente subiu e se sentou no peito dele, escondendo seu rosto, de modo que só o que Blair podia ver eram as trancinhas e o focinho arreganhado e babão de Mookie. Era como se eles tivessem se transformado num cachorro gigante e monstruoso de trancinhas. Antes que Blair pudesse responder, a voz abafada de Aaron continuou. — Lembra quando eu levei você para a entrevista e ficamos naquele hotel vagabundo?

— Ah, meu Deus... Como eu esqueceria? — Blair riu amargamente. Na época, ela pensou que seu destino não poderia ser pior. Depois de uma noite bebendo cerveja demais e comendo um monte de porcaria da máquina

automática do hotel, ela perdeu a hora para a entrevista de Yale, que acabou sendo um desastre completo. Agora que ela tinha entrado para a universidade, Blair podia pensar no passado e rir. Se não tivesse entrado, Aaron não estaria vivo para lembrá-la da história. — Mas então, como foi sua viagem de carro? Pegou algum homicida interessante de carona?

Ele riu.

— Nada de carona. Foi bom... Eu nem queria voltar. Mas acho que devia fazer as malas antes de ir para Harvard.

— É, antes que chegue o pessoal da mudança e a gente vire sem-teto — acrescentou Blair com raiva. Ela chutou a mala ao pé da cama para dar ênfase.

— Bom, acho que isso revela como você está se sentindo com relação à mudança. — Aaron se afastou um pouco mais, como se temesse que ela o chutasse da próxima vez. — Que foi, está toda preocupada porque vai perder todas as liquidações da Barneys?

— Ah, é, até parece. — Blair cruzou os braços.

Ele assentiu solidariamente com as trancinhas e deu outro trago no cigarro natural, que tinha cheiro de brócolis cozido e Lysol.

— E aí, como é que todo mundo ficou na minha ausência?

— Sua voz estava abafada por Mookie, que a essa altura

estava praticamente sentado na cara dele. — Como é que tá Vanessa?

— Você não pode afastar esse vira-lata nojento para que eu possa ver o seu rosto? — Blair fez um rabo-de-cavalo com o cabelo comprido adquirido recentemente. Aaron empurrou Mookie do peito. O cachorro choramingou e deslizou relutante para o chão.

— E aí, como está Vanessa? — perguntou ele de novo, sentando-se e cruzando as pernas no estilo hindu. — Ela vai à festa do Met?

— Acho que sim. — Blair pegou uma lixa no chão e começou a lixar furiosamente a unha do indicador. — Mas ela vai depois do casamento da irmã no Brooklyn, então deve chegar tarde. Por que você se importa, aliás?

— Quem disse que eu me importo? — Aaron ergueu uma sobrancelha e sorriu maliciosamente. — Talvez só esteja curioso.

O verdadeiro amor não mente jamais, volume dois?

*o verão e a vida boa...*

— Sua limonada, Srta. van der Woodsen.

Uma voz clara com sotaque britânico acordou Serena de sua leve soneca. Ela viu um garçom bonito curvar-se para ela, com uma bandeja de prata reluzente numa das mãos,

equilibrada com perfeição, e com um copo alto e gelado de limonada em cima dela. A água turquesa da piscina da SoHo House cintilava atrás dele, tingindo de azul o uniforme inteiramente branco.

Serena se sentou ereta na espreguiçadeira, prendendo as alças do biquíni branco Marni que quase não existia para não cegar o garçom por acidente.

Isso sim seria uma boa gorjeta!

— Obrigada — ela sorriu, colocando os óculos de sol brancos Chanel no alto da cabeça. Isso é que era vida.

— Avise-me se desejar mais alguma coisa, por favor — ofereceu o garçom fazendo uma pequena reverência antes de sair.

Serena sorriu consigo mesma enquanto se recostava na espreguiçadeira branca, observando o cenário. Toda a área da piscina era adornada com peças brancas, espreguiçadeiras brancas, guarda-sóis imensos e brancos e toalhas brancas formando monograma do SoHo House. Até os hóspedes combinavam com o cenário, estilosos e vestidos inteiramente com biquínis, cangas e calças de linho brancas. A piscina era incrivelmente turquesa contra o branco vivo e ao longe o topo dos arranha-céus do Distrito Financeiro de Manhattan cintilava.

Ela suspirou, sentindo o sol quente de agosto aquecer cada centímetro de seu corpo magro. Isto é que era vida. Depois

de sua coletiva na SoHo House na terça, Ken Mogul dera a Serena e Thad os cartões pretos que davam acesso à cobertura e informou-lhes que o quarto fora alugado por uma semana. Uma vez que Thad tinha seu próprio apartamento na cidade, disse a Serena que ela podia ficar no quarto o tempo todo, se quisesse. Serena preferia ficar em seu próprio quarto em casa — seus pais mal paravam lá, embora eles não aprovassem exatamente que ela ficasse sozinha num quarto de hotel — mas só o cartão dava acesso à piscina na cobertura exclusiva, só para sócios, no Meatpacking District, e ela certamente não ia rejeitar isso. A única coisa que faltava era alguém especial para curtir o momento com ela.

Ela pegou o celular e discou um número que sabia tão bem quanto o seu.

— Oi, figura — Nate atendeu ao primeiro toque, a voz meio sonolenta provocando arrepios na espinha de Serena. Ela o imaginava ainda deitado na cama, sem camisa, acabando de acordar de um sonho — com ela, é claro.

— Ei, e aí — ela sorriu ao telefone. — O que você está fazendo agora?

\*\*\*

Vinte minutos depois Nate chegava ao deck da piscina da SoHo House, com os chinelos de couro marrom batendo nas lajotas de pedra, distraído dos olhares femininos cobiçosos que se fixavam em seu corpo perfeito. Com o

calção Billabong verde e a camiseta cinza desbotada, Nate era a única pessoa em todo o terraço que não vestia branco.

— Oi. — Ele deu um sorriso largo ao se aproximar da espreguiçadeira de Serena, com o cabelo castanho dourado caindo nos olhos. Um tremor de nervoso provocou arrepios na pele dela. Ele afundou na cadeira ao lado de Serena. — Parece que você está... bem à vontade.

— Saúde, my dear — respondeu Serena com um sotaque britânico e ergueu o cartão preto, marcado apenas com três letras — PSH — Piscina da SoHo House — explicou ela com uma piscadela de paquera.

Nate estendeu a mão para o cartão a fim de olhar mais de perto, mas ela bateu na mão dele de brincadeira.

Ele deu de ombros e tirou a camiseta, acomodando-se na espreguiçadeira branca e confortável.

— Seu sotaque britânico é mais falso do que o da Madonna. — Ele pegou o copo de limonada de Serena e tomou um longo gole, estalando os lábios de satisfação enquanto baixava o copo pela metade.

— Primeiro você insulta meu sotaque, depois toma minha limonada? Você está muito abusado, amiguinho. — Ela se levantou e pegou o braço dele, arrastando-o para a piscina. Eles tropeçaram na beira e bateram na água com um barulho alto, errando por pouco uma sócia da Elizabeth Taylor de maiô branco e turbante da mesma cor que fazia

ginástica na parte rasa da água. Talvez ela fosse *mesmo* a Elizabeth Taylor.

— Com licença. — A mulher fechou a cara, afastando-se de Serena e Nate enquanto eles faziam movimentos bruscos na água.

Serena respirou fundo e mergulhou. Pelo que se lembrava, ela sempre adorava ficar embaixo d'água, o mundo todo submerso, só o som da água correndo delicadamente em seus ouvidos. Ela abriu os olhos, o cloro ardendo um pouco, e viu Nate bem diante dela, com os olhos verdes também abertos. Seu cabelo apontava para cima e ele acenou, com um "oi" líquido escapando dos lábios junto com um monte de bolhas.

Ela riu, quase sufocando, e de repente pensou nos jogos de Marco Pólo que ela, Nate e Blair faziam quando eram mais novos. Nate sempre trapaceava, gritando "Marco!" e abrindo os olhos por um instante para ver onde elas estavam. Depois ele pegava as meninas com um estardalhaço, fingindo tê-las achado por acaso. Nate nunca parecia se importar com qual garota que achava, simplesmente pegava quem estivesse diante dele e segurava. Serena fechou os olhos, a ardência do cloro agora muito forte para suportar, e subiu à superfície.

Nate seguiu para a parte rasa e subiu à beira da piscina, deixando as pernas penduradas na água. Serena parecia tão tranqüila boiando de costas na água calma, com o cabelo louro formando um halo em torno da cabeça, e com um

sorriso angelical estampado no rosto. *Ficar* com Serena era tão menos estressante do que ficar com Blair. De imediato ele pensou no estresse que foi seu último encontro com ela, que ele andava evitando desde a antevéspera, quando ela atirou os sapatos nele.

Blair lhe deixara centenas de recados na caixa postal do celular, mas Nate achou que devia esperar para falar com ela depois que ela tivesse esfriado um pouco mais a cabeça.

Mas não nesta piscina específica.

Ele sabia que Blair estava com raiva, mas também sabia que ela acabaria por perdôá-lo, como sempre fazia. Ele ainda podia visitá-la em Yale nos fins de semana. E Serena estaria aqui com ele em Nova York. Ele sempre pensou que teria de escolher entre as duas, mas agora parecia que podia ter as duas ao mesmo tempo. Isso é que era ter bolas, se ele fosse franco consigo mesmo.

Serena abriu um olho e viu que Nate estava olhando para ela. Com um jorro de água, ela se levantou, o cabelo molhado caindo nas costas numa massa macia. Torcendo-o com a mão, ela espremeu a água e prendeu o cabelo num nó elegante. As alças do biquíni tinham caído novamente e ela as puxou para cima rápido, antes que acontecesse algo constrangedor.

Como se fosse algo que Nate já não tenha visto...

— Impressionante — ele sorriu, chutando um pouco de

água em Serena com o pé dourado. — Hummm, prender o cabelo sem a ajuda de uma fivela ou qualquer outra coisa — gaguejou ele, ficando rosado. — Não a fivela do biquíni que quase caiu. Embora eu não me importe nem um pouco com isso — acrescentou ele.

— Nem mesmo agora? — Ela subiu na borda ao lado dele, com o cabelo prontamente caindo de seu coque não-tão-seguro e espalhando-se nos ombros. — Porque junto com o cartão vem um quarto de hotel muito lindo e muito *vazio*. — Ela se aproximou um pouco mais dele na beira da piscina.

Nate sorriu, o sol refletindo-se na água e deixando seus olhos verdes mais cintilantes do que o de costume. Ele abriu a boca para falar, mas foi interrompido por uma voz atrás deles.

— Serena van der Woodsen? — exclamou uma voz aguda e melosa. Os dois se viraram e viram Bailey Winter, o famoso estilista, com seu metro e meio de altura, vestido num terno de linho branco, um lenço rosa-choque no bolso e um enorme par de óculos de sol brancos apoiados na cabeça. Seu empregado, Stefan, estava logo atrás, segurando as trelas dos cinco dogues de Bailey. — Devem se lembrar de Stefan — piou ele com um aceno para trás. — E é claro que se lembram de Azzedine, Coco, Cristobal, Gianni e Madame Gres. — Ele riu, apontando para os cães.

Como *alguém* se esqueceria disso?

— Claro! — Serena se levantou e deu o abraço molhado em Bailey. — É tão bom ver você! — exclamou ela afetuosamente.

Depois de ter desenhado o figurino de *Breakfast at Fred's*, Bailey convidou Serena e Blair para serem modelos vivos em sua casa de veraneio em East Hampton. A estada das duas teve lá seus problemas, principalmente devido a duas modelos magricelas do leste europeu, decididas a tornar a vida delas ali um inferno na terra. Numa cena horrenda, em uma das famosas festas de Bailey, elas estragaram a mobília, espantaram os convidados e depois fugiram da festa — e para longe dos Hamptons — sem muitas despedidas. Serena se sentiu tão culpada por partir em uma situação ruim como aquela que escreveu um bilhete a Bailey no verão, desculpando-se pelo comportamento e agradecendo a ele pela estada. Ele respondeu por escrito dizendo que não podia guardar mágoa de uma menina tão linda e talentosa, e que ela era bem-vinda a hora que quisesse.

— O que está fazendo aqui em Nova York? — Ela pegou uma toalha branca e enrolou na cintura.

O homenzinho dobrou os óculos de sol e os colocou no bolso.

— Os Hamptons ficam um porre no final do verão. Toda a diversão está aqui na cidade! — Ele agitou as mãozinhas no ar. — Você sem dúvida é o centro de todos os acontecimentos... Nem acredito que a minha pequena

Serena está se tornando uma grande, enorme estrela de cinema! — ele gritou e pegou as mãos dela. — Acabo de ver uma exibição de *Breakfast at Fred's* e é claro que o figurino é de matar, modéstia à parte, mas você, meu amor, é como a cobertura da torta de chocolate alemã! — acrescentou ele, beliscando o traseiro bronzeado de Stefan, que não tinha nada a ver com a história.

Liz Taylor estava recostada numa espreguiçadeira a poucos metros de distância com um pequeno Chihuahua branco enroscado aos pés. Ela olhou para eles por cima de seu exemplar da *Vogue* italiana e o cachorro pulou para farejar o traseiro de Cristobal com curiosidade.

É o jeito deles de dizer "oi".

— Serena van der Woodsen, de *Breakfast at Fred's*? — perguntou a mulher em voz alta com um sotaque espanhol carregado. Então ela definitivamente não era Liz Taylor. — Bem que eu achei que parecia familiar. Eu *adorei* completamente esse filme...

Uma multidão começou a se formar em volta de Serena. De repente ocorreu a Nate que ela estava estrelando um filme de sucesso e que estava prestes a se tornar realmente famosa, uma estrela de cinema. Ele se perguntou se a partir de agora ia ser assim o tempo todo, sendo parados na rua, cercados por fãs, os paparazzi seguindo-os a toda parte. Serena sorriu timidamente enquanto autografava a toalha de alguém. Ele já podia ver as colunas de fofoca, perguntando-se por que a estrela jovem e realizada estava

saindo com um mané que ainda estava no ensino médio. Ele não se importava com o que os outros pensavam, mas ainda assim... seria... esquisito. Ele passou os dedos no cabelo, pensando em como queria um baseado naquele momento, e depois se lembrou de que tinha — no bolso da bermuda agora ensopada. Epa.

Nate pegou a toalha e começou a se secar. Depois ouviu o toque abafado do celular embaixo da camiseta. Ele o abriu, grato por ter alguma coisa para fazer além de olhar Serena e se sentir imbecil e inútil.

— Alô?

— Quanto tempo hein!?. O que está fazendo agora? — A voz de Blair o surpreendeu. Ela parecia completamente animada e sem raiva nenhuma.

— Ei... — murmurou ele, andando para a margem do terraço. A cidade se esparramava abaixo dele, as casas baixas do Meatpacking District davam lugar a condomínios novos em Chelsea e aos prédios altos do centro mais além.

Serena percebeu que ele estava andando para lá e para cá e esperou que estivesse falando com Blair, talvez explicando calmamente que ele e Serena iam ficar na cidade este ano... *juntos*. É claro que ela se sentia meio culpada por roubar Nate, mas como Blair estava feliz por se abrigar em Yale — a universidade de seus sonhos —, ela perdoaria a todos eles.

— Muito obrigada. — A voz da espanhola interrompeu seus pensamentos. Ela agitou com orgulho sua *Vogue* autografada. — Binky e eu somos seus fãs. Não somos, Binky? — Ela pegou o cachorrinho com um braço. Binky se esticou nos braços dela, tentando pegar Cristobal, que abanava o rabo e gania aos pés do dono.

— É claro. — Serena assentiu. — O prazer foi meu. — Bailey a pegou pelo braço e começou a cochichar em seu ouvido. — Você deve ser minha modelo exclusiva. Vou vesti-la exclusivamente com minhas roupas, como Audrey Hepburn e Givenchy! — Mas Serena mal o ouvia, distraída pela visão de Nate vestindo a camiseta. Ele acenou, murmurando, "a gente se fala depois", enquanto seguia em direção à saída. Ela suspirou. Havia tanto o que aproveitar da suíte do hotel.

Está tudo bem — eles têm o resto da vida para ficar juntos. Não têm?

### *b mal consegue se conter*

Nate virou a esquina da rua 19 e atravessou a Sexta Avenida, sem esperar que o sinal fechasse. A Container Store assomava à frente, com suas imensas vitrines e toldos em azul-rei um tanto espalhafatosos demais para uma loja que vendia vasilhas de plástico e prateleiras para boxe de banheiro. Nate empurrou as portas de vidro e entrou na enorme loja, olhando o teto alto e as falsas colunas romanas. Procurou por uma cabeça conhecida de cabelos castanhos enquanto andava pelo corredor central, olhando

intermináveis corredores com placas como ESTANTES, HIGIENE, ESCRITÓRIO DOMÉSTICO, COZINHA e BANHEIRO. O ar-condicionado da loja estava bem forte e ele sentia arrepios se formando no corpo ainda molhado. Ele se sentiu mal por correr de Serena daquele jeito, mas ficou extremamente aliviado quando Blair ligou e o convidou para fazer compras para o quarto do alojamento. Ela parecia quase normal — mil vezes mais calma do que da última vez em que a vira — e ele queria tirar proveito de seu bom humor. Pelo menos ela não o mataria num lugar público.

Não tenha tanta certeza — ela adora fazer uma cena.

Por fim ele a viu, radiante, com um vestido de verão de algodão cor verde-mar — não era a roupa mais prática para comprar móveis para um alojamento, mas Blair jamais era prática. O cabelo estava um pouco mais comprido do que ele se lembrava e havia mechas douradas. Ele fechava e abria os olhos, com receio de que o cloro tivesse provocado alguma reação em seus olhos. Ela estava de pé junto a uma mesa que anunciava armários feitos sob medida, discutindo com uma vendedora que parecia arrasada, vestida em um jaleco azul que dizia CONTENHA-SE!. Uma longa fila de pessoas estava atrás dela, batendo os pés de impaciência e olhando para o relógio. É claro que Blair não dava a mínima.

É claro.

O irmão mais novo, Tyler, e o meio-irmão, Aaron, estavam com ela, com pilhas de latas de formatos estranhos a seus pés enquanto esperavam por Blair, e expressões frouxas de tédio. Tyler pegou um jogo de clips de plástico no pacote e os colocou na roupa, prendendo o último na ponte do nariz. Aaron lia um livro com capa de papelão corrugado, um dos livros de amostras que as lojas usavam para tornar as salas de estar mais convidativas. Nate sempre achou que esses livros não tinham nada escrito. E pelo olhar fixo de Aaron, talvez não tivessem mesmo.

— E aí, galera — Nate os cumprimentou. Aaron e Tyler olharam e abriram um sorriso de alívio. Agora que Nate havia chegado, eles podiam ser dispensados do serviço a Sua Majestade.

— Ah, que bom, você chegou — observou Blair. — Só um minutinho. — Ela se virou para a vendedora. — Obrigada por sua *ajuda* — rebateu friamente, afastando-se da mesa.

— São todas umas idiotas — anunciou ela em voz alta quando se aproximou de Nate. — Não querem projetar um sistema de armazenagem especial para o armário do meu quarto só porque eu não tenho as dimensões exatas. Mas eles não são, tipo assim, pagos para isso? — Ela revirou os olhos e se virou para Aaron e Tyler. — Bom, o que é que vocês dois estão esperando? — Eles suspiraram e pegaram as pilhas de coisas no chão, seguindo-a enquanto andavam decididos para os fundos da loja.

Nate se demorou atrás deles, passando os dedos no baseado

ainda molhado no bolso. Blair podia ser meio apavorante quando assumia seu lado decoradora, mas pelo menos ela não estava liberando, hummm, *energia* na direção dele. Mas ele lamentava por Aaron e Tyler. Aaron tinha empilhado tudo em um grande cesto de lavanderia e lutava para mantê-lo reto.

— Ei, cara. Vi uns carrinhos na frente da loja... Quer que eu pegue um? — propôs ele.

Aaron sacudiu a cabeça, as trancinhas batendo de um lado a outro.

— A maninha aqui se recusa a usar carrinho de compras — disse ele desanimado a Nate.

— Eu ouvi essa — rebateu Blair sem se virar. — Carrinhos são para velhas — declarou ela, continuando no ritmo maníaco. Ela parou na seção de cozinha, tocando uma prateleira de aço para colocar vinhos. Virou-se e sorriu maliciosamente para os três meninos. — E além disso, quem precisa de carrinho quando se tem três jovens saudáveis para carregar suas compras? — Ela ergueu uma sobrancelha perfeitamente arqueada, pegando a prateleira de vinho com uma das mãos e colocando-a no alto da pilha imensa que Aaron carregava.

— Isso é abuso de menores — reclamou Tyler de trás de uma chapeleira laqueada de bolinhas azuis-bebê e brancas, com a voz nasalada devido ao clip no nariz. O capacete pajem de cabelos castanhos-claros e espetados de Tyler

crecera tanto que quase chegava ao queixo, e as calças cáqui Brooks Brothers estavam rasgadas nos joelhos. Quem poderia dizer como ele ficaria depois de três anos de ensino médio em Los Angeles? Ele colocou a chapeleira no chão e pegou o aramado branco deslizante na prateleira diante dele, cheio de caixas de petiscos. Dispensou os biscoitos Carr e as Pringles, pegando uma caixa de biscoitos Le Petite Écolier.

— Tyler, são itens de demonstração... Sabe como é, para mostrar como podem encaixar nas latas, entendeu? — ralhou Blair, agora erguendo um jogo de copos medidores.

— Ele está com fome. Tenho que levá-lo para casa — propôs Aaron com ansiedade. — Quer dizer, er, assim você e Nate podem ficar um tempo sozinhos e tudo — acrescentou ele, já baixando o cesto superlotado aos pés de Nate.

— Tudo bem — Blair suspirou, devolvendo os copos à prateleira. — Nate e eu podemos nos virar sozinhos.

— Obrigado — Aaron assentiu rapidamente. Ele pegou o saco de biscoitos de Tyler. — Vamos pagar por estes. Depois! — Eles correram para a frente da loja, como se tentassem fugir de um tornado.

O furacão Blair?

— Ei — murmurou Nate. Blair lia as instruções de um mixer. Ele de repente ficou ciente de que estavam *sozinhos*

ali — e se lembrou do que tinha acontecido da última vez em que ficaram sozinhos.

Pelo menos ela calçava sandálias de um material mole e macio.

Blair agora parecia calma, mas talvez só estivesse esperando que Aaron e Tyler fossem embora. Se esse mixer estivesse ligado na tomada, podia muito bem causar um estrago na cara de Nate. Mas, depois, para alívio completo dele, ela sorriu.

— Ei, você — respondeu ela, com os olhos azuis brilhando. — Natie, que bom que você veio. Eu só queria te dizer que lamento sobre o outro dia. Eu... perdi o controle. E andei pensando no assunto. A gente pode muito bem conseguir lidar com a situação. — Ela apertou a mão dele e largou o mixer na prateleira como um baque alto. — Nunca se sabe que surpresas o futuro pode trazer.

Nate sentiu o corpo ceder de alívio. Nem tinha percebido que estava tão tenso.

— Vamos para o Quarto — sugeriu Blair. Depois ela riu. — Eu disse para o quarto, e não para a cama. Não se encha de esperanças, garanhão. — Ela se virou nos calcanhares e começou a andar pelo corredor branco, com um toque de paquera a mais no andar.

Nate se curvou e pegou o cesto entupido de artigos cuidadosamente selecionados.

— Fala sério, Blair, por que precisa de tudo isso? Onde vai colocar? — perguntou ele quando conseguiu acompanhá-la, com os braços cedendo sob o peso do cesto. De repente ele se lembrou da descrição do inferno em *A divina comédia* de Dante, das aulas de inglês do primeiro ano. Havia diferentes círculos do inferno e todo mundo sofria de acordo com seus crimes. Será que carregar o cesto cheio era sua pena por dormir com Serena? Ele estava condenado a carregar essa culpa por toda a eternidade?

*A maldição da Container Store* — em breve numa Blockbuster perto de você.

— Admito que será um desafio fazer tudo isso caber num quarto mínimo de alojamento. — Blair parou numa prateleira cheia de caixas e latas de plástico transparente de formatos e cores variados. Ela passou as mãos em um imenso organizador com gavetas coloridas, abrindo cada gaveta, uma por uma. — Mas recebi um fax da secretaria de administração de Yale com uma planta baixa hoje de manhã. Se nós colocarmos a cama de minha colega de quarto para mais perto do teto, vamos ter espaço suficiente para uma cama de casal e uma cômoda, e talvez até um sofazinho de dois lugares.

Nós?

— E de qualquer maneira, será somente por algumas semanas... Até encontrarmos uma linda casinha colonial coberta de hera e com uma daquelas banheiras que têm os

pés em formato de garras, e um forno a lenha. É para isso que servem as coisas de cozinha.

— Mas você não sabe cozinhar — observou Nate. De repente o resto do que ela havia dito o atingiu em cheio. — E peraí... nós? Mas eu vou ficar aqui em Nova York...

Blair atirou o organizador no alto da pilha do cesto que já estava transbordando.

— Bom, você pode pegar o trem para a cidade de manhã e voltar para New Haven à noite. Você sai da escola, tipo assim, às três horas mesmo.

Ela desceu o corredor e ergueu um travesseiro listrado de amarelo e branco acoplado a uma mesa de apoio para ser colocada no colo, contemplando sua inutilidade.

Tá legal, porque ela só compra coisas úteis. Como prateleiras de vinho.

Depois de falar com o pai e perceber que a possibilidade de ele *não* conseguir colocar Nate em Yale era grande — ao que parece, as universidades levam muito a sério essa história de diploma — Blair resolveu adotar um plano de contingência. Nate pegaria o trem para Manhattan de manhã e iria para a casa dela à noite. Eles seriam como uma dessas famílias de subúrbio, em que o pai vai até a cidade todo dia e depois volta para sua casa aconchegante — para não falar para sua esposa gostosa — à noite. Ele entraria pela porta, afrouxaria a gravata enquanto passasse

pela cozinha, e ela estaria esperando por ele sem nada, a não ser um avental de bolinhas vermelhas e brancas e esmalte vermelho nas unhas. Depois eles ficariam felizes nos braços um do outro a noite toda, beijando-se sem parar até o amanhecer, quando Nate teria que sair novamente — já ansiando por ela enquanto esperava pelo trem da manhã.

Tudo bem, para ela não seria a coisa mais glamourosa do mundo contar aos novos amigos de Yale que o namorado ainda estava no colégio, mas ela podia muito bem dizer que ele tinha um ótimo emprego num banco de investimentos e ia trabalhar por um ano antes de começar a faculdade. Ou talvez ele só fosse tão inteligente que não precisasse de diploma universitário nenhum, era um daqueles prodígios do mercado de ações igual aos que ela via nos jornais.

O Chapado Pródigo?

Nate franziu o cenho.

— Pegar o trem todo dia? Mas não leva uma hora e meia? Por que eu não fico aqui em Nova York durante a semana e visito você nos fins de semana?

— E deixar você sozinho aqui, com aquelas meninas piranhudas da L'École? Acho que não — respondeu Blair concisamente.

Nate voltou os olhos para o chão, sob o olhar gélido e azul de Blair.

— Pode confiar em mim — murmurou ele. Ele não ia ficar com nenhuma menina da L'Ecole. Ia ficar com Serena. Mas até parece que ele podia dizer isso em voz alta.

— Você pode fazer seu *dever de casa* no trem — acrescentou ela decisivamente. Fala sério, ele tinha sorte de ela estar falando com ele. Yale era o sonho da vida de Blair e há anos Nate também fazia parte desse sonho. Ele quase despedaçara os planos dela com a porcaria da história de ficar sem diploma. Talvez ele pudesse ser um pouco mais consciente do fato de que ela estava dando uma segunda chance a ele, que ela *precisava* manter seus sonhos intactos.

Ela sacudiu a mesa de apoio para cima e para baixo, tentando deduzir o que havia dentro dela, depois se sentou de pernas cruzadas no chão, colocando-a no colo e fingindo escrever. Nate não pôde deixar de sorrir, vendo-a fingir escrever com a intensidade de uma garotinha.

Blair assinou a falsa carta com um floreio e atirou a mesa de apoio na prateleira. Nate nunca conheceu ninguém que soubesse de forma tão convicta o que queria e não queria. Cada objeto que ela atirava no cesto de algum modo se encaixava perfeitamente com a vida que ela planejara para si anos atrás. Mas, para ele, os porta-lápis de cores descoordenadas, as bolsinhas de banheiro e os quadros de recado pareciam um monte de lixo inútil, coisas que ele nunca usaria num lugar que ele mal podia imaginar. Yale era o sonho de Blair, não o dele.

— Tá legal, acho que terminamos. — Ela sacou uma lista da imensa bolsa de couro marrom Chloé e a examinou com cuidado para se certificar de não ter esquecido nada.

O que é improvável.

Ela seguiu na frente em direção à caixa registradora, onde arrebanhou um ganchinho de metal preso por uma ventosa.

— Para seu barbeador — explicou ela. Nate assentiu em silêncio, com os ombros tombados sob o peso do cesto lotado. Embora Blair parecesse maluca, o fato de que estava tentando espremê-lo em seu quarto minúsculo o fazia se apaixonar por ela novamente. Meu Deus, a vida era mesmo uma coisa confusa.

Se ao menos aquelas pessoas com os jalecos azuis pudessem ajudar.

*seja sincero e o resto virá naturalmente*

Fazia um dia ridiculamente quente no Prospect Park. As pessoas fazendo piquenique encontravam sombra embaixo de grandes árvores folhosas e criancinhas corriam com o mínimo de roupa possível. O lago no meio do parque estava cercado de pessoas que olhavam desejosas para a água, querendo poder nadar nela, e a praia dos cães estava cheia de cachorros molhados espadanando e babando enquanto seus donos tentavam acompanhá-los, com as trelas emaranhadas num nó imenso.

Gotinhas de suor faziam cócegas nas costas de Vanessa enquanto ela tirava a comida de *coolers* e colocava numa mesa de piquenique perto do lago, com a toalha branca balançando na brisa. Ela passou a mão na testa, querendo que o vento fosse mais forte. Pelo menos dispensou aquela peruca quente, loura e cosquenta. Sua noite de loucura dançando no balcão do Coyote Ugly tinha sido muito divertida, mas a ressaca terrível na manhã seguinte, combinada com seu reflexo no espelho, era de deixar qualquer um careta. Com a maquiagem preta em toda o rosto, batom vermelho borrado feito uma palhaça em volta da boca e a peruca loura pendendo da cabeça como um bicho morto, Vanessa não se sentia mais sexy — só uma psicopata. Hoje, ela estava de volta a sua típica careca tosquiada e às dos coturnos pretos, embora estivesse com um vestido de festa Betsey Johnson azul-celeste para a ocasião — influência de Blair, é claro.

É claro.

Ela pegou uma bandeja coberta de papel-alumínio no último *cooler* e espiou o conteúdo. A famosa lasanha de soja e tempeh da irmã. É claro que a comida do casamento era tosca — tirando Vanessa, toda a família Abrams era vegetariana. Seria a primeira vez que ela veria os pais desde que eles a visitaram em março, quando sua exposição de "arte fundamental" esteve numa galeria na cidade. A exposição incluiu, memoravelmente, uma corrente de raladores de queijo pregada a uma parede e um cavalo vivo, comendo salada Caesar em uma tigela de madeira e evacuando livremente no chão. Durante a curta estada dos

pais, o pai dela até usou uma saia longa de cânhamo numa festa elegante na Quinta Avenida.

Foi aí que começou a moda de homens-de-saia.

— Berinjela! — a voz da mãe de Vanessa soou, chamando-a pelo apelido de criança. Apesar do calor, Gabriela Abrams usava um manto tribal africano marrom e amarelo e fitas brancas presas nas pontas de suas longas tranças grisalhas. Parecia um cruzamento de Gandhi com a Pastorinha.

— Oi, mãe — murmurou Vanessa enquanto a mãe atirava os braços em volta dela. O manto era áspero e arranhou os braços nus de Vanessa.

— Este lugar tem um bom chi — observou ele, aprovando e dando um rápido beliscão na bochecha de Vanessa. O cabelo comprido e grisalho estava trançado nas costas com outra fita branca presa em um laço na base e seu corpo estava encapotado no que parecia um roupão de banho de linho branco. Não era de surpreender que os pais de Vanessa tivessem roupas e penteados parecidos. Se Gabriela não vestisse Arlo, ele simplesmente andaria nu pelo mundo.

Vamos esperar que nada aconteça com ela.

Vanessa ficou inquieta, sufocada pelo abraço dos pais. Olhou por sobre o ombro do pai e viu Dan se aproximando ao longe, vestido de maneira formal com camisa azul e

gravata. Ela nem sabia que ele *tinha* gravata. Seu estômago se revirou quando ela o viu, e de repente ela queria ter tomado café de verdade naquela manhã em vez de beber o café instantâneo horroroso dos Humphrey.

Não se preocupe — tem muita lasanha de tempeh aí.

— Mãe, pai, por que não se sentam aqui? — Ela conduziu os pais para uma das mesas de piquenique arrumadas junto ao corredor de grama, enxugando o suor da testa. — Tenho que falar com Ruby e Piotr. — Ela olhou os dois pombinhos junto ao carvalho que faziam de altar, tentando tirar as mãos um do outro, sem muito sucesso na empreitada. Com seus modos pouco convencionais de sempre, os pais de Vanessa preferiram se acomodar na mesa de piquenique em vez de se sentar no banco.

— Nossa garotinha é uma dama de honra! — gritou a mãe, pegando um lenço de aniagem de entre os seios.

O pai pôs a mão no joelho da esposa e o apertou.

— Ora, Gabriela, poupe seus fluidos para o casamento! Vanessa andou pela nave central, perguntando-se se era isso

que acontecia quando se ficava tempo demais nos bosques de Vermont.

\*\*\*

Dan andou entre as mesas de piquenique decoradas com balões brancos, na esperança de ter tempo antes de ler o poema de colocar guardanapos nas axilas para absorver o suor que lhe fazia cócegas pelas laterais do corpo e manchava a camisa azul-clara.

— Não é romântico? — a voz de Jenny interrompeu seus pensamentos. Ela olhava as árvores com uma expressão sonhadora no rosto redondo e sardento. Estava com um vestido de verão fino e rosa que parecia muito mais confortável do que a camisa de mangas compridas e a gravata que Dan escolhera para a ocasião.

— Para você, é fácil falar, Srta. Só com um vestidinho leve.  
— Ele grunhiu e tentou desgrudar a camisa das costas suadas.

— Ah, sem essa, Dan — zombou Jenny. — Não acha que os casamentos são a coisa mais maravilhosa do mundo?

Na realidade, ele achava mesmo. Havia algo de verdadeiramente romântico era ver duas pessoas prometendo ficar juntas para sempre diante dos amigos e familiares. Era quase... nobre. Como seria ter alguém que o amasse o bastante para querer ficar com ele para sempre?

— É, acho que sim — murmurou Dan, revirando um torrão de terra que parecia suspeito.

Eles se aproximaram do grande carvalho com pétalas de rosa salpicadas nas raízes. Piotr estava atrás da árvore, de

smoking amarelo-canário, segurando a mão de Ruby. Ela estava com um vestido marfim com um aspecto antigo, com uma faixa rosa-choque em volta da cintura. E ao lado dela estava Vanessa, linda num vestido azul colante. Dan olhou para os pés dela — estava com os coturnos que lhe eram característicos. Pelo menos algumas coisas jamais mudavam. Dan soltou o braço de Jenny e se aproximou, vidrado na curva dos quadris de Vanessa que ondulavam sob o fino tecido do vestido. Ele sentiu a pulsação começar a acelerar.

— Oi. — A voz rouca de Vanessa interrompeu os pensamentos de Dan e ele percebeu que seus pés o haviam levado diretamente para a frente dela. Ruby estava atrás, beijando Piotr loucamente, embora ainda não tivessem dito "pode beijar a noiva". A cerimônia ainda não havia começado.

— Oi — Dan sorriu timidamente. — Você está... er, legal.  
— Droga. Ele era poeta e não conseguia pensar em nada melhor do que "legal"?

Rosas são vermelhas, violetas são azuis, sua boca é demais e você não fica atrás!  
Ela também deu um sorriso tímido.

— Hummm... Só experimentando uma coisa nova para o casamento.

— Ele quis dizer linda. — Jenny lançou os braços em Vanessa. — Adorei seu vestido!

— Vocês podem se sentar aqui, se quiserem. — Vanessa apontou para um banco vazio e Dan e Jenny se sentaram. — Tenho que colocar a música e preparar minha câmera. Você entra depois dos amigos de Piotr, está bem? — disse ela a Dan, e foi rapidamente para a mesa de piquenique no outro lado do corredor, onde um dos amigos de Piotr, usando uma camisa branca com uma caveira preta e ossos cruzados, mexia em um iBook.

Dan examinou os outros convidados, cuja maioria estava com roupas informais — a não ser pelos amigos de Piotr, que usavam ternos de listras pretas, brancas e vermelhas. Eles pareciam um bando de palhaços moderninhos que haviam acabado de ser libertados de uma prisão tcheca bizarra.

Neste momento começou uma balada tcheca. E Ruby e Piotr começaram a pular de costas e de mãos dadas em volta do carvalho gigantesco. Um dos caras com o terno listrado esquisito, que Dan só podia supor ser o padrinho de Piotr, se uniu aos saltos e a multidão gritou.

O que aconteceu com o "Lá vem a noiva?"

Eles pararam de pular e ficaram de lado enquanto a balada tcheca silenciava e um grupo de quatro homens de ternos listrados foi até a árvore. Um homem botou a língua para fora e a agitou obscenamente.

— Eu sou um animal! — gritou ele. — Cheio da luxúria de

um carnívoro!

— Eu sou o amor — o grupo atrás dele começou a entoar, agachando-se no chão. — Eu sou o Amor, o amor, o amor...

Ruby e Piotr deram as mãos, encantados com a exibição dos amigos. Atrás deles, um labrador amarelo perseguia um esquilo numa árvore, latindo alto.

— ... amor, amor, amor, amor...

A testa de Jenny franziu em pensamentos, como se ela estivesse tentando decifrar o simbolismo da apresentação. Dan mal conseguia conter o riso — e só havia outra pessoa que provavelmente sentia o mesmo. Ele olhou para Vanessa, que estava de pé na lateral, com a câmera apontada para o altar enquanto tentava desesperadamente se manter séria. Ele olhou para ela e sorriu; depois mostrou a língua e balançou, imitando os amigos malucos de Piotr.

Os homens de terno listrado finalmente pararam de gritar e se curvaram em aplausos educados e confusos. Jenny deu uma cotovelada nas costelas de Dan.

— É sua vez.

Ele deu um sorriso nervoso. Nem sabia se o poema estava bom, e agora ia ter que fazer um test-drive na frente de toda a festa de casamento de Ruby — para não falar da ex-namorada.

Sem pressão.

Dan foi para a frente da multidão e abriu o caderno. Pigarreou e começou a ler, com a voz hesitante.

*Abra a geladeira e coloque  
Meu coração num prato.  
Estou como você me deixou  
E meu gosto é ainda melhor  
As sobras.*

Ele não tirou os olhos do papel. Precisou de todo esforço do mundo para decifrar o próprio garrancho. Enquanto se concentrava no papel branco, não conseguiu deixar de se emocionar com o que havia escrito. Olhou para cima, olhou nos olhos de Vanessa.

*Penugem pálida, por que me deixou?  
Você é espinhosa  
Pela manhã. Tão  
Espinhosa.  
Isso não é um programa de culinária.  
Não é química nem geografia.  
É física. Pura física.  
Eu caio rápido e mas rápido paro.  
Caia comigo. Prostre-se comigo.  
E fique.*

Vanessa ficou tremendamente ruborizada, as bochechas assumiam um tom de rosa vivo, e Dan achou difícil tirar os

olhos dela. Ela estava tão linda com o vestido azul-claro, com a pele branca cintilando no tecido azul...

O som dos aplausos interrompeu seus devaneios.

— Hummm, obrigado — murmurou ele enquanto voltava, tonto, a seu lugar. Ele se sentou e Jenny pegou seu braço.

— Isso foi muito bom. Mas depois *precisamos* conversar sobre uma coisa — sussurrou ela em seu ouvido.

— Tá legal — sussurrou Dan. Ele enxugou a testa com um guardanapo de papel, à medida que os companheiros de banda de Ruby começavam a empurrar um carrinho através do corredor coberto de pétalas de rosas.

Pelo visto ninguém contratou um planejador de casamentos.

*ô, de bordo!*

Nate se inclinou para fora do barco e mergulhou a mão na espuma branca das ondas. Chips estava de pé na popa do *Belinda* — barco batizado com o nome de sua esposa falecida — enquanto girava a imensa roda do leme do iate de 12 metros de comprimento e acalentava um scotch com gelo. As velas brancas ondulavam no vento. Fazia um dia de verão perfeito e sem nuvens, mas depois da tarde que passou com Blair e Serena ontem, os pensamentos de Nate eram mais desordenados do que nunca. Quando Chips telefonou naquela manhã o convidando para um passeio no

veleiro pelo Hudson, ele se agarrou à oportunidade de voltar para a água e ficar o mais longe possível das meninas. Um uisquezinho também não ia cair mal.

Com calças brancas Ralph Lauren e suéter de cashmere azul-marinho, Chips estava sofisticado e imponente manejando o leme do iate imaculado.

— Isso é que é vida — trovejou ele, com as mãos enrugadas pousadas de leve na roda. — O mar aberto, o sol e o vento. — Ele respirou fundo e levantou a cabeça para o céu, respirando o ar limpo e quente.

— Concordo. — Nate raspou a ponta dos tênis nas pranchas do convés. Estava esperando por uma grande aula sobre como pensar com as bolas, o tema preferido de Chips.

A barba branca do velho cintilava no sol de fim de tarde.

— Mas então, por que está com cara de vaca lambida? — perguntou ele, com o sotaque escocês rolando na boca como bolas de gude.

— Ah. Eu... eu estou bem — respondeu Nate rapidamente.  
— Mais ou menos.

Chips olhou para ele com astúcia, esperando que Nate continuasse. Nate respirou fundo, inalando o ar salgado e, pela primeira vez em dias, sentiu a cabeça começar a clarear. Quando ficava no mar, tudo parecia muito mais

simples. O mundo todo era reduzido a sua essência: sol, céu e água.

— Vou ter que repetir o último ano na escola — ele se ouviu dizer. — Não vou para Yale. Sei que meu pai lhe contou isso, não é?

Chips assentiu.

— Ao que parece, você roubou Viagra de seu treinador porque pensou que isso o deixaria mais homem? — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Hummm, é — murmurou Nate, ruborizando um pouco.  
— Mas esse não é o único problema. Tem duas meninas...  
— Sua voz falhou na brisa. — Acho que vou ter que escolher uma delas, e não sei quem escolho. — O barco bateu num trecho agitado de água e Nate cambaleou para trás.

— Ei, cuidado, Natie! — Chips riu alto e o segurou pelo braço. Ele o girou para o banco que fica atrás da roda de leme, indicando que ele devia conduzir. Chips se sentou pesadamente atrás dele e colocou uma grande almofada azul nas costas para ter apoio. Sacou um charuto marrom e gordo do bolso da calça e o rolou entre os lábios. Depois o acendeu e deu baforadas até que a ponta cintilou âmbar e o fedor de fumaça de charuto encheu o ar, doce e acre. Nate olhou a água, pilotando o barco, irritado com o que acabara de dizer. Falar no assunto significava pensar nele, e essa era a última coisa que ele queria fazer.

— Agora. — Chips soprou um anel de fumaça no alto. — Vamos começar pelo princípio.

— Bom... Primeiro tem a Blair — começou Nate inseguro enquanto pilotava o barco habilidosamente por entre as bóias verdes e vermelhas que marcavam a entrada do porto de Manhattan. — Estamos juntos há séculos e eu realmente a amo. Ela é do tipo que consegue o que quer e simplesmente... quer que tudo seja perfeito. Ela está partindo para Yale amanhã e quer que eu vá morar em New Haven com ela. — Ele colocou a mão no bolso e passou o dedo na superfície lisa do isqueiro que Blair lhe dera dois anos antes. — Mas acontece que também sempre amei Serena. Ela é... o contrário de Blair. Cheia de leveza, mistério e alegria, mas difícil de segurar.

Chips assentiu, ouvindo com atenção.

— E para deixar tudo ainda mais complicado, elas são grandes amigas desde pequenas e eu meio que sempre deixei as coisas um pouco conturbadas entre elas.

Meio?

Ele respirou fundo e Chips lhe passou o copo de scotch.

— Sei que é idiotice, mas não consigo me decidir. — Nate tomou um longo gole e devolveu o copo a Chips agradecidamente. — Sobre *nada*. — Ele olhou a água de novo, esperando por um sinal — uma nuvem em forma de

*B* no céu ou um *S* refletido na água. Em vez disso, só o que pôde ver foi o rosto das duas piscando para ele. *Você sabe que me ama*, dizia cada uma delas.

Chips tomou um gole do scotch e lançou um olhar pensativo para Nate, com a aliança de ouro reluzindo à luz do sol.

— Bem, Nate, eu sempre acreditei que a sinceridade é um componente fundamental para sermos felizes... junto com tudo isso — disse ele, apontando para o barco. — Mas também é preciso que se pense em proteger a pessoa que você ama de uma dor desnecessária. — Ele ficou de pé e bateu as cinzas do charuto na lateral do barco antes de se sentar novamente. Pela primeira vez, Nate percebeu que a perna esquerda de Chips parecia meio dura quando ele andava.

— Tem razão — refletiu Nate em voz alta. Ele inclinou a cabeça para trás, para sentir o calor do sol no rosto, e fechou os olhos por um minuto. — Quer dizer, que bem faria contar a Blair sobre Serena? Ela vai para Yale amanhã. E talvez, depois que ela for embora, eu vá sentir tanta saudade que entre na porra do trem toda sexta-feira. Ou vai ver eu e Serena fiquemos juntos... Então por que decidir agora?

— Nate... — Chips se virou e olhou de forma pensativa para ele, com a mão pousada na perna rígida. — Não distorça minhas palavras para sua própria conveniência. Há uma diferença entre proteger alguém e proteger a si mesmo.

E não me parece que você está pensando muito no que é realmente melhor para as duas meninas que afirma amar tanto.

— É? — Nate fitou melancólico sobre o convés de madeira. Ele sabia que Serena ficaria magoada se contasse a ela que veria Blair todo fim de semana em Yale. Também sabia que se contasse a Blair o que aconteceu com Serena, aquela cena de atirar os sapatos pareceria um passeio ao circo.

Entrem e vejam o Devorador de Manolos!

— Mas tem outra coisa — continuou Nate, lutando com seus pensamentos. — Blair e Serena... Elas sabem exatamente o que querem. Elas têm todos aqueles *planos*... Todo mundo sabe o que quer, mas eu... *não*. E mesmo que eu soubesse, parece que todo mundo decide por mim. — A água cintilante parecia rir da cara dele. Semanas antes, a água estava cheia de promessas. Agora o fazia sentir como se estivesse afundando.

— Esta é a maior asneira que já ouvi na minha vida — rosnou Chips. Ele se inclinou para a frente e seu rosto ficou a centímetros do de Nate. — Olhe para mim... Tenho 65 anos, tenho uma perna ruim e na manhã de domingo vou sair velejando pelo mundo. — Ele bateu na canela e produziu um som estranho como se estivesse batendo em madeira. — Bata na madeira, será a melhor coisa que já fiz.

Bater na madeira?

Os olhos de Nate se arregalaram de surpresa com o anúncio de Chips — velejar pelo mundo? Mas que droga.

Chips atirou o charuto para fora do barco com um floreio.

— Rapaz — sua voz era grave —, vou lhe dar o mesmíssimo conselho que dei a seu pai 25 anos atrás. — Ele parou, olhando Nate fixamente nos olhos. — Você precisa entender o que realmente quer... Chega desse papo-furado. Lembre-se, precisa pensar com as bolas, e não com o pau.

Lá vamos nós de novo.

Nate assentiu, olhando para o chão, começando a entender o que significava o ditadozinho pervertido de Chips. Ele tinha razão — todo esse ir e vir com Serena e Blair não estava ajudando a ninguém. Tratava-se de seu pau, mas não havia nada de corajoso nem másculo em mentir para as duas pessoas que ele mais amava no mundo.

— Todo menino um dia tem que se tornar homem. — Chips esvaziou o copo e o colocou no convés de teca. — Agora é a sua vez.

É esse o jeito de um velho escocês dizer "Vê se cresce"?

**[gossipgirl.net](http://www.gossipgirl.net)**

---

**temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas**

---

*advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

**oi, gente!**

A festa do Met finalmente chegou e passei o dia todo na Bliss me preparando para as festividades da noite, com cada lindo centímetro meu sendo depilado, polido e pintado para a ocasião. Está na hora de colocar meu corpo macio e beijável em meu vestido de seda Gucci preferido e pintar a cidade de rosa — isto é, se eu conseguir me afastar do espelho. Tradução: melhor fazer isso rapidinho.

Nesta noite a família biruta de **B** tentará superar todas as festas que já aconteceram no Met então trate de usar a melhor roupa de final de verão. Se você não foi convidado, não se sinta mal. Enquanto está aí preso em casa vendo reprises de *Grey's Anatomy*, eu farei o exaustivo trabalho de vigiar todos que são importantes, o que significa obviamente *todos* nesta festa em particular. Animem-se, excluídos — vou fazer tudo direitinho para dar todas as fofocas picantes e os detalhes sórdidos a vocês no nosso próximo encontro. Fiquem ligados!

E para aqueles que estão em casa fazendo as malas para sua bon voyage à universidade amanhã de manhã, preparei uma

Gossip Girl & It Girl fans © -

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>

lista de verificação sobre o que levar. Sei que a maioria de vocês está ocupada demais fantasiando com seus cenários pessoais e lacrimosos de despedida, então vou ajudá-los com algumas regras básicas de quartos de alojamento:

**(1)** Um par de óculos de aro de chifre — Armani ou Chanel — quer você precise deles ou não. Todo universitário tem fantasias com uma bibliotecária sexy — acredite em mim.

**(2)** Um caderno com capa de couro e uma caneta Montblanc de prata — perfeitos para passar bilhetes ao gato que se senta na sua frente toda terça e quinta.

**(3)** Um iBook novo. Tome notas durante a aula enquanto verifica seu e-mail — e mande algumas mensagens irresistíveis para sua paixão mais recente. Chama-se multitarefa, gente, e eu sei o que é.

**(4)** Uma máquina de reproduzir barulhos ajustada para sons urbanos. Nada como nos sentirmos em casa...

**(5)** Sua inteligência e charme! A universidade é cheia de limitações, regras e regulamentos. Vocês todos estão prestes a quebrá-los! Então lembrem-se, a gente pega mais moscas com mel do que com vinagre. Um barril de mel verdadeiro também pode ser útil para passar em todos aqueles meninos lindos do curso de economia — não que eu esteja defendendo um comportamento como esse...

**flagras**

N no **Times Square**, olhando de forma desejosa para um cartaz da Polo mostrando um cara num veleiro, flanqueado por duas lindas modelos — uma loura e outra morena. Pensamento positivo? Bom, se alguém pode fazer isso acontecer, é nosso amigo N... S na **Barnes & Noble** da Union Square, escondida atrás de um enorme par de óculos de sol brancos enquanto folheava *O guia dos idiotas que procuram um agente*. Parece que alguém tem um novo projeto! B gritando com uma empregada na seção de cama da **ABC Carpet e Home** porque eles não fazem lençóis **Pratesi** em tamanho extralongo... K e I na **Chloé**, experimentando vestidos de festa idênticos — será que elas têm encontros idênticos? C comprando um smoking na **Armani** (ele já não tem um? Ou dez?), atormentando a equipe de vendas com suas solicitações de um alfaiate para fazer um igual tamanho primata PPPP. Francamente. V indo de metrô do Prospect Park até o Upper East Side com umas figuras estranhas vestidas de ternos com listras pretas, brancas e vermelhas... Os recém-casados R e P beijando-se loucamente num táxi a caminho do **JFK**. Dizem que vão passar a lua-de-mel na... Islândia. Nada mais *cool* e descolado. A, parecendo surpreendentemente mais ativo, comprando um smoking na **Barneys** e paquerando a vendedora de trancinhas feito um doido — mas dizem os boatos que ele só tem olhos para uma certa convidada de festa às vezes careca, às vezes de peruca... A mãe de B, E, na loja de eletrônicos **Bang & Olufsen** no Upper East Side, comprando a maior tela plana do lugar, e depois, mais tarde, na **Marque** do Meatpacking District, rebolando na cabine do DJ ao som de The Black Eyed Peas. Epa. Esta noite sem dúvida será... divertida.

Bom, gente, preciso preparar um Martini Grey Goose pré-festa para mim com um *toque* de vermute, e relaxar no novo divã de veludo rosa que comprei para a faculdade (Maria Antonieta vai para a universidade!), e tentar acalmar meus nervos para a grande noite que tenho pela frente. É meio difícil me concentrar em escrever para vocês, gatinhos, quando minhas unhas recém-pintadas em Black Satin de Chanel (sim, eu tenho e você não) são uma distração *tão* grande. A gente se vê na festa.

**Pra você que me ama,  
gossip girl**

*o presente eterno*

Blair deslizou pela entrada em arco do recém-reaberto espaço de exposição greco-romano do Met e olhou para o enorme salão de calcário. Colunas coríntias sustentavam o teto de 12 metros, onde uma clarabóia em domo se abria para o céu noturno. Cenas de guerras antigas surgiam nas paredes de mármore com veios de ouro e dezenas de pilares também de mármore sustentavam as estátuas gregas anatomicamente perfeitas. Garçons com togas douradas e bandejas de prata andavam habilidosamente em meio aos grupos de convidados de roupas soberbas.

A festa era o quem é quem da vida de Blair. De pé em pequenos grupos, estavam os pais elegantemente vestidos de quase todo mundo com quem ela já tinha convivido na infância, bebericando champanhe delicadamente e sorrindo

com educação, enquanto fofocavam como loucos a meia-voz. Os pais de Serena estavam altos, louros e equilibrados como sempre, a mãe, Lillian van der Woodsen, escultural num vestido sem alças Oscar de la Renta prata de tirar o fôlego que nem as meninas da idade de Blair poderiam vestir. Conversando com a Sra. van der Woodsen estava Misty Bass, mãe de Chuck, com o cabelo empilhado como uma imitação triste de Maria Antonieta.

Que comam bolinhos!

Ao lado de Misty estava o marido, Bartholomew, tentando dar uma espiada no decote baixo do vestido preto de chiffon Badgley Mischka de Titi Coates, mãe de Isabel.

Tal pai, tal filho...

O Sr. Coates, o pai de meia-idade de Isabel e ex-astro de cinema, estava com um smoking preto, ainda mais ilustre do que o de costume, ao lado do bulboso e suarento Cyrus Rose, que afagava a pança e pegava punhados de canapés de cada bandeja que passava. Blair estremeceu de nojo mas foi reconfortada pelo fato de que ia ver o pai de verdade naquela noite — se ele viesse. Ele ligou do aeroporto Charles de Gaulle em Paris oito horas antes para dizer que tinha perdido o voo porque Ping estava com um pouco de mal-estar, vomitando aos jatos em toda parte, e eles só poderiam pegar o finalzinho da festa. Teriam que deixar os gêmeos com a babá dos Waldorf Rose e depois correr. Bom, pelo menos a pequena Yale podia ensinar algumas boas maneiras àqueles fedelhos.

As estátuas gregas da idade clássica que tomavam as paredes deixavam a festa ainda mais apinhada do que realmente estava. Blair se abaixou para ajeitar a tira dos Manolos de couro cerúleo. Os sapatos combinavam perfeitamente com o vestido tomara-que-caia azul céu noturno Viktor & Rolf, e eles brilhavam como se fossem cristalizados, cintilando à luz de velas. Algo se mexeu atrás dela e Blair girou a cabeça, perdendo o equilíbrio e quase caindo no chão de mármore. Será que um daqueles Adônis se mexeu? A estátua cinzelada deu uma piscadela para ela enquanto passava de uma pose clássica para outra. Blair olhou mais de perto e percebeu que tinha confundido modelos cobertos de tinta cor de argila com esculturas da era clássica grega e romana.

— Ursinha! — Uma voz interrompeu os pensamentos de Blair e ela viu o pai, mais animado e mais lindo do que nunca, com um smoking Gucci completamente preto. O cabelo castanho-claro estava espigado como o de uma criança e as rugas de riso de aparência distinta nos cantos dos olhos azuis eram os únicos sinais de sua verdadeira idade.

— Pai! — Ela correu para os braços estendidos do pai e de imediato se sentiu reconfortada. — Eu já não tinha certeza se você vinha mesmo. — Ela enterrou a cabeça em sua camisa branca.

— Eu nem sonharia em perder sua grande noite, Ursinha. E você vai ficar ainda mais feliz quando eu te der seu

presente. — O pai recuou e afagou o rosto dela. Estava com as abotoaduras de esmeralda que Blair sempre achara que eram da mesma cor dos olhos de Nate. Os dedos bronzeados estavam com as unhas feitas e a mão cheirava a uma colônia nova e parecida com talco.

Eau de Bumbum de Bebê da Johnson & Johnson?

— Que presente? — Blair tinha gostado da notícia. — Você já me deu um carro de formatura. — Ela olhou para ele cheia de expectativa. O que poderia ser melhor do que um carro? Um avião? Um cavalo? Seu próprio apartamento em Nova York? Sua própria casa em New Haven?

Mas isso é que é pensar pequeno.

O pai se inclinou para cochichar algo em seu ouvido.

— Conversei com o reitor de admissão de Yale. — Ele parou, com o rosto bronzeado enrugado abrindo seu típico sorriso vitorioso.

Blair atirou os braços em volta de seu pescoço.

— Ah, papai! — Ela o abraçou com força. Nem precisou ouvir o resto. — Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada!

Um homem bonito, alto e de smoking se aproximou, com fios grisalhos no cabelo comprido, escuro e penteado para trás.

— Giles! — Harold Waldorf exclamou para ele. — Até que enfim vai conhecer meu anjinho, a Blair!

— *Enchanté!* — exclamou Giles, pegando a mão de Blair e a beijando. Seus dentes eram ofuscantes de brancos e os olhos castanhos chocolate eram calorosos. — Ela é *magnifique!* — exclamou ele num sotaque francês carregado.

Blair corou e lhe fez uma pequena mesura. Finalmente estava começando a se sentir a dona da festa. Já não era sem tempo.

Mas ela não *acabou* de chegar?

— Blair, querida, temos que ver nossos bebês. — O pai lhe deu um abraço rápido. — Mas vamos voltar logo. Acho que você tem algumas novidades boas para contar a alguém.

Giles deu um beijo numa face de Blair, depois na outra.

— *Au revoir, jolie mademoiselle* — disse ele graciosamente.

Blair sorriu, sem se importar que o pai tivesse acabado de chegar e já saísse de novo. Nate iria para Yale, franceses lindos beijavam sua mão e esta era a festa *dela*. Tudo ia bem no mundo.

— Dê um oi a Ping e Pong por mim — gritou ela atrás deles, sentindo-se particularmente generosa.

Depois que o pai e Giles saíram, Blair passou os olhos pelo salão, procurando por Nate. Em vez disso, encontrou Serena parada perto do bar, com um elegante vestido Valentino de seda prata brilhando contra a luz, faixas prateadas e finas cingiam sua cintura mínima. Blair foi até ela, com o vestido Viktor & Rolf azul-cobalto acompanhado de um corpete de contas intrincado arrastando-se sedoso como uma poça de água tingida. Ela sorriu tonta consigo mesma. Serena podia estar estonteante, mas no ano que vem ficaria nesta cidade velha e suja enquanto Blair e Nate estariam a quilômetros de distância em seu ninho de amor aconchegante em New Haven, alimentando-se com pepinos em conserva e ostras e todo tipo de comida para ser servida a dois. O pai pode não ter lhe dado um apartamento ainda, mas seu aniversário estava chegando, em novembro...

Bom, a mãe comprara uma ilha para ela.

— Oi — Blair beijou o ar perto das bochechas de Serena.

*Muá! Muá!*

— Não está uma loucura? Dê uma olhada nos caras nus com pintura no corpo ali!

Serena baixou a taça de champanhe vazia sobre o balcão de mármore falso atrás dela e pegou uma cheia. Odiava o nervosismo que sentia quando estava perto de Blair. Até que ponto Blair sabia dela e de Nate? Serena teria coragem

de contar a ela?

— Está *demais*. Sua mãe realmente se superou. — Talvez fosse melhor dar o máximo de si para parecer animada e informal, como se não estivesse prestes a roubar o namorado da melhor amiga bem diante de seu nariz.

Blair chegou mais perto do balcão, praticamente derrubando Rain Hoffstetter. O cabelo castanho de Rain estava sempre suado do futebol e puxado num rabo-de-cavalo torto, mas esta noite ela o penteara em ondas soltas em volta do rosto o que, aliado a um vestido Calvin Klein preto e prata, deixava seu corpo atlético um pouco menos masculino.

Mas só um pouco.

Ao lado de Rain estava Nicki Button, famosa por suas plásticas no nariz — que Blair achava que não tinham feito lá muito bem a ela. Rain e Nicki brigavam mais do que Serena e Blair, principalmente por causa de roupas, e não de meninos mas, como as duas iam para Vassar, talvez selassem a paz.

Isso durante cinco minutos, até as duas perceberem que estavam usando as mesmas sandálias prateadas e brancas Prada. De uma coleção totalmente ultrapassada.

— Com licença, senhoras. — As duas meninas praticamente pularam para trás enquanto Blair passava por elas e pegava uma taça de champanhe. Ela se virou para

Serena e bateu a taça na da amiga. — A nós — brindou ela, animada. Ela sabia ser um pouco magnânima às vezes. Tinha conseguido exatamente o que queria — como sempre.

As duas esvaziaram as taças num gole só. Depois Blair pôs a mão delicada no quadril.

— Você viu o Nate? — perguntou ela, erguendo uma sobancelha escura perfeitamente arqueada. — Preciso falar com ele.

Serena pegou outra taça de champanhe. Queria que houvesse uma solução simples para isso, mas não havia. Blair estava tão feliz, e ela não queria estragar a festa da amiga. Ela e Nate teriam de esperar um pouco, para contar que iam ficar juntos quando Blair estivesse bem acomodada em Yale, assim talvez ela nem se importasse tanto. Por fim ela tirou a taça de champanhe dos lábios.

— Eu não o vi ainda — admitiu ela.

Blair percebeu que Serena enrijecera ao ouvir o nome de Nate e por um segundo quase lamentou pela amiga — com aquela carta desesperada e tudo. Estava morrendo de vontade de contar a Serena que Nate iria para Yale, mas parecia errado dizer a ela antes de contar ao próprio Nate. Afinal, Serena provavelmente ainda abrigava algum sonho desesperado de que ela e Nate viveriam felizes para sempre na cidade enquanto Blair estivesse em New Haven. Como se isso *fosse* acontecer.

— Bom, vou procurar por ele — piou Blair alegremente.

Assim que ela se afastou, Rain e Nicki rapidamente preencheram o lugar ao lado de Serena. Rain tinha um guardanapo de coquetel na mão e Nicki uma caneta enquanto tropeçavam uma na outra para chamar a atenção de Serena. Então era isso — elas queriam um autógrafo. Para sua própria surpresa, Blair nem sentia inveja. As pessoas estavam sempre babando para Serena e seria assim sempre. Por que se importaria? Blair tinha tudo o que sempre quis.

E com "tudo", ela queria dizer uma pessoa viva e respirando, não é?

Blair estava prestes a olhar na sala de esculturas européias que ficava ao lado quando localizou Nate com o canto do olho. Estava encostado em uma coluna romana alta perto da pista de dança, parecendo melancólico. Jeremy Scott Tompkinson, um amigo dele da escola magricela e de costeletas, e Anthony Avuldsen, incrivelmente louro e com um visual atlético, davam pequenos socos periodicamente no braço de Nate, tentando tirá-lo da coluna e levá-lo para dançar ou beber alguma coisa, ou pelo menos sorrir. Nate só agitava a mão para eles, então eles iam para a pista sozinhos, dançando feito idiotas a um metro de distância um do outro. Bom, se a visão dos chapados agitando os braços e pernas na pista não estava deixando Nate animado, Blair sabia de uma coisa que deixaria. Ela abriu caminho pela pista lotada, praticamente tropeçando em Laura

Salmon, com um vestido salmão Dior de seda frouxo no peito que era meio velho demais para ela.

Salmon de salmão. Nada mais adequado.

Blair correu para Nate, atirando os braços em volta dele.

— Adivinha só? — perguntou ela, com os olhos azuis faiscando. — Tenho uma grande novidade. — Nate sorriu para ela sem dizer nada, mas seu olhar estava a quilômetros de distância. Ela prosseguiu assim mesmo, pegando a gravata-borboleta dele e obrigando-o a prestar atenção. — Eu contei seu probleminha para o meu pai e ele conversou com os responsáveis em Yale, e *eu consegui colocar você lá!* — Ela lançou os braços nele novamente se apoiando firme e sussurrou em seu ouvido: — Agora podemos ficar juntos em Yale... *Exatamente como planejamos!* — O corpo de Blair tremia de empolgação, mas Nate ficou ali parado, imóvel feito uma pedra. Ele mal retribuía o abraço. Ela recuou e olhou em seus lindos olhos verdes, com um ar investigativo.

— Caraca. — Nate sacudiu a cabeça devagar. — Nem sei o que dizer. — Ele piscou, tentando processar o que ela acabara de lhe contar. Ir para Yale, pra valer? Não só pegar o trem para New Haven duas vezes por dia e fingir que estava lá? — Blair... Você é demais.

Agora sim.

— Eu sei.

Blair estava prestes a dar em Nate um beijo que ele jamais esqueceria quando viu a mãe se aproximando do outro lado do salão, ondulando o vestido Versace marfim até os pés, incrustado com milhões de lantejoulas douradas e minúsculas, e saltos Gucci que pareciam ter sido feitos de tiras de ouro de 24 quilates. Desde que perdeu o peso da gravidez, Eleanor vestia roupas bregas e chamativas, mas Blair estava feliz demais para se irritar com a mãe maluca.

Davita Fjorde andava ao lado de Eleanor, usando um minivestido Miu Miu preto e plataformas peep-toe Miu Miu de cetim rosa, ladrando ordens no microfone.

— Não, não, não! — sibilava ela. — Só dê um banho nele e o coloque aqui como um garçom comum. Só tinta *não inflamável*! Não preciso de nenhuma tocha humana correndo pela minha festa! — Ela deu um sorriso duro para Eleanor e depois murmurou no fone: — Tudo bem, foto um, você entra depois que acharmos a Blair.

Blair sabia que a mãe e Davita estavam se preparando para arrastá-la para algum lugar para que ela posasse para algumas fotos medonhas que a mãe sem dúvida ampliaria tanto que seria possível ver cada um de seus poros.

Sabendo que seriam separados temporariamente, ela se inclinou para sussurrar no ouvido de Nate.

— Nosso trem sai amanhã às dez da manhã da Grand Central — disse ela delicadamente, amando o cheiro de

Acqua Di Parma na pele dele — um aroma cítrico e fresco que ela sabia que ele só usava em ocasiões especiais. — Sei que a gente podia ir de carro, mas assim vai ser muito mais romântico! — Ela recuou e sorriu de um jeito doce para ele novamente.

Nate nunca vira Blair tão linda — nem tão feliz. Sua pele estava castanho-dourada, e o rosto rosado contrastava com o vestido azul brilhante. Os brincos de diamante nos pequenos lóbulos das orelhas brilhavam na luz. Do outro lado da sala, Serena estava de pé junto ao balcão do bar, com um vestido prata fino e longo, e o cabelo dourado caindo em gavinhas faiscantes pelas costas nuas. Seu rosto estava de perfil e as feições eram tão incrivelmente lindas que o faziam perder o fôlego. Ele se obrigou a voltar a atenção para Blair — sua linda namorada, ainda em seus braços. Ver seu rosto esperançoso e radiante dilacerava o coração de Nate. Yale. Ele ia para Yale. Ele devia estar em êxtase, mas não sabia o que dizer, nem mesmo o que sentir. Nate a puxou para mais perto e sentiu o cheiro familiar de mel e amêndoa em seu cabelo. Seu peito estava apertado e de repente ficou difícil respirar. Blair se aninhou nele como se não houvesse lugar melhor no mundo.

— Eu te amo — sussurrou ele no cabelo dela, na esperança de que as palavras o trouxessem à terra. Mas agora, mais do que nunca, Nate se sentiu um pouquinho à deriva.

É melhor começar a remar, garoto.

*tudo que vai, volta...*

Serena sentia um vazio no peito ao olhar Nate enterrar a cabeça no pescoço perfumado de Blair. Eles pareciam em tal êxtase e tão apaixonados que ela teve que se virar. O que estava havendo? Ela pensou que eles mal se falavam. Serena pegou uma taça de champanhe e bebeu, estendendo a mão para outra. As bolhas douradas fizeram cócegas no seu nariz e ela espirrou duas vezes. Se teria que ver os dois praticamente transando na frente dela, era melhor ficar de porre.

É claro que tudo o que ela tinha a fazer era esperar, mas a espera a estava matando. Blair iria para Yale de manhã e Nate ficaria aqui em Nova York. Enfim ela o teria todo para ela e, anos mais tarde, quando Blair voltasse de Yale com seu noivo banqueiro de investimento perfeito e Nate e Serena estivessem apaixonados — de verdade, apaixonados de passar-o-resto-da-vida-juntos — eles iam rir da idéia de que Blair e Nate um dia estiveram juntos. Seria uma lembrança agradável mas distante, como o COMPLETAMENTE NU escrito no peito ou a fantasia de crocodilo. Blair seria a madrinha e pouco antes de entrar na igreja ela ia sussurrar no ouvido de Serena que lamentava por ter atrapalhado tanto em todos aqueles anos. *É claro* que Serena e Nate deviam ficar juntos.

É. Porque um ato desses é bem típico de Blair, realmente.

Kati Farkas e Isabel Coates aproximaram-se, oscilando em seus Manolos obscenamente altos e agarradas no braço um

da outra para não cair, com os olhos vidrados e brilhantes.

— Aí, Serena! — Kati riu, com o vestido Norma Kamali estampado de zebra deslizando pelo peito que praticamente não existia. — Você também está sem namorado? Devia vir com a gente... Vamos pegar uns deuses gregos!

Isabel deu uma gargalhada.

— Que tal aquele? — Ela apontou para uma figura pintada do outro lado da sala que vestia uma tanga feita inteiramente de galhos de oliva prateados. Kati começou a soluçar incontrolavelmente, o que fez as duas meninas rirem ainda mais. O deus pintado sorriu para Isabel, com os cachos em gesso branco caindo nas feições pintadas e angulosas.

— Segura aí — balbuciou Isabel, passando o drinque para Kati. Ela cambaleou até o deus e subiu no pequeno pedestal que o sustentava. Sem sequer cumprimentá-lo, pegou a estátua masculina e o beijou, com a tinta branca manchando seu vestido de crepe preto D&G.

Mas que maneira escandalosa de deixar a cidade.

Serena se virou e olhou seu reflexo no longo espelho que pendia atrás do bar. Depois de pensar muito — mas não tanto quanto Blair —, ela decidira usar um vestido Valentino prateado de decote baixo com debrum prata na cintura. As pernas pareciam não ter fim por baixo da saia a meia altura, que terminava em um par de sandálias

douradas Christian Loubotin com o característico solado vermelho. Normalmente ela preferia uma das camisetas velhas da BROWN do irmão e seus jeans Seven rasgados, mas esta noite ela se sentia meio que uma Cinderela, esperando para ganhar o coração do príncipe. Ela olhou novamente para onde estavam Nate e Blair. Nate agora estava sozinho, encostado na parede e fitando pensativamente a multidão, e ela não via Blair em parte alguma.

Serena abriu caminho pelos convidados, acenando para o irmão mais novo de Blair, Tyler, e a namorada dele, Jasmine, que dançavam lindamente uma valsinha, apesar de estar tocando "Hollaback Girl" de Gwen Stefani. Tyler apenas fez um movimento com a cabeça para ela, claramente envolvido na valsa. Serena continuou andando até chegar bem no lugar que era seu por direito — bem na frente de Nate. Sua respiração ficou presa na garganta enquanto ela olhava para ele. Com o smoking preto Hugo Boss, camisa branca e mocassins Prada pretos e brilhantes, ele estava um verdadeiro príncipe.

— Oi. — O rosto dele se abriu num sorriso largo ao vê-la.

— Oi. — Ela se aproximou um passo e procurou pela mão dele. Ele fechou os dedos nos dela e Serena soltou um suspiro de alívio com o toque quente de sua pele. — Está tudo bem?

— Tá. — Nate deu de ombros. — Acho que sim. — Ele largou a mão dela, desviando o olhar de um jeito nervoso e

depois olhando para ela novamente.

— Tudo vai ficar mais fácil amanhã, depois de Blair ir embora. — Ela pegou a mão dele de novo e apertou com força. Era uma tortura ter que ficar ao lado dele desse jeito e não poder tocá-lo de verdade. Só o que ela queria era puxá-lo para mais perto e beijá-lo, até que Blair, a festa e todo o mundo desaparecessem, restando somente os dois.

— É. — Os olhos de Nate brilhavam de emoção. — Você está muito linda hoje. — A voz dele tremia. Estaria ele se controlando para manter as mãos longe de Serena, como ela própria fazia em relação a ele?

Ela atirou o cabelo comprido e louro por sobre o ombro.

— Meu cabelo fica um pouco melhor quando eu escovo — brincou ela. Atrás deles, Tyler girava Jasmine sem parar. Jasmine parecia estar prestes a vomitar em todo o lindo vestido roxo Marc Jacobs de cetim pregueado.

Nate mordeu o lábio, nervoso.

— Blair quer que eu me encontre com ela amanhã às dez na Grand Central. — Ele queria contar o resto da história a ela — que Blair queria encontrá-lo porque conseguiu que ele entrasse para Yale, e que ele não sabia se ia ou não. Mas Serena estava tão linda e confiante, que ele não teve coragem.

Ou as bolas.

— Bom, nós dois temos que ir... Quero vê-la partir também. — Serena apertou o braço dele. Mais um dia e eles ficariam juntos para sempre.

Nate passou os braços em volta dela e a segurou perto, sentindo o cheiro familiar de patchouli e lírios — um aroma que ele conhecia como se fosse dele. Ele a amava desde que se entendia por gente, mas também amava Blair. E queria ficar com as duas, para sempre.

Então por que não se mudam todos para o Utah?

— Eu te amo — disse Serena, com a voz presa na garganta.

Nate a segurou, apertando-a com força.

— Eu também te amo.

E o verdadeiro amor não mente jamais.

*v é uma femme fatale*

Vanessa se encostou numa plataforma, tomando champanhe enquanto tentava sutilmente arrumar o vestido de seda azul-claro Betsey Johnson. Ela puxava a bainha ridícula de curta e desejava pela centésima vez naquela noite ter escolhido alguma coisa mais confortável — e de preto, sua cor habitual — em vez de uma roupa tão de mulherzinha. Depois do casamento, ela calçou um par de sandálias de salto tremendamente desconfortáveis,

preocupada que os seguranças vissem seus coturnos e a expulsassem da festa elegante de Blair. Talvez encontrasse uma mesa e convencesse Dan a lhe fazer uma massagem nos pés. Se ele estivesse aqui.

Ela olhou a festa com tema romano loucamente extravagante, procurando pelos cabelos castanhos bagunçados dele. Depois de uma intensa troca de olhares enquanto ele lia o poema em voz alta no casamento, Vanessa estava morrendo de vontade de falar com Dan. Mas ela o perdera de vista na recepção louca de Ruby e só podia esperar que Jenny o arrastasse para a festa logo. Vanessa tinha certeza de que o nome dos dois fora acrescentado à lista; ela tinha apenas que esperar. Nesse meio-tempo, ela ia curtir a festa sozinha.

Ela tentou assumir uma postura sexy, lançando os ombros para trás e arqueando as costas, como Blair ensinara. Mas sentiu uns respingos na perna — é claro, ela derramara a bebida. Ela se curvou e tentou enxugar as gotas na panturrilha nua com um guardanapo, fazendo com que o vestido subisse perigosamente. Vanessa se endireitou. Não lhe ocorrera que ela não podia fazer as mesmas coisas que fazia de jeans quando estivesse usando um vestido. Rapidamente olhou o salão para se certificar de que ninguém vira suas partes íntimas.

Mas que droga, tinha um cara indo na direção dela. Não, não era só um cara, era *Aaron*. É claro que ele estava aqui, ele era meio-irmão de Blair — por que ela não tinha pensado nisso? Mas quando foi que ele ficou tão... *gostoso*?

O cabelo estava em trancinhas que tombavam desordenadas na testa e os olhos castanhos faiscavam na pele bronzeada. Ele estava com um terno verde-escuro de três botões e uma gravata de seda verde que pendia frouxa no pescoço. Ela se endireitou e tentou parecer composta, mas enquanto fazia isso o pedestal em que estava encostada tremeu. Ela olhou para cima e viu a mulher estátua nua acima dela se mexer de repente, antes de assumir uma nova pose.

Vanessa não via Aaron desde que eles terminaram no começo do verão. Depois de ficarem juntos por apenas algumas semanas, Aaron lhe dera um anel de amizade prateado que era totalmente brega — e, para Vanessa, um total balde de água fria. Ela de imediato atirou o anel numa gaveta. Considerando que ela não conseguira deixar de dormir com Dan na época, foi um mal que veio totalmente para o bem.

— E aí, figura! — Aaron pegou a mão dela, puxando-a num abraço. Ele finalmente a soltou, recuando para olhá-la de cima abaixo com um ar de aprovação evidente. — Você está linda. Eu esperava te ver hoje à noite. — Seus lábios vermelhos se curvaram num largo sorriso.

Vanessa ergueu as sobrancelhas.

— É bom ver você também. Quer trocar de sapatos?

Aaron riu.

— Eu ia mesmo ficar um gato com esses aí — concordou

ele, apontando para os saltos Robert Clergerie azuis-claros.

— E aí, como foi sua viagem? — perguntou ela, lembrando-se que na época ela também embarcaria na viagem. Ela desistiu para ficar com Dan, e agora ele era gay.

Nessa ela acertou em cheio.

— Foi ótima. — Aaron não tirava os olhos do decote de Vanessa enquanto a estátua peituda acima deles assumia outra posição, inclinado-se irritantemente para a frente como se participasse da conversa. — Mas Mookie e eu sentimos saudades de você.

Vanessa sentiu que corava.

— Então, hummm, quando você vai para Harvard?

— Amanhã. Nem acredito que vou sair da cidade. Às vezes acho que seria ótimo ficar aqui, ir para a Columbia ou para a NYU... como *você*. — Ele empurrou uma mecha de trancinhas para trás da orelha.

— Não sei não — refletiu Vanessa. — Ultimamente tem sido estranho, sabendo que todo mundo vai embora para experimentar lugares novos e eu vou ficar aqui, completamente sozinha. — Ela tomou um gole da vodca com tônica — nem acreditava que, de todas as pessoas, estava desabafando logo com Aaron, que ela não via há meses. Ainda assim, era bom poder finalmente verbalizar

algo que estava pesando nela há tanto tempo. Entre o casamento de Ruby e a revelação de Dan, ninguém tinha pensado em lhe perguntar se *ela* estava bem.

— Se eu sei de uma coisa a seu respeito, Vanessa Abrams, é que você vai ficar bem sozinha. — Aaron sorriu. — Mas não imagino que você vá ficar sozinha por muito tempo. Meio que me faz querer ficar por aqui de novo.

Assim que ele disse a palavra *ficar*, o encanto dos olhos castanhos de Aaron se desfez. Sim, ele era lindo, e sim, ele obviamente ainda gostava dela, mas só o que Vanessa conseguia ouvir era o poema de Dan. *Prostre-se comigo. E fique*. Ela ficava lembrando o jeito como ele a olhou fundo nos olhos enquanto declamava aqueles versos — como se os tivesse escrito especialmente para ela. Mas se isso era verdade, então onde é que ele estava?

Que deuses gregos, que nada. O tema desta festa devia ter sido "O Amor é uma Droga".

*larga minha garota, bob marley*

Dan contornou uma escultura grega, com um copo de vodca numa das mãos, sentindo-se particularmente pequeno e insignificante embaixo das estátuas gigantescas de mármore que assomavam ele. Tinham as proporções tão exatas que sua, hummm, anatomia praticamente era atirada na cara dele. E isso não era exatamente excitante.

Jenny tomava pequenos goles da taça de champanhe, com

os olhos arregalados de empolgação.

— Não quer dançar? — perguntou ela. — Vem, tem homens bonitos o suficiente para nós dois.

— Você só pode estar brincando comigo. — Dan engoliu a bebida, o gelo tilintando nos dentes e entorpecendo a língua. — Eu nem saberia como *convidar* outro homem para dançar, e muito menos dançar com ele.

Por que todo mundo simplesmente não o deixava em paz? Depois do momento intenso no casamento, trocando olhares com Vanessa enquanto lia o poema, Dan não sabia bem o que pensar. Era como se uma coisa ainda estivesse... *ali*, entre os dois. Mas justo quando ele estava prestes a finalmente falar com ela, cinco caras de Williamsburg apareceram para dizer pessoalmente a ele que ficaram "tocados" com as palavras que ele escreveu. Antes que ele percebesse, cinco números de telefone acabaram parando em seu bolso... outras cinco reafirmações de que ele era gay.

Jenny revirou os olhos.

— Essa parte é fácil. É só meio que colar o corpo nele e roçar um pouco. — Ela rebolou de leve os quadris. Dan olhou nervoso para uma das estátuas de homem pelado. Ele não estava pronto para roçar.

— Ei, olha, é a Vanessa. — Jenny apontou para o canto mais distante do imenso salão. Dan esticou o pescoço para

dar uma boa olhada, espiando por entre a massa de corpos impecavelmente vestidos que se mexiam. Por fim viu sua cabeça espetada balançar de empolgação enquanto falava com um cara bonito de trancinhas meio Bob Marley *wannabe*. Era o meio-irmão de Blair, Aaron, que quase conseguira roubar Vanessa dele. — Quem é o cara com quem ela está conversando? — perguntou Jenny, cheia de admiração na voz. — Ele é uma *gracinha*!

Dan se encolheu, completamente abatido. Vanessa e Aaron estavam rindo e paquerando, e provavelmente voltariam a ficar juntos antes mesmo que a noite terminasse. Tão bonita e confiante com seu vestido de seda azul-celeste, era difícil acreditar que Vanessa um dia tenha sido namorada dele. Dan era um nerd sexualmente confuso, comedor de profiteroles, prestes a atravessar o país num carro que estava praticamente extinto. O que ela vira nele, afinal?

— Qual é o problema? — perguntou Jenny, tombando a cabeça de preocupação quando Dan não respondeu. Ele podia senti-la examinando-o de perto. Ela sem dúvida parecia mais confiante depois que passara o verão fora, e daqui a alguns dias ela iria para o colégio interno.

Crianças. Elas crescem rápido demais.

— Não tem nada de errado — rebateu ele, encarando infeliz o copo. Ele só queria que Jenny fosse para a pista dançar a noite toda para que ele pudesse se sentar sozinho e ficar tão sombrio quanto sua poesia.

Ele é o brilho da festa, não é mesmo?

— Ah, meu Deus! — gritou Jenny, toda animada. — Você está com *ciúme*!

Ela pôs a mão no braço dele e olhou com franqueza em seu rosto.

— É exatamente disso que eu queria falar com você. Tentei te dar apoio o tempo todo, e me interrompa se o que eu disser for totalmente sem fundamento, mas...

Dan olhou os grandes olhos castanhos da irmã. Ele se lembrou das centenas de vezes em que ficaram sentados em seu apartamento em ruínas comendo os restos da comida revoltante de Rufus e conversando em meias-frases, mas entendendo exatamente o que o outro dizia.

— Sinceramente — continuou Jenny —, você não me parece nada gay.

— *Não?* — Dan segurou seu ombro sardento.

— Desculpe. — Ela deu de ombros.

Do outro lado do salão, Aaron e Vanessa paqueravam impiedosamente. Dan estava praticamente morrendo de vontade de ir lá dar um murro no cara. Jenny tinha razão — ele estava mesmo *com ciúme*. Ele não era gay, apesar do que a mãe e todo mundo pareciam pensar. Quando beijou Greg, estava bêbado e confuso. Na verdade, ele não estava

nem *consciente* na maior parte do beijo.

Ele franziu o cenho, sem saber o que fazer, agora que não era mais gay.

Jenny lhe deu um cutucão na barriga.

— Vai falar com ela, seu idiota! — guinchou Jenny, animada. — Tire Vanessa daquele cara para eu poder dar mole pra ele.

Dan deu um beijo rápido no rosto de sua brilhante irmã mais nova. Do outro lado, o rosto de Vanessa estava corado e lindo sob a luz suave do museu. Apesar da vodca girando em sua cabeça, tudo finalmente estava completamente claro. Ele não só queria *falar* com Vanessa, quena *ficar* com ela. Ele a amava porque ela era *Vanessa* — a *Vanessa dele*. E ele ia reconquistá-la.

Dan atravessou o salão decidido, com o olhar fixo em Vanessa. Ela estava tão linda, oscilando sem equilíbrio nos saltos azuis cintilantes. Ele queria estar ali para pegá-la se ela caísse. Ele passou por uma mesa depois de outra, derrubando drinques e pisando nos pés das pessoas.

Pareceu levar anos para ele finalmente alcançá-la.

— E aí, vamos dançar? — dizia Aaron, estendendo a mão para ela.

Dan chegou e pegou a mão de Vanessa.

— Com licença, mas se ela vai dançar, é melhor que seja comigo.

Os olhos castanhos chocolate de Vanessa ficaram imensos.

— Dan... Você chegou.

— Desculpe, Aaron — disse Dan com um sorriso lento, sem tirar os olhos do rosto de Vanessa. — Mas preciso dela por um minuto. Na verdade, por um pouco mais de tempo.

Aaron os encarou por um momento e depois deu um beijo saudoso no rosto de Vanessa.

— Se cuida. — Ele assentiu para os dois enquanto seguia em direção ao bar.

Os braços de Dan envolveram a cintura de Vanessa. *Você é linda, eu não sou gay, eu te amo, eu quero voltar.* Ele estava prestes a dizer tudo isso num jorro confuso, mas Vanessa o beijou na boca, um beijo longo, ansioso e nada gay, cheio de promessas e desculpas.

— Eu sei — murmurou ela, abraçando-o. Ele corou do queixo ao alto da cabeça com cabelo desgrenhado e sorriu, feliz. A melhor parte era que eles ainda moravam no mesmo quarto, pelo menos por mais uma noite.

Parece que tem gente que não vai dormir muito hoje à noite.

*nada como uma ligação pai-filho*

Nate estava no bar que quase ninguém da festa estava frequentando, sob a enorme escada principal, o mais distante que podia dos outros convidados. Um bartender de toga serviu um líquido âmbar em seu copo vazio pela centésima vez naquela noite. As coisas estavam muito doidas, então ele podia muito bem ficar mais doido ainda. Se beber não desse certo, ele ia sair e se sentar na escadaria do Met e fumar os seis baseados de emergência que tinha no bolso.

Os velhos hábitos costumam a morrer.

Ele ergueu o copo para tomar outro gole e sentiu um baita tapa nas costas, que quase o fez engasgar. Virou-se e viu o pai parado bem ao seu lado.

— Aí está você. — O capitão estava com o smoking inglês trespassado de costume, uma gravata-borboleta de cetim preto no pescoço, e o cabelo grisalho elegantemente penteado para trás de seu rosto aristocrático. Ele baixou a taça de champanhe vazia no balcão ao lado do copo de Nate.

— Bom, eu soube que alguém te salvou... como sempre — proclamou capitão. — Você é um rapaz de sorte. Sabia disso?

Nate passou as mãos no cabelo, assentindo mecanicamente.

Podia deixar que o pai o reduzisse a um babaca bêbado sem colhões.

— Mas acho que eu não devia dar todo o crédito unicamente à Sra. Sorte. Você tem uma namorada engenhosa — observou o pai. — E não a merece.

Nate corou e olhou para os próprios pés. Sabia que o pai tinha razão — ele *não* fez porcaria nenhuma para merecer voltar para Yale — simplesmente teve sorte. Sorte por ter uma namorada que não desistia até conseguir o que queria. Sorte por *ela* ter um pai que era do conselho diretor da universidade.

Blair desviou-se de um dos Adônis enquanto se aproximava, com o vestido azul flutuando em ondas ao seu redor. Da janela atrás de Blair, Nate podia ver os carros voando pela Quinta Avenida, alguns reduzindo ao passar pelo evento de gala que acontecia no Met.

— Blair, querida. — O capitão passou um braço nos ombros magros de Blair. — Estava agora mesmo dizendo a meu filho ingrato aqui que ele não merece você. — Ele abriu um sorriso. Nate odiava quando o pai tentava ser charmoso — em especial quando era à custa dele.

— Isso é verdade. — Os olhos azuis de Blair faiscaram. — Mas ele sabe disso. — Ela cruzou o braço no de Nate e pousou a cabeça no ombro dele. Ocorreu a Nate que ela viera para resgatá-lo do pai. Ele realmente *não* a merecia.

— Isso pede um brinde — anunciou o capitão Archibald jovialmente, pegando duas taças de champanhe cheias no balcão e entregando uma a Nate e outra a Blair antes de erguer a própria taça. — Agora vocês são Yalies. — O capitão levantou a mão para eles com a taça cheia. — Ao azul-marinho!

Nate abriu a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas não saiu nada. Um Yalie? Ele certamente não se sentia daquele jeito.

— Sabe de uma coisa, pai — começou ele, escolhendo as palavras com cuidado —, eu queria agradecer a você por me apresentar ao Chips... Er, ao capitão Chips. — Ele parou para tomar um gole de champanhe. — Ele realmente me ensinou muito sobre ser um homem... e er... pensar com suas... você sabe.

Blair assentiu distraidamente e Nate seguiu o olhar dela — de todas as pessoas em volta, ela estava encarando Chuck Bass. Nate estava prestes a ficar com ciúme quando percebeu que Chuck estava ao lado de um cara louro nerd de óculos com um smoking pequeno demais para ele, meias laranja e azul com estampa de macaco expostas acima dos mocassins arranhados. Chuck segurava a macaca tagarela e escandalosa diante de um espelho enorme e antigo, para que ela pudesse admirar seu smoking e a gravata-borboleta rosa-choque idêntica à de Chuck. Caraca. E Nate pensava que *ele* é que tinha problemas.

Nate se virou e procurou por algum tipo de reconhecimento

ou compreensão no rosto do pai, mas o capitão Archibald parecia distraído do que Nate tentava dizer.

O pai sorriu e bateu sua taça na de Nate de novo.

— Fico feliz por ter ajudado, filho. Você certamente é um rapaz de sorte — repetiu ele, olhando com apreciação para Blair. Ela riu e apertou a mão de Nate. Nate só enterrou o nariz na champanhe.

*Glub, glub, glub.*

— Nathaniel! — Ele ouviu alguém chamar atrás dele e se virou, vendo a mãe se aproximar, vindo da exposição do Egito que ficava ao lado. Estava com um batom vermelho vivo, uma papoula vermelha no cabelo escuro e um majestoso vestido vermelho que parecia ter saído direto do set de *Carmen*. — Querido — piou ela com seu sotaque francês, beijando o filho duas vezes no rosto. — Seu pai me contou as boas novas. Estou tão feliz, mas receio que não possamos ficar para comemorar... Vamos à ópera.

Em toda a vida de Nate, a mãe passou mais tempo fazendo compras e comparecendo à ópera ou a eventos de gala em prol da ópera do que com o único filho, restando-lhe pouco tempo para conversar. Uma vez por ano, no Natal, ela o encontrava para um drinque no bar do Carlyle Hotel, onde tentava sondar a vida amorosa dele. Era totalmente constrangedor.

— Eu... fico feliz que esteja feliz, mãe — respondeu ele

feito um idiota.

— Meus parabéns, *mon cherie*. — A mãe lhe deu outro beijo, apertando sua mão antes de arrastar o capitão para a limusine que os esperava.

Nate virou-se para Blair, pronto para lhe confessar que estava confuso e meio atormentado, mas ela conversava com o bartender enquanto ele tentava pateticamente pegar o telefone dela. Talvez Blair tivesse bolas maiores do que as dele, mas ela não podia tomar essa decisão por ele. Ninguém podia.

A não ser, talvez, o baseado que tinha no bolso.

*esta é sua vida, b...*

Eleanor Waldorf Rose estava no alto da escada principal do Met, com um minúsculo microfone prateado na mão. As lantejoulas douradas de seu vestido faiscavam na luz, criando no Saguão Principal do Met um efeito de bola de espelhos de discoteca. Blair achou que ela parecia uma Estátua da Liberdade estilo anos 70.

— Olá, pessoal — exclamou ela, radiante para o grupo de convidados que vinham do salão da Grécia Antiga para a entrada estonteante do Met. — Espero que estejam se divertindo!

— Estamos! — gritou Cyrus de onde estava, nos degraus abaixo. Ele ergueu a taça quase vazia, com os olhos

esbugalhando-se como um idiota. Blair afundou um pouco mais na cadeira que mais parecia um trono que Davita lhe providenciara, ao lado de uma mesa adornada com cupcakes salpicados de ouro da Magnolia. Ela sabia que as coisas estavam prestes a ficar extremamente constrangedoras.

— Nem acredito que todas essas crianças maravilhosas estão indo para a universidade amanhã — disse Eleanor efusivamente ao microfone. — Parece que foi ontem que deixávamos vocês no pré-escolar! E agora estão todos adultos.

A multidão gritou como louca. A expectativa de estar na universidade em um ou dois dias os pegou. Eleanor assentiu para Davita, que estava no outro extremo do saguão, murmurando instruções no fone de ouvido. — Mas antes que sigam em frente com suas vidas — continuou Eleanor — pensei que podia ser divertido dar uma olhada no passado e ver até que ponto vocês chegaram! — gritou ela. Ela recuou e as luzes foram reduzidas. Uma tela imensa desceu do alto, como se viesse dos céus.

Não, na verdade vinha apenas da Bang & Olufsen.

Blair pegou um cupcake intacto da mesa, preparando-se para o "Lean on Me" ou sei lá que música brega a mãe tinha escolhido para acompanhar o *slide show*.

*What you gon' do with all that junk?  
All thatjunk inside your trunk?*

De repente as primeiras notas de "My Humps", do Black Eyed Peas, encheram o ar. Será que a mãe tinha mesmo escolhido essa música para o *slide show* da *vida* de Blair? Não era uma música sobre peitos? Ou bundas? Ou vaginas? Mas o que é que ela andou fumando?

E onde a gente pode arrumar unzinho?

As fotos começaram a aparecer na tela. Primeiro veio a foto da turma de jardim-de-infância, com Blair e Serena de mãos dadas e ajoelhadas na fila da frente com suéteres de gola rulê iguais. Ela se lembrou de que a foto da turma teve de ser tirada cinco vezes, porque sempre que o fotógrafo dizia "giz", Blair e Serena prontamente colocavam a língua para fora, sem ligar para todas as outras meninas que ficavam irrequietas e irritadas — o que tornava tudo muito mais divertido.

Em seguida veio uma foto das duas meninas num acampamento de tênis, aquele de verão, que os pais de Serena a obrigaram a ir. As duas tinham o cabelo em rabos-de-cavalo, com a pele bronzeada em contraste com o uniforme branco de tênis. Serena tocava a raquete feito uma guitarra, com os olhos fechados enquanto batia nas cordas numa pose de roqueira, enquanto Blair se dobrava de rir ao lado dela, com lágrimas nos olhos.

Blair olhou a fotografia enorme e, para sua surpresa, seus próprios olhos começaram a se encher de lágrimas. Ela as enxugou apressadamente, tentando não estragar a

maquiagem. Ao olhar os rostos sorridentes e felizes, não pôde deixar de sentir saudade de Serena — e de como as coisas eram simples naquela época. Nem acreditava que amanhã elas estariam em lugares totalmente diferentes, com vidas totalmente diferentes. Blair olhou Serena, que estava sentada na mesa ao lado de Chuck e sua primata irritante. Do outro lado da mesa estavam Kati e Isabel, que estava postada no colo de um modelo pintado de branco que fazia o papel de estátua falsa.

Pelo menos alguém está se divertindo na festa!

Serena se virou e olhou nos olhos de Blair. Ela pegou um prato na mesa e fingiu dedilhá-lo, como fazia com a raquete de tênis na foto, baixando-o de volta à mesa e rindo. Depois soprou um beijo para Blair.

Blair riu, depois fungou. Pela primeira vez na vida das duas, ela e Serena não poderiam mais ir a pé para a casa uma da outra sempre que tivessem vontade, nem se sentariam na escadaria do Met para fofocar por horas. Logo ela e Nate estariam em Yale, morando juntos, como adultos de verdade. E Serena estaria aqui na cidade, ocupada em se tornar a nova sensação do momento. Blair sacudiu a cabeça, confusa ao perceber como as coisas mudaram no que na verdade foi muito pouco tempo.

Serena olhou o perfil de Blair enquanto o *slide* mudava no ritmo da seleção musical totalmente ridícula de Eleanor. Na tela, Serena, Nate e Blair tinham dez anos, chupando picolés no Central Park, na manta azul-marinho preferida

de Blair. Nate estava sentado de pernas cruzadas enquanto as meninas se apoiavam sem muito equilíbrio em seus joelhos. Os olhos de Serena se encheram de lágrimas ao perceber que, mesmo naquela época, elas já o estavam dividindo.

Dividir é cuidar, né?

Mesmo que a situação tenha mudado, algumas coisas sempre foram as mesmas. Ela procurou por Nate e o viu de pé ao lado das portas da frente do Met, com o olhar fixo na tela. Ela ergueu a mão e acenou, tentando chamar a atenção dele, mas ele não a viu. Serena segurou a toalha branquíssima no punho e apertou o tecido entre os dedos enquanto a macaca de Chuck subia em seu braço e começava a puxar seu cabelo louro.

— Desculpe — sussurrou Chuck, retirando a macaca do ombro dela e colocando-a em seu colo. — Se você não se comportar... — ele apontou o indicador na cara da macaca — vou te mandar para o zoológico. E acho que nós dois sabemos que eles não têm cupcakes e champanhe por lá.

Vanessa olhava para a tela, surpresa ao ver seu rosto enorme sorrindo para ela enquanto aparecia uma imagem de seu apartamento em Williamsburg. Sua cabeça raspada estava tombada na cabeleira morena e brilhante de Blair, com as línguas para fora, e o esmalte quase branco cintilando nas unhas de Blair enquanto ela erguia a mão num sinal de paz. Vanessa sorriu, ainda agarrada à mão de Dan, esperando pelo próximo *slide*.

— É tão estranho que vocês tenham morado na mesma casa — murmurou Dan.

— Total — sussurrou Vanessa. Mas embora as duas não tivessem nada em comum, Vanessa ficava feliz que ela e Blair fossem amigas. Embora fossem muito diferentes, elas aceitavam suas diferenças e até pintavam as unhas dos pés uma da outra. E não era isso a verdadeira amizade? Vanessa quase ficou nauseada com seu sentimentalismo, mas era verdade mesmo, então foda-se.

Dan viu uma foto gigante de Serena no show dos Raves, de repente percebendo a si mesmo no palco ao fundo, com o suor gotejando da camiseta preta, e o cabelo voando enquanto ele pulava no ar, com o cabo do microfone enrolado no braço magro. Ele riu de suas próprias excentricidades idiotas e apertou os dedos de Vanessa para se tranquilizar. Vanessa estivera com ele em cada momento bizarro no ano anterior — desde quando ele era só um nerdzinho que escrevia o tempo todo num caderno surrado, até quando virou um poeta publicado na *New Yorker*, e quase se tornou um astro do rock.

Quase. A não ser pela parte de vomitar no palco.

E agora, estava prestes a ir de carro até para o Oeste numa viagem que o levaria Deus sabia aonde, e ela ainda estava aqui — e ainda segurando sua mão.

*You love my lady lumps. Check it out!*

A tela mudou para um anúncio do perfume Lágrimas de Serena. Serena estava no Central Park com um vestidinho amarelo, uma única lágrima cintilando no rosto perfeito e macio. Em seguida veio uma foto de Blair, com um sorriso enorme no rosto, estrelando na produção que *Annie* tinha feito na quarta série. Ela se recusou a usar a peruca e tinha escolhido marias-chiquinhas castanhas, chamando isso de licença artística.

Em seguida Nate reconheceu uma foto que ele tinha tirado de Blair tomando banho de sol no terraço da casa dele, com um olho fechado numa piscadela adorável. Depois veio uma foto de Serena no set de *Breakfast at Fred's*, usando um enorme chapéu Bailey Winter preto de abas largas, e um colar de pérolas creme dando três voltas no pescoço, atirando um beijo para a câmera. E por fim veio uma foto dos rostos de Blair e Serena juntos, radiantes para a câmera, com o quadro tão apertado que só cabiam os dois lindos rostos na foto.

Nate passou os dedos no cabelo. A única coisa que faltava na foto da cara sorridente de Blair e Serena era seu próprio rosto entre elas. Ele sempre esteve ali, entre as duas — colocando-se entre elas.

Nate viu Serena se levantar e correr pelo salão até a mesa de Blair. As duas ficaram de pé por um momento, uma de frente para a outra, e Serena abriu os braços, puxando Blair num abraço e pousando a cabeça loura em seu ombro. Blair

virou a cabeça de lado e Nate pôde ver lágrimas escorrendo pelo rosto dela, mesmo sob a luz fraca da sala escurecida.

Enquanto via as duas meninas que tanto amava se abraçarem e chorarem, um sorriso apareceu em seu rosto. Ele cresceu lentamente e o resto de sua face se iluminou. Ele empurrou as portas de vidro do Met no momento em que as luzes foram acesas e caiu na noite quente de agosto, descendo correndo a escada de pedra. Aqueles degraus eram os mesmos em que ele havia se sentado com Blair e Serena um milhão de vezes, com as pernas perfeitas das duas estendendo-se dos uniformes curtos e ásperos da Constance, com cigarros e cafés nas mãos. Ao pé da escada, ele parou e olhou para trás, para o prédio imponente de pedra, com suas faixas de cores vivas. Ia pensar com as bolas de uma vez por todas.

Arrã. Então ele vai roubar mais Viagra?

**[gossipgirl.net](http://gossipgirl.net)**

---

**temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas**

---

*advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

**oi, gente!**

**Gossip Girl & It Girl fans ® -**

**<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=41716627>**

Esta atualização pós-festa da madrugada está chegando a você dos confins luxuosos de meu *boudoir*, gatinhos e gatinhas, onde estou deitada na cama, embrulhada em lençóis de algodão egípcio de mil fios. Também estou esqueteando o único mata-ressaca que conheço — croissants de chocolate da Balthazar. Mas nada disso não é nem de perto tão delicioso quanto a festa de despedida de **B**. Só o que tenho a dizer é, se você não estava lá, que chato. Perdeu a festa do ano — senão do século. Mas não vou esfregar isso na cara de vocês — não *demais*. Afinal, sempre tem o ano que vem. Ou não.

Mas então, eu estava tirando minha máscara gelada La Mer do freezer e estou pronta para me deitar de costas na cama e desinchar minhas pálpebras cansadas, então terá de ser uma rapidinha. E todo mundo sabe que às vezes as rapidinhas são até prescritas pelos médicos. Não *esse* tipo de rapidinha! Limpe essa mente e a tire da sarjeta.

## flagras

**C** e o novo amigo **G** estão inseparáveis — e na festa isso não foi uma exceção. Aqueles de vocês que ficaram até o amargo fim vão se lembrar de **C** e **G** dançando em volta de uma escultura de gelo que derretia — enquanto a macaca peluda de **C** enfiava o focinho peludo nos cupcakes salpicados de ouro... **K** e **I** nos reservados do banheiro do Met, com os braços e pernas sujos de tinta branca, uma tirando o cabelo do rosto da outra. O vôo para Rollins juntas vai ser brutal. **B** tirando uma foto de braços dados

com S na escadaria no Met — acho que as duas se beijaram e reataram — de novo... E por falar em performances na escadaria do Met, e aqueles tchecos malucos e esquisitos, fazendo um bis de "ode ao amor" às quatro da manhã? Mas eles foram *convidados*?... N andando pela Quinta Avenida, falando no celular de um jeito animado e apressado. Será que ele estava ligando para seu traficante?

Logo vai amanhecer e você sabe que, quando eu acordar, serei a primeira a contar as novidades que o novo dia nos trará. Boa noite, pessoal.

**Pra você que me ama,  
gossip girl**

*todos a bordo — ou não*

*Tic-toc, tic-toc...*

Blair estava junto ao relógio gigantesco no alto do balcão de informações no meio da Grand Central Station, procurando impacientemente por Nate em meio à multidão. O hall principal da Grand Central era um pandemônio de gente. Viajantes iam para seus trens, arrastando suas malas, aparentemente sem perceber a beleza elegante da estação. A Grand Central era tão mais bonita do que qualquer outra estação do mundo, com o piso de mármore, frisos folheados a ouro e o belo mural verde-mar de constelações no teto. Quando era pequena, Blair adorava procurar pelo escorpião, seu signo no zodíaco.

Mas hoje ela não estava com humor para apreciar a beleza da antiga estação de trem. À medida que os viajantes impacientes passavam aos montes por ela, Blair se sentia a única pessoa parada em todo o lugar. Ela olhou seu relógio novamente — não precisava disso, considerando que estava parada sob o maior relógio do mundo. O trem ia partir em menos de dez minutos e Nate não estava lá. Ela não o via desde que lhe deu as boas novas sobre Yale na noite anterior com o pai. Ele desaparecera no final da festa, presumivelmente para ir para casa e fazer as malas. É claro que ele ia levar todas as coisas erradas e esquecer o bastão de lacrosse. Ele era tão completamente inútil quando se tratava de fazer as malas. Blair pegou o celular na bolsa Balenciaga preta e branca e apertou o número três novamente, suspirando enquanto ele tocava sem parar e caía na caixa postal. De novo. Por que a demora? Ela estava louca para entrar no trem e ver a paisagem se modificar à medida que o trem acelerasse afastando-se da cidade — e de tudo o que ela conhecia.

Ela endireitou a bainha do vestido Chanel preto justo, que usava com sapatilhas de balé pretas e brincos de argola de ouro, e um chapéu branco chique na bolsa. A roupa a fazia lembrar de Audrey Hepburn em *Sabrina*, em sua volta triunfante para casa depois de passar um ano em Paris. Sabrina tinha saído magoada e tímida de casa, nos subúrbios de Nova York, e voltava uma mulher madura, sofisticada e cheia de estilo. Blair sempre teve estilo e maturidade, mas em Yale ainda iria adquirir mais. Ela atirou o celular de volta à bolsa, batendo uma das sapatilhas de balé no chão enquanto esperava e esperava por seu

Humphrey Bogart.

\*\*\*

Serena corria pela Grand Central, com os chinelos amarelos batendo no mármore. Pretendia chegar à estação às 15 para as dez para dar o último adeus a Blair, mas é claro que perdera a hora — o resultado de uma das muitas taças de Dom Perignon da noite anterior. Ela colocou o vestido de verão branco de ilhoses Anthropologie e o enorme par de óculos de sol Chanel brancos vintage. Ser parada para dar autógrafos só reduziria seu ritmo e a faria se atrasar ainda mais do que já estava.

Mas que vida dura.

Por fim ela viu Blair de pé no meio do hall principal, batendo os pés com impaciência e olhando o relógio. Ao vê-la completamente sozinha, parecendo tão pequena no meio da horda alvoroçada de gente, Serena se sentiu péssima por não ter chegado mais cedo. Blair estava tão preocupada, esticando a cabeça para olhar por sobre a multidão.

Mas onde estava Nate? Serena achou que ele já estaria aqui para se despedir de Blair. Ela abriu um sorriso reluzente enquanto se aproximava.

— Ei! Ainda bem que te peguei aqui!

— Oi. — A testa de Blair se enrugou de surpresa quando

viu Serena. — O que está fazendo aqui?

— Só queria me despedir — Serena atirou os braços na amiga e a abraçou com força.

Os ombros tensos de Blair relaxaram nos braços de Serena.

— Obrigada. Muito legal de sua parte. — Ela fechou a cara e olhou o relógio de novo. — Eu nem devia *estar* aqui a essa hora... A porra do Nate está atrasado, como sempre.

Coitada da Blair. Era típico de Nate deixá-la esperando mais uma vez. Serena empurrou os óculos para o alto da cabeça.

— Você deve estar animada por finalmente ir embora, né?

Blair entortou a cabeça e olhou por sobre o ombro de Serena, aflita, procurando por Nate na multidão.

— É, mas tudo o que quero agora é pegar o trem e *ir!*

Embora Blair estivesse sendo impaciente e ranheta, Serena sorriu. Por mais que as coisas mudassem, Blair sempre seria a mesma.

— E aí, já fez o contato com sua colega de quarto?

— Já, ela me mandou um e-mail. Parece legal. — Blair pegou um pó compacto Nars preto com espelho na bolsa e olhou a maquiagem. — Ela é de Los Angeles. O pai é

dentista.

— Mas que coisa conveniente. — Serena sorriu. Talvez Blair afinal ficasse bem em Yale sozinha. — Você vai poder sair com ela nos feriados e coisas assim.

— Duvido muito que eu vá passar algum feriado em Los Angeles. — Blair colocou o pé compacto dentro da bolsa. — Nate e eu provavelmente vamos passar as férias juntos. — Serena se sentiu meio enjoada. Blair realmente pensava que ela e Nate estariam juntos no Dia de Ação de Graças.

Blair pegou o celular e o olhou, verificando a lista de chamadas antes de devolvê-lo à bolsa.

— Conhecendo Nate, ele ainda deve estar fazendo as malas.

— Hein? — perguntou Serena, totalmente confusa. — Pra quê?

— Para a universidade, né? — Blair olhou a bolsa distraidamente, pegando o bilhete de trem. — Quer dizer, eu sei que ele usa as mesmas cinco camisas o tempo todo, mas espero seriamente que esteja levando *alguma coisa*.

— Mas... Você me disse que ele não ia para Yale com você. — Do que é que Blair estava *falando*? O que estava acontecendo? — Ele me disse que nem conseguiu o diploma.

— Ah... É verdade. Não, meu pai o colocou de volta lá. Eu não te contei ontem à noite? Acho que depois de contar a ele esqueci de contar a você. — Blair recolocou a passagem na bolsa. Não conseguia parar de varrer a multidão de viajantes com os olhos procurando pelo rosto de Nate, ou olhar a hora no relógio imenso bem acima delas. Ela começava a ficar intensamente nervosa. Para não dizer puta. Se Nate não chegasse logo, ele iria perder o trem. Não que isso fosse o fim do mundo — ele podia pegar o trem seguinte. Mas ela queria realmente que eles tivessem a experiência de começar a vida nova *juntos*. E se ele não chegasse *agora*, isso não ia acontecer.

— Como é? Não. Quando foi que tudo isso aconteceu? — A testa normalmente lisa de Serena se enrugou numa expressão confusa. — Ele não disse nada.

— Ontem à noite. Ele não deve ter tido a oportunidade de contar a você. — Blair pegou o celular na bolsa com um suspiro exasperado e discou o número de Nate de novo. Ele tocou sem parar, depois caiu na caixa postal.

De novo.

*olá, adeus*

— Meu Deus, Dan. — A voz de Jenny soou à luz do sol de início da manhã enquanto ela colocava uma caixa enorme na mala do Buick Skylark azul-esverdeado 1977. Embora só fossem dez da manhã, a calçada da rua 99 com a West End Avenue já estava abrasadora de quente e as latas de

lixo começavam a cheirar a cocô podre de cachorro. Jenny se endireitou, enxugando as mãos nos jeans. — Não acha que está levando porcaria demais?

Dan fechou a cara, pegando das mãozinhas da irmã uma mala Samsonite estufada.

— São *livros* — murmurou ele, colocando delicadamente a mala no porta-malas —, e não porcaria.

— Bom, seja lá o que for, é pesado. — Jenny ofegava no calor opressivo de agosto, com a camiseta branca FCUK manchada de suor. Dan atirou uma bolsa de viagem no banco traseiro — junto com um cobertor e um travesseiro, seu caderno e algumas bolsas de brioche velhos da H&H. Ele mal podia esperar para estacionar no acostamento da estrada à noite e dormir vendo as estrelas. Ia ser tão *On the Road*. Ele até levou o livro narrado em audio para colocar no toca-fitas velho do carro. Ia passar a semana seguinte na estrada, procurando pela verdade e o significado da vida.

Isso partindo de um sujeito que nem conseguia deduzir suas tendências sexuais.

Vanessa saiu do prédio velho e caindo aos pedaços dos Humphrey, segurando um recipiente plástico de café instantâneo Folgers. Ela parecia *cool* e à vontade com a cabeça raspada, vestida com uma das camisetas pretas dos Raves de Dan e cueca samba-canção preta.

— Está quente o bastante para você? — disse Dan

levemente, embora a visão de Vanessa partisse seu coração.

Vanessa pegou uma bolsa da calçada e a colocou na mala do carro. Ela parou para enxugar o rosto na bainha da camiseta.

— Eu te odeio — murmurou ela amuada. — Não se esqueça disso — acrescentou, entregando-lhe o recipiente de Folgers pela metade.

— Nem acredito que estou mesmo indo embora — disse Dan nervoso, dirigindo-se a ninguém em particular e pegando mecanicamente o café de Vanessa enquanto seus pais saíam do prédio e vinham até o meio-fio. Jeanette usava um quimono de cetim roxo brilhante com um dragão grande bordado nas costas em fios de ouro, e o cabelo castanho-camundongo era uma massa de nós. Apesar do calor, ela também estava com as pantufas roxas preferidas. Rufus vestia um short de ciclismo azul-elétrico obscenamente apertado e uma camiseta amarelo-canário com uma foto colorida de um pôr-do-sol, que dizia venha para belize. Dan certamente ia sentir falta dos pais, embora não tivesse certeza se ia sentir falta de padrões de moda bizarros.

— Vocês dois podiam ajudar, sabiam? — comentou Jenny, atirando uma bolsa de viagem verde-oliva na mala e enxugando as gotas de suor dos olhos com as costas da mão.

Rufus cruzou os braços.

— Por que acha que tivemos dois filhos? Mão-de-obra gratuita! — Ele e Jeanette deram uma gargalhada.

— Ah, Rufus — gemeu Jeanette, recompondo-se, com um tom de tristeza aparecendo na voz. — Nosso bebê agora é adulto! — Ela voou para Dan, com as mangas do quimono balançando na brisa como asas, e Dan abriu os braços, apoiando a cabeça no ombro da mãe.

Olhando em volta, Dan percebeu que esta seria a última vez em que veria sua família toda reunida — por Deus sabe quanto tempo. Ele ia para a universidade hoje e naquele mesmo dia à noite sua mãe pegaria o avião de volta para Praga e para o namorado dela, o conde Drácula. As lágrimas encheram seus olhos e ele piscou para afastá-las. A mãe lhe dava tapinhas nas costas como se tentasse fazê-lo arrotar.

— Sei que você e Vanessa estão juntos novamente e só queria que soubesse que está tudo bem... Eu ainda te amo, embora você seja hetero — ela fungou. — Você é o meu menino e só quero que seja feliz.

Dan sacudiu a cabeça. O motivo pelo qual a mãe queria tanto um filho gay estava além de sua compreensão. Mas se sua breve aventura na homossexualidade finalmente trouxera a mãe para uma visita, ele não podia se queixar.

— Está tudo bem, mãe — disse ele entre as pancadas nas costas. — Mas lembre-se, na próxima vez que mandar um

presente, eu visto o tamanho médio para adultos, e não tamanho 4 para crianças, e também não gosto mais de lycra rosa.

— Bom, Dan. — Rufus apareceu ao lado de Dan cheirando a curry e envolveu o filho em um abraço de urso. — Está na hora de engrenar na próxima grande aventura de sua vida. — Dan segurou-se no pai por um longo momento. Ele sabia que quando acordasse na manhã seguinte, onde quer que estivesse — por mais bonito e pitoresco que fosse o cenário — seria totalmente estranho não ver o pai andando pela cozinha, fazendo panquecas de couve-de-bruxelas, usando a camiseta branca grande demais para ele e os chinelos roxos. — E não se esqueça de escrever — acrescentou Rufus, batendo em seus ombros com afeto.

Vanessa ajudou Jenny a encaixar a última mala no porta-malas imenso e recuou. Será que Dan estava imaginando coisas, ou ele realmente vira lágrimas nos olhos de Vanessa? Ela as enxugou furiosamente, recusando-se a olhar para ele. Dan se aproximou e a pegou nos braços, passando os dedos na careca que ele tanto adorava. Ele podia ouvir o som de sua respiração acelerada e a abraçou com mais força.

— Vou ligar pra você todo dia — disse ele, com um tremor na voz. — Eu prometo.

— Eu também — ela fungou.

Jenny fechou o porta-malas do carro azul-esverdeado.

— Vamos colocar essa banheira na estrada!

— Não é uma *banheira* — Dan bufou, soltando Vanessa.

— É um conversível Buick Skylark 1977 e merece algum *respeito*.

— Tudo bem, Sr. Acaba de Conseguir a Carteira, tipo assim, Ontem. — Jenny lhe deu um abraço suado. — Só estava brincando. — Ela enterrou a cabeça no peito de Dan, com os cachos subindo e descendo. — Vou sentir tanta saudade sua — disse em voz baixa enquanto as lágrimas rolavam pelas bochechas redondas.

Dan fechou os olhos, apertando a irmã mais nova.

— Eu também — murmurou ele, esforçando-se para não chorar ainda mais.

— Mas eu sei que vocês têm algumas coisas para... hummm. Fazer. — Jenny olhou sugestivamente para Vanessa e depois se afastou, abanando o rosto com a mão ao se juntar a Rufus e Jeanette no meio-fio.

Vanessa pegou a mão de Dan com força, puxando-o para trás do carro para que pudessem ter um pouco de privacidade. Ela o beijou intensamente — um lembrete da longa noite que tiveram — e o empurrou, sorrindo. Estava triste por ver Dan partir, mas eles estavam juntos de novo — e Vanessa tinha algumas idéias de como se manter em contato.

— Não só vou ligar todo dia — disse ela, inclinando-se para outro beijo, depois baixando a voz a um sussurro gutural —, como vou mandar uns *filmes* para você também.  
— Ela piscou, com uma cara de sacana.

Dan corou.

— Erótico, espero — sussurrou ele no ouvido dela.

Por fim ela o libertou de seus braços e ele foi para trás do volante de seu imenso automóvel. Ele bateu a porta e Vanessa recuou aos poucos, unindo-se à família dele no meio-fio. Eles estavam ali: o pai com a roupa maluca, a mãe há muito ausente, a doce irmã mais nova e Vanessa, o amor de sua vida, linda e careca. Ele colocou a chave na ignição, reprimindo as lágrimas.

O carro engasgou uma vez, duas e depois... morreu abruptamente. Dan fechou os olhos. Não poderia encarar outra rodada de despedidas. Ele girou a chave mais uma vez. Desta vez, o motor engasgou, tossiu e cuspiu, até ganhar vida com um rugido imenso.

Ele arrancou com o carro, tentando se lembrar de tudo o que o pai lhe dissera sobre direção defensiva, e pelo retrovisor viu a família ficar cada vez menor, os quatro acenando como loucos e enxugando os olhos enquanto ele acelerava pela West End Avenue. O sangue parecia estar eletrizado em suas veias e ele mal podia esperar para pegar a estrada, sentir no rosto o sol que se derramava no pára-

brisa. Com sorte, quando encontrasse um cibercafé, ele já teria um filme original de Vanessa Abrams na caixa de entrada. Só para os olhos dele.

E que certamente acabaria chegando à esfera pública — ai, ai.

*n escolhe outra garota*

Nate olhou seu Rolex de platina arranhado enquanto saía do táxi e entrava na luz ofuscante da manhã. Protegeu os olhos do sol e olhou as placas da rua, tentando se orientar.

— Obrigado, cara. — Ele se virou para o taxista e lhe passou 40 dólares.

— Senhor, você pagou a mais... — O motorista devolveu uma das notas de vinte, mas Nate já havia se afastado.

— É todo seu — disse ele ao andar pela rua. Ele olhou o relógio de novo. Nove e cinquenta e cinco. Só mais cinco minutos.

Ele agora começou a correr, com os mocassins batendo na calçada e os pés fazendo contato com o asfalto quente. Mais alguns passos e ele já estava arfando. O suor escorria pelas costas por baixo da camiseta cinza. Seus calcanhares doíam e ele queria ter usado tênis — e talvez tomado o café da manhã.

É claro que ele estava pensando em comida numa hora

dessas.

Seu telefone tocou e fez um zumbido no bolso. Ele o pegou e olhou o visor. Blair. De novo. Ele o silenciou e o devolveu ao short.

Por fim ele virou uma esquina e lá estava ela, a doce menina que ia passar o ano com ele.

*Quem?*

Nate correu para o embarcadouro de Battery Park City — a mesma doca em que ele e Blair tinham entrado dez dias antes, embora parecesse muito maior. Parecia que, no momento em que colocou os pés em terra firme, seus dias se transformaram num emaranhado confuso que se alternava entre ficar chapado e magoar as pessoas que amava.

A história de sua vida.

Nate pulou no convés e andou pela popa do *Beíinda*, esbarrando numa pilha de coletes salva-vidas. Ele olhou o relógio de novo.

— Nove e cinqüenta e nove! — gritou ele. — Cheguei cedo!

Chips apareceu na cabine com um sorriso.

— Que bom que conseguiu. — Ele vestia as "roupas de viagem", uma calça de marinheiro branca e blusão azul-marinho. O cabelo branco estava penteado para trás no rosto de rugas fundas e os olhos azuis cintilavam enquanto ele andava pelo barco, a perna ruim se arrastando, mas com um andar animado. Ele se curvou, desfez a amarra de um cabo a seus pés e começou a levantar âncora com a manivela. Isso era algo que Nate ia amar ao velejar com Chips: nada era computadorizado. Tudo era feito à moda antiga, com mapas e músculos. — *Belinda* e eu achávamos que íamos ter que partir sem você.

Nate sorriu, arrancando-se da pilha de salva-vidas, e começando a ajudar Chips com o cabo.

— Eu só queria fazer você suar um pouco.

Seu telefone tocou novamente no bolso e ele o pegou — embora soubesse quem estava ligando. Ele silenciou o toque mais uma vez.

Chips arqueou uma sobrancelha.

— Qual delas? Ela sabe onde você está?

— Não sabe. Nenhuma das duas. Elas acham que vou encontrá-las na Grand Central neste exato momento. — Nate pensou em Blair e Serena paradas na estação de trem, perguntando-se onde ele estava, e se sentiu mal — mas só por um minuto. Ele fechou os olhos, imaginando a cara feliz e animada de Blair e o sorriso largo e lindo de Serena.

Era melhor assim — para todos — quer ele percebesse isso ou não. Serena e Blair seriam amigas de novo — sem ele para atrapalhar o tempo todo.

— Você nem contou a elas? — Chips enrolou parte do cabo no braço, com a testa franzida. — Será que nada de meu discurso de usar as bolas entrou nessa sua cabeça cheia de cabelos?

Nate olhou para o mar. O céu estava inundado com a luz da manhã que se refletia na superfície calma da água.

— Não... — começou ele. — Eu entendi seu discurso. É só que... é melhor assim. Se eu contasse, elas tentariam impedir. — Seu telefone começou a bipar feito louco, interrompendo o silêncio perfeito da manhã calma. Nate o tirou do bolso e o silenciou novamente. — E eu podia ter permitido que fizessem isso.

Ele olhou para o celular na mão, a tela piscava com 18 CHAMADAS NÃO ATENDIDAS. Ele o abriu e teclou, sabendo exatamente o que precisava dizer no texto. Apertou SEND e depois SEND de novo. Depois levou o braço para trás e atirou o telefone no mar. Ele fez um *splash* mínimo ao bater na superfície calma da água.

Chips assentiu em aprovação e Nate pegou um cabo para içar a vela, dando um puxão violento. A vela se ergueu, oscilou na brisa e enfunou.

— Vamos partir! — gritou Chips enquanto o barco deixava

o porto. Nate olhou as docas ficando cada vez menores. Talvez a universidade fosse a opção correta para a maioria das pessoas, mas não para ele — pelo menos, não agora. Yale podia esperar. Ele precisava de tempo para entender quem era e o que realmente queria, e jamais ia fazer isso se cada minuto livre de sua vida fosse tomado de aulas, trabalhos e... Blair. Ou Serena.

Os prédios altos de Manhattan começaram a recuar ao longe, e as agulhas do prédio da Chrysler e do Empire State transformavam-se em versões de brinquedo. A ilha que Nate chamou de lar durante toda a vida de repente estava... pequena. Ele plantou os pés nas pranchas de teca do convés e virou a cabeça para o vento enquanto eles velejavam rumo ao azul cintilante e sem fim.

Mas então nunca mais vamos saber dele? Nada disso. O mundo é grande, mas não *tão* grande assim.

### *o longo adeus*

Blair estava de braços cruzados e batia o pé com impaciência na plataforma enquanto o trem começava a se encher de centenas de passageiros carregando e suas respectivas bagagens. Ela estava tão puta da vida que achava que ia vomitar. Os vagões prateados e brilhantes do trem foram por um momento engolfados numa nuvem branca de fumaça e Serena sorriu, com a mão cobrindo a boca.

Blair discou o número de Nate pela zilionésima vez e

suspirou enquanto ele tocava sem parar e depois caía na caixa postal.

— Nate, sou eu — disse ela ao telefone. — Estou na plataforma da Grand Central... esperando. *Cadê você?* — Ela olhou em volta e soltou um suspiro pesado, soprando o cabelo escuro da testa agora suada. — É melhor trazer esse rabo pra cá em *dois segundos* ou você vai perder o trem! — Ela fechou o celular com um estalo. Onde ele poderia estar?

A voz de Serena interrompeu seus pensamentos.

— Blair, e-eu não acho que o Nate vem.

Blair virou-se de repente para ela.

— Como assim, *não vem?* Por que não?

Serena olhou para o chão, brincando com as pontas do cabelo. Sua voz saiu baixa e meio abafada.

— Só porque você o fez entrar em Yale de novo não quer dizer que ele queira ir. — Ela levantou a cabeça, com os olhos brilhando. — A verdade. Blair... A verdade é que eu também amo o Nate. E ele sabe. Porque eu disse a ele.

Epa.

Blair abriu a boca, chocada, mas antes que pudesse pronunciar alguma palavra maldosa os celulares das duas

começaram a piar como loucos.

Serena pegou o telefone — qualquer coisa para evitar os olhos raivosos de Blair. O visor dizia, UMA NOVA MENSAGEM. Ela o abriu.

— *É do Nate* — sussurrou Blair, erguendo o telefone. — *Para nós duas.*

Serena olhou o visor e leu:

**B E S — VELEJANDO PELO MUNDO. EU AMO AS DUAS. SEMPRE AMEI. SEMPRE AMAREI. CUIDEM BEM UMA DA OUTRA. N**

O trem assobiou nos trilhos. Serena mordeu o lábio inferior e olhou para o rosto chocado de Blair. Nate foi embora — largou as duas. Ele as amava, mas não queria ficar com nenhuma delas. Serena abraçou a ela mesma, sentindo-se tonta. Blair dava a impressão de que ia desmaiar.

E então, para completa surpresa de Serena, Blair começou a rir, uma risadinha baixa, aos soluços, histérica. Serena abriu os braços e recebeu a amiga, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Ah, Serena — Blair ofegava —, não está vendo? E *tão* clássico. Ele simplesmente foi velejar rumo ao pôr-do-sol sem ao menos se despedir. — Por mais que quisesse que sua vida fosse como um filme antigo em preto-e-branco, a partida de Nate era muito mais cinematográfica do que

qualquer coisa que ela pudesse imaginar.

As duas meninas sustentaram o abraço, com o rosto banhado em lágrimas enquanto as pessoas que passavam pela plataforma se viravam para olhar e cochichar. O alto-falante no teto estalou de estática, e depois uma voz trovejante encheu o espaço do subsolo.

*Trem das dez horas para New Haven com paradas em Stamford, Noroton Heights, Darien, South Norwalk, Bridgeport, Stratford, Milford e New Haven. Dez horas para New Haven. Todos a bordo!*

Blair enxugou as lágrimas e endireitou a bainha do vestido. Nate não estava aqui, mas ela ainda estava louca para pegar o trem. Serena ia ser uma grande estrela de cinema, Nate estava velejando pelo mundo e ela ia para Yale — seu sonho desde que era uma garotinha. E quem sabia o que podia acontecer por lá? Talvez ela conhecesse um jogador de lacrosse lindo com cabelos dourados e olhos verdes cintilantes que não fosse um completo maluco.

— Tchau! — Serena sussurrou no ouvido de Blair, com a voz trêmula de emoção. — Me liga?

— Claro que sim. — Blair embarcou no trem sozinha, ajeitando seu chapéu branco e os óculos escuros Chanel. Ela não sabia o que Yale lhe reservava — nem seu futuro —, mas mal podia esperar para descobrir.

Serena recuou na plataforma quando as portas começaram a se fechar. Mas, antes que se fechassem por inteiro, ela e Blair jogaram beijos uma para outra pela última vez e gritaram em uníssono:

— *Você sabe que me ama!*

**gossipgirl.net**

---

**temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas**

---

*advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

**oi, gente!**

Está na hora de dizer adeus, meus amores, porque a essa altura todo mundo que é alguém na vida está a caminho da universidade. A não ser por aqueles de nós que têm o bom senso de ficar bem aqui na velha Nova York. Mas se você se sentir para trás, não fique triste. *Sempre* há um raio de esperança. Como por exemplo...

(5) Agora que a sua melhor amiga (provavelmente perfeita e muito mais bonita) se foi, é a sua vez de brilhar. Quando chegar o primeiro dia de aula, você estará arrasando nos corredores, usando aquela tiara imaginária incrustada de

diamantes.

(4) Ninguém está aqui para sacanear seu novo visual de volta às aulas — então, vai nessa. Afinal, este ano letivo provavelmente será o mais importante de sua existência social, então assuma aquelas mechas novas de gatinha sensual. Os meninos vão latir — acredite em mim.

(3) Você finalmente está livre para sair com todos aqueles por quem já teve uma quedinha. O último ano é basicamente um cartão de libertação-da-cadeia — como em Las Vegas, o que acontece no último ano permanece aqui, então não há problema algum em aproveitar algumas oportunidades e dar mole para seu preferido — nunca se sabe o que pode acontecer se você fizer isso!

(2) A cidade agora é sua — aproveite. Lembre-se, no ano que vem você pode estar presa nos *campi* folhosos e verdes de Yale ou Princeton sem nenhuma Barneys ou Bergdorf à vista. Hora de explorar os limites de seu cartão de crédito — mas até parece que preciso te lembrar disso.

(1) E o motivo número um para não ficar triste em ser deixada para trás é... As coisas não vão ficar um tédio por aqui — não se eu puder interferir. E é claro que vou fazer isso.

## flagras

J, a mãe de D, na filial da Biblioteca Pública de Nova York no Upper West Side, com um quimono de seda e pantufas

roxas, tentando doar o livro *HomoSensual* enquanto insistia que era um livro essencial para qualquer grande biblioteca. **B** no trem se parecendo muito com Audrey, sendo ajudada com as bolsas por um gato vestido com uma camiseta de Yale. **S** passando pela La Goulue, na Madison, com um sorriso enorme no rosto, sendo parada por *todo mundo*. **D** numa parada na Pensilvânia, sussurrando abobrinhas melosas ao celular enquanto não parava de tomar café preto. **V** andando pelo campus da NYU perto do Washington Square Park no início da tarde, filmando tudo feito uma maníaca. Alguma coisa me diz que **V** vai tentar documentar cada momento de sua existência universitária. Um dia essas fitas valerão uma fortuna. **N...** fora de vista. E por fim, três novos flagras:

Depois de **B** sair de seu apartamento esta manhã, indo para Yale, três lindos rostos novos chegaram para um giro rápido: posso dizer com autoridade que são os trigêmeos **C**, preparando-se para se mudar a qualquer momento para o lar de **B**. Tem a loura **A**, parecendo em cada centímetro de seu corpo a gostosona do Upper East Side que ela não é. Seu adorável irmão, **O**, cujas feições esculturais e cabelo louríssimo fazem dele um top dos tops em gostosura. E tem também a baladeira chique **B**, que já ouvi atender por "Baby". O nome verdadeiro — ou como a galera a chama na rua? Porque sim, ela é realmente uma gata.

Bom, meus amores, isso atualiza bem as coisas... por ora. Se estão se perguntando por que estou tão animadinha mesmo depois da partida de **B**, **S**, **N**, **D** e **V**, e todos os amigos loucos que deixamos, é porque parece que o ano

**Gossip Girl 11 - Não me esqueça - Cecily von Ziegesar**

que vem pode ser ainda mais divertido do que este, e eu definitivamente não vou a lugar nenhum. É verdade, você me entendeu, eu estou aqui para ficar. Por que ir embora quando haverá tanto do que falar?

**O que quer que eu faça, você sabe que *sempre* vai me amar.**

**gossip girl**

**\*\*FIM\*\***